



JAMES
PATTERSON

A Conspiração da

ARANHA



JAMES PATTERSON

A Conspiração Da Aranha

Título original americano

Along Came A Spider

1993

Tradução

MARIA NÓVOA

Presença, 2001

Ficha técnica

Título original: *Along Came a Spider* Autor: *James Patterson*

Copyright © 1993 by James Patterson

Tradução de Maria Nôvoa

Editorial Presença, Lisboa, 2001

Tradução: *Maria Nôvoa*

Composição: *Multitipo Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Guide Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Junho, 2001

Depósito legal n.º 164 228/01

ISBN: 9789722327541

Reservados todos os direitos para Portugal à EDITORIAL PRESENÇA

Rua Augusto Gil, 35-A 1049-043

LISBOA

Email: info@editpresenca.pt

Internet: [hup://w-editpresenca.pt](http://w-editpresenca.pt)

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Peter Kim a ajuda prestada no estudo das vidas Privadas, os segredos e os tabus que ainda existem na América. Anne Pough-Campbell, Michael Ouweleen, Holly Tippet e Irene Maricock fizeram-me compreender melhor Alex e a sua vida na zona sudeste de DC. Liz Delle e Barbara Groszewski não me deixaram mentir. Maria Pugatch (a minha lowenstein) e Mark e MaryEllen Patterson voltaram a pôr-me em contacto com a meia dúzia de anos que passei, a trabalhar em psicologia, no McLean Hospital. Carole e Brigid Dwyer e Midgie Ford ajudaram-me imenso a construir a personagem de Maggie Rose. Richard e Artie Pine participaram neste projecto como as fadas de mau agouro que sabem ser. Por fim, Frederica Friedman foi minha cúmplice do princípio ao fim.

Prólogo

VAMOS BRINCAR DE FAZ-DE-CONTA (1932)

New Jersey, perto de Princeton; Março de 1932

A quinta de Charles Lindbergh resplandecia nas suas cores vivas e alaranjadas.

Parecia um castelo temível, especialmente porque se encontrava numa região sombria e arborizada de Jérсия. Farrapos de névoa tocavam no rapaz, que se aproximava do seu primeiro momento de glória, da sua primeira morte.

Estava escuro como breu e o solo encontrava-se encharcado, lamacento e cheio de poças. Era o que esperava. Planeara tudo, incluindo o tempo.

Tinha umas botas número quarenta e cinco, cujos salto e biqueira cobrira com farrapos e folhas amarrotadas do Philadelphia Inquirer. Queria deixar pegadas, muitas pegadas.

Pegadas de homem e não de um rapaz de doze anos, que fossem de Stoutsburg-Wertsville Road até à quinta e fizessem depois o percurso em sentido contrário.

Começou a tremer ao chegar a um bosquezinho de pinheiros, a cerca de trinta metros da casa. A mansão era tão grandiosa como imaginara: só no segundo andar, havia sete quartos e quatro casas de banho — a casa de campo do «Lucky Lindy e de Anne Morrow.

«Caramba!», pensou. O rapaz foi-se aproximando da janela da sala de jantar. Estava fascinado por aquilo a que se chama fama. Pensava muito nela. Quase sempre. Como seria a fama? A que cheiraria? A que saberia? Como seria a fama vista de perto?

O homem mais famoso e encantador do mundo» estava ali, sentado à mesa. Charles Lindbergh era mesmo alto, elegante, de cabelo fabulosamente louro e pele clara. o Lucky Lindy» parecia estar mesmo acima de toda a gente.

Assim como a mulher, Anne Morrow Lindbergh. Anne tinha o cabelo curto, encaracolado e preto, que lhe dava à pele uma brancura de giz. A luz das velas que se encontravam em cima da mesa parecia dançar à sua volta.

Estavam os dois sentados, muito direitos. Sim, pareciam seres superiores... como se fossem dádivas especiais de Deus ao mundo. Mantinham as cabeças erguidas, enquanto comiam delicadamente. Esticou-se para ver o que havia em cima da mesa. Pareciam costeletas de borrego, servidas em travessas de boa porcelana, intacta.

— Hei-de ser mais famoso do que vocês, seus emproados — murmurou por fim o rapaz, prometendo-o a si próprio. Revira cada pormenor mil vezes, pelo menos. Metodicamente, deitou mãos à obra.

Foi buscar um escadote de madeira que uns trabalhadores tinham deixado perto da garagem. Segurando-o de lado, encaminhou-se para a janela da biblioteca e subiu silenciosamente até ao quarto da criança. Tinha as pulsações aceleradas e o coração batia-lhe com tanta força que até conseguia ouvi-lo.

A luz projectada pelo candeeiro do corredor iluminava o quarto do bebê, revelando o berço com o príncipezinho adormecido. — Charles Jr., «a criança mais famosa do mundo».

De um lado, para protecção contra as correntes de ar, encontrava-se um biombo colorido com ilustrações de animais de quinta. Sentiu-se astuto e matreiro.

— Chegou a senhora Raposa — sussurrou o rapaz, abrindo a janela sem fazer barulho.

Subindo outro degrau do escadote, entrou finalmente no quarto. Parou junto do berço e fitou o príncipezinho, que tinha caracóis de cabelo dourado como os do pai, mas que era gordo. Charles Jr. era muito gordo para vinte meses.

O rapaz já não conseguia controlar-se. Lágrimas quentes brotaram-lhe dos olhos. Todo o seu corpo começou a tremer de frustração e raiva... misturados com a alegria mais incrível da sua vida.

«Bem, homenzinho do papai, chegou a nossa hora», murmurou para consigo.

Tirou da algibeira uma pequena bola de borracha presa a um elástico. Com rapidez, pôs o objecto de aspecto estranho por cima da cabeça de Charles Jr que abriu os pequenos olhos azuis.

Quando o bebê começou a chorar, o rapaz enfiou a bola de borracha na pequena boca babada, inclinou-se para o berço, pegou no bebê Lindbergh e voltou a descer rapidamente o escadote. Tudo de acordo com o plano.

O rapaz correu pelos campos lamacentos com a preciosa trouxa a debater-se nos seus braços e desapareceu na escuridão.

A menos de três quilómetros da quinta, enterrou o querido e mimado bebê Lindbergh...

enterrou-o vivo.

Era apenas o início do que estava para vir. Afinal de contas, também ele não passava de um rapazinho.

Era ele, e não Bruno Richard Hauptmann, quem raptara o bebê Lindbergh. E fizera tudo sozinho.

Caramba.

Primeira Parte

MAGGIE ROSE E GOLDBERG ENCOLHIDO (1992)

Na manhã de 21 de Dezembro de 1992, eu era a imagem da satisfação na varanda fechada da nossa casa, na 5th Street de Washington Dc. A divisão, pequena e estreita, estava atulhada de casacos de Inverno bafientos, botas e brinquedos partidos. Queria lá saber!

Estava em casa.

Estava a tocar Gershwin no nosso piano ligeiramente desafinado, outrora piano de concertos. Passava pouco das cinco da manhã e fazia um frio de rachar na varanda. Mas eu estava preparado para me sacrificar um bocadinho por Um Americano em Paris.

O telefone tocou na cozinha. Talvez tivesse ganho a loteria de DC, Virgínia ou Maryland e se tivessem esquecido de me telefonar na noite anterior. Jogo regularmente estes três jogos de azar.

— Nana? Pode atender? — gritei da varanda fechada.

— É para ti. Atende tu — respondeu a minha impertinente avó.

— Não faz sentido levantar-me também. Não fazer sentido, no meu dicionário, significa ser um disparate.

Não foi isto exactamente o que ela disse, mas uma coisa parecida. É sempre assim.

Fui a manquejar até à cozinha, evitando os brinquedos com as pernas rígidas da alvorada. Na altura, tinha trinta e oito anos. Como se costuma dizer, se soubesse que ia viver tanto tempo, teria tido mais cuidado comigo.

Afinal, o telefonema era do meu companheiro no crime, John Sampson. O Sampson sabia que eu havia de estar acordado. Conhece-me melhor do que os meus filhos.

— Bom dia, meu torrãozinho de açúcar. Estás a pé, não estás?

— perguntou.

Não era necessária mais nenhuma identificação. O Sampson e eu somos amigos desde os nove anos, quando demos em roubar coisas na Corner Variety, a loja do Park. Na altura, não fazíamos ideia de que o velho Park teria sido capaz de nos mandar matar por termos surripiado um maço de Chesterfields. Mas a Nana Mama ainda nos teria feito pior se soubesse da nossa pandegazinha criminosa.

— Se não estava, já estou — retorqui para o auscultador. — Conta-me coisas boas.

— Houve outro homicídio. Parece que foi outra vez o nosso rapaz — anunciou o Sampson. — Estão à nossa espera. Já lá está meio mundo.

— É cedo demais para ver a carreta funerária — resmunguei. Já sentia o estômago às voltas. Não era assim que eu queria que o dia começasse. — Merda. Foda-se.

A Nana Mama ergueu o rosto sobre o chá fumegante e os ovos quentes e lançou-me um dos seus olhares beatos, de dona da casa. Já estava vestida para a escola, onde ainda faz trabalho voluntário, apesar dos seus setenta e nove anos de idade. O Sampson continuava a dar-me pormenores sanguinolentos acerca do primeiro homicídio do dia.

— Vê lá como falas, Alex — censurou a Nana. — Se tencionas continuar a viver nesta casa, tem tento na língua, por favor.

— Estou aí daqui a uns dez minutos — disse eu ao Sampson. — Sou o dono desta casa — informei a Nana.

Ela resmungou, como se ouvisse esta terrível notícia pela primeira vez.

— Houve outro assassínio em Langley Terrace. Parece que foi trabalho de psicopata — anunciei.

— Que horror! — replicou a Nana Mama, fitando-me com os seus doces olhos castanhos.

O seu cabelo branco parecia um dos paninhos que ela põe em cima de todas as cadeiras da nossa sala de estar. — É uma péssima zona de uma cidade que os nossos políticos deixaram chegar a um estado deplorável! Às vezes, penso que devíamos sair de Washington, Alex.

— Também eu, mas acho que vamos acabar por aguentar — retorqui.

— É o que os pretos fazem sempre. Aguentamos. Sofremos em silêncio.

— Nem sempre em silêncio — volvi. Já tinha decidido vestir o meu velho casaco Harris Tweed. Se era dia de assassínio, significava que ia falar com brancos. Então, por cima do casaco, enverguei o meu blusão, que os vizinhos vêem com melhores olhos.

No escritório, ao lado da cama, encontrava-se uma fotografia de Maria Cross. Três anos antes, a minha mulher fora morta num tiroteio. Esse assassínio, tal como a maioria dos que aconteciam na zona sudeste, nunca fora solucionado.

Beije a minha avó a caminho da porta da cozinha. Faço-o desde os meus oito anos.

Também dizemos adeus um ao outro, para o caso de nunca mais nos vermos. É assim há quase trinta anos, desde que a Nana Mama ficou comigo e decidiu que havia de fazer de mim alguém.

E fez um detetive da Brigada de Homicídios, doutorado em Psicologia, que trabalha e vive nos guetos de Washington DC

Oficialmente, sou o chefe dos detetives, o que, nas palavras de Shakespeare e do senhor Faulkner, é apenas som e fúria e não quer dizer nada. Este título devia fazer de mim a sexta ou sétima pessoa mais importante do Departamento da Polícia de Washington. Mas não faz, se bem que esperam que eu apareça nos locais dos crimes cometidos em DC.

Em frente do 41-15 da Benning Road, encontrava-se um trio de carros azuis e brancos da Polícia de DC, que tinham estacionado à pressa, de qualquer maneira. Também já lá chegara uma carrinha-laboratório, de vidros escurecidos, assim como uma ambulância, com a palavra MORGUE jovialmente escrita na Porta.

Na casa onde se dera o assassínio, viam-se alguns bombeiros. Já andavam por ali ambulâncias-chasers (ambulance-chasers são advogados em busca de clientes que, tendo tido um acidente, querem processar o responsável (NT)) das redondezas em busca de eventuais clientes. Eram sobretudo homens. Mulheres de meia-idade com casacos de Inverno atirados por cima de pijamas e

camisas de noite, e de rolos cor-de-rosa e azuis no cabelo, espreitavam dos alpendres, tremendo de frio.

A casa, com terraço, era feita de madeira delapidada, pintada de um azul berrante. No caminho que ia dar à casa, via-se um velho Chevette com uma janela partida e remendada com fita adesiva, que parecia ter sido abandonado ali.

— Que se lixe isto tudo! Vamos voltar para a cama — comentou o Sampson. — Lembrei-me agora de como isto vai ser. Ultimamente, tenho andado com um pó a este emprego...

— Pois eu adoro o meu trabalho. Adoro os homicídios — repliquei, fungando. — Estás a ver? Olha ali o empregado da morgue já com o fato de plástico. E ali os rapazes do laboratório criminal. E quem é aquele que vem aí?

Enquanto nos aproximávamos da casa, encaminhou-se penosamente para nós um sargento branco com um volumoso blusão azul-escuro com gola de pele. Trazia as mãos metidas nas algibeiras, por causa do frio.

— Sampson! Hum... detetive Cross? — O sargento fez estalar o queixo como algumas pessoas fazem quando tentam destapar os ouvidos nos aviões. Ele sabia perfeitamente que nós éramos da BEI, mas fazia-se de desentendido.

— Então, pá? — Sampson não gosta muito que se façam de desentendidos com ele.

— detetive Sampson — respondi ao sargento. — Eu sou o detetive-chefe Cross.

O sargento, de tipo irlandês, tinha a barriga gelatinosa e, provavelmente, sobrava da Guerra Civil. O seu rosto assemelhava-se a um bolo de casamento deixado à chuva. Ao que parecia, não apreciou muito o meu casaco de tweed.

— Está um frio de rachar, é o que é — arquejou ele.

— Isso resolve-se. Telefone à apresentadora do boletim meteorológico — aconselhou Sampson.

— Vá-se foder — ripostou o sargento. Era simpático conhecer o Eddie Murphy branco.

— O mestre do contra-ataque. — o Sampson riu-se para mim. Ouviste o que ele disse? «Vá-se foder?»

Eu e Sampson temos um físico semelhante, trabalhamos os nossos músculos no ginásio anexo a St. Anthony's. Os dois somados, pesamos cerca de duzentos e cinquenta quilos. Por isso, se quisermos, impomos respeito, o que, às vezes, é necessário no nosso trabalho.

Eu só tenho um metro e oitenta e sete. O John mede um metro e noventa e quatro e continua a crescer. Usa sempre óculos de sol Wayfarer. Às vezes, traz na cabeça um chapéu todo torto ou um lenço amarelo. Há pessoas que lhe chamam «John-john», porque é tão grande que podia ser dois Johns.

Passamos pelo sargento e encaminhámo-nos para a casa onde se dera o assassinio.

É suposto a nossa força de elite ser superior a este tipo de confrontos. Às vezes, é.

Já tinham estado dentro da casa dois polícias. Uma vizinha muito nervosa telefonara para a esquadra por volta das quatro e meia, dizendo que lhe parecia ter visto um vagabundo.

Estava a pé porque não conseguia dormir. A vizinhança é assim.

Os três polícias fardados encontraram três corpos lá dentro. Quando informaram a esquadra, mandaram-nos esperar pela Brigada Especial de Investigações (BEI), que é constituída por oito guardas Pretos, em princípio propostos para cargos melhores no departamento.

A porta de fora da cozinha estava entreaberta. Empurrei-a, escancarando-a. As portas das casas têm um som único quando se abrem e fecham. Esta gemeu como um velho.

Dentro de casa, estava escuro como breu. Fantasmagórico. O vento soprava pela porta aberta e qualquer coisa martelava lá dentro.

— Não acendemos as luzes — informou um polícia atrás de mim.

— É o doutor Cross, não é?

Fiz um gesto de assentimento com a cabeça:

— A porta da cozinha já estava aberta quando chegaram aqui? Virei-me para o polícia, que era branco e tentava disfarçar o rosto de bebê deixando crescer um pequeno bigode.

Devia ter uns vinte e três ou vinte e quatro anos e estava genuinamente assustado. Era natural.

— Hum... Não. A porta não foi forçada. Estava destrancada. — Parecia bastante nervoso.

— Aquilo lá dentro é horrível. Uma família inteira. Um dos polícias acendeu uma potente lanterna de alumínio e todos espreitamos para dentro da cozinha.

Havia uma mesa barata de fórmica com cadeiras de vinil verde-lima. Numa parede, via-se um relógio preto com o Bart Simpson, do tipo que há nas montras das lojas populares. O

cheiro a desinfetante e a gordura queimada transformava-se num odor estranho, embora não totalmente desagradável. Havia cheiros muito piores em casos de homicídio.

Eu e o Sampson hesitamos, absorvendo tudo talvez do mesmo modo que o assassino há umas horas atrás.

— Ele esteve aqui — disse eu. — Entrou pela cozinha e esteve exactamente aqui.

— Não fales assim, Alex — retorquiu o Sampson. — Até me fazes arrepios.

Por mais vezes que se faça este tipo de coisas, nunca se torna mais fácil. Não se quer entrar. Não se quer ver mais pesadelos horríveis na vida.

— Estão lá em cima — começou o polícia do bigode, informando-nos de quem eram as vítimas. Uma família de nome Sanders. Duas mulheres e um rapazinho.

O seu colega, um preto baixo e bem constituído, ainda não abrira a boca. Chamava-se Butchie Dykes. Era um jovem sensível, que eu já vira na esquadra.

Entramos os quatro na casa da morte. Cada um de nós inspirou profundamente. O

Sampson deu-me uma palmadinha no ombro, pois sabia que os homicídios de crianças me impressionavam muito.

Os três corpos encontravam-se no andar de cima, no quarto da frente, mesmo defronte das escadas. Estava lá a mãe, Jean «Poo» Sanders, de trinta e dois anos. Até na morte o seu rosto era inesquecível. Tinha uns grandes olhos castanhos, maçãs do rosto

altas e lábios cheios, que já estavam arroxeados. E a sua boca abriu-se num grito.

A filha de Poo, Suzette Sanders, passara catorze anos nesta Terra. Era ainda uma rapariguinha, mas fora mais bonita do que a mãe. Usava uma fita cor de malva no cabelo entrançado e um pequeno brinco no nariz, para aparentar mais idade. Suzette estava amordaçada com uns collants azul-escuros.

O filho mais novo, Mustaf Sanders, de três anos, jazia de barriga para cima e parecia que tinha as faces pequenas sulcadas por lágrimas. Envergava um pijama inteiro, como os dos meus filhos.

Como a Nana Mama dissera, aquela era uma zona má, daquilo que alguém deixara tornar-se uma cidade má, neste nosso país grande e mau.

A mãe e a filha achavam-se amarradas a um poste da cama, de latão. A atá-las, via-se roupa interior de cetim, meias de rede pretas e vermelhas e lençóis às flores.

Tirei o gravador de bolso que anda sempre comigo e comecei a registar as minhas primeiras observações:

— Casos de homicídio H234 914, por 916. Uma mãe, a filha adolescente e um rapazinho. As mulheres foram cortadas com um objecto contundente. Uma lâmina, possivelmente.

«Os seus seios foram cortados e não se encontram em lado nenhum. Os pêlos púbicos das mulheres foram rapados. Vêem-se vários golpes, a que os médicos chamam "padrões de raiva". Há muito sangue e fezes. Creio que as duas mulheres, mãe e filha, eram prostitutas. Já as vi por aí.»

A minha voz não passava de um zumbido baixo. Conseguiria perceber as palavras mais tarde?

— O corpo do rapaz parece ter sido atirado ao acaso. Mustaf Sanders tem vestido um pijama inteiro, cheio de ursinhos. É apenas uma trouxa minúscula e accidental no quarto. — Não pude deixar de me apiedar ao fitar o rapazinho, que me mirava com os seus olhos tristes e sem vida. Sentia tudo a chocalhar dentro da cabeça e doía-me o coração. «Pobre, quem quer que sejas.» — Não me parece que ele quisesse matar o rapaz — comentei para o Sampson. — Ele... ou ela.

— Ou a coisa. — o Sampson abanou a cabeça. — Voto por coisa, Alex. A mesma coisa que atacou em Condon Terrace no princípio desta semana.

Desde os três ou quatro anos que Maggie Rose Dune era sempre vigiada por alguém.

Aos nove anos, já estava habituada a ser rodeada de atenções e a ver desconhecidos contemplarem-na, boquiabertos, como se fosse a Maggie Mãos-de-Tesoura ou a Menina-Frankenstein.

Nessa manhã, estava a ser vigiada, mas não sabia. Daquela vez, isso teria preocupado Maggie Rose. Daquela vez, isso já teria muita importância.

Maggie Rose andava no Externato Washington, em Georgetown, onde tentava misturar-se com os outros cento e trinta alunos. Naquele momento, estavam todos no auditório, cantando entusiasticamente.

Embora o quisesse desesperadamente, não lhe era fácil misturar-se com os outros.

Afinal de contas, era a filha de nove anos de Katherine Rose. Maggie não passava em nenhuma loja de vídeo onde não visse o retrato da mãe. Noite sim, noite não, passavam na televisão os filmes da mãe, que fora nomeada mais vezes para os óscares do que a maioria das actrizes tivera o privilégio de ser mencionada na revista People.

Por causa de tudo isto, Maggie Rose tentava não dar muito nas vistas. Naquela manhã, vestia uma tshirt coçada Fido Dido, com buracos estratégicos à frente e atrás, e umas calças de ganga Guess, todas amarrotadas. Nos pés, tinha uns velhos ténis Reebok cor-de-rosa (os seus «compinchas») e umas peúgas Fido que tirara do fundo do roupeiro. De propósito, não lavara o cabelo louro e comprido antes de ir para o externato.

Ao vê-la naqueles preparos, a mãe esbugalhara os olhos e dissera «Que nojo!», mas, apesar de tudo, deixara Maggie sair assim. A mãe era bestial e percebia muito bem que as coisas não eram fáceis para Maggie.

Os alunos que se acotovavam no auditório, e que frequentavam a escolaridade do primeiro ao sexto anos, cantavam «Fast Car», de Tracy Chapman. Antes de tocar a canção no luzidio

Steenway preto do auditório, Miss Karainsky tentara explicar a sua mensagem: — Esta canção comovente, de uma jovem negra do Massachusetts, fala-nos do que é ser pobre no país mais rico do mundo. Do que é ser preto nos anos noventa.

A professora de Música e Educação Visual, pequenina e miudinha, era sempre assim, viva e enérgica, pois achava que o dever de um bom professor era não só informar, mas também persuadir e moldar os espíritos jovens e importantes do prestigiado externato.

Como gostavam de Miss Karainsky, os pequenos esforçavam-se por imaginar as dificuldades dos pobres e desamparados. E, dado que as propinas do Externato Washington eram de doze mil dólares, precisavam mesmo de alguma imaginação.

You got a fast car

And I got a plan to get us out of here

Enquanto cantava «Fast Car» com os colegas, acompanhados ao piano por Miss K., Maggie tentava imaginar como seria ser assim pobre. Já vira muitas pessoas pobres dormindo ao relento nas ruas de Washington. Se se concentrasse, até conseguia visualizar cenas terríveis nos arredores de Georgetown e de Dupont Circle.

Lembrava-se especialmente dos homens esfarrapados que lavavam o pára-brisas dos carros nos semáforos. A mãe dava-lhes sempre um dólar, e às vezes, mais. Alguns pedintes reconheciam-na e ficavam doidos de alegria. Sorriam como se tivessem ganho o dia e Katherime Rose tinha sempre uma palavra amável para eles.

You got a fast car

But it is fast enough so we can fly away. We gotta make a decision We'll leave tonight or live and die this way.

(Tu tens um carro veloz. /E eu tenho um plano para sairmos daqui. /Tu tens um carro veloz /E é suficientemente veloz para podermos ir depressa. Temos de tomar uma decisão Ou partimos hoje à noite ou vivemos e morremos assim. NT)

A canção acabou e foi vivamente aplaudida por todas as crianças reunidas no auditório. Miss Karainsky fez uma veniazinha ao plano.

— Que vida! — murmurou Michael Goldberg, de pé mesmo ao lado de Maggie, a quem apetecera cantar a plenos pulmões. Era o seu melhor amigo em Washington, para onde ela se mudara com os pais havia menos de um ano, vinda de L.A.

Claro que Michael estava a ser irónico. Como sempre. Era a sua maneira de tratar as pessoas que não eram tão espertas como ele; ou seja, quase toda a gente do Mundo.

Maggie sabia que Michael Goldberg era um autêntico geniozinho. Lia tudo o que lhe caía nas mãos, colecionava montes de coisas e era enérgico e engraçado se gostasse das pessoas. No entanto, tivera falta de oxigénio à nascença e não era grande nem muito forte.

Isso valera-lhe a alcunha de o «Encolhido», o que, de certa forma, o fazia descer do seu pedestal de geniozinho.

Maggie e Michael iam juntos para o externato quase todas as manhãs. Naquela manhã, tinham ido num carro dos Serviços Secretos. O pai de Michael era o ministro da Fazenda. O ministro da Fazenda em pessoa. No Externato Washington, ninguém era verdadeiramente «normal». De uma maneira ou de outra, todos tentavam integrar-se.

À medida que iam saindo em fila do auditório, perguntavam a cada um dos estudantes quem ia buscá-los depois da escola. A segurança era extremamente importante no Externato Washington.

— Mister Devine... — começou Maggie a dizer ao professor-monitor que se encontrava à porta do auditório. Chamava-se Guestier e ensinava línguas, o que incluía francês, russo e chinês. A sua alcunha era «Le Piça».

— E Jolly Chollie Chakely — concluiu Michael Goldberg no seu lugar. — Serviços Secretos Dezanove. Um Lincoln de matrícula SC-59. Saída norte, Pelham Hafi. Vêm-me buscar à noite porque o cartel colombiano ameaçou o meu pai de morte. Au revoir, mon professeur.

Nos registos do externato de 21 de Dezembro ficou anotado: «M. Goldberg e M. R.

Dune — Serviços Secretos. Saída norte, Pelham, às três.»

— Anda daí, patarata! — Michael Goldberg espetou o dedo nas vértebras de Maggie Rose. — Tenho um carro veloz. Hum hum, hum

hum. E tenho um plano para sairmos daqui.

Maggie pensou que não admirava que gostasse dele. Quem mais lhe chamaria patarata? Quem, a não ser o «Encolhido» Goldberg?

Ao saírem do auditório, os dois amigos estavam a ser vigiados. Nenhum deles reparou em nada de anormal, de extraordinário. Nem deviam. Era essa a ideia. O plano era de mestre.

As nove da manhã, Miss Vivian Kim decidiu recriar Watergate na sua sala de aulas do Externato Washington. Nunca mais o esqueceria.

Vivian Kim era inteligente, bonita e ensinava a História da América de uma maneira estimulante. As suas aulas estavam entre as preferidas dos alunos. Miss Kim encenava uma peçazinha histórica duas vezes por semana. Às vezes, deixava a encenação ao cuidado dos alunos, que tinham vindo a revelar-se muito bons, pelo que ela podia dizer com toda a honestidade que as suas aulas nunca eram aborrecidas.

Naquela manhã, Vivian Kim escolhera o caso Watergate. Maggie Rose Dune e Michael Goldberg frequentavam as suas aulas do terceiro ano. A sala estava a ser vigiada.

Vivian Kim personificava alternadamente o general Halg, H. R. Haldeman, Henry Kissinger, G. Gordon Liddy, o presidente Nixon, John e Martha Mitchell, e John e Maureen Dean. Era boa na arte da mímica e imitava muito bem Liddy, Nixon, o general Haig e, especialmente, os Mitchell e Mo Dean.

— Durante a sua mensagem anual, o presidente Nixon falou a todo o país pela televisão — contou Miss Kim. — Há muita gente que acha que ele nos mentiu. Quando uma alta personalidade do Governo mente, comete um crime muito grave. Depositamos a nossa confiança nessa pessoa, baseando-nos na sua palavra, na sua integridade.

— Fora! Buu! — Uns quantos pequenos participavam na lição. Dentro de certos limites, Vivian Kim encorajava este tipo de participação.

— «Buu» é a palavra adequada — disse. — E «fora», também. Bom, mas nesse momento da nossa História, Mr. Nixon dirigiu-se a nação, a pessoas como eu e vocês.

Vivian Kim preparou-se para subir ao pódio e representar a sua versão de Richard Nixon. Fez uma expressão séria e carregada e começou a abanar a cabeça de um lado para o outro:

— Quero que saibam... que não tenciono virar costas ao cargo para o qual fui eleito pelos Americanos, em prol do povo dos Estados Unidos da América. — Vivian Kim fez uma pausa nas palavras tiradas do infame discurso de Nixon. Era como uma nota sustentada de uma ópera má mas poderosa.

A sala de aula, com vinte e quatro alunos, estava silenciosa. De momento, tinha todas as atenções inteiramente viradas para si. Aquilo era o nirvana de qualquer professor, por muito curto que fosse. «Excelente», pensou Vivian Kim com os seus botões.

Ouviu-se um toc, toc, toc rápido no vidro da porta. o ambiente mágico quebrou-se.

— Buu! Fora! — resmoneou Vívian Kim. — Sim? Quem é? Entre! Quem é?

A porta de vidro e mogno envernizado abriu-se lentamente. Um dos pequenos assobiou o tema de Pesadelo em Elm Street. Mr. Soneji avançou hesitante e com timidez.

Quase todos os rostos se iluminaram instantaneamente.

— Está aqui alguém? — perguntou Mr. Soneji em voz aguda e estridente. Os pequenos desataram a rir. — Ohh! Olha! Está aqui toda a gente! — respondeu ele também.

Gary Soneji dava aulas de Matemática e de Informática, o que o tornava ainda mais popular do que Vivian Kim. Estava a ficar calvo, tinha um bigode caído e usava uns óculos de menino de escola inglês. Não parecia nenhum ídolo romântico mas, na verdade, era-o na escola. Para além de ser um professor inspirado, Mr. Soneji era o grande mestre dos jogos Nintendo. A sua popularidade e o facto de ser um feiticeiro dos computadores tinham-lhe valido a alcunha de «Engenhocas».

Mr. Soneji cumprimentou alguns alunos enquanto avançava rapidamente até à secretária de Miss Kim.

Então, os dois professores conferenciaram em privado. Miss Kim estava de costas para os alunos. Não falava muito, mas assentia imenso com a cabeça. Parecia uma anã ao lado de Mr. Soneji, que tinha mais de um metro e oitenta de altura.

Por fim, Miss Kim virou-se para os pequenos: — Maggie Rose e Michael Goldberg? Podem chegar aqui, por favor? Tragam as vossas coisas.

Maggie Rose e Michael entreolharam-se, surpreendidos. O que seria? Arrumaram os seus pertences e avançaram. Os outros alunos tinham começado a bichanar e até a falar alto.

— Então? Acabem com isso. Não estamos no intervalo — serenou-os Miss Kim. — Ainda estamos na aula. Vejam lá se respeitam as regras com que todos concordamos.

.Quando Maggie e Michael chegaram à secretária, Mr. Soneji agachou-se para lhes falar em particular. O «Encolhido» Goldberg era, pelo menos, oito centímetros mais baixo do que Maggie Rose.

— Houve um pequeno problema... nada de importante. — Mr. Soneji mostrava-se calmo e muito bondoso. — Está tudo bem. É só uma irregularidade. Mas está tudo bem.

— Não me parece — ripostou Michael Goldberg, abanando a cabeça. — Que irregularidadezinha é essa?

Maggie Rose ainda não abrira a boca. Estava com medo. Acontecera qualquer coisa.

Qualquer coisa má. Sentia-o na boca do estômago. Mas, como a mãe sempre lhe dissera que ela tinha muita imaginação, tentava parecer calma, agir com calma, ser calma.

— Telefonaram agora mesmo dos Serviços Secretos — explicou Miss Kim. — Receberam uma ameaça, que tem a ver contigo e com a Maggie. Não deve ser nada mas, por precaução, vamos mandar-vos para casa. Só por precaução. Vocês já sabem como é.

— Tenho a certeza de que ainda voltam antes do almoço — acrescentou Mr. Soneji que, no entanto, não parecia muito convencido disso.

— Que tipo de ameaça? — perguntou Maggie Rose ao professor. Ao pai do Michael? Ou tem a ver com a minha mãe?

Soneji deu umas palmadinhas no braço de Maggie. Os professores do externato nunca deixavam de se espantar com a maturidade de muitas daquelas crianças.

— Oh, do tipo que já conhecemos. Muita parra e pouca uva. De certeza que foi algum idiota a tentar chamar as atenções. Um parvo — Mr. Soneji fez uma expressão exagerada.

Mostrava alguma preocupação, mas conseguiu que os pequenos se sentissem seguros.

— Então, para quê irmos até Potomac? — Michael Goldberg fazia caretas e gesticulava como um advogado em miniatura. Em muitos aspectos, era uma versão em desenhos animados do seu famoso pai, o secretário.

— É melhor jogarmos pelo seguro, não achas? Agora chega. Não me vou pôr a discutir contigo, Michael. Estão prontos para ir? Mr. Soneji falou com voz amável, mas firme.

— Não. — Michael continuava a franzir as sobrancelhas e a abanar a cabeça. — Nem por sombras. A sério, Mr. Soneji. Não está certo. Porque é que os agentes dos Serviços Secretos não vêm para aqui e ficam à espera que as aulas acabem?

— Porque não querem assim — retorquiu Mr. Soneji. — Não sou eu que decido.

— Acho que estamos prontos — disse Maggie. — Anda, Michael. Não discutas mais. Está decidido e pronto.

— E pronto. — Miss Kim sorriu pressurosamente. — Eu mando-vos os trabalhos de casa.

Tanto Maggie Rose como Michael desataram a rir.

— Muito obrigado, Miss Kim! — retorquiram em uníssono. Miss Kim era óptima em piadas para desanuviar a situação.

Os corredores do externato estavam quase vazios e muito calmos. Um empregado preto chamado Eminett Everett foi a única pessoa que viu o trio sair do externato.

Encostado à sua vassoura, Everett viu Mr. Soneji e os dois pequenos percorrerem o comprido corredor. Foi a última pessoa a vê-los juntos. Uma vez lá fora, apressaram-se a atravessar o chão de paralelepípedos do parque de estacionamento da escola, que era ladeado por elegantes bétulas e arbustos. Os sapatos de Michael faziam clique, clique nas pedras.

— Sapatos de verniz. — Maggie Rose inclinou-se para ele e gracejou: — Parecem sapatos de verniz, são como sapatos de verniz, fazem barulhos de sapatos de verniz.

Michael não respondeu. O que poderia dizer? O pai e a mãe ainda lhe compravam a roupa na elegantíssima Brooks Brothers.

— O que acha que devia ter calçado, Miss Gloria Vanderbilt? Ténis cor-de-rosa? — indagou de modo pouco convincente.

— Porque não? — o rosto de Maggie abriu-se num sorriso. — Ténis cor-de-rosa ou verde-lima. Sapatos de funeral é que não, «Encolhido».

Mr. Soneji levou-os até uma carrinha azul, último modelo, estacionada debaixo dos ulmeiros e carvalhos que iam do edifício dos serviços administrativos até ao ginásio do externato. Pancadas de bolas de basquetebol ecoavam dentro do ginásio.

— Saltem os dois aqui para trás. Isso. Pronto — disse o professor, ajudando-os a subir para a parte de trás da carrinha. Os seus óculos passavam a vida a escorregar-lhe do nariz.

Por isso, acabou por tirá-los.

— Vai levar-nos a casa? — perguntou Michael.

— Bem sei que isto não é nenhum Mercedes, mas terá de ser assim, Sir Michael. Só sigo as instruções que nos deram por telefone. Falei com um tal Mr. Chakely.

— Jolly Chollie — observou Michael, usando a alcunha que dera ao agente dos Serviços Secretos.

Mr. Soneji também entrou na carrinha azul e fechou a porta de correr com um estrondo.

— É só um segundo. Vou ver se arranjo aqui algum espaço.

Dito isto, pôs-se a vasculhar os caixotes de cartão empilhados na parte da frente da carrinha, que estava na mais completa desordem. Era a antítese do estilo arrumado, quase compartimentalizado, do professor de Matemática.

— Sentem-se onde quiserem — continuou, enquanto procurava qualquer coisa.

Quando se virou outra vez, Gary Soneji tinha no rosto uma assustadora máscara de borracha preta. Segurava um objecto de metal à frente do peito. Parecia um extintor de incêndios em miniatura, mas mais de ficção científica.

— Mister Sonej ? — perguntou Maggie Rose em voz aguda. — Mister Soneji! — Tapou o rosto com as mãos. — Está a assustar-nos. Deixe-se de graças!

Soneji apontava a pequena ponta de metal para Maggie Rose e Michael. Dando um passo rápido na direcção deles, firmou bem as

solas de borracha das botas pretas.

— O que é isso? — inquiriu Michael, sem saber bem porquê.

— Cheira lá, geniozinho... e depois diz-me o que é.

Soneji lançou-lhes para cima uma nuvem de clorofórmio. Só deixou de carregar no spray ao fim de dez segundos. Os dois pequenos estavam cobertos de gotinhas quando caíram no assento de trás da carrinha.

— Pisca, pisca, apaga, apaga — disse Mr. Soneji no seu tom de voz mais calmo e amável.— Agora, nunca ninguém há-de saber. — Era aí que residia todo o encanto. Nunca ninguém saberia a verdade.

Soneji subiu para o banco da frente e pôs a carrinha azul a trabalhar. Enquanto saía do parque de estacionamento, cantava «Magic Bus» dos The Who. Estava muito bem disposto.

Tencionava ser o primeiro raptor em série da América, entre outras coisas.

Recebi um telefonema de «emergência» na casa da família Sanders, cerca das onze menos um quarto. Não me apetecia nada falar com alguém que tivesse mais emergências.

Acabava de dispensar dez minutos aos jornalistas. Na altura dos assassínios, alguns deles eram meus amigos. Eu era o menino bonito da imprensa. Até aparecera na revista de domingo do Washington Post! Falei, mais uma vez, da percentagem de assassínios entre os negros de DC. No último ano, houvera cerca de quinhentas mortes na nossa capital. Só dezoito vítimas eram brancas. Alguns repórteres até anotaram isso. Progressos.

Peguei no telefone, que me era estendido por um jovem e inteligente inspector da BEI chamado Rakeem Powell. Com um ar ausente, batia numa bola de basquetebol que devia ter pertencido a Mustaf. A bola dava-me uma sensação estranha. Porque matar um rapazinho tão lindo? Não me ocorria nenhuma resposta. Pelo menos por enquanto.

— É o Jefe, o chefe. — Rakeem carregou o sobrolho. — Está preocupado.

— Fala Cross — disse eu para o telefone dos Sanders. Ainda tinha a cabeça a andar à roda. Queria começar e acabar a conversa bem depressa.

O auscultador cheirava a perfume almiscarado, barato. Devia ser a água-de-colónia de Poo, de Suzette ou das duas. Numa mesa, perto do telefone, encontrava-se uma moldura em forma de coração, com fotografias de Mustaf, o que me fez pensar nos meus dois filhos.

— Fala o comandante Pittman. Qual é a situação aí?

— Parece-me que temos entre mãos um caso de assassínios em série. A mãe, a filha e um rapazinho. É a segunda família em menos de uma semana. A electricidade estava desligada. O nosso homem gosta de trabalhar às escuras. — Informei Pittman de alguns pormenores sangrentos. Normalmente, isso chegava-lhe. O chefe ia deixar-me a tratar de tudo sozinho. Os homicídios da zona sudeste não eram lá muito importantes numa carreira...

Seguiram-se alguns segundos de silêncio. Dali, via a árvore de Natal da família Sanders na sala da televisão. Fora decorada com muito cuidado: fio prateado, decorações baratas e cintilantes, colares de arandos e pipocas. Em cima, havia um anjo feito de papel metalizado.

— Disseram-me que a vítima foi um traficante. Um traficante e duas prostitutas—

comentou Pittman.

— Não, não é verdade — respondi. — Está aqui uma linda árvore de Natal.

— Claro, claro. Deixe-se de tretas, Alex. Hoje não. Agora não. Se estava a tentar irritar-me, conseguiu: — Uma das vítimas é um rapazinho de três anos, de pijama. Talvez fosse traficante. Vou verificar.

Não devia ter dito aquilo. Não devia dizer muitas coisas. Ultimamente, tenho sentido que estou prestes a explodir. Ultimamente significa há cerca de três anos.

— Venha já a correr para o Externato Washington, com o John Sampson — ordenou Pittman. — Isto aqui está um pandemónio. A sério.

— Aqui também é a sério — retorqui para o comandante, tentando não elevar a voz. — De certeza que este assassino é daqueles que deixam a sua marca. A coisa aqui está preta. As pessoas choram nas ruas. É quase Natal.

Fosse como fosse, o comandante Pittman mandou-nos ir ao externato, em Georgetown. Não se cansava de repetir que aquilo estava num pandemónio.

Antes de partir para o Externato Washington, telefonei para a unidade de assassínios em série do nosso departamento e para a «superunidade» do FBI, na base de Quantico. O FBI tem em computador os registos de todos os casos conhecidos de assassínios em série e perfis psiquiátricos correspondentes a uma grande quantidade de pormenores não publicados deste tipo de assassínios. O que eu procurava era um perfil que correspondesse à idade, sexo e tipo de desfiguramento.

Antes de sair da casa da família Sanders, um dos técnicos deu-me um relatório para eu assinar. Assinei como de costume: com uma t. Cross-1 (*Jogo de palavras. Cross também significa zangado*», *o que faz sentido no contexto. NT*) Pois, um duro, de uma zona dura da cidade.

Os arredores do externato intimidavam-me um bocadinho e ao Sampson também.

Estava tão longe das escolas e das pessoas da zona sudeste!

Éramos dois dos poucos negros que se encontravam no átrio do Externato Washington, ouvi dizer que andavam lá alunos africanos, filhos de diplomatas, mas não vi nenhum. Só grupos de professores em estado de choque, crianças, pais, polícias. Havia pessoas que choravam às claras nos relvados da frente e dentro do átrio do externato.

Dois pequenos, duas criancinhas haviam sido raptados de um dos colégios mais prestigiados de Washington. Era um dia triste e trágico para toda a gente. «Deixa estar», disse com os meus botões. «Limita-te a fazer o teu trabalho.»

Fomos tratar do que nos dizia respeito, tentando reprimir a fúria que sentíamos, o que não era fácil. Não conseguia deixar de ver os olhos tristes do pequeno Mustaf Sanders. Um polícia disse-nos para irmos ao gabinete do director, onde o comandante Pittman nos aguardava.

— Calma — aconselhou o Sampson. — Vive para lutes mais um dia. George Pittman costuma usar um fato cinzento ou azul quando está de serviço. Gosta de camisas às pintinhas e às riscas e

de gravatas de riscas prateadas e azuis. Os seus sapatos e cintos são da Johnson Murphy. Tem o cabelo grisalho sempre tão penteado para trás e tão fixo com gel que parece que lhe meteram na cabeça um capacete apertado em forma de bala. É conhecido por «jefe», «o Patrão dos Patrões», «Il Duce», «Thee Pits», «Georgie Porgie»...

Acho que sei quando começaram os meus problemas com o comandante Pittman. Foi depois de o Washington Post publicar aquela história sobre mim na revista de domingo. O artigo dizia que eu era psicólogo, mas que trabalhava na secção de Homicídios e de Crimes Graves de Dc. Eu explicara ao repórter por que razão continuava a viver na zona sudeste: «Sinto-me bem a viver onde vivo. Ninguém me vai obrigar a sair da minha casa.»

Na verdade, creio que foi o título escolhido para o artigo que fez a pimenta subir ao nariz do comandante Pittman (e de outras pessoas do departamento). Ao reunir material para o artigo, o jovem jornalista entrevistou a minha avó. A Nana foi professora de inglês e o impressionável jornalista devorou as suas palavras. A Nana encheu-lhe a cabeça com as suas teorias de que, como os negros são, basicamente, tradicionalistas, é lógico que sejam as últimas pessoas do Sul a abandonar a religião, a moral e até a formalidade. Depois, disse-lhe que eu era um verdadeiro homem do Sul, apesar de ter nascido na Carolina do Norte. E também tratou de contestar o facto de idolatizarmos polícias quase-psicóticos em filmes, TV, livros e artigos de jornal. O título, debaixo do qual se via uma fotografia onde eu aparecia com um ar muito pensativo, era O último Cavaleiro do Sul».

A história causou grandes problemas e aumentou a tensão dentro do nosso departamento. O comandante Pittman, em especial, sentiu-se ofendido. Não posso provar nada, mas desconfio de que a história foi colocada por alguém no gabinete do presidente da Câmara.

Dei três toques rápidos na porta do gabinete do reitor e entrei com o Sampson. Antes de eu poder dizer fosse o que fosse, Pittman levantou a mão direita: — Cross, primeiro, ouça-me — observou, aproximando-se. Houve um rapto nesta escola.

Um rapto importante...

— Isso é horrível — atirei-lhe imediatamente. — Infelizmente, também houve um assassino que atacou nos arredores de Condon Terrace e de Langley. Já é a segunda vez. Até agora, há seis mortes. Eu e o Sampson somos os responsáveis por este caso. Aliás, na prática, somos os únicos a trabalhar nele.

— Eu estou informado da situação nos arredores de Condon e de Langley. Já tomei as minhas providências — rematou Pittman.

— Hoje de manhã, amarraram duas mulheres negras à cama, cortaram-lhes o peito e raparam-lhes os pêlos púbicos. Também está informado disso? — perguntei-lhe. — Assassinaram um rapazinho de três anos, que estava de pijama. — Lá estava eu a gritar. Olhei para o Sampson e vio-o abanar a cabeça. O grupo de professores que se encontrava no gabinete fitou-nos.

— Cortaram os seios a duas mulheres negras — repeti, para que me ouvissem bem. — Esta manhã, anda alguém por DC com os seios delas no bolso.

O comandante Pittman fez um gesto na direcção do gabinete particular do reitor.

Queria que fôssemos os dois lá para dentro. Abanei a cabeça. O melhor era ter testemunhas quando estava com ele.

— Sei muito bem o que está a pensar, Cross. — Baixando a voz, falou-me muito perto do rosto. O cheiro a cigarro atingiu-me em cheio. — Está a pensar que quero lixá-lo, mas engana-se. Sei que é um bom polícia e que, normalmente, sabe o que faz.

— Não sabe nada do que estou a pensar. Quer saber? Já há seis negros mortos. Anda por aí à solta um assassino louco, cada vez a afiar mais as garras. Bem... foram raptadas duas crianças brancas, o que é horrível. Horrível! Mas eu já estou ocupado!

De repente, Pittman apontou-me o indicador. Tinha o rosto muito vermelho: — Eu é que decido os casos em que você trabalha! Eu! Você tem experiência em negociação de reféns. É psicólogo. Temos outras pessoas para mandar para Langley e Condon. Além disso, o presidente da Câmara Monroe pediu-o especificamente a si.

Então era isso. Agora percebia tudo. O nosso presidente intervindo, o assunto era comigo.

— E o Sampson? Pelo menos, deixe-o a ele no caso dos homicídios — pedi ao chefe dos inspectores.

— Se tem problemas, vá queixar-se ao presidente da Câmara. Vão trabalhar os dois neste rapto. Por agora, é tudo.

Pittman virou-nos as costas e afastou-se. Quer gostássemos, quer não, estávamos no caso do rapto Dunne-Goldberg. E não gostávamos.

— Vamos voltar a casa da família Sanders — disse ao SamPson.

— Ninguém dará pela nossa falta — concordou ele.

Uma reluzente moto BMW atravessou os baixos muros de pedra do Externato Washington. O condutor foi identificado e a moto acelerou por uma rua estreita, em direcção a um aglomerado cinzento de edifícios escolares. Eram onze horas.

A BMW K-I deu cento e cinquenta quilómetros por hora nos poucos segundos que demorou a chegar aos edifícios administrativos. Depois, travou com facilidade e suavidade, mal levantando as pedrinhas do chão. O condutor arrumou-a atrás de uma limusina Mercedes, cinzento-pérola, com a matrícula do corpo diplomático DP101.

Ainda sentada na moto, Jezzie Flanagan tirou o capacete preto, pondo à mostra o cabelo comprido e louro. Parecia ter vinte e muitos anos. De facto, fizera trinta e dois no Verão. A vida ameaçava passar-lhe ao lado. Jezzie achava que era já uma relíquia do passado. Chegara ao externato vinda directamente da sua casinha do lago... para já não falar das primeiras férias que tirava em vinte e nove meses.

Este último facto ajudava a explicar o seu vestuário dessa manhã: casaco de cabedal, calças de ganga pretas e desbotadas com meias sem pés, cinto largo de cabedal, camisa aos quadrados vermelhos e pretos e botas muito velhinhas.

Dois polícias de DC correram para ela.

— Não há problema — disse ela. — Está aqui a minha identificação. — Depois de a verem, os polícias recuaram e tornaram-se muito solícitos.

— Pode entrar — anunciou um deles. — Há uma porta lateral do outro lado daquelas vedações altas, Miss Flanagan.

Jezzie Flanagan conseguiu sorrir amistosamente aos dois polícias de ar atormentado: — Hoje não pareço muito o que sou. É

que estava de férias. Costumo andar de moto.

Vim de moto.

Jezzie Flanagan atalhou por cima da relva bem cuidada, coberta por uma ligeira camada de geada, e desapareceu dentro do edifício dos serviços administrativos do externato.

Nenhum dos polícias de DC tirou os olhos dela até a perder de vista. O seu cabelo louro agitava-se como fitas sopradas pelo rigoroso vento de Inverno. Ela era um espanto, mesmo com as calças de ganga sujas e as botas. E tinha um cargo muito importante. Ambos o sabiam, depois de lhe terem visto a identificação. Era uma jogadora.

Enquanto percorria o átrio da frente, alguém a agarrou. Alguém agarrou um pedaço de Jezzie Flanagan, o que era normal na sua vida em DC.

Victor Schmidt dera-lhe o braço. Houvera uma altura (e agora até lhe era difícil imaginá-lo) em que Victor trabalhara com ela. Fora, de facto, a primeira pessoa com quem trabalhara; naquele momento, Victor estava encarregue da segurança de um dos alunos do externato. Era baixo e estava a ficar careca. Vestia-se com estilo e era confiante, embora não houvesse nenhuma razão especialmente boa para isso. Sempre o achara deslocado nos Serviços Secretos—talvez fosse mais indicado para os cargos inferiores do corpo diplomático.

— Então que tal, Jezzie? — perguntou, meio a sussurrar meio a falar. Ela lembrou-se que parecia que ele nunca fazia nada por inteiro, o que sempre a intrigara.

Jezzie Flanagan explodiu. Mais tarde, Percebeu que estivera mesmo à beira disso quando Schmidt a interpelara. Não que precisasse de justificações para explodir, especialmente naquela manhã e dadas as circunstâncias.

— Vic, sabes que foram levadas e talvez raptadas duas crianças deste externato?—

atirou ela. — E que uma delas é o filho do ministro da Fazenda? E a outra a filha da Katherine Rose? Da actriz Katherine Rose Dune. Como é que pensas que me sinto? Doente. Zangada.

E petrificada.

— Só queria dizer-te olá. Olá, Jezzie. Sei muito bem o que aconteceu aqui.

Mas Jezzie Flanagan já se afastara e, pelo menos em parte, fizera-o para não dizer mais nada a Victor. Sentia-se muito nervosa, enjoada e, sobretudo, assustada. Ao passar os olhos pelo átrio apinhado de gente, não eram rostos conhecidos em geral que procurava, mas sim uns muito especiais. Lá estavam dois.

Charfie Chakely e Mikc Devine. Seus agentes. Os dois homens a quem encarregara de proteger Michael Goldberg e Maggie Rose Dune, pois iam e vinham juntos do externato.

— Como é que isto pôde acontecer? — Falou em voz alta, sem se importar com o facto de as conversas terem parado e de as pessoas estarem a olhar para ela. Abriu-se um buraco negro no barulho e na confusão do átrio do externato. Depois, baixou a voz e, quase sussurrando, perguntou aos agentes o que acontecera até ao momento, escutando atentamente as suas explicações. Ao que parecia, não lhe agradou o que lhe disseram.

— Ponham-se a andar daqui para fora! — explodiu uma segunda vez. — Imediatamente!

Saiam-me da vista!

— Não podíamos fazer nada — tentou protestar Charlie Chakely.

— Que podíamos fazer? Valha-nos Deus! — Depois, escapuliu-se com Devine.

Quem conhecesse Jezzie Flanagan talvez tivesse compreendido a sua reacção emocional. Tinham desaparecido duas crianças. E a responsável era ela, uma vez que ocupava o cargo de supervisora dos agentes dos Serviços Secretos que faziam a segurança de praticamente toda a gente, fora o presidente: membros do governo e suas famílias, cerca de meia dúzia de Senadores, incluindo Ted Kennedy... Só respondia perante o próprio ministro da Fazenda.

Trabalhara muito para conseguir tanta confiança e responsabilidade, e era mesmo responsável. Semanas de cem horas, nada de férias, ano após ano, nenhuma vida própria que valesse a pena mencionar.

Até sabia o que a esperava. Dois agentes seus tinham metido completamente a pata na poça. Haveria uma investigação... uma antiquada caça às bruxas... e Jezzie Flanagan poderia ir parar à

fogueira. Como era a primeira mulher a ter aquele cargo, a queda, se acontecesse, seria a pique, dolorosa e muito publicitada.

Por fim, vislumbrou a única pessoa que procurava no meio da multidão... e que esperava não encontrar: o ministro da Fazenda Jerrold Goldberg já chegara ao colégio do filho.

Juntamente com o secretário estavam o presidente da Câmara Carl Monroe, um agente especial do FBI que conhecia, chamado Roger Graham e dois negros que não reconheceu logo. Eram ambos altos; um deles até era enorme.

Jezzie Flanagan respirou fundo e encaminhou-se rapidamente para esse grupo.

— Lamento muito, Jerrold — sussurrou, ao chegar junto deles. Tenho a certeza de que as crianças vão ser encontradas.

— Um professor... — foi tudo o que Jerrold Goldberg conseguiu dizer, abanando a cabeça cheia de caracóis curtos e brancos. Tinha os olhos húmidos e brilhantes. — Um professor de criancinhas... Como é que isto pôde acontecer?

Estava desfeito. o ministro tinha quarenta e nove anos, mas parecia dez anos mais velho. Tinha o rosto tão branco como as paredes de estuque do externato.

Antes de ir para Washington, Jerrold Goldberg estivera na Salomon Brothers de Wall Street. Ganhara vinte ou trinta milhões nos prósperos e loucos anos 80. Sabia o que fazia e era brilhante, sensato e o mais pragmático possível. Naquele dia, no entanto, era apenas o pai de um rapazinho raptado, e aparentava uma fragilidade extrema.

Estava eu a falar com Roger Graham, do FBI, quando a supervisora dos Serviços Secretos, Jezzie Flanagan, se juntou ao nosso grupo e disse o que podia para reconfortar o secretário Goldberg. Mas a conversa depressa se voltou para o rapto aparente e as medidas a serem tomadas.

— Há a certeza absoluta de que foi o tal professor de Matemática que levou as crianças?

— perguntou Graham. Eu e ele já tínhamos trabalhado em conjunto. Graham era muitíssimo esperto e, durante anos, consideraram-no uma estrela do FBI. Fora co-autor de um livro

sobre a liquidação do crime organizado em Nova Jérсия, do qual se fizera um filme de sucesso.

Respeitávamo-nos e gostávamos um do outro, o que é raro entre o FBI e a polícia local.

Quando a minha mulher foi morta em Washington, Roger fez os possíveis e os impossíveis para meter o FBI na investigação. Ajudou-me mais do que o meu próprio departamento.

Decidi tentar responder à pergunta de Roger Graham. Por essa altura, já acalmara o suficiente, e contei-lhes o que eu e o Sampson havíamos descoberto até ao momento: — Não há dúvida de que saíram juntos do externato. Houve um empregado que os viu.

O professor de Matemática, um tal Mister Soneji, foi à aula de Miss Kim e mentiu-lhe. Disse-lhe que tinha havido uma ameaça telefónica, que tinha de levar os miúdos ao gabinete do reitor, de onde seriam mandados para casa, e que dos Serviços Secretos não o tinham informado se a ameaça dizia respeito ao rapaz ou à rapariga. Só sabia que tinha de ir com eles. E os miúdos confiavam nele o suficiente para o seguirem.

— Como é que um potencial raptor conseguiu fazer parte do corpo docente deste tipo de estabelecimento de ensino? — perguntou o agente especial, com um par de óculos de sol espreitando-lhe do bolso de cima do casaco. Lentes para o Inverno. Harrison Ford personificara-o no filme feito a partir do seu livro. O elenco não era nada mau. O Sampson chamava a Graham «Grande Ecrã».

— Isso ainda não sabemos — respondi a Graham. — Mas vamos saber.

Por fim, eu e o Sampson fomos apresentados ao secretário Goldberg pelo presidente da Câmara Monroe, que lhe disse que nós éramos uma das melhores equipas de inspectores de DC, etc., etc. Depois, o presidente da Câmara levou o secretário para o gabinete do reitor.

O agente especial Graham seguiu atrás deles, revirando os olhos para mim e para o Sampson. Queria que soubéssemos que não tinha nada a ver com aquilo.

Jezzie Flanagan deixou-se ficar para trás:

— Agora estou a lembrar-me que já ouvi falar de si, detetive Cross. Você é o tal psicólogo de que falava o artigo do Washington Post. Sorriu com simpatia... um meio sorriso.

Mas não lho devolvi:

— Sabe como são os artigos dos jornais... normalmente, uma mão-cheia de meias verdades. Nesse caso, houve muitos exageros.

— Não me parece — retorquiu ela. — Seja como for, gostei de o conhecer. — Depois, entrou no gabinete, atrás do secretário Goldberg, do presidente da Câmara e do agente-estrela do FBI. Ninguém me convidou a entrar, a mim, o famoso psicólogo-detetive. Nem ao Sampson.

Mas Monroe espreitou cá para fora:

— Fiquem por aí e não façam ondas. Não se enervem. Precisamos de vocês. Tenho de falar consigo, Alex. Aguenta aí. E não se enerve. Eu e o Sampson tentamos ser bons polícias.

Ficamos perto do gabinete do reitor durante mais dez minutos. Por fim, deixamos os nossos postos. Estávamos a ficar enervados.

Não conseguia deixar de ver o rosto do pequeno Musta Sanders. Quem iria sair à procura do seu assassino? Ninguém. O rapazinho lá fora esquecido. Mas sabia que isso nunca aconteceria com as duas crianças do externato.

Nessa manhã, um pouco mais tarde, eu e o Sampson encontrávamo-nos deitados no soalho de pinho da «sala de jogos» do externato, com algumas crianças.

Estávamos com a Luisa, o Jonathan, o Stuart, a Mary-Berry e a irmã desta, a Brigid.

Ainda ninguém pudera ir buscar estas crianças, que estavam muito assustadas. Alguns dos alunos da escola tinham molhado as calças e um deles fartara-se de vomitar. Era possível que se verificasse uma crise traumática, estado que eu tinha alguma experiência em tratar.

A professora Vivian Kim também se achava connosco no chão de madeira polida.

Tínhamos querido falar com ela sobre a ida de Soneji à sua aula e sobre Soneji de um modo geral.

— Somos alunos novos do externato — brincou o Sampson, que tirara os óculos de sol, embora talvez não houvesse necessidade

disso. Os miúdos costumam gostar do Sampson, que entra bem na categoria de «monstro amigo».

— Não são nada! — exclamou a Mary-Berry. O Sampson já conseguira que ela sorrisse.

Um bom sinal.

— Pois não. Somos polícias — disse eu às crianças. — Estamos aqui para que não aconteça nada a ninguém. Uff! Que manhã!

Miss Kim sorriu-me do outro lado da sala. Sabia que eu estava a tentar acalmar os catraios. A Polícia estava lá e não havia problema. Já ninguém podia fazer-lhes mal. A ordem fora restabelecida.

— És um polícia bom? — perguntou-me Jonathan. Parecia muito sério e alinhado para um rapazinho tão pequeno.

— Sou. E aqui este meu amigo também, o detetive Sampson.

— Vocês são grandes. Tão grandes! — exclamou Luisa. — Grandes, grandes, GRANDES como a minha casa!

— Assim podemos proteger melhor toda a gente — explicou o Sampson à rapariguinha. O

Sampson entrara depressa no jogo.

— Tens filhos? — perguntou-me a Brigid, que nos observava cuidadosamente antes de falar. Tinha uns olhos muito vivos e eu já gostava dela.

— Tenho dois filhos — retorqui. — Um rapaz e uma rapariga.

— Como é que se chamam? — indagou ela, invertendo completamente os nossos papéis.

— Janelle e Damon. A Janelle tem quatro anos e o Damon seis.

— Como é que se chama a tua mulher? — perguntou Stuart.

— Não tenho mulher.

— Ora, ora, ora — sussurrou o Sampson.

— És divorciado? — perguntou Mary-Berry. — É isso?

Miss Kim riu alto:

— Que pergunta para fazer ao nosso simpático amigo, Mary!

— Eles vão fazer mal à Maggie Rose e ao Michael Goldberg? — quis saber o Jonathan, com ar sério. Era uma boa pergunta. Merecia uma resposta.

— Espero que não, Jonathan. Mas digo-te uma coisa: a ti, ninguém vai fazer mal. Eu e o detetive Sampson estamos aqui para

que isso não aconteça.

— Fica a saber que somos uns durões. — o Sampson riu-se.
Grrr! Ninguém faz mal a estes meninos! Grrr!

A Luisa começou a chorar dali a uns minutos. Era uma rapariguinha engraçada.

Apeteceu-me abraçá-la, mas não podia.

— O que se passa, Luísa? — perguntou Miss Kim. — A tua mãe ou o teu pai já devem estar a chegar.

— Não devem nada. — A rapariguinha abanou a cabeça. — Não vêm cá. Nunca me vêm buscar ao externato.

— Mas há-de vir alguém — disse eu com voz calma. — E amanhã tudo volta a ser como dantes.

A porta da sala de jogos abriu-se devagar. Desviei o olhar das crianças. Era o presidente da Câmara Carl Monroe, que fora visitar as nossas escolas para os mais favorecidos.

— Está metido em sarilhos, Alex? — o senhor presidente acenou com a cabeça e sorriu ao ver aquela cena invulgar. Monroe tinha cerca de quarenta e cinco anos e era de uma elegância robusta. Tinha muito cabelo e um bigode preto e farfalhudo. O fato azul, a camisa branca e a gravata amarela davam-lhe um ar de homem de negócios.

— Não. Só estou a tentar aproveitar o tempo... eu e o Sampson. A minha resposta arrancou-lhe um risinho presidencial:

— Parece que foram bem sucedidos. Vamos embora. Venha comigo, Alex. Temos de falar.

Despedi-me das crianças e de Miss Kim e saí com Monroe do estabelecimento de ensino. Talvez agora descobrisse, finalmente, o que estava a acontecer, por que razão me tinham tirado dos meus casos de homicídio e posto a trabalhar naquele rapto e se ia ter algum voto na matéria.

— Veio no seu carro, Alex? — perguntou Monroe, enquanto descíamos as escadas da frente do externato.

— Meu e da empresa que mo financiou — retorqui.

— Vamos no seu carro. Que tal acha a BEI? É um conceito forte disse, a caminho do parque de estacionamento. Ao que parecia, já mandara embora o carro e o motorista. Um homem do povo, o nosso presidente da Câmara.

— Qual é exactamente o objectivo da BEI? — perguntei-lhe. Andava a pensar na minha situação actual, especialmente no que dizia respeito a ter que prestar contas a George Pittman.

Carl Monroe exibiu um sorriso aberto. Sabe ser muito lisonjeiro com as pessoas e, de facto, é muito esperto. Parece sempre muito interessado e benevolente e, se calhar, é mesmo. Quando é preciso, até ouve o que lhe dizemos.

— A ideia principal é que os melhores homens e mulheres negros da Polícia de Washington cheguem aos lugares cimeiros, como é Justo. E não só os lambe-botas, Alex.

Isso nem sempre aconteceu no passado.

— Acho que não eram precisas tantas atitudes de afirmação. Ouviu falar dos assassínios de Condon e Langley Terrace? — indaguei.

Ele fez que sim com a cabeça, mas não disse mais nada sobre os homicídios. Naquele dia, não eram prioridade para o presidente da Câmara.

— A mãe, a filha, um rapazinho de três anos... — insisti, começando outra vez a ficar zangado. — Toda a gente se está nas tintas para eles.

— Qual é o espanto, Alex? Se ninguém se importava com a sua vida, porque haviam de se preocupar com eles depois de mortos?

Tínhamos chegado ao meu carro, um Porsche de 74 que já viu dias bem melhores. As portas rangiam e notava-se um leve cheiro a comida feita. Andei com ele durante os três anos que passei a trabalhar por conta própria. Entramos.

— Sabe, Alex, o Colin Powell dirige agora o gabinete dos chefes. O Louis Sullivan foi nosso secretário dos Serviços Humanos e de Saúde. O Jesse Jackson ajudou-me a arranjar este lugar — explicou Monroe. Metemos pela Canal Road e dirigimo-nos para a baixa.

Enquanto falava, Monroe observava o seu reflexo no vidro da janela.

— E agora quer-me ajudar a mim? — repliquei. — Sem eu lhe pedir nada? Que bonito! Que simpático!

— É verdade — concordou ele. — Você é muito rápido a perceber as coisas, Alex.

— Então, ajude-me a sair disto. Quero resolver os assassinios dos bairros pobres. Tenho muita pena dos dois miúdos brancos, mas este rapto não vai precisar de atenção nem de ajuda. Aliás, a ajuda a mais até vai ser um problema.

— Já sei que sim. Sabemo-lo os dois. — Monroe assentiu com a cabeça. — Aqueles idiotas não vão fazer mais do que tropeçar uns nos outros. Ouça-me, Alex. Quer ouvir?

Quando Carl Monroe quer alguma coisa de nós, faz os possíveis e os impossíveis para o conseguir. Eu já conhecia a conversa que agora recomeçava: — Segundo me consta, o Alex Cross está falido.

— Não me queixo — retorqui. — Temos um tecto para nos abrigar e comida à mesa.

— Você ficou na zona sudeste quando poderia ter saído de lá prosseguiu com o disco riscado que eu já ouvira. — Continua a trabalhar em Santo António?

— Continuo. Sopa dos pobres, sessões grátis de terapia... sou um samaritano negro.

— Sabe, uma vez vi-o numa peça em Santo António. Também sabe representar. Tem boa presença.

— The Blood Knot, de Athol Fugard. — Lembrava-me dessa altura. A Maria conseguira convencer-me a entrar para o seu grupo de teatro.

— A peça tem tanta força que faz de qualquer um um bom actor.

— Está a ouvir? Ouve o que eu estou a dizer?

— Você quer casar comigo. — Soltei uma gargalhada. — Mas primeiro quer ter um encontro amoroso.

— É mais ou menos isso — riu Monroe.

— Pois está a ir muito bem, Carl. Gosto de falinhas mansas antes de ser fodido.

Monroe voltou a rir-se, talvez um pouco mais do que devia. Era capaz de se mostrar muito amigo de alguém e depois não lhe falar na vez seguinte em que o encontrasse. No departamento, havia pessoas que lhe chamavam «Coco». Eu era uma delas. «Castanho por fora e branco Por dentro. Eu achava que, no fundo, ele era um homem muito só. Mas continuava a pensar no que ele concretamente queria de mim.

Monroe ficou calado durante algum tempo. Só voltou a falar quando viramos para a Whitehurst Avenue. Havia muito movimento e as ruas cheias de neve derretida não ajudavam nada.

— Temos entre mãos uma situação muito, muito trágica. Este rapto também é importante para nós. Quem o resolver vai ser importante. Quero que você ajude a resolvê-lo, que seja jogador. Quero que este caso lhe crie uma boa reputação.

— Não quero boa reputação nenhuma — respondi-lhe. — E não quero ser nenhum jogador.

— Já sei que não. E é por isso que deve ser. Vou dizer-lhe uma coisa que é verdade: você é mais esperto do que nós e ainda há-de ser alguém nesta cidade. Deixe-se de teimosias. Não se afaste tanto.

— Não concordo. De maneira nenhuma. Se isso estiver nas minhas mãos... A sua ideia de sucesso não coincide com a minha.

— Pois eu sei o que é acertado. Para nós os dois. — Desta vez, Carl Monroe não sorriu nem um bocadinho. — Mantenha-me a par dos progressos feitos neste caso. Estamos os dois no mesmo barco, Alex. Este caso é daqueles que pode fazer uma carreira.

Assenti. «Claro», pensei.

— A carreira de quem, Carl?

Parara em frente da Câmara Municipal, com os seus adornos muito bonitinhos. Monroe deslizou do banco e fitou-me do lado de fora do carro: — Este caso vai ser muito importante, Alex. É seu.

— Não, obrigado — repliquei.

Mas Monroe tinha desaparecido.

Às onze horas menos vinte e cinco minutos, bem dentro do horário que estabelecera, Gary Soneji virou a carrinha para uma vereda não assinalada. A estrada secundária estava toda esburacada e cheia de ervas. Silvados de amoras cresciam em ambas as bermas.

A menos de cinquenta metros da estrada principal, já não via nada a não ser a estrada de terra e um emaranhado de arbustos. Ninguém conseguiria localizar a carrinha a partir da estrada.

Passou aos solavancos por uma casa em ruínas, de um branco desbotado. Parecia que a construção estava a encolher, a enterrar-

se nos próprios alicerces. A cerca de quarenta metros da casa, ficavam os vestígios de um celeiro igualmente em ruínas.

Soneji meteu a carrinha lá dentro. Conseguiu.

Um Saab preto de 1985 encontrava-se estacionado no celeiro. Ao contrário do resto da quinta abandonada, o celeiro parecia ter alguma vida. O chão era de terra batida.

Tiras de tecido de algodão tapavam os buracos de três janelas partidas no palheiro.

Não se viam tractores ferrugentos nem máquinas agrícolas. O celeiro cheirava a terra húmida e a gasolina.

Gary Soneji tirou duas Coca-Colas de um frigoríficozinho montado no assento ao lado do motorista, bebeu-as uma atrás da outra e soltou um arroteio de satisfação.

— Alguém quer uma Coca-Cola? — perguntou às duas crianças drogadas e em coma.—

Não? Está bem, mas daqui a pouco vão ter sede.

Estava a pensar que ninguém podia ter a certeza de nada nesta vida, mas que não via como é que a Polícia ia conseguir apanhá-lo. Seria um disparate e um perigo sentir-se assim tão confiante? Não, porque também estava a ser realista. Não havia maneira de lhe seguirem o rasto. Não deixara um único vestígio. Há já muito que planeava raptar alguém famoso.

Quem seria esse alguém mudara muitas vezes. O que nunca mudara fora o objectivo principal que tinha na cabeça. Havia uns meses que trabalhava no Externato Washington.

Aquele momento era a prova de que valera a pena.

Engenhocas! Pensou na alcunha que tinha no externato. engenhocas !Que representação impecável a sua! Merecia um óscar. Nunca vira nada melhor desde o Rei da Comédia, com Robert De Niro. E essa representação era um clássico. De certeza que De Niro era psicopata na vida real.

Por fim, Gary Soneji abriu a porta corrediça da carrinha. Ao trabalho! Pegando num corpo de cada vez, levou as duas crianças para o celeiro. Primeiro, Maggie Rose Dune.

Depois, o pequeno Goldberg. Pousou o rapaz e a rapariga inconscientes ao lado um do outro, no chão de terra batida. Despiu-os, deixando-lhes a roupa interior. Preparou cuidadosamente doses

de sódio secobarbital. Era só o simpático farmacêutico da esquina a trabalhar.. A dose estava entre um comprimido para dormir e um anestésico de hospital. Devia durar cerca de doze horas.

Pegou em duas injeções Tubex, que vinham num estojo pré-embalado, já com as doses e as agulhas. Preparou dois torniquetes. Tinha de ser muito cuidadoso. Com crianças pequenas, a dose exacta podia ser traiçoeira.

A seguir, puxou o Saab preto cerca de dois metros para a frente, expondo uma cova de um metro e meio por um metro e vinte aberta no chão do celeiro.

Cavara o buraco durante as visitas anteriores que fizera à quinta abandonada. Dentro da cavidade, encontrava-se um compartimento de madeira, uma espécie de abrigo, com fornecimento próprio de oxigénio. Tudo menos um televisor a cores para ver filmes antigos.

Primeiro, pôs o pequeno Goldberg dentro do compartimento de madeira. Michael Goldberg não pesava praticamente nada nos seus braços, e nada era o que sentia por ele.

Nada. Depois, foi a vez da princesinha, da alegria e orgulho do lar, Maggie Rose Dune. Saída do país das fadas.

Soneji espetou as agulhas nos braços das crianças. Teve o cuidado de administrar cada dose muito devagar, demorando cerca de três minutos a fazê-lo. As doses eram calculadas segundo o peso: zero vírgula vinte e cinco miligramas por quilo. Verificou a respiração dos pequenos. «Durmam com os anjos, meus bebês de muitos milhões.»

Gary Soneji fechou o alçapão com um estrondo e enterrou o compartimento de madeira debaixo de dois centímetros de terra fresca. Dentro do celeiro deserto. No meio de um terreno abandonado. Tal qual como tinha sido enterrado o pequeno Charlie Lindbergh, Jr, sessenta anos antes.

Nunca ninguém os encontraria até que ele quisesse que os encontrassem. Se quisesse que os encontrassem. Gary Soneji tornou a percorrer a estrada de terra até ao que restava da velha casa rural. Queria lavar-se. E também começou a gozar o panorama. Até levava um televisor para se poder ver.

Os boletins noticiosos apareciam no ecrã de quinze em quinze minutos. E Gary Soneji lá estava, no poderoso aparelho. As

fotografias do engenhocas passavam em todos os boletins. No entanto, as notícias não diziam o que acontecera.

Então, a fama era aquilo! A fama sabia àquilo! Gostava muito. Era para aquilo que andara a treinar-se durante tantos anos. «Olá, mamãe! Olha quem está na televisão. O Mau Rapaz!»

Só houve um senão em toda a tarde: a conferência de imprensa dada pelo FBI. Falara um agente de nome Roger Graham, que parecia que se achava o máximo. Também devia querer ser famoso.

— Pensas que este filme é teu, Graham? Enganas-te, querido! — gritou Gary Soneji para o televisor. — A única estrela aqui sou eu! Soneji andara a vaguear dentro de casa durante várias horas, observando a noite a cair lentamente lá fora. Parecia sentir as diferentes texturas da escuridão em que ia mergulhando a quinta. Eram sete horas. Mais do que tempo de dar seguimento ao seu plano.

— Vamos a isto! — Saltitou pela casa como um lutador antes de um assalto. — Mãos à obra!

Durante algum tempo, pensou em Charles e Anne Morrow Lindbergh, o casal que, de longe, preferia a todos os outros. Acalmou um pouco. Depois, pensou no bebê Charles e em Bruno Hauptmann, o pobre diabo que fora acusado de ter cometido aquele crime tão brilhantemente concebido e executado. Estava convencido de que o caso Lindbergh era o crime mais elegante do século, não só porque ficara sempre sem resolução (eram muitos, muitos, os crimes que continuavam por resolver), mas porque era importante e ficara por resolver.

Soneji sentia-se confiante, realista e, sobretudo, pragmático quanto à sua obra-prima.

Havia sempre a possibilidade de uma falha. A Polícia podia ter um «golpe de sorte». A troca de dinheiro seria complicada, pois implicava contacto, e o contacto era sempre altamente perigoso na vida.

Que soubesse, e o seu saber era enciclopédico, nenhum raptor moderno conseguira resolver satisfatoriamente o problema da entrega do resgate. Não se quisesse ver o seu trabalho bem pago... e ele queria uma soma muito elevada pelos seus miúdos de milhões.

«Eles já vão ver o dinheiro que eu quero, »

Este pensamento fê-lo sorrir. Claro que os vencedores Dune e os poderosos Goldberg podiam pagar, e pagariam. Não fora por acaso que escolhera estas duas famílias, com os seus fedelhos mimados e ranhosos com uma riqueza e um poder ilimitados.

Soneji acendeu uma das velas brancas que guardava na algibeira do casaco e chegou-lhe ao nariz o cheiro agradável a cera de abelhas. Depois, encaminhou-se para a casinha de banho que ficava ao lado da cozinha.

Estava a lembrar-se de uma velha canção dos Chambers Brothers, «Time». Era tempo... tempo... tempo de puxar o tapete debaixo dos pés de toda a gente. Tempo... tempo...

tempo para a sua primeira surpresasínha, a primeira de muitas. Tempo... tempo... tempo para começar a construir a sua própria lenda. Aquele era o seu filme.

O mês de Dezembro já ia avançado e fazia um frio de rachar em toda a casa. Gary Soneji via o vapor da sua respiração enquanto instalava as suas coisas na casa de banho.

Felizmente, a casa abandonada tinha água de um poço, que ainda corria na casa de banho. Água muito fria. Gary Soneji acendeu umas velas e começou a trabalhar. Ia precisar de uma boa meia hora.

Primeiro, tirou a peruca castanho-escura, que lhe dava a aparência de estar a ficar careca. Comprara-a três anos antes, numa loja de adereços de teatro, em Nova Iorque. Nessa mesma noite, fora ver o Fantasma da ópera. Adorara o musical da Broadway. Identificara-se tanto com o fantasma que até ficara assustado, e tratara logo de ler a história original, primeiro em francês e depois em inglês.

— Ora, ora, o que temos aqui? — perguntou ele ao rosto reflectido no espelho.

Sem a cola nem outros adereços, apareceu uma cabeça com muito cabelo louro, cheio de caracóis compridos.

— Mr. Soneji? engenhocas ? És tu, pá?

De facto, o aspecto não era nada mau. Boas perspectivas? Em série? Sim, em série.

«Nada como o Engenhocas. Nada como o nosso Mr. Sonejí!»

A seguir, tirou o bigode farfalhudo que Gary Soneji usava desde a sua primeira entrevista no Externato Washington. Depois, foi a vez das lentes de contacto. E a cor dos seus olhos mudou de verde para castanha.

Gary Soneji ergueu a vela até ao espelho sujo e rachado da casa de banho e limpou um canto com a manga do casaco.

— Pronto! Olha para ti. Olha só para ti. A genialidade está nos pormenores, não é?

O pãozinho sem sal do externato estava quase completamente erradicado. Banal.

Bonzinho. O Engenhocas» estava morto. Desaparecera para sempre.

Que farsa espantosa! Que plano tão ousado e tão bem executado! Era uma pena que ninguém viesse a saber o que realmente acontecera. Mas a quem poderia contá-lo?

Gary Soneji saiu da casa por volta das onze e meia da noite, ainda dentro do horário que estabelecera, e foi até uma garagem que ficava para norte.

Num sítio muito especial da garagem, escondeu cinco mil dólares das suas economias, das suas poupanças, do dinheiro que roubara ao longo dos anos — o que também fazia parte do plano. Pensamento a longo prazo.

Depois, encaminhou-se para o celeiro e para o carro. Uma vez dentro do celeiro, voltou a ver como estavam as crianças. Até ali, tudo bem.

Os miúdos não se queixaram.

O Saab arrancou e seguiu até à estrada principal só com os mínimos acesos.

Quando chegou à via principal, Soneji ligou os máximos. Ainda tinha que fazer naquela noite. Continuava a obra-prima teatral. Caramba!

O agente especial do FBI Roger Graham vivia no Manassas Park, a meio caminho entre Washington e a Academia do FBI, em Quantico. Graham era alto, de um físico impressionante e possuía cabelo curto, castanho-areia. Já trabalhara em vários casos de rapto importantes que, no entanto, nem por sombras tinham sido tão perturbadores como aquele pesadelo.

Um pouco depois da uma da manhã, Graham chegou finalmente a casa. Morava numa vivenda de estilo colonial, numa rua normal do Manassas Park. Tinha seis quartos, três casas de banho e um grande jardim com perto de oito mil metros quadrados.

Infelizmente, aquele não fora um dia normal. Graham sentia-se cansado, completamente esgotado. Perguntava muitas vezes a si próprio porque seria que não assentava e escrevia outro livro. Podia reformar-se do FBI e tratar de conhecer melhor os três filhos, antes de estes saírem de casa...

A rua do Manassas Park estava deserta. Luzes de alpendres brilhavam ao longo da estrada, constituindo uma visão reconfortante e amigável. Apareceram uns faróis no espelho retrovisor do Ford Bronco de Graham.

Um segundo carro parara em frente da sua casa; tinha os faróis acesos. Saiu dele um homem, que agitou na mão um bloco de apontamentos.

— Agente Graham? Martin Bayer, New York Times — gritou o homem, subindo a vereda que dava para a casa e mostrando a credencial da imprensa.

«Valha-me Deus! Raios partam o New York Times», pensou Graham com os seus botões. O repórter envergava um fato escuro com camisa e gravata às risquinhas.

Era um verdadeiro yuppe nova-iorquino em serviço. Todos aqueles idiotas do Times e do Post eram iguais para Graham. Já não havia entre eles um verdadeiro repórter.

— Veio de muito longe, ainda por cima a estas horas, só para ouvir que não faço comentários, Mister Bayer. Lamento imenso, mas não posso falar do rapto — disse Roger Graham. — Aliás, a verdade é que não há mesmo nada a dizer.

Não lamentava coisa nenhuma, mas quem precisava de inimigos no New York Times?

Os filhos da mãe eram capazes de lhe atravessar a cabeça de um ouvido ao outro com as suas canetas envenenadas.

— É só uma pergunta. Sei que não é obrigado a responder, mas é muito importante para mim. Tão importante que até vim aqui à uma da manhã.

— Está bem. Diga lá. Qual é a sua pergunta? — Graham fechou a porta do Bronco, trancou-a, atirou as chaves ao ar e apanhou-as.

— Vocês são todos assim tão incrivelmente sonsos e estúpidos? inquiriu Gary Soneji. — É esta a minha pergunta, seu parvo.

Uma faca comprida e afiada brilhou uma e outra vez, quando a lâmina entrou e saiu do pescoço de Roger Graham.

A primeira investida fê-lo encostar-se ao Ford Bronco. A segunda cortou-lhe a carótida.

Graham caiu morto no jardim. Não tivera tempo para se desviar, nem correr ou dizer uma oração.

— Parece que és uma estrela, Roger. Querias ser tu a estrela, não era? Não vejo nada que se pareça. Nada de nada — comentou Soneji.

— Devias ser muito melhor do que isto. É que eu preciso de ser desafiado pelos melhores, pelos mais inteligentes.

Soneji inclinou-se e meteu um cartão no bolso da camisa branca do agente Graham; depois, deu umas palmadinhas no peito do morto.

— Achas que um repórter do New York Times ia aparecer aqui a uma da manhã só para falar contigo, meu idiota arrogante?

Soneji meteu-se no carro e afastou-se do local. A morte do agente Graham não era nada de especial para ele. Nem por isso. Matara mais de duzentas pessoas antes dele. A prática leva à perfeição. E também não seria a última vez.

No entanto, aquilo poria toda a gente alerta. Só esperava que tivessem alguém melhor de reserva. De contrário, onde estava o gozo, o desafio? Como poderia aquilo tornar-se mais importante do que o rapto Lindbergh?

Eu já estava a ficar emocionalmente ligado às crianças raptadas. Nessa primeira noite, o meu sono foi leve e agitado. Em sonhos, revivi varias cenas no externato e vi muitas vezes Mustaf Sanders, cujos olhos tristes me fitavam pedindo ajuda e a quem eu não conseguia dar nenhuma.

Quando acordei encontrei os meus dois filhos na cama comigo. Deviam ter-se esgueirado para «bordo» durante a madrugada. É uma das partidinhas que adoram fazer ao seu «Paizão».

Damon e Janelle dormiam a sono solto por cima de uma colcha de retalhos. Na noite anterior, sentia-me tão cansado que nem a puxara para baixo. A dormir, devíamos parecer dois anjos... e um cavalo esgotado.

O Damon é um encantador rapazinho de seis anos, que me faz sempre lembrar como a mãe era especial. Tem os olhos da Maria. A Janelle é a outra menina dos meus olhos. Tem quatro anos. Gosta de me chamar «Paizão», o que deve ser uma espécie de calão preto que conseguiu inventar. Se calhar, noutra vida conheceu a estrela de futebol «Paizão» Lipscomb.

Em cima da cama encontrava-se também um exemplar do livro que William Styron escreveu sobre a sua depressão, *Darkness Visible*. Esperava que ele me ajudasse a ultrapassar a minha própria depressão... que não me largava desde o assassinio da Maria.

Fora há três anos, mas pareciam vinte.

O que, na verdade, me acordou nessa manhã foram luzes de faróis entrando pela persiana da janela. Ouvi a porta de um carro fechar-se com estrondo e o som de pés apressados esmagando as pedrinhas do caminho. Com cuidado para não acordar os miúdos, fui até à janela do quarto.

Quando espreitei, vi dois carros-patrulha de DC estacionados atrás do velho Porsche.

Lá fora devia fazer um frio de rachar. Estávamos mesmo a entrar no pico do Inverno em DC.

— Por favor! — murmurei para as persianas geladas. — Vão-se embora.

O Sampson dirigia-se para a porta das traseiras, que dava para a cozinha. o relógio ao lado da cama marcava cinco menos vinte. Horas de ir trabalhar!

Ainda antes das cinco dessa mesma manhã, eu e o Sampson paramos o carro à frente de um edifício estragado, de antes da guerra, construído em pedra avermelhada. Ficava em Georgetown, um quarteirão a oeste da M Street. Tínhamos decidido fazer nós próprios uma busca ao apartamento do Soneji. A única maneira de conseguirmos que as coisas se façam imediatamente é fazermo-las nós próprios.

— As luzes estão todas acesas. Parece que está alguém em casa observou o Sampson, enquanto saíamos do carro. — Quem será?

— Tens três hipóteses para adivinhar. As duas primeiras não contam — resmunguei, com o mau humor típico da madrugada. Aliás, a visita à toca do monstro não ia ajudar em nada.

— O FBI. Talvez o Efrem Zimbalist, Jr., lá esteja — sugeriu Sampson. — Se calhar, estão a filmar Histórias Verdadeiras do FBI.

— Vamos ver.

Entramos no prédio e subimos os estreitos lanços de escada. No segundo andar, a assinalar o apartamento de Soneji, havia uma cruz de fita adesiva amarela colada na porta.

Não parecia nada um sítio onde um engenhocas vivesse. Era mais ao estilo de um Richard Ramirez ou de algum assassino de Green River.

A porta riscada, de madeira, estava aberta. Vi dois técnicos do FBI a trabalhar lá dentro. Um apresentador local chamado «Homem-Graxa» guinchava num aparelho de rádio pousado no chão.

— Olá, Pete, como vai isso? — cumprimentei para dentro. Conhecia um dos técnicos do FBI que lá estavam, Pete Schweitzer, que ergueu os olhos ao som da minha voz.

— Olha quem eles são! Bem-vindos a este sacrário.

— Viemos para te chatear — observou o Sampson. Ambos já tínhamos trabalhado com o Pete Schweitzer, de quem gostávamos e em quem confiávamos tanto quanto é possível, tratando-se de um membro do FBI.

— Entrem e fiquem à vontade na mansão Soneji. Este gajo aqui é o Todd Toohey, que procura e embala caganitas de mosca. O Todd gosta de ouvir o Homem-Graxa. Estes dois são vampiros como nós, Toddie.

— Os melhores — acrescentei para Todd Toohey, começando a examinar o apartamento.

Tudo me parecia outra vez irrereal. Sentia um buraco frio e húmido dentro da cabeça. Que tempos fantasmagóricos!

O pequeno estúdio estava todo desarrumado. A mobília não era muita: um colchão no chão, uma mesa e um candeeiro e um sofá

que parecia ter sido recuperado da rua. Mas o chão estava juncado de várias coisas.

Lençóis, toalhas e roupa interior amarrotada contribuía, em grande parte, para o caos geral. Estavam espalhados pelo chão dois ou três montes de roupa suja. No entanto, eram os livros e as revistas que faziam maior a confusão. No pequeno estúdio, encontravam-se empilhadas várias centenas de livros e pelo menos outro tanto de revistas.

— Alguma coisa de interessante até agora? — perguntei ao Schweitzer. — Viste os livros e as revistas?

O Schweitzer respondeu-me sem tirar os olhos de uma pilha de livros que inspeccionava:

— Tudo é interessante. Vai ver os livros que estão perto da parede. E não te esqueças de que o nosso amigo limpou o apartamento todo antes de se pôr a andar.

— Fez bom trabalho? À tua altura?

— Excelente. Nem eu teria feito muito melhor. Não há impressões digitais em lado nenhum. Nem sequer num único destes benditos livros.

— Se calhar, lê com luvas de plástico — sugeri.

— É bem possível. O apartamento foi limpo por um profissional, Alex.

Agachei-me perto de várias pilhas de livros e os títulos das lombadas. Eram, sobretudo, ensaios dos últimos cinco anos.

— Um fã do crime a sério! — comentei.

— Há imensas histórias de raptos — observou o Schweitzer, levantando a cabeça e apontando. — A secção de raptos fica ali, à direita da cama, perto do candeeiro.

Encaminhei-me para lá e olhei para os livros, na sua maior parte roubados da biblioteca de Georgetown. Devia ter, portanto, uma identificação qualquer que lhe permitisse o acesso.

Seria um antigo estudante? Ou um professor universitário? Havia várias folhas impressas coladas na parede nua, por cima da sua literatura sobre raptos. Comecei a ler as listas.

Aldo Moro. Raptado em Roma. Cinco guarda-costas mortos durante o rapto. O corpo de Moro é encontrado num carro abandonado.

Jack Teich, libertado contra o pagamento de setecentos e cinquenta mil dólares.

J. Reginald Murphy, editor da Atlanta Constitution, libertado contra o pagamento de setecentos mil dólares.

J. Paul Getty III, libertado no Sul de Itália, contra o pagamento de dois milhões e oitocentos mil dólares de resgate.

Mrs. Virginia Piper, de Minneapolis, libertada depois de o seu marido pagar um milhão de dólares.

Victor E. Samuelson, libertado na Argentina contra o pagamento de catorze milhões e duzentos mil dólares de resgate.

Assobiei ao ter as somas da sua lista. Quanto iria pedir pela Maggie Rose Dune e pelo Michael Goldberg?

O apartamento era mesmo pequeno e não havia muito espaço para o Soneji apagar as impressões digitais. No entanto, o Schweitzer afirmava que ele não deixara nenhuma pista.

Teria sido polícia? Era uma das maneiras de planear um crime e de ter, talvez, mais hipóteses de escapar.

— Anda cá. — o Sampson estava na casa de banho que ficava ao lado do minúsculo estúdio.

As paredes estavam cobertas de fotografias tiradas de revistas, jornais, capas de discos e livros.

Deixara-nos uma última surpresa. Não havia impressões digitais, mas rabiscara uma mensagem. Por cima do espelho, encontrava-se uma frase impressa: QUERO SER ALGUÉM!

Nas paredes, havia uma exposição. Vi River Phoenix. E Matt Dillon. Fotografias dos livros de Helinut Newton. Reconheci o assassino de Lennon, Mark David Chapin. E Axi Rose. Pete Rose também estava na parede. E Neon Deon Sanders. Wayne Williams. E

histórias de jornais: o incêndio do Happy Land Social Club, em Nova Iorque, um artigo do New York Times sobre o rapto Lindbergh; a história do rapto de Samuel Bronfinan, o herdeiro dos Seagram, e a do desaparecimento do pequeno Etan Patz.

Pensei no Soneji, o raptor sozinho no seu apartamento desolado. Limpava cuidadosamente tudo o que pudesse conter impressões digitais.

O estádio era pequeno e de uma austeridade monástica. Gostava de ler ou, pelo menos, de estar rodeado de livros. Depois, havia a sua galeria de fotografias. O que nos dizia? Pistas? Verdadeiras ou falsas?

Pus-me à frente do espelho que ficava por cima do lavatório e olhei para ele, como sabia que ele fizera muitas, muitas vezes. O que devia eu ver? O que vira o Gary Soneji?

— Esta era a fotografia dele na parede... a cara que aparecia neste espelho — teorizei para o Sampson. — Era a fotografia-chave, o centro. Ele quer ser a estrela no meio disto tudo.

O Sampson estava encostado a uma parede cheia de fotografias e recortes de jornais: — Por que é que não há impressões digitais, doutor Freud?

— Ele deve saber que temos as impressões digitais dele, o que me faz pensar que talvez andasse disfarçado no externato. Se calhar, maquilhava-se aqui antes de ir dar aulas. É

possível que tenha sido actor. Acho que ainda não lhe vimos a cara.

— Desconfio que o rapaz tem grandes planos. Quer mesmo ser uma estrela — disse o Sampson.

Quero ser alguém!

Maggie Rose Dune acordou do sono mais estranho de toda a sua vida. Tivera sonhos horríveis e indescritíveis.

Parecia-lhe que tudo à sua volta se movia em câmara lenta. Tinha sede. Precisava urgentemente de fazer chichi.

«Sinto-me tão cansada esta manhã, mamãe. Por favor! Não me quero levantar. Hoje não quero ir às aulas. Por favor, mamãe. Não me sinto bem. A sério que não, mamãe.»

Maggie Rose abriu os olhos. Pelo menos, pensava que tinha aberto os olhos, mas não via nada. Nada de nada.

— mamãe! mamãe! mamãe! — gritou Maggie por fim, sem conseguir deixar de berrar.

Durante pelo menos uma hora, flutuou na semiconsciência. Sentia-se muito fraca. Flutuava como uma folha levada pela corrente de um grande rio, que a arrastava ao sabor das suas águas.

Pensou na mãe. Saberla que ela desaparecera? Andaria a sua procura? Tinha de andar.

Se calhar, alguém lhe tirara as pernas e os braços, porque não os sentia. Devia ter sido há muito tempo.

Estava escuro. Devia estar enterrada no chão. Devia estar a apodrecer e a ficar um esqueleto. Seria por isso que não sentia os braços e as pernas?

«Vou ficar assim para sempre?» Não ia aguentar; e começou outra vez a chorar.

Estava tão confusa! Nem conseguia pensar. No entanto, conseguia abrir e fechar os olhos.

Pelo menos, achava que conseguia. Mas tanto fazia que os tivesse fechados como abertos. A escuridão era sempre a mesma. Se abrisse e fechasse os olhos muitas vezes e muito depressa, conseguia ver cores. Por isso, dentro da escuridão, começou a ver riscas e pontos de cor. Sobretudo vermelhos e amarelo-vivos.

Estaria amarrada? Seria o que fariam às pessoas dentro dos caixões? Amarrariam as pessoas? Para quê? Para as impedir de saírem do chão? Para lhes manter a alma debaixo da terra por toda a eternidade?

De repente, lembrou-se de uma coisa! Mr. Soneji! Um pouco da névoa que a rodeava desvaneceu-se durante um segundo.

Mr. Soneji tirara-a do externato! Quando fora isso? Porquê? Onde estaria ele agora? E

Michael? O que acontecera a Michael? Tinham saído juntos do externato. Até aí, ainda se lembrava.

Nessa altura, mexeu-se, e aconteceu uma coisa espantosa: descobriu que conseguia rolar. Foi o que Maggie Rose fez. Rolou e, de repente, foi contra qualquer coisa.

Já conseguia sentir o corpo todo outra vez. Ainda tinha um corpo capaz de sentir. De certeza absoluta que tinha um corpo e que não era um esqueleto.

E então gritou!

Rolara para cima de alguém ou de alguma coisa. Estava mais alguém ali no escuro com ela.

— Michael?

Tinha de ser Michael.

— Michael? — A voz de Maggie era quase um sussurro. — Michael? És tu?

Esperou por uma resposta.

— Michael? — murmurou mais alto. — Michael, vá lá. Diz alguma coisa.

Fosse quem fosse, não respondia, o que era mais assustador do que estar sozinha.

— Michael... Sou eu... Não tenhas medo... Sou a Maggie... Michael, acorda, por favor..

Oh, Michael, por favor.. Por favor, «Encolhido». Aquilo que eu disse dos teus sapatos era só a brincar. Vá lá, Michael. Diz qualquer coisa, «Encolhido». Sou eu, a «Patarata».

A mansão dos Dune era aquilo a que os agentes imobiliários locais poderiam chamar «casa de estilo neoclássico» ou «neo-isabelino». Nem eu nem o Sampson tínhamos visto muitas na zona sudeste de DC.

Por dentro, tinha a serenidade e a diversidade que devem ser vulgares entre os ricos.

Via-se uma quantidade de «coisas» caras: placas decorativas art déco, biombos orientais, um relógio de Sol francês, um tapete do Turquestão, aquilo que parecia uma mesa de altar chinesa ou japonesa. Veio-me à ideia uma frase de Picasso: «Dêem-me um museu, que eu encho-o.»

Havia uma casa de banho pequena ao lado de uma das salas de estar formais. O

comandante George Pittman agarrou-me e puxou-me lá para dentro poucos minutos depois de eu ter chegado. Eram mais ou menos oito horas. Muito cedo para aquilo.

— O que pensa que está a fazer? — perguntou-me. — Que ideia é a sua, Cross?

O aposento era mesmo apertado, com pouco espaço para dois homens adultos e bem constituídos. Aliás, também não era uma casa de banho vulgar. O chão estava coberto por um tapete Willíam Morris e, a um canto, encontrava-se uma cadeira assinada.

— Queria ver se arranjava um café e, depois, ia participar na reunião — respondi-lhe.

Apeteceu-me tanto sair daquela casa de banho!

— Não brinque comigo. — Começou a elevar a voz. — Não brinque comigo!

«Ai, ai, não faça isso», tive vontade de lhe dizer. «Não faça cenas aqui.» Pensei em meter-lhe a cabeça na retrete, só para o calar.

— Ou fala baixo ou vou-me embora — ameacei. Regra geral, tento sempre agir de uma forma razoável e correcta. É um dos meus defeitos.

— Não me diga para falar baixo. Quem é que o mandou ir para casa ontem à noite? A si e ao Sampson? E quem é que o mandou ir ao apartamento do Soneji hoje de manhã?

— É esse o seu problema? É por isso que estamos aqui agora? perguntei.

— Claro que sim. Sou eu que dirijo esta investigação, o que significa que, se você quiser atar um sapato, tem de me pedir autorização primeiro.

Ri-me. Não consegui evitar.

— De onde é que tirou essa frase? Foi o Lou Gossett que a disse em Oficial e Cavaleiro?

— Acha isto muito divertido, não é Cross?

— Não, não acho. Acho que não tem até graça nenhuma. Bom, agora deixe-me em paz e não me faça perder a cabeça — avisei-o.

Saí da casa de banho. O comandante não foi atrás de mim. Sim, há quem consiga provocar-me. Mas não, aquele idiota não devia meter-se comigo.

Pouco depois das oito, a Equipa de Salvação de Reféns estava, finalmente, reunida numa grande sala de estar decorada com requinte. Senti logo que havia qualquer coisa que não estava bem. Havia alguma coisa no ar..

Jezzie Flanagan, dos Serviços Secretos, assumira o comando da situação. Lembrava-me dela do dia anterior, no externato. Estava em frente de uma lareira acesa cujo rebordo se encontrava enfeitado com ramos de azevinho, pequenas luzes brancas e cartões de Natal.

Viam-se postais não tradicionais, obviamente enviados por amigos dos Dune que viviam na Califórnia: fotografias de palmeiras decoradas e do trenó do Pai Natal deslizando nos céus de Malibu.

Os Dune tinham-se mudado recentemente para Washington, onde Thomas Dune assumira o cargo de director da Cruz Vermelha.

Jezzie Flanagan estava com um aspecto mais formal do que quando a vira no externato. Tinha uma saia larga, cinzenta, uma camisola de gola alta preta e uns brincos pequenos de ouro. Parecia uma advogada de Washington... uma atraente e muito bem sucedida advogada.

— O Soneji contactou-nos ontem à meia-noite e, depois, por volta da uma da manhã.

Não esperávamos que o fizesse tão cedo. Ninguém o esperava — começou.

— O primeiro telefonema foi feito da zona de Arlington. O Soneji afirmou claramente que não falava das crianças, salvo para dizer que tanto a Maggie Dune como o Michael Goldberg estão bem. Que mais? Que não nos deixava falar com os pequenos; portanto, não sabemos se é verdade. Parecia lúcido e muito senhor de si.

— A gravação da voz dele já foi analisada? — perguntou Pittman, sentado à frente. Se eu e o Sampson éramos obrigados a ver as coisas de fora, era bom sabermos que o comandante Pittman estava ali connosco. Ao que parecia, também mais ninguém falava com ele.

— Está a ser analisada — respondeu delicadamente Flanagan, dando à pergunta a atenção que ela merecia (foi o que achei), mas evitando condescendências. Ao que parecia, sabia controlar-se muito bem.

— Quanto tempo esteve em linha? — perguntou o advogado Richard Galletta.

— Não muito, infelizmente. Trinta e quatro segundos — retorquiu Flanagan, com a mesma cortesia eficiente. Fria, mas agradável. Esperta. Estudei-a. Era óbvio que se sentia bem perante uma plateia. Tinha ouvido dizer que ela conseguira uma posição importante devido a algumas partidas bem jogadas dentro dos Serviços, nos últimos anos, o que significava que era muito bem vista.

— Já tinha desaparecido há muito tempo quando chegamos à cabina telefónica de Arlington. Não era possível termos logo tanta

sorte continuou, esboçando um sorriso que vários dos homens ali presentes lhe devolveram.

— Porque é que acha que ele fez o telefonema? — perguntou da parte de trás da sala o chefe da Polícia, que era careca e obeso e estava a fumar cachimbo.

Flanagan suspirou:

— Deixem-me continuar, por favor. Infelizmente, não foi só o telefonema. Ontem à noite, o Soneji assassinou o agente do FBI Roger Graham. Foi no jardim da casa do Graham, em Virgínia.

É difícil abalar um grupo experiente como o que se encontrava reunido em casa dos Dune, mas a notícia do assassínio de Roger Graham conseguiu-o. A mim, fez tremer-me os joelhos. Eu e o Roger tínhamos passado alguns maus bocados juntos nos últimos anos.

Sempre que trabalhava com ele, sabia que tinha as costas protegidas. Não é que precisasse de outra razão para querer apanhar o Gary Soneji, mas aquela era das fortes. O Soneji sabia? Se sim, o que significaria isso? Sendo psicólogo, aquele assassínio horrorizou-me e disse-me que o Soneji era organizado, que estava suficientemente confiante para brincar connosco e disposto a matar. Não era um bom presságio para a Maggie Rose Dune e o Michael Goldberg.

— Deixou-nos uma mensagem muito explícita — continuou Flanagan. — Estava impressa num cartão parecido com as fichas que se usam nas bibliotecas e era para todos nós. Dizia: O parvo do Roger Graham achava que era uma grande coisa. Pelos vistos, não era. Se trabalha neste caso, fique a saber que corre um sério perigo!... o bilhete estava assinado. Ele auto-denomina-se «o Filho de Lindbergh».

A cobertura jornalística do rapto foi logo feita com muito veneno. O título da primeira página de um vespertino dizia:

GUARDA-COSTAS DOS SERVIÇOS SECRETOS SAÍRAM PARA TOMAR CAFÉ.

A imprensa ainda não soubera do Roger Graham, porque estávamos a tentar ponderar primeiro a situação.

Nessa manhã, os jornais só falavam de como os agentes dos Serviços Secretos Charles Chakely e Michael Devine tinham

abandonado os seus postos no externato. De facto, haviam saído durante as aulas, para tomarem o pequeno-almoço, o que se fazia muito no seu tipo de trabalho. No entanto, aquele intervalo para o café ia sair-lhes caro. Era provável que lhes custasse o emprego e, posteriormente, a carreira profissional.

Noutra frente, o comandante Pittman não andava a ligar-nos muito, nem a mim nem ao Sampson. Isto durou dois dias. Trabalhando por nossa conta, concentrámo-nos na pista ténue deixada por Gary Soneji. Eu percorri as lojas que vendiam maquilhagens e produtos para disfarces. O Sampson foi à biblioteca de Georgetown, mas ninguém vira o Soneji. Aliás, nem sequer tinham dado pelo roubo dos livros.

O tipo conseguira mesmo desaparecer, mas o que perturbava mais era que parecia nunca ter existido antes de aceitar o emprego no Externato Washington. Falsificara os registos de emprego e forjara várias recomendações, o que não era de admirar. Dera cada passo com uma Mestria que nunca nenhum de nós vira em casos de fraude ou de burla. Não deixara pistas. E mostrara um enorme desplante e uma autoconfiança ilimitada ao candidatar-se para dar aulas no externato. Do emprego que, supostamente, tivera antes, haviam contactado o Externato Washington, recomendando-o vivamente, pois ia mudar-se para a zona de Washington. Também lá tinham chegado recomendações por fax da Universidade da Pensilvânia. Depois de duas entrevistas, no externato desejaram tanto que aquele professor bem-apegoado pertencesse aos seus quadros (e haviam sido levados a acreditar que estavam em competição com outros colégios particulares de Dc) que o tinham contratado de imediato.

— E nunca nos arrependemos de o ter contratado... até hoje, claro — admitiu o vice-reitor.

— Ele era ainda melhor do que esperávamos. Se nunca foi realmente professor de Matemática antes de vir para aqui, então tiro-lhe o chapéu, porque é um actor soberbo.

Na tarde do terceiro dia, Don Marming, um dos braços direitos de Pittman, mandou-me ir interrogar e avaliar Katherine Rose Dune e o marido. Eu já tentara falar sozinho com os Dune, mas não conseguira nada.

Encontrei-me com Katherine e Thomas Dune no jardim das traseiras da sua casa. Um muro de pedra de três metros de altura e uma fila de enormes tílias mantinham eficazmente à distância o mundo exterior. Na verdade, o jardim era formado por vários jardinzinhos separados por muros de pedra e pelos meandros de um regato. Os jardins eram tratados por um jovem casal de Potomac que, ao que parecia, vivia muito bem a cuidar dos canteiros e relvados da cidade. Não havia dúvida de que os jardineiros ganhavam mais do que eu.

Katherine Rose envergava um velho poncho de pele de camelo por cima da camisola com decote em V e das calças de ganga. Enquanto caminhávamos todos juntos pensei que, provavelmente, tudo o que usasse lhe ficaria bem.

Lera recentemente, não sei onde, que Katherine Rose ainda era considerada das mulheres mais bonitas do mundo. Só rodara meia dúzia de filmes desde que tivera Maggie Rose mas, tanto quanto me era dado ver, não perdera nem um bocadinho da sua beleza.

Nem sequer naqueles terríveis momentos de ansiedade.

Conhecera o marido, Thomas Dune, em Los Angeles, onde este era um advogado muito falado pelas suas implicações nos movimentos Greenpeace e Salvem a Terra. A família mudara-se para Washington quando ele se tornara director da Cruz Vermelha americana.

— Já trabalhou noutros raptos, detetive? — quis saber Thomas Dune, que estava a tentar perceber a minha posição. Eu seria importante? Daria alguma ajuda à sua filhinha? Foi um tanto brusco, mas suponho que era natural, dadas as circunstâncias.

— Em cerca de uma dúzia — respondi. — Podem falar-me um bocadinho da Maggie?

Talvez nos ajude. Quanto mais soubermos, mais hipóteses teremos de a encontrar.

Katherine Rose assentiu com a cabeça:

— Claro que sim, detetive Cross. Sempre tentamos educar a Maggie o mais normalmente possível — afirmou. — Foi essa uma das razões que nos levou a decidirmos vir para o Leste.

— Não sei se Washington é um sítio normal para se crescer. Isto não é exactamente o Paraíso. — Sorri para os dois. Não sei porquê,

a minha afirmação começou a derreter o gelo entre nós.

— Comparado com Beverly Hills, até é muito normal — retorquiu Tom Dune. — Acredite.

— Já nem sequer sei o que significa a palavra «normal» — acudiu Katherine. Os seus olhos pareciam azul-acinzentados e penetravam-nos quando nos aproximávamos dela.—

Suponho que «normal» corresponde a alguma imagem antiquada que eu e o Tom temos na cabeça. A Maggie não é mimada. Não é criança para dizer «A Suze tem isto» ou «Os pais do Casey compraram-lhe aquilo», nem tem a mania que é boa. É assim, «normal», uma rapariguinha como as outras, detetive.

Enquanto Katherine Rose falava carinhosamente da filha, dei comigo a pensar nos meus filhos e, especialmente, na Janelle. A Janelle também era «normal»; isto é, era equilibrada, amorosa e muito pouco mimada. Encontrando semelhanças entre as nossas filhas, dei ainda mais atenção ao que me diziam acerca da Maggie Rose.

— É muito parecida com a Katherine — afirmou Thomas Dune, fazendo uma revelação que achava importante. — A Katherine é a pessoa menos egoísta que conheço. Acredite que é muito difícil ser-se como ela é depois das adulações e das críticas infundadas de Hollywood.

— Porque é que lhe chamaram Maggie Rose? — perguntei a Katherine Rose.

— Foi obra minha. — Thomas Duruie revirou os olhos para cima. Reparei que gostava de falar pela mulher. — Foi uma alcunha que pegou, logo da primeira vez que as vi juntas no hospital.

— O Tom chama-nos «As Rosinhas» e «As Irmãs Rosas». Quando trabalhamos lá fora, é no Jardim das Rosas». Quando discutimos, é A Guerra das Rosas». E por aí fora.

Amavam muito a filhinha. Via-se em cada palavra que proferiam sobre a Maggie.

O Soneji, ou lá qual era o seu verdadeiro nome, escolhera bem. Era mais uma jogada perfeita da sua parte. Fizera os trabalhos de casa com muito brio. Uma estrela de cinema famosa e um advogado respeitável, Pais amorosos. Dinheiro. Prestígio. Talvez ele gostasse dos filmes dela. Tentei lembrar-me se Katherine Rose

desempenhara algum papel que pudesse mexer com ele. Não tinha ideia de ter visto fotografias dela no seu apartamento.

— Disse que queria saber como é que a Maggie reagiria nestas circunstâncias terríveis—

continuou Katherine. — Porquê, detetive Cross?

— Pelo que os professores nos disseram, sabemos que ela é bem comportada. Pode ter sido por isso que o Soneji a escolheu — repliquei, fazendo-me de ingénuo. — Que mais me podem dizer? Façam associações livres de tudo o que puderem.

— A cabeça da Maggie tem um lado muito sério... muito rigoroso, muito cumpridor.. e outro cheio de fantasias — voltou Katherine. Tem filhos? — perguntou-me.

Estremeci. Estava outra vez a pensar na Janelle e no Damon. Paralelismos.

— Dois. E também trabalho com crianças nos bairros pobres. A Maggie tem amigos no externato?

— Montes de amigos — respondeu o pai. — Gosta de crianças com muitas ideias, e pouco egocêntricas. A única excepção é o Michael, que só vê o próprio umbigo.

— Fale-me dos dois, da Maggie e do Michael.

Katherine Rose sorriu pela primeira vez desde que estávamos a conversar. Era tão estranho presenciar um sorriso que vira tantas vezes no cinema! Agora, via-o ao vivo. Fiquei hipnotizado. Sentime um pouco envergonhado e pouco à vontade por ter uma reacção assim.

— São muito amigos desde que viemos para cá. Fazem um par estranhíssimo, mas são inseparáveis — disse ela. — Às vezes, chamamos-lhes «o Roque e a Amiga».

— Qual pensam que será a reacção do Michael nestas circunstâncias? — perguntei.

— É difícil dizer. — Thomas Dune abanou a cabeça. Parecia um homem muito impaciente. Provavelmente, estava habituado a ter o que queria, quando queria. — o Michael tem de ter sempre um «plano». A vida dele é muito disciplinada, muito estruturada.

— E os problemas físicos dele? — Eu sabia que o Michael nascera com dificuldades respiratórias, Ainda tinha um pequeno sopro no coração.

Katherine Rose encolheu os ombros. Ao que parecia, o problema não era grave: — Às vezes, fica cansado. É um tudo-nada pequeno para a idade. A Maggie é maior do que o Michael.

— Chamam-lhe «Encolhido» e acho que ele gosta. Isso fá-lo pertencer mais ao grupo—

informou Tom Dune. — Basicamente, é uma criança sobredotada. A Maggie chama-lhe génio, o que o descreve bastante bem.

— O Michael é mesmo um génio.

— Como é que ele é quando fica cansado? — insisti, pensando numa coisa que Katherine dissera e que talvez fosse importante. — Costuma irritar-se?

Katherine pensou na pergunta antes de responder: — Fica só cansado. De vez em quando, dormita. Uma vez... lembro-me de que adormeceram os dois perto da piscina. Faziam um par tão estranho ali estendidos na relva!

Duas crianças pequenas...

Fitou-me com aqueles seus olhos cinzentos e começou a chorar. Estivera a esforçar-se por se controlar, mas, por fim, teve de dar largas à sua aflição.

Por muito relutante que me tivesse mostrado ao princípio, começava a entregar-me de alma e coração àquele caso terrível. Tinha pena dos Dune e dos Goldberg. Estabelecera ligações entre a Maggie Rose e os meus filhos. Achava-me implicado de uma forma que nem sempre ajuda muito. A cólera que sentira relativamente ao assassino dos bairros pobres estava a ser transferida para o raptor daqueles dois pequenos inocentes... Mr. Soneji... o Engenhocas».

Apeteceu-me consolá-los, dizer-lhes que tudo acabaria em bem. Como queria convencer-me a mim próprio de que tudo acabaria em bem! Mas nem por sombras tinha a certeza disso...

Maggie Rose ainda acreditava que estava na sua própria campa. Aquilo não era arrepiante nem horrível, mas um milhão de vezes pior do que qualquer pesadelo que pudesse imaginar. E a imaginação de Maggie era bem fértil. Conseguia enojar ou espantar os amigos sem qualquer problema.

Seria noite? Seria dia?

— Michael? — gemeu debilmente. A boca e, especialmente, a língua pareciam-lhe de algodão. Sentia a boca incrivelmente seca. Tinha tanta sede! Às vezes, engasgava-se com a língua e imaginava que a engolia. Nunca ninguém tivera tanta sede. Nem mesmo nos desertos do Iraque ou do Kuwait.

Maggie Rose continuava a adormecer e a acordar. Os sonhos assaltavam-na constantemente. Naquele momento, estava a começar um. Alguém batia numa pesada porta de madeira ali perto.

Fosse quem fosse, pronunciou o seu nome:

— Maggie Rose... Maggie Rose, responde!

Nessa altura, Maggie deixou de ter a certeza de que aquilo era um sonho.

Estava ali alguém. Estaria alguém a violar-lhe a campa? Seriam a mãe e o pai? Ou a polícia?

De repente, a luz vinda de cima cegou-a! Maggie Rose tinha a certeza de que era mesmo luz. Era como se estivesse a olhar directamente para as lâmpadas, que se apagaram ao mesmo tempo.

O seu coração bateu tanto e tão depressa que Maggie Rose percebeu que devia estar viva. Num lugar terrível, terrível. Alguém a pusera lá.

Maggie Rose sussurrou para a luz:

— Quem é? Quem está aí? Quem está aí em cima? Estou a ver uma cara!

A luz era tão brilhante que, no fundo, Maggie Rose não via nada. Pela segunda ou terceira vez, passara de uma escuridão de breu para uma claridade que cegava.

Então, a silhueta de alguém tapou quase toda a luz. Maggie ainda não conseguia ver quem era. A luz irradiava por detrás da pessoa. Maggie cerrou os olhos com força e abriu-os novamente. Fez o mesmo várias vezes.

Na verdade, não conseguia ver nada, não lograva focar quem nem o que seria. Tinha de continuar a pestanejar. Quem quer que estivesse lá em cima, havia de vê-la a pestanejar, sabendo, assim, que estava viva.

— Mister Soneji? Ajude-me, por favor — tentou dizer. Tinha a garganta tão seca! A voz saiu-lhe rouca e irreconhecível.

— Caluda! Caluda! — gritou uma voz lá de cima. Estava alguém lá em cima! Alguém que podia tirá-la dali. Parecia... a voz de uma mulher muito velha.

— Ajude-me, por favor. Por favor! — suplicou Maggie. Apareceu uma mão, que a esbofeteou com força.

Maggie desatou a chorar. Estava mais assustada do que ferida, mas a bofetada também lhe doera. Nunca ninguém lhe batera. Sentia um grande zumbido na cabeça.

— Pára de chorar! — A voz espectral estava mais perto.

Então, a pessoa desceu à sepultura e ficou por cima dela. Chegou-lhe ao nariz o cheiro a corpo mal lavado e a mau hálito. Estava a ser impedida de se levantar e sentia-se muito fraca para lutar.

— Não lutes contra mim, filha da mãe! Nunca lutes contra mim! Quem pensas que és, filha da mãe? Nunca me levantes a mão! Ouves? Nunca!

Meu Deus, o que era aquilo?

— És a famosa Maggie Rose, não és? A fedelha rica e mimada! Deixa-me dizer-te um segredo, o nosso segredo: vais morrer, menina rica. Vais morrer!

O dia seguinte era véspera de Natal. Mas aquela não parecia nada uma época festiva.

E as coisas iam piorar bastante até ao dia de Natal.

Nenhum de nós conseguira fazer os preparativos do costume para festejarmos com as nossas famílias, o que ainda aumentava mais a tensão de todos os membros da Equipa de Salvação de Reféns, reforçando o aspecto deprimente da sua missão. Se o Soneji escolhera aquela época por essa razão, escolhera bem. Consequira estragar o Natal de toda a gente.

Por volta das dez da manhã, desci a pé a Sorrell Avenue, em direcção à casa dos Goldberg. Entretanto, o Sampson foi à socapa trabalhar um bocadinho nos homicídios da zona sudeste. Tínhamos combinado encontrar-nos por volta do meio-dia para compararmos as nossas histórias de terror.

Falei com os Goldberg durante mais de uma hora. Não estavam a aguentar-se bem. De certa forma, eram ainda mais abertos do que Katherine e Thomas Dune. Embora sendo mais rigorosos do que os

Dune, Jerrold e Laurie Goldberg amavam muito o filho. Onze anos antes, os médicos tinham dito a Laurie Goldberg que não podia ter filhos, devido às cicatrizes que apresentava no útero. Portanto, quando engravidara do Michael, pensara que era milagre. O

Soneji saberia disto? pensei. Como seria que escolhera as suas vítimas? Porquê a Maggie Rose e o Michael Goldberg?

Os Goldberg deixaram-me ver o quarto do Michael e passar ali algum tempo sozinho.

Fechei a porta do quarto e fiquei sentado por alguns instantes. Fizera o mesmo no quarto da Maggie, em casa dos Dune.

O quarto do rapaz era espantoso. Era uma arca do tesouro de hardware e software: Macintosh, Nintendo, Prodigy, Windows... Os laboratórios AT&T tinham menos equipamentos do que o Michael Goldberg.

Nas paredes viam-se cartazes dos filmes Taboo e Honeymoon, com Katherine Rose.

Acima da cama encontrava-se um poster do vocalista dos Skid Row, Sebastian Bach. Da casa de banho do Michael espreitava uma fotografia de Albert Einstein, com um penteado punk cor de malva, e também a capa da revista Rolling Stone, com a pergunta Quem Matou Pee-Wee Herman?

Na secretária, achava-se uma moldura com a fotografia do Michael e da Maggie Rose.

De braço dado, as duas crianças pareciam os maiores amigos do mundo. O que teria inspirado Soneji? Seria qualquer coisa relacionada com aquela amizade tão especial?

Nenhum dos Goldberg chegara a conhecer Mr. Soneji, mas o Michael tinha-lhes falado muito nele. O Soneji fora a única pessoa, criança ou adulto, que conseguira derrotar Michael nos jogos Nintendo «Ultima» e «Super Mario Brothers». Aquilo sugeria que talvez o Soneji também fosse um geniozinho, um menino— prodígio, que, no entanto, não estava disposto a deixar-se vencer por um rapazinho de nove anos. Que não queria perder nem em jogos de vídeo nem em qualquer outro jogo.

Estava eu outra vez na biblioteca, com os Goldberg, olhando pela janela, quando aquele caso de rapto ficou completamente de pernas para o ar.

Vi o Sampson descer a correr a rua vindo dos Dune. A cada passo que dava, avançava cerca de um terço de um quarteirão. Saí a correr da porta da frente dos Goldberg precisamente quando o Sampson chegava ao relvado, onde travou como um jogador prestes a meter golo.

— Telefonou outra vez?

O Sampson abanou a cabeça:

— Não, mas aconteceu alguma coisa, Alex. O FBI está cheio de mistérios. Sabe de alguma coisa. Anda.

A polícia erguera uma barricada mesmo à saída da Sorrell Avenue, no fim da Plately Bridge Lane. A meia dúzia de traves de madeira da barricada impediu a imprensa de seguir os carros que saíram de casa dos Dune pouco depois das duas da tarde. Eu e o Sampson íamos no terceiro.

Setenta minutos mais tarde, as três viaturas passavam a toda a velocidade pelos outeiros baixos que rodeiam Salisbury, Maryland. Os carros desceram os meandros de uma estrada que ia dar a um parque industrial construído no meio de densos bosques de pinheiros.

Como era véspera de Natal, o complexo de aspecto contemporâneo estava deserto.

Fantasmagoricamente calmo. Relvados cobertos de neve levavam a três edifícios administrativos. já tinham chegado ao misterioso local meia dúzia de carros da Polícia e ambulâncias.

Atrás do conjunto de edifícios administrativos corria um riozinho, que tinha de desaguar na Chesapeake Bay. A água, de um castanho avermelhado, parecia poluída. Os letreiros azuis dos edifícios diziam: «Fábrica J. Cad, Grupo Raser/Becton, Techno-Sphere.»

Até ao momento, nem uma pista, nem uma palavra sobre o que acontecera no parque industrial.

Eu e o Sampson juntámo-nos ao grupo que descia para o rio. Encontravam-se lá mais quatro agentes do FBI, que pareciam preocupados. Entre o parque industrial e a água havia uma clareira de ervas fininhas, de um tom amarelo-claro, e uma faixa de terra de trinta ou quarenta metros, que ia dar mesmo ao rio. o céu estava cinzento, a ameaçar com mais neve.

Numa das margens lamacentas, uns ajudantes de xerife deitavam gesso numas pegadas. O Gary Soneji teria estado ali?

— Disseram-lhe alguma coisa? — perguntei a Jezzie Flanagan, enquanto descíamos de lado a margem íngreme e lamacenta. Os seus sapatos iam ficar estragados, mas ela nem parecia reparar nisso.

— Não. Ainda não. Por enquanto, nada! — Estava tão frustrada como eu e o Sampson.

Era a primeira oportunidade que a «Equipa» tinha de não trabalhar como tal, isoladamente. o FBI podia colaborar. Mas não. Mau sinal! Aquele início não era prometedor.

— Oxalá isto não tenha nada a ver com os miúdos — murmurou Jezzie Flanagan quando chegamos a solo mais plano.

À beira da água encontravam-se dois agentes do FBI, Reilly e Gerry Scorse. Caíam flocos de neve. Um vento gélido soprava sobre a água de um cinzento carregado, que cheirava a linóleo queimado.

Eu tinha o coração na boca. Não via nada ao longo da margem. O agente Scorse fez um breve discurso, julgo que destinado a acalmar-nos: — Ouçam, estes mistérios todos não têm nada a ver com nenhum de vocês. Como este caso tem sido alvo das atenções da imprensa, pediram-nos... aliás, ordenaram-nos... que não disséssemos nada até estarmos todos aqui. Até o podermos ver com os nossos próprios olhos.

— Ver o quê? — perguntou o Sampson ao agente especial do FBI. Vai ou não dizer-nos o que se passa? Acabe lá com essa diarreia verbal!

Scorse fez sinal a um dos agentes do FBI, a quem falou por breves instantes.

Chamava-se McGoey e trabalhava no gabinete do director, em DC andara sempre a entrar e a sair da casa dos Dune. Todos pensamos que era ele o substituto do Roger Graham, mas nunca se provou nada.

McGoey fez que sim com a cabeça e deu um passo em frente. Era gordo e de ar solene, tinha dentes grandes e cabelo branco, muito curto. Parecia um militar perto da reforma.

— Por volta da uma hora de hoje, a polícia local descobriu uma criança a flutuar no rio, e não tem maneira nenhuma de saber se é

ou não um dos pequenos raptados — anunciou McGoey.

Então, o agente McGoey fez-nos andar cerca de setenta metros pela margem lamacenta. Paramos depois de passarmos um montículo coberto de musgo e candelas. O

silêncio era total. Só se ouvia o vento assobiando sobre a água.

Por fim, percebemos porque estávamos ali, ao vermos um pequeno corpo tapado com as mantas de lã cinzenta de uma ambulância. Era a trouxa mais pequenina e mais solitária do universo!

Um dos polícias locais foi encarregue de nos dar todos os pormenores. Quando começou a falar, fê-lo em voz rouca e hesitante.

— Sou o tenente Edward Mahoney. Pertença à Polícia de Salisbury. Há cerca de uma hora e vinte minutos, um guarda da Raser/Becton descobriu aqui o corpo de uma criança.

Aproximámo-nos das mantas. O corpo jazia num montículo de erva que descia para a água salobra. Atrás e à esquerda da erva ficava um pântano de larícios, de aspecto sombrio.

O tenente Mahoney ajoelhou-se ao lado do corpo minúsculo. No sítio do joelho, a sua farda cinzenta afundou-se na lama molhada. Flocos de neve flutuavam-lhe em volta do rosto, colando-se-lhe ao cabelo e às faces.

Quase reverentemente, afastou as mantas de lã. Parecia um pai acordando suavemente o filho para uma pescaria.

Havia apenas algumas horas, estivera eu a observar uma fotografia das duas crianças raptadas. Portanto, fui o primeiro a falar por cima do corpo do rapazinho assassinado: — É o Michael Goldberg — disse baixinho, mas com nitidez. — Lamento dizê-lo, mas é o Michael. É o Encolhido, coitadinho.

Jezzie Flanagan só chegou a casa na madrugada do dia de Natal. Tinha a cabeça a girar, a explodir, de tantos pensamentos sobre o rapto.

Tinha de parar com aquelas imagens obsessivas. Ou parava os motores ou a fábrica explodia. Tinha de deixar de ser polícia. Sabia que a diferença entre ela e os outros polícias era que ela conseguia parar.

Jezzie estava a viver em Arlington com a mãe. Partilhavam um apartamentozinho muito apertado perto do Metro de Crystal City. Jezzie chamava-lhe o «apartamento suicida».

Tinham-no arranjado para viverem juntas apenas temporariamente, mas ela já lá estava havia quase um ano, ou seja, desde que se divorciara de Dennis Kelleher.

Dennis, a ameaça, encontrava-se no Norte de Jérсия e ainda continuava a tentar entrar no New York Times. No seu íntimo, Jezzie sabia que ele nunca o conseguiria. A única coisa em que Dennis sempre se destacara fora em tentar fazer Jezzie duvidar de si própria. Aí, sempre se mostrara um mestre. Mas, no fim, ela não o deixara levar a sua avante.

Trabalhava tanto nos Serviços Secretos que não arranjava tempo para se mudar do apartamento da mãe. Pelo menos, era o que dizia para consigo. Ainda não arranjava tempo para ter uma vida própria. Estava a poupar-se para alguma coisa em grande, uma mudança de vida importante. Calculava o que valia pelo menos uma vez por semana, todas as semanas. Possuía vinte e quatro mil dólares. Era tudo. Tinha trinta e dois anos. Sabia que tinha boa aparência e que era quase bonita... assim como Dennis Kelleher era quase um bom escritor.

Jezzie pensava muitas vezes que poderia ter sido uma lutadora. Quase o conseguira.

Só precisava de ter algum tempo para si e, por fim, percebera que tinha de o arranjar por si própria. Estava decidida a isso.

Bebeu uma Smithwtdch, uma óptima cerveja. A marca Smittys fora sempre o veneno preferido do pai. Depois, mordiscou uma fatia de cheddar e foi beber uma segunda cerveja para o chuveiro da casa da mãe, ao fundo do corredor Número Um. O rostinho de Michael Goldberg voltou a aparecer-lhe à frente.

Não ia permitir que lhe aparecessem mais imagens do filho dos Goldberg. Não ia sentir-se culpada, ainda que a culpa a fizesse rebentar pelas costuras...

As duas crianças haviam sido raptadas quando estavam à sua guarda. Fora assim que tudo começara — «Acaba com as Imagens! Por agora, pára com tudo!»

Irene Flanagan tossiu a dormir. A mãe trabalhara durante trinta e nove anos na C&P

Telephone. Era proprietária do apartamento de Crystal City e jogava brídege como ninguém.

Quanto a Irene, era tudo.

O pai de Jezzie fora polícia em DC durante vinte e sete anos. Terry Flanagan jogara a cartada final no seu querido posto: um ataque cardíaco na movimentada Union Station... com centenas de desconhecidos a vê-lo morrer, sem ninguém se importar muito com isso. Bem, pelo menos era essa a maneira como Jezzie costumava contar a história.

Pela milésima vez, Jezzie decidiu que, fosse como fosse, tinha de sair de casa da mãe.

Nada de mais desculpas esfarrapadas. É pegar ou largar, rapariga. Vai, vai, vai em frente com a tua vida.

Não sabia há quanto tempo estava metida no chuveiro, com a garrafa vazia de um lado e esfregando o copo gelado na coxa.

— Não tens vergonha de estar assim desesperada? — resmungou.

— Que vergonha! — Fosse como fosse, estivera no duche tempo suficiente para acabar a Smithwich e ficar outra vez com sede. Com sede de qualquer coisa.

Durante algum tempo, conseguira evitar pensar no filho dos Goldberg. Mas teria conseguido mesmo? Como poderia fazê-lo? O pequeno Michael Goldberg... No entanto, passara os últimos anos a treinar a arte de esquecer.. de evitar a dor, fosse a que preço fosse. Era estúpido sofrer, quando se conseguia evitá-lo. Claro que isso também significava evitar relações íntimas, evitar a proximidade do amor, evitar muitas das emoções humanas mais naturais. Mas estava bem. Podia ser uma troca aceitável. Descobrira que conseguia sobreviver sem amor na sua vida. Parecia uma coisa terrível, mas era verdade. Jezzie pensou que sim, que, de momento, especialmente de momento, a troca valia bem a pena, pois ajudava-a a ultrapassar cada dia e cada noite da crise. Seja como for, a ultrapassar os momentos que a separavam da hora do cocktail.

Mas ia bem. Tinha tudo o que era preciso para sobreviver. Se conseguira ser mulher-polícia, conseguiria o que quer que fosse. Os

outros agentes dos Serviços diziam que ela tinha cojones. Como pensava que isso era um elogio, Jezzie aceitava-o como tal. De resto, era verdade. Ela tinha mesmo cojones de ferro. E, quando não tinha, era suficientemente esperta para fazer de conta que sim.

À uma da manhã, Jezzie Flanagan percebeu que tinha de ir dar uma volta na BMW, que tinha de sair do apartamentozinho sufocante de Arlington.

Tinha, tinha, tinha.

A mãe devia ter ouvido a porta a abrir-se para o corredor. Arrancada do sono, chamou por Jezzie do quarto:

— Jezzie, onde é que vais tão tarde? Jezzie? Jezzie, és tu?

-Vou sair, mãe. — «Vou fazer compras de Natal ao centro comercial», foram as palavras cínicas que lhe saltitaram dentro da cabeça, e que, como de costume, guardou para si própria.

Quem lhe dera que o Natal já tivesse passado! Tremia só de pensar no dia seguinte.

Depois, desapareceu na noite com a sua BMWK-1... fugindo ou perseguindo os seus pesadelos pessoais, os seus demónios.

Era Natal. Michael Goldberg morrera pelos nossos pecados? «Será isso?», pensou.

Recusava-se a sentir toda a culpa. Era Natal, e Jesus Cristo já morrera pelos pecados do mundo. Até pelos pecados de Jezzie Flanagan. Sentia-se um tanto estonteada. Não, sentía-se muito estonteada, mas conseguia controlar-se. O principal era controlar-se sempre.

Fá-lo-ia naquele momento.

Cantou «Winter Wonderland»... a duzentos quilómetros por hora, na auto-estrada que saía de Washington. Não tinha medo de muita coisa mas, desta vez, estava com medo.

Na manhã de Natal, fizeram-se buscas casa a casa nalgumas zonas de Washington e nos subúrbios de Maryland e Virgínia. Carros-patrolha azuis e brancos andavam pelas ruas da baixa, emitindo muito alto pelos seus altifalantes a seguinte mensagem: — Procuramos Maggie Rose Dune, de nove anos de idade e cabelo comprido, louro. A Maggie tem um metro e vinte e seis de altura e pesa trinta e seis quilos. Dão-se alvíssaras a quem fornecer alguma informação sobre o seu paradeiro.

Dentro de casa dos Dune, meia dúzia de agentes do FBI trabalhava mais do que nunca com eles. Tanto Katherine Rose como Tom Dune estavam incrivelmente abalados com a morte do Michael. De repente, Katherine parecia ter envelhecido dez anos. Todos esperávamos o telefonema seguinte do Soneji.

Ocorrera-me que o Gary Soneji podia falar aos Dune no dia de Natal. Começava a sentir que o conhecia um bocadinho. Queria que ele telefonasse, que comesse a mexer — se, que cometesse o seu primeiro grande erro. Queria apanhá-lo.

Por volta das onze horas da manhã de Natal, a Equipa de Salvação de Reféns foi mandada reunir à pressa na formal sala de estar dos Dune. Já éramos perto de vinte e estávamos todos à mercê das informações vitais do FBI. A casa estava num alvoroço. O que teria feito o Filho de Lindbergh?

Ainda não nos tinham dado muitas informações. Sabíamos que fora entregue um telegrama em casa dos Dune. Como não estava a receber o mesmo tratamento das anteriores mensagens bombásticas, devia ser do Soneji.

Havia cerca de quinze minutos que os agentes do FBI monopolizavam os telefones da casa. O agente especial Scorse chegou ao bater das onze e meia, provavelmente vindo de passar o Natal com a família. O comandante Pittman irrompeu casa dentro cinco minutos depois. O comissário da Polícia também fora convocado.

— Isto está a ficar muito mau. Ninguém nos diz absolutamente nada. — o Sampson estava encostado à lareira. Quando está assim, só mede cerca de um metro e noventa. — Os FBis não confiam em nós. E nós confiamos neles ainda menos do que ao princípio.

— Nós não confiávamos neles ao princípio — lembrei-lhe.

— Tens razão. — o Sampson riu-se. Ao ver-me reflectido nos seus óculos Wayfarer, deu-me a sensação de ser muito pequeno. O mundo inteiro pareceria minúsculo aos olhos do Sampson? — o nosso rapaz mandou um telegrama? — perguntou-me.

— E o que o FBI pensa. Se calhar, é a maneira de ele desejar Feliz Natal. Deve querer fazer parte de uma família.

Sampson espreitou por cima dos aros dos óculos escuros: — Obrigado, doutor Freud.

O agente Scorse encaminhava-se para a parte da frente da sala. De caminho, descobriu o comandante Pittman e apertou-lhe a mão. Boas relações entre os membros da comunidade...

— Recebemos outra mensagem, que parece ser do Gary Soneji anunciou Scorse, mal se encontrou à nossa frente. Tinha uma maneira estranha de esticar o pescoço e de voltar a cabeça de um lado para o outro quando estava nervoso. Ao começar a falar, fê-lo uma quantidade de vezes. — Vou lê-la. Dirigiu-a aos Dune...

«Queridos Katherine e Tom... Que tal dez milhões de dólares? Dois em dinheiro. O resto em acções negociáveis e diamantes. EM

MIAMI!... Até agora, tudo bem com M. R. Descansem. AMANHÃ é um grande dia... Tenham um Feliz... Filho de P.»

Quinze minutos depois da sua chegada, já se sabia que o telegrama fora enviado de uma estação de correios situada na Collins Avenue, em Miami. Os agentes do FBI foram logo até lá para interrogar o chefe dos correios e os empregados, mas não descobriram nada...

que era exactamente o que estava a acontecer em toda aquela investigação.

Não tínhamos outro remédio senão partir imediatamente para Miami.

A Equipa de Salvação de Reféns chegou ao Aeroporto Tamiami, na Florida, às quatro e meia da tarde de Natal. O secretário Jerrold Goldberg arranjara-nos um jacto privado da Força Aérea.

Uma escolta da Polícia de Miami conduziu-nos a toda a pressa aos escritórios do FBI, localizados na Collins Avenue, perto do Fountainbleu e de outros hotéis da Costa Dourada, a apenas seis quarteirões da estação de correios de onde o Soneji enviara o telegrama.

Ele saberia disso? Provavelmente. Era assim que a sua cabeça parecia funcionar. O

Soneji devia ser um obcecado pelo autodomínio. Eu não parava de gatafunhar observações sobre ele. Já tinha preenchido vinte páginas de um bloco de apontamentos que trazia no casaco. Como não podia fazer o perfil do Soneji, por ainda não possuir informações

sobre o seu passado, as minhas anotações estavam cheias de palavras-chave: organizado, sádico, metódico, controlador, talvez hipomaníaco.

Estaria a observar as nossas correrias por Miami? Era muito possível. Se calhar, com outro disfarce. Teria remorsos pela morte do Michael Goldberg? Ou estaria a entrar num estado de fúria?

Já tinham sido montadas nos escritórios do FBI linhas privadas com operadores de emergência. Não sabíamos como é que Soneji comunicaria dali para a frente. Tínhamos agora na equipa vários agentes da Polícia de Miami. E também mais duzentos agentes do FBI, espalhados pelo Sul da Florida. De repente, era tudo uma pressa, uma pressa, uma pressa. Despachar-se para esperar.

O Gary Soneji faria ideia do caos que estava a provocar à medida que o termo do seu prazo se aproximava? Isso faria também parte do seu plano? A Maggie Rose Dune estaria mesmo bem? Ainda estaria viva?

Íamos precisar de provas antes da aprovação da troca final. Pelo menos, íamos pedir provas concretas ao Soneji. Ele escrevera «Até agora, tudo bem com M. R. Descansem».

Claro, Gary.

As más notícias seguiram-nos até Miami. O relatório preliminar da autópsia de Michael Goldberg fora enviado por fax para os escritórios do FBI de Miami. Logo que chegamos, tivemos uma reunião na sala de crise do FBI. Sentámo-nos numas secretárias dispostas em forma de crescente, cada uma com o seu monitor de vídeo e processador de texto. A sala achava-se invulgarmente silenciosa. Nenhum de nós estava muito interessado em ouvir pormenores sobre a morte do rapazinho.

As conclusões médicas foram expostas ao grupo por um técnico do FBI chamado Harold Frickman, cujo aspecto era, no mínimo, pouco vulgar para um agente do FBI. Era judeu ortodoxo, mas tinha a constituição e a aparência de um veraneante de Miami. Na reunião da autópsia, envergava uma túnica de judeu multicolorida.

— Temos quase a certeza de que a morte do pequeno Goldberg foi acidental — começou em voz profunda e articulada. — Parece que, primeiro, foi adormecido com um spray de clorofórmio. Havia vestígios de clorofórmio nas fossas nasais e na garganta.

— Depois, foi injectado com sódio secobarbitol, provavelmente duas horas mais tarde. O

secobarbitol é um anestésico muito forte, com propriedades que podem inibir a respiração.

Parece ser o que aconteceu neste caso. A respiração do rapaz deve ter-se tornado irregular.

Depois, o coração e a respiração pararam por completo. Se ele esteve sempre adormecido, não foi doloroso. Na nossa opinião, morreu durante o sono. Havia também vários ossos partidos — prosseguiu Harold Friedman que, apesar do aspecto de veraneante, era melancólico e parecia estar a fazer um relatório inteligente. — Supomos que o rapazinho foi atingido por murros e pontapés, provavelmente dezenas de vezes. No entanto, isso não teve nada a ver com a sua morte. As fracturas e as «mossas na pele foram feitas depois de ele ter morrido. Além disso, sofreu abusos sexuais depois de morto. Foi sodomizado e rasgado durante este acto. O tal Soneji é um animal muito doente — afirmou Friedman, à laia de editorial.

Este era também um dos poucos factos específicos que sabíamos sobre a patologia do Soneji. Evidentemente, ficara furioso ao descobrir que o Michael Goldberg morrerá. Ou que alguma coisa do seu plano perfeito não era assim tão perfeita.

Os agentes e os polícias remexeram-se nas suas cadeiras. A fúria que descarregara sobre o Michael Goldberg teria acalmado ou excitado o Soneji? Mais do que nunca, fiquei preocupado com as hipóteses de sobrevivência da Maggie Rose.

O hotel onde estávamos ficava exactamente defronte dos escritórios do FBI. Pelos padrões de ouro de Miami, não era lá grande coisa, mas tinha um grande terraço com piscina do lado do mar.

Por volta das onze, já quase todos tinham ido dormir. Ainda fazia muito calor. O céu estava cheio de estrelas brilhantes e, de vez em quando, era atravessado por um jacto que chegava do Norte.

Eu e o Sampson fomos passear para a Collins Avenue. Poder-se-ia pensar que a cidade ia derreter com tanto calor.

— Queres comer primeiro? Ou vamos embebedar-nos? — perguntou-me ele a meio da avenida.

— Já estou bêbado — disse-lhe. — E se fôssemos nadar?

— Hoje à noite, não consegues nenhum bronzado. — Rolava entre os lábios um cigarro por acender.

— Mais uma razão para ir tomar banho.

— Vou para a sala de estar — disse Sampson, quando nos separamos no átrio. — Engatar mulheres bonitas.

— Boa sorte — gritei-lhe. — É Natal. Espero que te dêem uma prenda. Enfie um fato de banho e fui até à piscina do hotel. Acredito que o exercício é a chave da saúde e, por isso, treino todos os dias, esteja onde estiver. Também pratico muito os alongamentos, que podem fazer-se em qualquer altura ou lugar.

A grande piscina do lado do mar estava fechada, mas isso não constituiu qualquer impedimento para mim. Os polícias são conhecidos por não prestarem atenção ao trânsito, por estacionarem mal e por violarem as leis em geral. É o único divertimento que temos.

Alguém tivera a mesma ideia do que eu. Nadava com braçadas tão regulares e silenciosas que só reparei nisso quando já estava mesmo junto das cadeiras que rodeavam a piscina, sentindo uma humidade fresca debaixo dos pés.

Tratava-se de uma mulher, com um fato de banho preto ou azul-escuro. Era esbelta e atlética, com braços compridos e pernas ainda mais compridas. Constituíam uma bonita visão, num dia não tão bonito. Aparentemente, não fazia qualquer esforço para dar as suas braçadas fortes e ritmadas. Parecia que estava num sítio só seu, que não me apetecia invadir.

Quando deu a volta, vi que se tratava de Jezzie Flanagan. Fiquei admirado, pois aquilo pareceu-me deslocado para a supervisora dos Serviços Secretos.

Por fim, desci muito silenciosamente do outro lado da piscina e comecei a nadar. As minhas braçadas não são bonitas nem ritmadas, mas nado bem e, normalmente, consigo fazê-lo durante muito tempo.

Fiz trinta e cinco piscinas com toda a facilidade e sentime solto, pela primeira vez em muitos dias. As teias de aranha começavam a desaparecer. Talvez fizesse mais vinte e depois fosse dormir; ou talvez beber uma cerveja e comemorar o Natal com o Sampson.

Quando parei por um instante, vi Jezzie Flanagan sentada no bordo de uma cadeira.

Tinha nos ombros nus uma toalha do hotel, branca e macia. Era muito bonita, ao luar de Miami. Graciosa, muito loura, fitava-me com os seus olhos azuis e brilhantes.

— Cinquenta piscinas, detetive Cross?

Sorriu de uma forma que revelou uma pessoa diferente daquela que eu vira em acção nos últimos dias. Parecia muito mais descontraída.

— Trinta e cinco. Não pertenço exactamente ao seu clube — respondi, — Nem sequer ando lá perto. Aprendi a nadar quase só por mim.

— Mas é perseverante. — Continuava a sorrir docemente. — Está em boa forma.

— Seja lá o que for o meu estilo, o certo é que me está a saber muito bem nadar hoje à noite. Depois de tantas horas enfiado naquela sala de janelinhas pequenas que não abrem...

— Se fossem grandes, as pessoas só pensavam em fugir para a praia e nunca se fazia nada em todo o estado da Florida.

— E nós, estamos a fazer alguma coisa? — perguntei, Ela riu-se.

— Tinha um amigo que acreditava na teoria do «fazer o melhor possível». Por mim, faço o melhor que posso em circunstâncias impossíveis. E você?

— Também faço o melhor que posso — respondi.

— Dêmos graças a Deus. — Alegrementemente, ergueu ambos os braços para o céu. Fiquei admirado com a sua exuberância. Ela era engraçada, e sabia-me bem rir, para variar. Mesmo bem. Precisava disso.

— Dadas as circunstâncias, faço o melhor que posso — acrescentei.

— Dadas as circunstâncias, graças a Deus! — exclamou ela, elevando outra vez a voz.

Ou ela era divertida, ou era tarde, ou as duas coisas juntas.

— Não quer comer qualquer coisa? — indaguei. Queria saber o que pensava daquele caso, pois ainda não tivera oportunidade de falar com ela.

— Quero — respondeu.— já fiquei hoje sem duas refeições. Combinamos encontrar-nos na sala de jantar do hotel, que era uma daquelas salas giratórias do andar de cima dos prédios.

Mudou-se em cerca de cinco minutos, o que eu achei espantoso. Calças largas castanho— amareladas, blusa com decote em bico, sandálias pretas, chinesas. O seu cabelo louro ainda estava molhado. Penteara-o para trás. Ficava-lhe bem. Não estava maquilhada, nem precisava. Parecia tão diferente de quando estava a trabalhar! Muito mais solta e descontraída.

— Tenho de lhe dizer uma coisa com toda a honestidade e franqueza. — Estava a rir-se.

— O quê?

— Bem... você é um nadador forte mas muito desastrado. Por outro lado, o fato de banho fica-lhe muito bem.

Rimos os dois. A tensão daquele longo dia começou a desvanecer-se. Provocámo-nos imenso um ao outro enquanto bebíamos cerveja e comíamos qualquer coisa, por um lado devido às circunstâncias e ao stress e tensão dos últimos dias e, por outro, porque a provocação faz parte do meu trabalho, e gosto do desafio.

Consegui que Jezzíe Flanagan admitisse que fora Miss Washington DC aos dezoito anos. Além disso, fizera parte de um círculo estudantil feminino na Universidade da Virgínia, mas fora expulsa por «comportamento impróprio», expressão que eu adorei.

E fiquei admirado ao perceber que, à medida que falávamos, lhe ia contando muito mais do que queria. Era fácil falar com ela. Às tantas, fez-me perguntas sobre os meus tempos de psicólogo, em Washington.

— Foi, sobretudo, um grande erro — retorqui, sem lhe dizer até que ponto me enfurecera... ainda me enfurecia. — Houve muita gente que não quis ir a um psicoterapeuta preto e a maior parte dos negros não tem dinheiro para se dar a esse luxo. Não há liberais no sofá do psiquiatra.

Depois, conseguiu que eu lhe falasse da Maria, mas só um bocadinho. E contou-me como era ser mulher nuns Serviços Secretos com noventa por cento de homens machistas.

— Gostam de me pôr à prova... para aí uma vez por dia. Chamam-me «o Homem».—

Além disso, narrou-me umas divertidas histórias de guerra da Casa Branca. Conhecia os casais Bush e Reagan. Foi uma hora bem agradável, que passou depressa demais. De resto, foi mais de uma hora. Quase duas. Por fim, Jezzie reparou na criada, que passeava sozinha perto do bar:

— Gaita! Só nós é que estamos aqui.

Pagamos a conta e saímos de elevador do restaurante giratório. O quarto de Jezzie ficava no andar mais alto. A sua suite devia ter vista para o mar.

— Foi muito agradável — disse eu, quando paramos para ela sair. Creio que esta frase vigorosa é de uma peça de Noê Coward. — Obrigado pela companhia. Feliz Natal.

— Feliz Natal, Alex. — Jezzie sorriu e pôs o cabelo louro atrás da orelha, um tique em que eu já reparara: — Foi mesmo agradável. Infelizmente, amanhã não deve ser assim.

Dando-me um beijo na face, afastou-se para o quarto.

— Vou sonhar consigo em fato de banho — rematou, enquanto as portas do elevador se fechavam.

Quanto a mim, desci mais quatro andares e fui tomar o meu duche frio de Natal, sozinho no meu quarto de hotel de Natal. Pensei em Jezzie Flanagan. Fantasias num quarto solitário de um hotel de Miami. Claro que não íamos juntos a lado nenhum, mas gostava dela.

Sentia que podia falar com ela sobre quase tudo. Li mais um bocado das experiências de Styron sobre a depressão, até conseguir dormir. E tive sonhos só meus.

«Cuidado. Muito cuidado agora, meu rapaz.»

Gary Soneji observava a mulher gorda pelo canto do olho esquerdo. Fitava a sua silhueta gorda como um lagarto contempla um insecto... antes da refeição. Ela não fazia ideia de que ele estava a estudá-la.

Era uma mulher-polícia, por assim dizer, além de cobradora na portagem da saída 12.

Muito devagar, contou o dinheiro dele. Era enorme e escura como a noite... parecia saída dela. Soneji pensou que Aretha Franklin teria sido assim se não soubesse cantar e tivesse de trabalhar no mundo real.

A mulher não fazia a mínima ideia de quem estava a passar no meio da torrente de carros em dia feriado, embora tanto ela como toda a polícia devessem andar desesperadamente à sua procura. As «redes policiais» e a «caça ao homem» eram assim.

Que desilusão! Que desapontamento! Como podiam esperar apanhá-lo com pessoas como ela? Ao menos, podiam tentar fazer com que as coisas fossem interessantes para ele.

Por vezes, e especialmente em alturas como aquela, apetecia a Gary Soneji proclamar a inelutável verdade do universo.

Proclamação: «Ouve, polícia estúpida e malcheirosa, não sabes quem sou? Deixaste enganar por um disfarcezinho de merda? Há três dias que me vês nos jornais. Tu e mais meio mundo, Aretha querida.»

Proclamação: «Fui eu que planeei e executei o crime do século com tanta perfeição. Já sou maior do que o John Wayne Gacy, o Jeffrey Dahmer, o Juan Corona. Correu tudo muito bem até o miúdo ricoço me atraiçoar.»

Proclamação: «Olha de perto. Olha bem para mim. Porta-te como uma heroína uma vez na vida. Tenta ser alguma coisa além de um zero gordo e preto. Olha para mim, estás a ouvir? Olha para mim! »

— Ela entregou-lhe o troco: — Feliz Natal.

Gary Soneji encolheu os ombros: — Um Feliz Natal para si também.

Ao afastar-se da portagem, com as suas luzes que acendiam e apagavam, imaginou a mulher-polícia com uma daquelas cabeças de balão sorridentes e animadas. Em pensamento, imaginou o país inteiro cheio de rostos redondos e sorridentes. Aliás, era o que estava a acontecer.

Na verdade, aquilo estava a ficar pior do que A Invasão dos Ladrões de Corpos. Se pensasse nisso, o que tentava não fazer, ficaria maluco. Um país de sorridentes cabeças de balão. Adorava Stephen King, identificava-se com Sua Estranheza e só desejava que ele escrevesse sobre todos os parvos sorridentes da América. Até já conseguia imaginar a capa da obra-prima de King — Cabeças de Balão.

Quarenta minutos mais tarde, Soneji saiu com o seu fiel Saab da Route 413, em Crisfield, Maryland, e acelerou pela estrada de terra cheia de sulcos que ia dar à velha casa de campo. Neste ponto, tinha de sorrir, de rir a bom rir. Fintara-os e baralhara-os tão completamente! Virara-os completamente do avesso!

Até ali, não sabiam para que lado ficava o quê. Aliás, acontecera o mesmo no caso Lindbergh. Agora, era tempo de voltar a puxar o tapete debaixo dos pés dos Cabeças de Balão.

Não havia dúvidas de que o espectáculo começara! Um estafeta do Federal Express chegara ao escritório do FBI às dez e meia da manhã do dia vinte e seis de Dezembro, com uma nova mensagem do Filho de Lindbergh.

Portanto, fomos chamados outra vez à sala de crise do segundo andar. Parecia que estava lá o FBI em peso. Era agora, e toda a gente o sabia. Passados uns momentos, o agente especial Bill Thompson, de Miami, irrompeu pela sala. Brandia um daqueles sobrescritos de serviço cor de laranja e azuis, que abriu à frente de todo o grupo.

— Vai deixar-nos ver a mensagem, mas não a vai ler — preveniu entredentes Jeb Klepner, dos Serviços Secretos. Eu e o Sampson, estávamos com Klepner e Jezzie Flanagan.

— Oh, isto não é uma coisa com que ele queira arcar sozinho — replicou Jezzie. — Desta vez, vai dizer-nos tudo.

Lá à frente, Thompson estava pronto.

— Tenho aqui uma mensagem do Gary Soneji. Diz o seguinte: — Há o número « 1 » — leu Thompson. — Depois, escrito por extenso, «dez milhões». Na outra linha, o número «2». A seguir, as palavras «Disneylândia, Orlando: o Reino Mágico». Na outra linha, o número «três». Depois, «Estacionar em Pluto 24. Atravessar a Lagoa dos Sete Mares de barco e não de combóio. Às 12h 50m de hoje. Tudo estará terminado às 13h 15m». Última linha: O

detetive Alex Cross é que entregará o resgate. Sozinho.»
Assinado: «Filho de Lindbergh».

Bill Thompson ergueu imediatamente os olhos, passeando-os pela sala. Não teve qualquer dificuldade em me encontrar entre os espectadores. Posso jurar a pés juntos que o seu choque e surpresa não eram nada comparados com o que eu sentia. Já entrara no meu

sistema uma ponta de adrenalina. Que raio queria o Soneji de mim? Como saberia da minha existência? Saberia como eu ansiava por apanhá-lo?

Não há qualquer tentativa de negociação! — começou a protestar o agente especial Scorse. — o Soneji parte do princípio de que vamos entregar-lhe os dez milhões.

— Pois parte — aquiesci. — E tem razão. Como e quando é pago um resgate é uma decisão que cabe à família do raptado. — Os Dune tinham-nos dado instruções no sentido de pagarmos incondicionalmente ao Soneji que, provavelmente, suspeitava disso mesmo. Sem dúvida, fora sobretudo por isso que escolhera a Maggie Rose. Mas porquê a mim?

De pé, ao meu lado, o Sampson abanou a cabeça e murmurou: — Os desígnios do Senhor são insondáveis.

Meia dúzia de carros esperavam-nos à torreira do parque de estacionamento, que ficava por trás do edifício do FBI. Bill Thompson, Jezzie Flanagan, Klepner, eu e o Sampson fomos num dos carros maiores do FBI. Tínhamos connosco as acções e o dinheiro. O detetive Alex Cross é que entregará o resgate. »

O dinheiro fora reunido na noite anterior. Tinha sido tremendamente complicado consegui-lo tão depressa, mas o Citibank e o Morgari Stariley haviam colaborado muito. Os Dune e Jerrold Goldberg tinham o poder de conseguirem o que queriam, e era óbvio que haviam exercido uma grande pressão. Como o Soneji exigira, dois milhões estavam em dinheiro. O resto achava-se em pequenos diamantes e acções. O resgate era negociável e facilmente portátil: cabia numa pasta de tamanho normal.

Levamos cerca de vinte e cinco minutos da baixa de Miami até ao Aeroporto Oriental de Opa Locka. Com o voo, que ia demorar mais quarenta minutos, chegaríamos a Orlando mais ou menos às onze horas e quarenta e cinco minutos. Ia ser apertado.

— Podíamos tentar pôr um aparelho no Cross. — o agente Scorse falava com Thompson via rádio. — Um transmissor portátil. Temos um a bordo do avião.

— Isso não me agrada muito, Gerry — disse Thompson.

— A mim também não — acrescentei do banco de trás, sem explicar porquê. — Nada de escutas. — Ainda estava a tentar

perceber o como e o porquê da escolha do Soneji. Não fazia sentido. Talvez ele tivesse lido alguma coisa sobre mim no tal artigo, Sem dúvida, devia ter alguma razão.

— Vão estar multidões no parque — disse Thompson, quando já nos encontrávamos a bordo de um Cessna 310 para Orlando. — É claro que foi por isso que ele escolheu a Disneylândia. Também deve haver imensos pais e crianças no Reino Mágico. Assim, ele e a Maggie Dune podem misturar-se com os outros. Aliás, até pode tê-la disfarçado.

— A Disneylândia é ideal para o seu esquema de representações importantes—

comentei. Uma das minhas teorias era que o Soneji talvez tivesse sofrido abusos na infância.

Se assim fosse, só sentiria cólera e desdém por um lugar como a Disneylândia, onde vão os meninos «bons» com os seus papais e mães.

— O parque já está a ser vigiado em terra e no ar — acrescentou Scorse. — Neste momento, já estão a enviar fotografias para a sala de crise de Washington. Estamos também a filmar Epcot e a Ilha da Diversão, para o caso de ele mudar de ideias à última da hora.

Estava mesmo a ver a cena na sala de crise do FBI, na Rua 10. Deviam lá estar dezenas de VIPs, cada um com a sua secretária e um monitor de TV de circuito fechado. A fotografia aérea da Disneylândia devia estar em todos os monitores e o ecrã grande da sala cheio de dados (como os relativos ao exacto número de agentes e outro pessoal que convergiam naquele momento para o parque, o número de saídas, as estradas, as condições atmosféricas, o número de visitantes, o número de seguranças, mas, provavelmente, nada sobre o Gary Soneji ou a Maggie Rose; de contrário, tê-lo-íamos sabido.

— Eu vou à Disneylândia! — cantarolou um dos agentes que estava a bordo do avião.

Aquela piada, mesmo à Polícia, arrancou alguns risos nervosos. Quebrar a tensão era bom, mas difícil de conseguir dadas as circunstâncias.

A ideia de nos irmos encontrar com um louco e uma rapariguinha raptada não tinha nada de agradável. E a fria realidade das

multidões que nos esperavam na Dísneylândia também não. Tinham-nos dito que já se encontravam dentro do parque e nas zonas de estacionamento mais de setenta mil pessoas. No entanto, aquela seria a nossa oportunidade de apanharmos o Soneji. Talvez a única.

Fomos para o Reino Mágico numa caravana especial, escoltados por carros da Polícia com sirenas e luzes a piscar, seguindo pela faixa destinada aos veículos avariados da IA e ultrapassando todos os carros que vinham do aeroporto.

Pessoas metidas em carrinhas e furgonetas vaiavam ou aplaudiam a nossa veloz progressão. Nenhuma delas fazia ideia de quem éramos da razão que nos levava a toda a pressa até à Disneylândia. Se calhar um punhado de VIPs com vontade de ver o Mickey e a Minnie...

Fizemos um desvio metendo pela saída 26-A e fomos pelo Passeio pelo Mundo até ao parque de estacionamento. Quando lá chegamos, já passava do meio-dia e um quarto. Era muito apertado, mas o Soneji não nos dera tempo para nos organizarmos.

Porquê a Disneylândia? Esta pergunta não me saía da cabeça. Porque o Gary Soneji sempre quisera lá ir quando criança e nunca o tinham deixado? Porque apreciava a eficiência quase neurótica do cuidado parque de diversões?

Devia ter sido relativamente fácil para ele entrar na Disneylândia. Mas como ia sair?

Essa era a pergunta mais intrigante de todas.

Os empregados da Disneylândia estacionaram-nos os carros na secção Pluto, fila 24.

Daí, seguiríamos para o barco num eléctrico em fibra de vidro.

— Porque é que pensa que o Soneji o escolheu a si? — perguntou-me Bill Thompson quando saíamos do carro. — Tem alguma ideia, Alex?

— Talvez tenha lido alguma coisa sobre mim no jornal, lá em Washington — redargui. — Talvez lhe tivesse chamado a atenção o facto de eu ser psicólogo. Hei-de perguntar-lhe isso... quando o vir.

— Tenha cuidado com ele — avisou Thompson. — Só queremos a pequena, mais nada.

— Também eu — repliquei. Estávamos ambos a exagerar. Queríamos a Maggie Rose em segurança, mas também apanhar o Soneji. Queríamos dar cabo dele ali mesmo, na Disneylândia.

Enquanto estávamos no parque de estacionamento, Thompson passou-me o braço pelo ombro. Houve alguma camaradagem, para variar. O Sampson e Jezzie Flanagan desejaram-me boa sorte. Pelo menos, de momento, os agentes do FBI mostravam-se solidários.

— Como te sentes? — o Sampson puxou-me para o lado por um momento. — Sentes-te bem? Ele escolheu-te a ti, mas não és obrigado a ir.

— Estou bem. Ele não vai fazer-me mal. Já estou habituado a doentes da cabeça, sabes?

— Tu és um doente da cabeça, pá.

Depois, peguei na pasta com o resgate e subi sozinho para o eléctrico laranja-vivo.

Agarrando-me com força a uma pega de metal do tejadilho, segui para o Reino Mágico, onde ia resgatar a Maggie Rose Dune.

Era meio-dia e quarenta e quatro. Ainda tinha seis minutos.

Ninguém me prestou muita atenção quando me misturei com o fluxo de gente que avançava em direcção às filas de bilheteiras e barreiras do Reino Mágico. Também... porque o fariam?

Era natural que o Soneji tivesse escolhido um lugar assim movimentado. Apertei a pasta com mais força. Parecia-me que, enquanto o resgate estivesse em meu poder, tinha nas mãos a segurança da Maggie Rose.

Ter-se-ia atrevido a levar a rapariguinha com ele? Aliás, estaria ele próprio lá? Ou aquilo tudo seria só para nos pôr à prova? Nada era impossível.

As pessoas que se encontravam na Disneylândia estavam animadas e descontraídas.

Eram sobretudo famílias em férias, que se divertiam sob um céu brilhante e muito azul. Uma voz agradável anunciava:

— Dê a mão às crianças pequenas, não se esqueça dos seus objectos pessoais e divirta-se no Reino Mágico.

Por mais preocupado que se estivesse, o certo era que a terra da fantasia conseguia mesmo cativar uma pessoa. Era tudo

incrivelmente limpo e seguro. Era impossível que não se sentisse uma protecção total, o que, para mim, era muito estranho.

O Rato Mickey, o Pateta e a Branca de Neve acolhiam as pessoas junto aos portões da frente. O parque estava imaculado. Altifalantes muito bem escondidos entre os arbustos aparados tocavam «Yankee Doodle Dandy».

Sentia o coração bater desenfreadamente por baixo da minha larga camisa desportiva.

De momento, não tinha qualquer contacto com a minha retaguarda. Seria assim até me encontrar fisicamente no Reino Mágico.

Tinha as palmas das mãos húmidas, e limpei-as nas calças. O Rato Mickey distribuía apertos de mão mesmo à minha frente. Aquilo era de doidos.

Quando entrei numa zona cheia de sombras, projectadas pelo Centro de Transportes e Bilhetes, vi um barco, que era uma balsa em miniatura do Mississípi, mas sem a roda propulsora com as suas pás.

Um homem de casaco desportivo e chapéu de abas deslizou ao meu lado. Não sabia se era ele. A sensação de segurança e protecção da Disneylândia abandonou-me imediatamente.

— Mudança de planos, Alex. Vou levar-te a ver a Maggie Rose. Continua a olhar para a frente, por favor. Até aqui, vais muito bem. Continua assim.

Uma Cinderela de um metro e oitenta passou por nós, caminhando na direcção oposta.

Crianças e adultos soltaram ohs! e abs! de admiração.

— Dá meia volta, Alex. Vamos voltar por onde vieste. Este dia pode ser muito agradável.

Só depende de ti, meu amigo.

Revelava uma calma e um domínio perfeitos, à altura do seu comportamento durante o rapto. Até ao momento, tudo tinha uma aura de inexpugnabilidade. Ele chamara-me Alex.

Começamos a andar contra a torrente de gente.

Os caracóis louros da cabeça toucada da Cinderela agitavam-se à nossa frente. As crianças riam de alegria ao verem a heroína dos filmes e dos desenhos animados.

— Primeiro, tenho de ver a Maggie Rose — foi a única coisa que disse ao homem do chapéu de abas. Seria o Soneji disfarçado? Não sabia. Precisava de vê-lo melhor.

— Está bem. Mas deixa-me avisar-te de que, se alguém se meter no nosso caminho, a rapariga morre. — o Chapéu de Abas pronunciou estas palavras sem qualquer constrangimento, como se estivesse a dizer as horas a um desconhecido.

— Ninguém se vai meter no nosso caminho — garanti-lhe. — A nossa única preocupação é a segurança da pequena.

Esperava que isso fosse verdade para toda a gente. Nessa manhã, vira de relance Katherine e Tom Dune, e sabia que a única coisa que eles queriam era reaver a filha nessa noite.

O suor começara a escorrer-me pelo corpo todo sem que eu conseguisse evitá-lo. Não estava muito calor, mas havia muita humidade. Começava a preocupar-me com a possibilidade de alguma coisa correr mal. E isso podia, efectivamente, acontecer. Não era como se tivéssemos treinado aquela manobra no coração da Disneylândia, com as suas multidões imprevisíveis.

— Ouça. Se alguém do FBI me vir a sair, pode aproximar-se de nós — decidi dizer ao homem.

— Espero que não — retorquiu ele, dando uma estalido com a língua. E depois, abanando a cabeça para trás e para a frente: — Isso seria uma grave infracção às regras de etiqueta.

Fosse ele quem fosse, mostrava-se anormalmente frio para uma situação tão «quente». Já teria feito aquilo antes? Pareceu-me que seguíamos novamente em direcção às filas de eléctricos cor de laranja. Um deles ia levar-nos outra vez para o parque de estacionamento. Seria esse o plano?

O homem era muito pesado para ser o Soneji... a não ser que tivesse algum disfarce brilhante que o fizesse parecer mais gordo. A sua veia de actor veio-me novamente à ideia.

Só esperava, sinceramente, era que não se tratasse de um impostor, de alguém que tivesse descoberto que estava a passar-se na Florida e nos houvesse contactado a exigir resgate.

Não seria a primeira vez num caso de rapto.

— FBI! Mãos ao ar! — Ouvi de repente. Tudo aconteceu com a rapidez de um tiro. O

coração quase me saiu pela boca. O que raio estavam eles a fazer? Que ideia era aquela?

— FBI!

Meia dúzia de agentes tinham-nos cercado no parque de estacionamento, de revólveres na mão. Pelo menos uma arma estava apontada para o homem do contacto e, portanto, para mim.

O agente Bill Thompson encontrava-se no meio deles. «Só queremos a pequena, mais nada», disseram-me eles havia alguns instantes.

— Para trás! Para trás! — gritei-lhes, de cabeça perdida. — Afastem-se! Desapareçam!

Olhei directamente para o Chapéu de Abas. Não podia ser o Gary Soneji. Tinha quase a certeza disso. Quem quer que fosse, estava-se nas tintas para o facto de ser reconhecido ou fotografado em Orlando. Porquê? Como conseguia ele manter-se tão calmo?

— Se me prenderem, a rapariga morre — disse aos agentes do FBI que nos rodeavam.

Agia com a frieza de uma pedra. Os seus olhos pareciam mortos. — A morte dela é inevitável.

Nem eu nem vocês poderemos fazer nada. Vai morrer de certeza.

— Ela está viva? — Thompson deu um passo em direcção ao homem. Tinha o ar de quem lhe queria bater, que era o que nos apetecia a todos.

— Está. Via-a há cerca de duas horas. Estava livre a não ser que vocês lixassem tudo, que é o que estão a fazer. Afastem-se, como o detetive disse. Saia daqui, homem.

— Como é que sabemos que trabalhas com o Soneji? — perguntou Thompson.

— Um: Dez milhões. Dois: Disneylândia, Orlando, o Reino Mágico. Três: Estacionar em Pluto 24. — o homem recitou as palavras da mensagem com o pedido de resgate.

Thompson não se descaiu.

— Vamos negociar a libertação da pequena. Negociar. Vai ser como nós quisermos.

— O quê? E matar a miúda? — Jezzie Flanagan surgira de trás de Thompson e do resto do grupo armado do FBI.

— Baixem as armas — ordenou firmemente. — Deixem o detetive Cross fazer a troca. Se fizerem as coisas à vossa maneira e a miúda morrer, hei-de contar isto a todos os jornalistas do país. Juro que sim, Thompson. Estou a falar muito a sério.

— E eu também — garanti ao agente especial do FBI. — Palavra que sim.

— Este não é ele. Não é o Soneji — observou finalmente Thompson. Depois, olhando para o agente Scorse e abanando a cabeça com descontentamento: — Deixem-nos ir. O Cross e o resgate vão ter com o Soneji. É esta a decisão final.

Eu e o homem de gelo retomamos a caminhada. Eu estava a tremer. As pessoas fitavam-nos enquanto avançávamos para os carros eléctricos cor de laranja. A atmosfera parecia-me completamente irreal. Passado um bocado, estávamos dentro de um eléctrico.

Sentámo-nos.

— Idiotas — resmungou o homem. Era o primeiro sinal de que sentia alguma coisa.—

Quase estragaram tudo.

Paramos ao pé de um Nissan Z novo, na secção Donald, fila 6. O carro era azul-escuro, com vidros fumados cinzentos. Não se encontrava ninguém lá dentro.

O Chapéu de Abas pôs o motor a trabalhar e avançamos novamente em direcção à 1-4. Como ainda era o princípio da tarde, não se viam praticamente carros a sair do parque. «Este dia pode ser muito agradável», dissera ele.

Voltamos para leste, na direcção do Aeroporto de Orlando. Tentei fazê-lo falar, mas ele não tinha nada para me dizer.

Talvez não fosse frio e controlado. Talvez também tivesse passado por um grande susto. O FBI quase deitara tudo a perder; não seria a primeira vez. Na verdade, o que se passara no parque devia ter sido só bluff. Pensando nisso, percebi que era a última oportunidade que eles tinham de negociar a libertação da Maggie Rose Dune.

Dali a pouco mais de meia hora, entramos num anexo com aviões particulares, a uns quilómetros do terminal principal de

Orlando. Passava da uma e meia da tarde. A troca não ia dar-se na Disneylândia.

— A mensagem prometia que isto estaria acabado à uma e um quarto — comentei, quando saímos do Nissan. Uma brisa quente e tropical soprava no aeródromo. Cheirava muito a combustível e a macadame quente.

— A mensagem mentiu — replicou, novamente frio como o gelo.

— Está ali o nosso avião. Agora, estamos sozinhos. Tenta ser mais esperto do que o FBI, Alex. Não deve ser muito difícil.

— Senta-te, descontrai-te e tem uma boa viagem — disse-me quando entramos a bordo.—

Parece que também vou ser eu o teu amigo piloto... bem, talvez não seja assim tão amigo.

Depois, algemou-me ao braço de uma das quatro cadeiras de passageiros do avião.

«Mais um refém», pensei. Talvez eu conseguisse arrancar o braço, que era de metal e plástico, sem grande consistência.

O homem do contacto era mesmo o piloto do avião. Depois de autorizado a levantar, o Cessna seguiu aos solavancos pela pista, adquirindo velocidade a pouco e pouco. Por fim, descolou, virou para sudeste e planou sobre a zona leste de Orlando e St. Petersburg. Eu sabia que, até ali, estávamos a ser vigiados. Mas, mais para a frente, tudo dependia do homem do contacto. E do plano do Soneji.

Mantivemo-nos calados durante os primeiros minutos de voo. Recostando-me no assento, observei-o a trabalhar, tentando memorizar todos os pormenores do voo. Ele mostrava-se eficiente e descontrado nos comandos do avião. Continuava sem dar sinais de stress. Profissional a cem por cento.

Veio-me à ideia uma ligação estranha, mas possível. Encontrávamo-nos na Florida e dirigíamo-nos mais para sul. Há uns tempos, um cartel colombiano da droga ameaçara a família do secretário Goldberg. Seria coincidência? Eu já não acreditava em coincidências.

Uma regra do trabalho da Polícia, especialmente do meu campo de acção, andava-me às voltas na cabeça. Uma regra importante: noventa e cinco por cento dos crimes eram solucionados porque

alguém cometia um erro. Até ali, o Soneji não cometera nenhum erro.

Não nos dera nenhuma abertura. Agora, era chegada a altura própria para os erros. A troca ia ser muito perigosa para ele.

— Isto foi tudo planeado com muita precisão — disse eu ao Chapéu de Abas. O avião voava para cada vez mais longe, encontrando-se, aquele momento, por cima do Atlântico.

Com que destino? Para o resgate final da Maggie Rose?

— Tens toda a razão. Até ao último pormenor. Se te contasse tudo, nem acreditavas.

— A miúda está mesmo bem? — voltei a perguntar-lhe.

— Já te disse que a vi hoje de manhã. Ninguém lhe tocou num único fio de cabelo.

É muito difícil acreditar nisso — retorqui, recordando o estado em que encontráramos o Michael Goldberg.

O piloto encolheu os ombros largos.

— Acredita no que quiseses. — Na verdade, estava-se nas tintas para que eu pensava.

— O Michael Goldberg sofreu abusos sexuais. Porque é que havíamos de acreditar que a pequena não sofreu nada? — indaguei.

Olhou para mim. Tive a sensação de que ele não sabia do estado do filho dos Goldberg. Pareceu-me que não era cúmplice do Soneji, pois que este nunca teria cúmplices a sério. De certeza que o piloto era contratado, o que significava que talvez conseguíssemos deitar a mão à Maggie Rose.

— O Michael Goldberg foi espancado depois de morto — disse-lhe. Foi sodomizado. Isto é para que saiba aquilo em que se meteu e quem é o seu cúmplice.

Fosse por que fosse, o homem riu-se:

— Está bem. Mas, por muito que aprecie as tuas preocupações, basta de insinuações e de perguntas chatas. Boa viagem. A rapariga não foi espancada nem sofreu abusos sexuais.

Dou-te a minha palavra de cavalheiro.

— E isso que é? Seja como for, não pode ter a certeza — retorqui. — já não a vê desde manhã. Não sabe o que o Soneji anda a fazer, uma vez que está sozinho. O Soneji ou lá qual é o verdadeiro nome dele...

— Pois... mas temos de confiar nos nossos companheiros. Agora, encosta-te para trás e cala-te. Descansa. Devido à falta de pessoal, não vai haver nada para beber nem para comer durante este voo.

Porque estaria ele tão calmo? Mostrava-se demasiadamente seguro de si próprio. Já teria participado em mais raptos antes daquele, já teria sido julgado? Pelo menos, valia a pena verificar se eu estivesse em condições de verificar fosse o que fosse depois de tudo ter terminado.

Encostei-me e deixei os meus olhos passearem lá por baixo. Sobrevoávamos o oceano. Consultei o relógio. Encontrávamo-nos a pouco mais de meia hora de Orlando.

Apesar do sol e do tempo quente, o mar parecia agitado. De vez em quando, uma nuvem projectava a sua sombra sobre a superfície cinzenta da água. Os contornos ondulantes do avião apareciam e desapareciam. O FBI devia estar a controlar-nos por radar. Claro que, nesse caso, o piloto também o saberia. Mas não parecia nada preocupado. Era um aterrador jogo do gato e do rato. Como reagiria o homem do contacto? Onde estariam o Soneji e a Maggie Rose? Qual seria o lugar da troca?

— Onde aprendeu a voar? — perguntei. — No Vietname? — Tinha estado a pensar nessa possibilidade. O homem parecia ter idade para isso. Embora mostrasse um ar acabado, não devia passar dos quarenta e tal, cinquenta anos. Já tinha tratado alguns veteranos do Vietname suficientemente cínicos para se meterem num rapto.

A minha pergunta não o aborreceu, mas também não obtive resposta.

Era esquisito. Ele continuava a não parecer nervoso nem preocupado. Uma das crianças raptadas já tinha morrido. Porque se mostraria tão presumido e calmo? O que saberia que eu não sabia? Quem era o Gary Soneji? Quem era ele? Que ligação havia entre os dois?

Cerca de meia hora mais tarde, o Cessna começou a descer em direcção a uma pequena ilha rodeada de praias de areia branca. Não fazia ideia de onde estávamos. Algures nas Baamas? O FBI continuaria a seguir a nossa pista ou ele teria conseguido fintá-lo?

— Como é que se chama aquela ilha? Onde estamos? Já agora diga-me, uma vez que não posso fazer nada.

— Little Abaco — respondeu por fim. — Está alguém a seguir-nos? o FBI? Vigilância electrónica? Tens algum transmissor escondido?

— Não, não tenho transmissores, nem nada na manga.

— Então puseram alguma coisa no dinheiro? — Parecia conhecer todas as possibilidades.

— Poeira fluorescente?

— Que eu saiba, não. — Era verdade. Mas não tinha a certeza. O FBI podia não me ter dito tudo.

— Espero bem que não. É difícil acreditar, depois do que se passou na Dísneylândia, que estava cheia de polícias e de FBIs... e depois de vos termos dito para não o fazerem. Já não se pode confiar em ninguém.

Tentava mostrar-se bem-humorado, mas pouco lhe interessava se eu reagia ou não.

Parecia um homem que sempre andara desesperadamente por baixo e que, por fim, tivera a hipótese de deitar a mão a algum dinheiro. Ao dinheiro mais sujo do mundo.

A praia tinha uma estreita faixa para aterragem. A areia bem acamada passou-me à frente dos olhos durante várias centenas de metros. O avião aterrou com facilidade e habilidade. O piloto deu uma rápida volta em U e seguiu em direcção a um amontoado de palmeiras. Tudo parecia fazer parte de um plano, com cada pormenor no seu devido lugar.

Perfeito.

Não havia nenhuma habitação exótica à vista, nem qualquer área de recepção, por mais pequena que fosse. As colinas que ficavam para lá da praia tinham uma vegetação tropical luxuriante e densa.

Não havia sinais de ninguém, em lado nenhum. Nem da Maggie Rose Dune nem do Soneji.

— A miúda está aqui? — indaguei.

— Boa pergunta — respondeu. — Vamos esperar. Eu fico de vigia. Desligou o motor e ficamos a espera em silêncio, no meio de um calor sufocante. O homem não respondeu mais às minhas

perguntas. Apetecia-me arrancar o braço da cadeira e bater-lhe com ele. Tinha estado a cerrar os dentes com tanta força que até me doía a cabeça. O homem mantinha os olhos pregados ao céu sem nuvens que se via por cima da faixa de aterragem, espreitando pelo pára-brisas durante muito tempo. Quanto a mim, o calor dificultava-me a respiração.

«A pequena estará aqui? A Maggie Rose estará viva? Raios te partam! »

Insectos pousavam continuamente no vidro fumado. Um pelicano atravessou os céus algumas vezes. Aquele lugar tinha um aspecto abandonado. Não acontecia mais nada.

A atmosfera ficou mais quente. Insuportavelmente quente. Assim como fica num carro quando é deixado ao sol. O piloto parecia não sentir nada. Era óbvio que estava habituado àquele tipo de temperaturas. Os minutos transformaram-se numa hora. Depois, em duas horas. Eu estava encharcado em suor e a morrer de sede. Tentei não pensar no calor, mas não era possível. Continuava a pensar que o FBI devia estar a observar-nos do ar. O que iria quebrar aquela imobilidade?

— A Maggie Rose Dune está aqui? — perguntei-lhe mais umas vezes. Quanto mais a situação se prolongava, mais eu temia por ela. Nunca obtive resposta nem tive qualquer indicação de que ele me ouvira. O homem nunca consultava o relógio. Não se mexia nem se remexia. Estaria nalguma espécie de transe? O que se passaria com ele? Fitei longamente o braço da cadeira à qual ele me algemara, pensando que fora talvez o mais parecido com um erro que tinham feito até ao momento, pois, quando o testara, vira que estava velho e gasto. Se calhar, conseguiria arrancá-lo. Mas, se chegasse a isso, metia-me em sarilhos. Só que tinha de tentar. Era a única solução.

Às tantas, tão abrupta e inesperadamente como tínhamos aterrado, o Cessna tornou a avançar para a faixa da praia. Descolamos outra vez. Voávamos baixo, a menos de mil pés. O ar fresco invadiu o avião. O ruído do propulsor era quase hipnótico.

Estava a escurecer. Observei o Sol a desaparecer, a deslizar completamente no horizonte que se espalhava à nossa frente. A vista era linda e fantasmagórica, dadas as circunstâncias. Agora

percebia do que estivera ele à espera: da noite. Queria trabalhar de noite. O Soneji gostava da noite.

Cerca de meia hora depois de escurecer, o avião começou novamente a descer.

Abaixo de nós, viam-se pontos e traços de luz cintilantes. Parecia tratar-se de uma cidade pequena. Pronto. Chegara a altura do espectáculo. O resgate da Maggie Rose ia acontecer a qualquer momento.

— Não perguntes nada... porque eu não respondo — disse ele, sem afastar o olhar dos controlos do avião.

— Porque será que isso não me admira? — comentei. Fingindo mudar de posição, dei um puxão ao braço da cadeira e senti qualquer coisa a dar de si. Depois, fiquei quieto, pois tive medo de fazer mais estragos.

A pista de aterragem e o aeródromo eram pequenos mas, pelo menos, existiam. Vi mais dois aviões pequenos perto de um barracão por pintar. O piloto nunca tentou contactar ninguém em terra. O meu coração batia desordenadamente. Uma tabuleta velha baloiçava precariamente no telhado do edifício. Não se via viva alma quando demos os últimos solavancos, antes de pararmos. Nada do Gary Soneji. Nada da Maggie Rose. Pelo menos, por enquanto.

«Deve estar alguém aqui», pensei com os meus botões. «Mas onde?»

— É aqui que vamos fazer a troca? — perguntei, aproveitando para dar outro puxão no braço da cadeira, com toda a força que tive.

O homem levantou-se, passou por mim e começou a descer do avião. Tinha com ele a pasta com os dez milhões.

— Adeus, detetive Cross — disse, virando-se. — Desculpa, mas tenho de ir a correr. Não vale a pena fazerem buscas a esta zona. A rapariga não está aqui, nem perto daqui. A propósito, voltamos aos Estados Unidos. Estás na Carolina do Sul.

— Onde está a rapariga? — gritei-lhe, puxando as algemas presas ao braço da cadeira.

Onde estaria o FBI? A que distância se encontraria de nós?

Eu tinha de fazer alguma coisa. Tinha de agir. Levantei-me para poder dar mais balanço e puxei o braço da cadeira do avião com todo o meu peso e a força de que fui capaz.

Depois, dei-lhe vários safanões, conseguindo arrancar metade da peça de plástico e metal.

Quando insisti, a outra metade saiu, com um barulho semelhante ao de uma profunda e dolorosa extracção de um dente.

Com duas passadas, cheguei à porta aberta do avião. O homem já estava no chão, escapando-se com a pasta. Mergulhei na sua direcção. Precisava de detê-lo até o FBI chegar.

E também queria deitá-lo por terra, para lhe mostrar quem mandava agora. Aterrei em cima dele como um falcão sobre um rato do campo e ambos batemos com força na pista alcatroada. O braço da cadeira baloiçava-me nas algemas. O metal raspou-lhe na cara e fez sangue. Às tantas, consegui prendê-lo com o braço livre.

— Onde está a Maggie Rose? Onde está? — berrei a plenos pulmões.

Ao olhar para a esquerda, por sobre a escuridão cintilante do mar, vi luzes flutuando e aproximando-se velozmente. Tinha de ser o FBI. Os seus aviões de vigilância vinham em meu socorro. Haviam conseguido seguir-nos.

Nessa altura, fui atingido na nuca. Não perdi imediatamente os sentidos. «Soneji?», gritou uma voz dentro do meu crânio. Um segundo golpe rachou-me a cabeça, fazendo-me desmaiar. Não vi quem estava a bater-me nem o que usava para o fazer.

Quando voltei a mim, o pequeno aeródromo da Carolina do Sul era uma roda-viva de luzes ofuscantes e de actividade. Estava lá o FBI em peso, assim como a Polícia da Carolina.

Viam-se por todo o lado ambulâncias e carros dos bombeiros.

No entanto, o homem do contacto desaparecera. E o resgate de dez milhões de dólares também. Fora uma fuga sem mácula. Um plano perfeito da parte do Soneji. Outra jogada de mestre.

— A pequena? A Maggie Rose? — perguntei a um médico careca que tratava das feridas na minha cabeça.

— Nada — respondeu com voz arrastada. — A rapariguinha ainda está desaparecida.

Ninguém viu a Maggie Rose Dune por aqui.

Crisfield, Maryland, estava envolta em nuvens pesadas, de um cinzento elefante.

Tinham caído aguaceiros durante quase todo o dia. Um carro da Polícia acelerava pelas estradas escorregadias devido à chuva, com a sirena ligada.

Dentro do carro encontravam-se Artie Marshall e Chester Dils. Dils tinha vinte e seis anos, ou seja, era exactamente vinte anos mais novo do que Marshall. Como muitos polícias jovens, da província, sonhava em sair dali — tinha essas esperanças e os sonhos que tivera enquanto frequentava o Liceu Wilde Lake, na Columbia. Mas continuava em Crisfield.

Gostava de chamar à cidade de menos de três mil habitantes Twzn Peaks II.

Dils desejava muito ser polícia estatal em Maryland. Era um desejo escorregadio, devido à exigência dos exames, especialmente no que se referia à matemática. Mas, se fosse polícia estadual, sairia da comarca de Somerset e talvez fosse para Salisbury ou Chestertown.

Nem Dils nem, especialmente, o calmo Artie Marshall estavam preparados para a fama que em breve iriam ter. Naquela tarde de 30 de Dezembro, uns caçadores telefonaram para a sua esquadra da Old Hurley Road. Tinham encontrado uma coisa que parecia suspeita a oeste de Crisfield, a caminho do parque de campismo da ilha Tangier um veículo abandonado. Tratava-se de uma carrinha Chevi, azul.

Nos últimos dias, tudo o que parecesse vagamente suspeito era imediatamente associado ao grande rapto ocorrido em Washington. Mas claro que este entusiasmo inicial decrescera rapidamente. No entanto, tinham mandado Dils e Marshall ver o que se passava.

As crianças haviam sido levadas da escola numa carrinha azul.

Ao cair da tarde, chegaram à quinta que ficava perto da Estrada 413. o caminho de terra batida, coberto de sulcos, que levava à propriedade até tinha um ar um tanto espectral.

— Há aqui alguma quinta velha ou coisa parecida? — perguntou Dils ao companheiro.

Dils seguia ao volante. O caminho lamacento e sulcado não lhe permitia fazer mais do que trinta quilómetros por hora. Artie Marshall preferia ter as mãos livres para a carabina.

— Há, mas já ninguém vive aqui. Duvido muito que vamos descobrir alguma coisa de especial, Chesty.

— Aí é que está o encanto desta nossa profissão — retorquiu Chester Dils. — Nunca se sabe. As coisas especiais andam sempre por aí. — Recentemente, adquirira a mania de tornar tudo um tanto mais importante do que, de facto, era. Tinha os seus sonhos e as suas grandes ideias, que Artie Marshall considerava imaturidades de rapaz.

Chegaram ao celeiro em muito mau estado que os caçadores tinham mencionado no telefonema para a esquadra.

— Vamos lá ver — disse Marshall, tentando mostrar um entusiasmo semelhante ao do seu jovem companheiro.

Chester Dils saltou para fora do carro-patrulha. Artie Marshall seguiu-o, mas sem a mesma vivacidade. Aproximaram-se. Tratava-se de um edifício baixo, de um vermelho muito desbotado, que parecia ter-se enterrado uns quantos metros no chão desde o dia em que fora construído. Os caçadores tinham fugido à chuva abrigando-se no celeiro. Depois, haviam telefonado para a Polícia.

O interior do celeiro estava bastante escuro e sombrio. As janelas tinham sido tapadas com tecido. Artie Marshall acendeu a lanterna.

— Vamos fazer um pouco de luz sobre o assunto — murmurou. Depois, gritou: — Valha-me Deus!

Lá estava um grande buraco no meio do chão de terra, com uma carrinha azul-escura estacionada ao lado.

— Nem posso acreditar, Artie!

Chester Dils puxou do revólver. De repente, teve dificuldade em respirar. Aliás, até lhe custava estar ali de pé. Com toda a honestidade, não lhe apetecia nada descer para o grande buraco aberto no chão. De resto, nem sequer lhe apetecia estar dentro do velho celeiro. Se calhar, afinal não estava preparado para ser polícia estadual.

— Quem está aqui? — gritou Artie Marshall em voz alta e nítida.

— Saia cá para fora. Somos da Polícia! Da Polícia de Crisfield. «Bolas, o Artie está a saír-se melhor do que eu», pensou Dils. O seu companheiro mostrava estar à altura dos acontecimentos. Isso fez com que os pés e as pernas de Chester Dils comessem a mover-

se e a penetrar mais no celeiro, para que ele pudesse ver se aquilo era o que pedia a Deus que não fosse.

— Aponta o foco lá para baixo — gritou ao companheiro. Estavam exactamente por Cima do buraco aberto no chão. Mal conseguia respirar. Parecia-lhe que tinha o peito apertado por um torniquete. Os joelhos batiam-lhe um contra o outro.

— Senteste bem, Artie? — perguntou.

Marshall apontou a lanterna para dentro do buraco escuro e fundo. Ambos viram o que os caçadores já tinham visto: lá dentro havia uma caixa pequena... quase um caixão. A caixa de madeira, ou caixão, estava aberta de par em par. E vazia.

— O que raio é aquilo? — indagou Dils.

Artie Marshall inclinou-se mais, apontando o feixe da lanterna para dentro do buraco.

Instintivamente, olhou em volta e para trás. Depois, voltou-se novamente para o buraco preto a sua atenção.

Havia alguma coisa lá no fundo. Um objecto cor-de-rosa ou vermelho.

A cabeça de Marshall trabalhava desenfreadamente: «É um sapato... Valha-me Deus, deve ser da rapariguinha. Devia ser aqui que tinham a Maggie Rose Dune presa. — Era aqui que tinham os dois miúdos — anunciou finalmente ao companheiro. — Encontramos o sítio. Chesty.

Pois encontraram. E também um dos ténis cor-de-rosa de Maggie Rose. Um daqueles velhos ténis que iam ajudá-la a integrar-se no meio dos outros alunos do Externato Washington. O mais estranho era que parecia que o ténis fora ali deixado de propósito para ser encontrado.

Segunda Parte

O FILHO DE LINDBERGH

Quando estava muito perturbado, Gary refugiava-se nas queridas histórias e poderosas fantasias da sua infância. Naquele momento, estava muito perturbado. Parecia que o seu plano de mestre escapava cada vez mais ao seu controlo. Nem sequer queria pensar nisso.

Falando num sussurro, repetiu de cor as palavras mágicas: — A quinta dos Lindbergh luzia com cores vivas e alaranjadas. Parecia um temível castelo... Mas, agora, o rapto de Maggie Rose é o Crime do Século. É mesmo!

Em pensamento, levava a cabo o rapto Lindbergh ainda em rapaz.

Até o sabia de cor. Fora esse o princípio de tudo: uma história que inventara aos doze anos. Uma história que não se cansava de repetir a si próprio, para não enlouquecer. Um devaneio sobre um crime cometido vinte e cinco anos antes do seu nascimento.

Naquele momento, estava escuro como breu na cave da sua casa. Habituara-se à escuridão. Podia viver-se nela, e até ser muito bom. Eram seis e um quarto da tarde de quarta-feira, 6 de janeiro, em Wilrnington, Delaware. Gary deixava os seus pensamentos voarem livres como o vento. Até conseguia visualizar todos os pormenores íntimos da casa de campo do «Lucky Lindy» e Anne Morrow Lindbergh, em Hopewell. Tinha ficado durante tanto tempo obcecado por esse rapto mundialmente famoso! Desde que a madrastra chegara com os seus dois fedelhos mimados. Desde que fora mandado pela primeira vez de castigo para a adega. «Para onde os maus rapazes vão pensar no que fizeram de mal.»

Sabia mais do que ninguém sobre o rapto cometido nos anos 30, o bebê Lindbergh acabara por ser desenterrado de uma sepultura pouco funda, localizada a apenas seis quilómetros da propriedade de Nova Jérсия. Ah, mas seria mesmo o bebê Lindbergh? o cadáver

encontrado tinha sessenta e seis centímetros, e Charles Jr. apenas cinquenta e oito.

Nunca ninguém compreendera aquele rapto sensacional, que ficara por resolver, Também seria assim com Maggie Rose Dune e Michael Goldberg.

Ninguém o perceberia. De certeza que não. Ninguém solucionara nenhum dos seus outros assassinios, pois não tinham apanhado John Wayne Gacy, Jr., depois de mais de trinta assassinios em Chitown. Jeffrey Dahmer fora caçado após dezassete, em Milwaukee. Mas Gary já matara mais do que eles dois juntos, E ninguém sabia quem ele era, nem onde estava ou o que planeava fazer a seguir.

Estava escuro na cave, mas isso não o impressionava nada.

«A adega é um prazer adquirido», dissera uma vez à madrastra, para a fazer zangar. A cave era como seria o nosso espírito depois de morrermos. Podia ser requintado, se tivéssemos um espírito fantástico, coisa que ele tinha de certeza.

Gary pensava no seu plano de acção; e o que pensava era simples: ainda ninguém vira nada.

Era melhor nem pestanejarem.

Lá em cima, Missy Murphy tentava não se zangar com Gary. Estava a fazer bolachinhas para a filha dos dois, Roni, e para as outras crianças do bairro. Missy fazia um grande esforço para ser compreensiva e solidária. Mais uma vez tinha experimentado não pensar em Gary. Normalmente, conseguia-o, quando cozinhava. Mas, desta vez, nem isso funcionou. Gary era incorrigível. Mas também amoroso, terno e brilhante como uma lâmpada de mil watts. Fora por isso que ele a atraía.

Conhecera-o numa festa da Universidade de Delaware. Gary morava num bairro pobre de Delaware. Fora para lá vindo de Princeton. Ela nunca conversara com ninguém tão inteligente; nem sequer os seus professores eram tão espertos como Gary.

A sua faceta mais cativante fora a razão por que casara com ele em 1982, contra a opinião de toda a gente. A sua melhor amiga, Michelle Lowe, que acreditava no Tarot, na reencarnação e nessas coisas, fizera-lhes o horóscopo, a ela e a Gary.

— Desiste, Missy — dissera ela. — Nunca olhas para os olhos dele? Mas Missy insistira no casamento, mesmo contra a opinião de toda a gente. Fora talvez por isso que se agarrara cada vez mais a ele. Já tentara mais do que se poderia esperar dela. Por vezes, parecia que era obrigada a suportar dois Garys: o propriamente dito e os seus inimigos mentais.

Alguma coisa de mau estava para acontecer, pensava, enquanto enchia um saco de guloseimas. Qualquer dia, ia dizer-lhe que fora despedido do emprego. A velha história, horrível, recomeçara.

Gary começara por lhe dizer que era «o mais esperto do seu emprego (sem dúvida, era verdade), que estava «a disparar à frente» de toda a gente, que os seus patrões o adoravam (provavelmente, fora verdade no princípio) e que o iam promover a gerente de vendas (decididamente, tratava-se de uma das «histórias»). Depois, sarilhos. Gary contou-lhe que o patrão começara a ter ciúmes dele e que o seu horário era impossível (o que era bem verdade: andava fora toda a semana e, por vezes, até ao fim-de-semana). O perigo do costume aproximava-se velozmente. O triste era que, se não conseguisse aguentar-se naquele emprego, com aquele patrão, como conseguiria aguentar-se noutro lado?

Missy Murphy tinha a certeza de que não faltava muito para Gary chegar a casa a dizer que voltara a ser convidado a sair. Os seus dias como representante de vendas da Companhia de Aquecimentos Atlantic estavam indubitavelmente contados. Onde arranjaria trabalho depois disso? Quem poderia ser mais compreensivo do que o seu actual patrão, o próprio irmão dela, Marty?

Porque teriam as coisas de ser sempre tão difíceis? Seria seu destino ser criada de todos os Garys Murphys deste mundo?

«Será esta noite?», pensou Missy Murphy. Gary já teria sido despedido? Iria dizer-lho quando chegasse a casa? Como podia um homem tão inteligente ser assim um vencido? A primeira lágrima caiu na massa das bolachinhas; depois, Missy abriu as cataratas do Niágara.

Todo o seu corpo começou a tremer e a soluçar.

Nunca me custara muito rir-me das minhas frustrações de polícia ou de psicólogo.

Desta vez, no entanto, não era bem assim. O Soneji vencera-nos, tanto na Florida, como na Carolina. Não conseguíamos deitar a mão à Maggie Rose, nem sabíamos se ela estava viva ou morta.

Depois de ter sido interrogado durante cinco horas pelo FBI, meteram-me num avião para Washington, onde tive de responder às mesmas perguntas no meu departamento. Um dos últimos inquisidores foi o comandante Pittman. O Jefe apareceu à meia-noite. Estava todo lavadinho e barbeado para o nosso encontro especial.

— Está com um aspecto de morto-vivo — disse-me. Foram as primeiras palavras que lhe saíram da boca.

— Não durmo desde ontem de manhã — expliquei. — Sei qual é o meu aspecto. Conte-me qualquer coisa que eu não saiba.

Soube que cometera um erro ainda antes de ter acabado de falar. Normalmente, não tenho a mania que sou bom, mas estava estonteado, estafado e, de um modo geral, sem paciência para nada.

O Jefe, sentado numa pequena cadeira de metal da sua sala de conferências, inclinou-se para a frente. Vi-lhe as obturações de ouro quando me falou: — Uma coisa é certa, Cross. Tenho de o afastar do caso do rapto. Bem ou mal, a imprensa atribuiu-lhe a si, e a nós, a culpa do sucedido. Quanto ao FBI, só lhe interessa sacudir a água do capote. Além disso, o Thomas Dune não se cala, o que me parece normal, já que o resgate desapareceu e não temos a filha dele.

— Isso são quase tudo tretas — respondi ao comandante Pittman.

— Foi o Soneji que quis que eu fosse o contacto, ainda ninguém sabe porquê. Talvez eu não devesse ter ido, mas fui. Foi o FBI que falhou a vigilância, e não eu.

— Agora, pode você dizer-me alguma coisa que eu não saiba — replicou Pittman. — Seja como for, você e o Sampson podem regressar aos assassínios dos Sanders e dos Turner.. tal como você queria de início. Não me importo que fique nos bastidores do rapto.

Não tenho mais nada a dizer. — O Jefe recitou a sua deixa e foi-se embora. Fim do contacto. Não havia mais nada a discutir.

Eu e o Sampson fomos novamente postos no nosso lugar: sudeste de Washington.

Agora, toda a gente tinha as suas prioridades definidas. Os homicídios de seis negros voltavam a ser importantes.

Dois dias depois de ter regressado da Carolina do Sul, acordei com o barulho de uma multidão reunida à frente da nossa casa.

De um lugar aparentemente seguro, a minha almofada, ouvi um zumbido de vozes.

Uma frase soava-me na cabeça: «Oh não, é manhã outra vez.»

Por fim, abri os olhos. E vi outros olhos. O Damon e a Janelle fitavam-me. Pareciam divertidos por eu conseguir dormir numa altura daquelas.

— Essa chinfrineira toda é da televisão?

— Não, papai — disse o Damon. — A televisão não está ligada.

— Não, papai — repetiu a Janelle. — É melhor do que a televisão. Levantei a cabeça, apoiando-a no cotovelo:

— Então são vocês que estão a fazer uma festa lá fora, com os vossos amigos? É isso?

É isso que estou a ouvir pela janela do quarto? Abanaram os dois, muito sérios, a cabeça. Por fim, o Damon sorriu, mas a minha filha permaneceu séria e um tanto assustada.

— Não, papai, não estamos a fazer nenhuma festa — replicou Damon.

— Hum. Não me digam que os jornais e a televisão estão outra vez aqui. Ainda cá estiveram há umas horas... Ontem à noite.

O Damon tinha as mãos em cima da cabeça. Fá-lo sempre quando está excitado ou nervoso.

— Estão, papai. São outra vez os jornalistas.

— Raios me partam — murmurei para mim próprio.

— Raios me partam a mim também — imitou o Damon, carregando o sobrolho. Ele compreendia parcialmente o que se passava.

Um linchamento muito público! O meu.

Outra vez o raio dos jornalistas! Virei-me de lado e olhei para o tecto. Precisava de voltar a pintá-lo. Quando se é proprietário, é um

nunca acabar de coisas para fazer.

Já era um «facto» noticiado na imprensa que eu falhara o resgate da Maggie Rose Dune. Alguém me entregara, talvez o FBI ou George Pittman. E alguém também fizera constar que as minhas avaliações psicológicas do Soneji tinham ditado as acções de Miami, o que era falso. Numa revista nacional apareceu anunciado: Polícia de DC Perde Maggie Rose!

Thomas Dune dissera numa entrevista à televisão que me responsabilizava pessoalmente pelo fracasso da libertação da sua filha na Florida. Desde então, fui objecto de várias histórias e editoriais. Nem um foi particularmente positivo ou se aproximou sequer da verdade dos factos.

Se, de algum modo, eu tivesse inviabilizado o resgate, teria aceitado as críticas. Sou muito capaz de as encaixar. Mas não estragara nada. Pusera até a minha vida em jogo na Florida.

Mais do que nunca, precisava de saber porque o Gary Soneji me escolhera para o resgate. Porque fizera eu parte do seu plano? Porquê eu? Até saber isso, nem por sombras me retiraria da investigação. E não me interessava o que o Jefe ia dizer, pensar ou fazer.

— Damon, vai já à porta da frente dizer aos jornalistas que se ponham a andar — disse eu ao meu filho. — Diz-lhes que desandem, que desapareçam.

— Está bem, que desapareçam! — repetiu o Damon.

Ri-me para ele, que compreendia que eu estava a tentar sair-me o melhor possível.

Sorriu-me. Por fim, a Janelle também se riu e deu a mão ao Damon. Eu estava a levantar-me.

Os meus filhos pressentiram a aproximação da ACÇÃO. Claro que sim.

Fui vagarosamente até ao alpendre. Ia falar com os jornalistas. Nem me dei ao trabalho de pôr os sapatos. Ou de vestir uma camisa. Só pensava no grito imortal de Tarzan: Aíziaataataa!

— Como vão, nesta linda manhã de Inverno? — perguntei, com umas chinelas cambadas nos pés. — Alguém quer café ou pãezinhos?

— detetive Cross, Katherine Rose e Thomas Dune culpam-no pelos erros cometidos na Florida. O senhor Dune fez outra declaração ontem à noite. — Um deles deu-me as notícias matinais... de graça, ainda por cima. Sim, eu continuava a ser o bode expiatório da semana.

— Compreendo o desalento dos Dune com o que aconteceu na Florida — disse eu, em voz monocórdica. — Isso, atirem com os copos de café para a relva, como têm estado a fazer. Eu depois apanho.

— Admite então que foi um erro entregar o dinheiro do resgate sem ter visto a Maggie Rose primeiro? — indagou alguém.

— Não. Não admito nada. Não tive outra hipótese, nem na Florida nem na Carolina do Sul. A minha única opção era não ter ido com o homem do contacto. Sabem, quando estamos algemados e o outro gajo tem a arma, a nossa desvantagem é evidente. E há outro problema quando os reforços chegam atrasados.

Foi como senão tivessem ouvido uma única palavra do que eu dissera.

— Detetive, segundo as nossas fontes, foi o senhor quem decidiu pagar o resgate — sugeriu alguém.

— Por que vocês vieram aqui acampar no meu gramado? — perguntei-lhes, zangado. — Por que vieram para aqui assustar a minha família e incomodar os vizinhos? Estou-me nas tintas para o que escreverem a meu respeito, mas digo-vos uma coisa: vocês não sabem nada do que se está a passar e, com isto, até podem pôr em risco a filha dos Dune.

— A Maggie Rose Dune está viva? — gritou um jornalista. Virei-lhes as costas e entrei em casa. Era bem feito! Eles que aprendessem a respeitar a privacidade das pessoas.

«Ei, Manteiga de Amendoim, então?»

Uma multidão diferente reconheceu-me um pouco mais tarde. Homens e mulheres formavam uma fila com a largura de três pessoas na 12th street, em frente da Igreja de Santo António. Tinham fome e frio, e nenhum deles trazia Nikons ou Leicas penduradas ao pescoço.

— Ei, Manteiga de Amendoim, vi-o na televisão. Agora é estrela de cinema? — Ouvi alguém gritar.

— Claro que sim. Não se vê logo?

Nos últimos anos, eu e o Sampson temos trabalhado na «sopa dos pobres» de Santo António. Fazemo-lo dois ou três dias por semana. Comecei a trabalhar lá por causa da Maria, que estudara alguns casos através da paróquia. Continuei lá depois da sua morte, por uma das razões mais egoístas do mundo: o trabalho fazia-me sentir bem.

O Sampson recebe as pessoas para o almoço, à porta da frente, recolhe as fichas numeradas que lhes dão quando vão para a bicha e desencoraja os desordeiros. Quanto a mim, desencorajo as desordens dentro da sala de jantar. Chamam-me «Manteiga de Amendoim».

Jimmy Moore, que dirige a cozinha, acredita nas potencialidades nutritivas da manteiga de amendoim. Juntamente com uma refeição completa, geralmente constituída por pão, duas espécies de legumes, carne ou peixe estufado e sobremesa, quem quiser pode servir-se de manteiga de amendoim. Todos os dias.

— Ei, Manteiga de Amendoim, hoje há manteiga de amendoim da boa ou é uma porcaria?

Ri-me para os rostos conhecidos e deprimidos da multidão. o meu nariz encheu-se dos cheiros familiares a corpos mal lavados, mau hálito e vinho.

— Não sei exactamente o que é hoje a ementa.

Os que lá vão regularmente conhecem-me a mim e ao Sampson. Muitos também sabem que somos da polícia e alguns que sou psicólogo, visto que dou consultas numa caravana estacionada do lado de fora da cozinha, que diz: O Senhor ajuda quem se ajuda a si próprio. Entre.»

Jimmy Moore dirige um sítio eficiente e bonito. Afirma que se trata do maior refeitório do Leste e que ainda havemos de servir uma média de mil e cem refeições por dia. A cozinha começa a distribuir refeições às dez e um quarto e acaba ao meio-dia e meia, o que significa que se alguém chegar um minuto depois dessa hora, vai-se embora com fome. A disciplina é uma parte importante do programa de Santo António. Não é permitida a entrada a pessoas embriagadas ou demasiadamente alteradas. Espera-se que toda a gente tenha modos durante as refeições. Cada um tem cerca de dez

minutos para comer, porque há outros com fome e com frio, que esperam lá fora, na fila. Toda a gente é tratada com dignidade e respeito.

Ninguém pergunta nada aos que lá vão. Se as pessoas esperarem na fila, serão alimentadas.

o tratamento corrente é «senhor» ou «senhora e pede-se ao pessoal voluntário que seja amável. De resto, até se fazem «verificações dos sorrisos» dos novos voluntários encarregados da fila de atendimento ou do trabalho na sala de jantar.

Por volta do meio-dia, houve uma grande agitação lá fora. O Sampson gritava.

Acontecera qualquer coisa.

As pessoas que estavam na fila gritavam e praguejavam muito alto. Às tantas, ouvi o Sampson pedir ajuda:

— Alex! Anda cá!

Corri lá para fora e vi imediatamente o que se passava. Cerrei os punhos, dando-lhes a forma e a consistência de bigornas. A imprensa voltara a encontrar-nos. A encontrar-me.

Uns quantos operadores de câmara filmavam quem estava na fila para a sopa dos pobres o que, compreensivelmente, não é nada bem visto, pois que se trata de pessoas que tentam guardar as suas últimas migalhas de dignidade e que, portanto, não querem ser vistas na televisão a pedir esmola.

Jimmy Moore é um irlandês duro e rude, que já trabalhou connosco na Polícia de DC.

Ele já estava lá fora. E era, aliás, quem fazia grande parte do barulho.

— Seus sacanas, seus filhos da mãe! — dei comigo a berrar. — Ninguém os convidou para virem aqui! Não os queremos aqui! Deixem estas pessoas em paz. Deixem-nos servir o almoço em paz.

Os fotógrafos deixaram de tirar fotografias e ficaram a olhar para mim. Assim como o Sampson, o Jiminy Moore e quase toda a gente que se encontrava na fila. A imprensa não partiu, mas recuou. A maior parte dos jornalistas atravessou a 12th Street. De certeza que iam ficar à espera que eu saísse.

«Estávamos a servir o almoço», pensei para comigo, enquanto observava os jornalistas e os fotógrafos, à minha espera num

parque, do outro lado da rua. «Quem raio serve a imprensa senão os patrões e as famílias ricas para quem trabalham?»

À nossa volta, começava a levantar-se um burburinho.

— As pessoas têm fome e frio. Vamos comer. As pessoas têm o direito de comer — gritou alguém da fila.

Regressei ao meu posto e começamos a servir o almoço. Eu era o Manteiga de Amendoim.

Na cidade de Wilmíngton, Delaware, Gary Murphy limpava às pazadas oito centímetros de neve. Era a tarde de quarta-feira, 6 de janeiro. Gary pensava no rapto e tentava manter o controlo. E pensava na menininha rica, Maggie Rose Dune, quando um lustroso Cadillac azul encostou ao lado da sua pequena casa de estilo colonial, na Central Avenue. Gary praguejou entredentes, soltando da boca uma baforada de vapor.

Rom, a filha de Gary, de seis anos, fazia bolas de neve, que alinhava em cima da cama gelada que cobria a neve. Quando viu o seu tio Marty, saindo do carro, guinchou de prazer.

— Quem é esta princezinha? — gritou-lhe o tio Marty, do outro lado do jardim. — Uma estrela de cinema? É mesmo. Acho que sim. É a Rom? Acho que sim!

— Tio Marty! Tio Marty! — guinchou Rom, correndo para o carro.

Sempre que Gary via Marty Kasajian, lembrava-se de um filme verdadeiramente detestável intitulado Uncle Buck (#). Em Uncle Buck, John Candy era um parente odioso, indesejável e metediço, que se divertia a complicar a vida de uma família do Oeste. Era um filme pernicioso. O tio Marty Kasajian era rico, bem sucedido, fazia mais barulho do que John Candy... e estava ali. Gary desprezava o irmão mais velho de Missy, por todas estas razões mas, sobretudo, porque ele era o seu patrão. Missy devia ter ouvido a algazarra feita por Marty (de resto, como podia alguém da Central Avenue ou da vizinha North Street deixar de a ouvir) porque saiu pela porta das traseiras com um pano da louça ainda enrolado na mão. (*)Tio Dólar. (NT)

— Olha quem ele é! — guinchou Missy. Para Gary, ela e Rom pareciam duas porquinhas gémeas.

«Que rato de surpresa!» apeteceu-lhe gritar; mas guardou a frase para si... tal como fazia com os seus verdadeiros sentimentos,

quando estava em casa. Imaginou-se a espancar Marty com a pá da neve, a assassiná-lo à frente de Missy e de Roni, para lhes mostrar quem era o homem da casa.

— Olha a Divina Miss M! — continuou Marty Kasajian, disparatando à velocidade de um quilómetro e meio por minuto. Por fim, saudou Gary: — Então como vai isso, Gar? Vamos ver um grande jogo! Já tens os bilhetes?

— Claro, Marty. Dois bilhetes para um óptimo lugar.

Gary Murphy atirou a pá de alumínio para um montículo de neve e caminhou pesadamente até ao sítio onde Missy e Rom estavam com o tio Marty.

Depois, foram todos juntos para dentro de casa. Missy serviu-lhes uma bebida cara, fatias de torta de maçã e passas e pedaços de cheddar. A fatia de Marty era maior do que as outras. Pois, afinal ele é que era O Homem, não era?

Marty entregou um sobrescrito a Missy. Tratava-se da «mesada» que o irmão mais velho lhe dava, e que fazia questão que Gary visse. Era mesmo esfregar sal nas feridas!

— Querida, a mamãe, o tio Marty e o papai têm de falar um bocadinho — disse Marty Kasajian a Roni, logo que acabou de comer a sua fatia de torta. — Parece-me que me esqueci de uma coisa que tenho para ti no carro. Mas não sei. Talvez esteja no banco de trás. É melhor ires ver.

— Primeiro, veste o casaco, querida — recomendou Missy à filha. — Não apanhes frio.

Roni riu-se e guinchou abraçando o tio. Depois, saiu a correr.

— O que é que lhe trouxeste? — sussurrou Missy ao irmão, com um ar conspirador. — És demais!

Marty encolheu os ombros, como se se tivesse esquecido. Gary não tinha razões de queixa de Missy, quando estava com as outras pessoas. Lembrava-lhe a sua mãe verdadeira.

Até se parecia com ela. Era só com o irmão que ela mudava para pior, adquirindo até os hábitos perniciosos de Marty e a sua maneira de falar.

— Ouçam, meninos. — Marty inclinou-se para mais perto deles. Temos um problemazinho. Podemos resolvê-lo, porque ainda está

no início, mas temos de fazer alguma coisa. Vamos partir do princípio de que somos todos adultos, está bem?

Missy pôs-se instantaneamente em guarda:

— O que é, Marty? Que problema?

Marty Kasajian ficou com um ar verdadeiramente preocupado e pouco à vontade. Gary já o vira afivelar aí umas mil vezes aquela expressão deprimida diante dos clientes.

Especialmente, quando tinha de pedir que lhe pagassem uma conta em atraso ou quando ia despedir alguém.

— Gar? — Olhou para Gary, em busca de ajuda. — Queres dizer alguma coisa?

Gary encolheu os ombros. Como se a deixa já não tivesse sido dada. «Vai-te lixar, idiota», pensou para si próprio. «Desenvencilha-te por ti.» Gary sentiu um sorriso a espalhar-se, a subir-lhe do estômago. Não queria que se visse mas, por fim, apareceu-lhe nos lábios.

Vivia um momento de certa forma agradável. Ser apanhado também tinha o seu encanto subtil. Pensando nisso, talvez fosse bom aprender mais sobre o assunto.

— Desculpa, mas acho que isto não tem piada. — Marty Kasajian abanou a cabeça. — Não tem piada nenhuma.

— Também acho — concordou Gary numa voz esquisita, aguda e arrapazada. Não era a sua voz.

Missy lançou-lhe um olhar estranho:

— O que se passa? — indagou. — Algum de vocês me quer dizer o que se passa?

Gary mirou a mulher. Estava furioso com ela. Missy fazia parte da armadilha e sabia-o.

— O meu registo de vendas na Atlantic é horrível — disse Gary finalmente, encolhendo os ombros. — É isso Marty?

Marty franziu o sobrolho e baixou o olhar para as botas novas: — Oh, é mais do que isso, Gar. O teu registo de vendas praticamente não existe. E o que é pior, muito pior, é que tens mais de mil e trezentos dólares adiantados. Pisaste o risco, Gary. Não quero dizer muito mais, para não me arrepender depois. Francamente, não sei como resolver a situação. É muito difícil para mim. Embaraçoso. Lamento muito, Missy.

Detesto isto.

Missy tapou o rosto com as mãos e começou a chorar. Ao princípio, fê-lo silenciosamente. Depois, os soluços tornaram-se mais altos. Os olhos do irmão marejaram-se de lágrimas.

— É isso que eu não queria. Lamento muito, mana. — Marty estendeu a mão para a reconfortar.

— Eu estou bem. — Missy afastou-se do irmão e fitou Gary por cima da mesa. Os seus olhos pareciam pequenos e mais escuros. Onde é que tens andado este tempo todo, Gary? A fazer o quê? Oh, Gary, Gary, às vezes parece-me que não te conheço. Diz alguma coisa para melhorar a situação. Diz alguma coisa, por favor, Gary.

Gary pensou cuidadosamente antes de responder. Depois, disse: — Amo-te tanto, Missy! Gosto mais de ti e da Roni do que da minha própria vida.

Gary sabia que aquela mentira era das boas. Muito bem contada e representada. O que lhe apetecia fazer era rir-se na cara deles. O que mais lhe apetecia fazer era matá-los a todos. Isso é que era bom. Bum. Bum. Bum. Um homicídio múltiplo em Wilmington. O plano de mestre novamente em acção.

Nessa altura, Roni entrou a correr. Tinha na mão uma cassete de vídeo e sorria como uma Cabeça de Balão.

— Olhem o que o tio Marty me trouxe!

Gary enfiou a cabeça nas mãos, sem conseguir conter a frase que gritava dentro da cabeça: Quero ser alguém!

A vida e a morte continuavam a sudeste. Eu e o Sampson estávamos de novo a trabalhar nos assassínios dos Sanders e dos Turner. Haviam-se feito poucos progressos na resolução dos seis homicídios, o que não era para admirar. Não era mesmo nada para admirar, pois ninguém se importava com isso.

No domingo, 10 de janeiro, resolvi descansar e tirar o meu primeiro dia de folga desde o rapto.

Comecei por ter uma certa pena de mim mesmo, logo de manhã, deixando-me estar na cama até cerca das dez, com a cabeça às voltas, em resultado da boémia da noite anterior, em que tivera o Sampson por companhia. Quase tudo o que me passava pela cabeça era improdutivo. Em primeiro lugar, sentia muito a falta da Maria. Lembrava-me de como era bom dormirmos até tarde aos

domingos de manhã. E ainda estava furioso por me terem obrigado a ser o bode expiatório do que se passara no Sul. Mas, mais importante, sentia-me muito mal por nenhum de nós ter sido capaz de ajudar a Maggie Rose Dune. A princípio, estabelecera um paralelo entre ela e os meus filhos. Por isso, sempre que pensava nela, que, provavelmente, já estava morta, o meu estômago contraía-se, o que não é bom, especialmente depois de uma noite na cidade.

Acho mesmo que me apetecia ficar na preguiça até às seis. Perder o dia inteiro. Eu merecia-o. Não tinha vontade de ver a Nana e ouvi-la disparatar sobre o que eu andara a fazer na noite anterior. Nem sequer me apetecia estar com os meus filhos.

A imagem da Maria não me saía da cabeça. Dantes, noutra vida, eu, ela e, normalmente, as crianças, costumávamos passar os domingos juntos. Às vezes, ficávamos na cama até ao meio-dia e, depois, vestíamos-nos e íamos comer qualquer coisa. Não havia muitas coisas que eu e a Maria não fizéssemos juntos. À noite, eu chegava sempre a casa o mais cedo que me era possível. A Maria fazia o mesmo. Não havia nada que nenhum de nós quisesse mais. Ela cuidara de mim quando eu ficara muito em baixo por não ter sido completamente aceite no meu exercício privado da psicologia e conseguira que recuperasse algum equilíbrio depois de uns anos de boémia com o Sampson e outros amigos solteiros, incluindo os jogadores de basquetebol dos Washington Bullets.

A Maria devolvera-me uma certa sanidade mental, e eu adorava-a por isso. Talvez as coisas tivessem continuado assim para sempre ou talvez nos houvéssemos acabado por separar. Quem sabe? Nunca tivemos oportunidade de o descobrir.

Uma noite em que ela nunca mais chegava do seu trabalho na assistência social, recebi o telefonema e precipitei-me para o Hospital da Misericórdia. A Maria levava um tiro. A única coisa que me disseram ao telefone foi que estava muito mal.

Cheguei lá pouco depois das oito. Um amigo, um polícia que eu conhecia, obrigou-me a sentar e disse-me que a Maria já estava morta quando chegou ao hospital. Fora um tiroteio num bairro pobre. Ninguém soube quem disparara, nem porquê. Portanto,

nunca nos despedimos. Não houve nenhuma preparação, nem aviso nem explicação.

A minha dor era como uma coluna de aço que me ia do centro do peito até à testa.

Pensava constantemente na Maria, dia e noite. Já lá iam três anos. Começava então, finalmente, a esquecer, a aprender a esquecer.

Achava-me eu deitado na cama, num estado de calma e resignação, quando o Damon irrompeu pelo quarto como se tivesse o cabelo a arder: — papai, papai, estás acordado?

— O que é que foi? — perguntei, com a sensação de que, ultimamente, odiava o som daquelas palavras. — Parece que viste um fantasma na varanda.

— Estão ali a perguntar por ti, papai — anunciou o Damon, com um nervosismo ofegante. -

Lá dentro!

— É alguém da Rua Sésamo? — indaguei. — Quem é? Diz lá. Não é outro jornalista, espero? Se for outro jornalista...

— Diz que se chama Jezzie. É uma mulher, papai.

Creio que me sentei mas, como a vista não me deve ter agradado, voltei a deitar-me rapidamente.

— Eu já desço. Não lhe digas que estou na cama. Diz-lhe só que eu desço. — o Damon saiu do quarto e eu pus-me a pensar como ia cumprir a promessa que acabara de fazer.

A Janelle, o Damon e a Jezzie Flanagan continuavam de pé à frente da lareira da nossa casa quando, por fim, consegui descer as escadas. A Janelle parecia pouco à vontade, mas já lograva cumprir melhor uma das suas tarefas, que consistia em ir abrir a porta. Era extremamente tímida com as pessoas que não conhecia. Para contrariar essa tendência, eu e a Nana tínhamos insistido com ela e com o Damon para que fossem abrir a porta durante o dia. Para a Jezzie lá ter ido, devia ser importante. Eu sabia que metade do FBI andava à procura do piloto que recebera o resgate. Até ao momento, não se descobrira nada. O pouco que até ali fora descoberto, descobrira-o eu.

A Jezzie envergava umas calças pretas, largas, e uma blusa branca. `Nos pés, tinha uns ténis gastos. Lembrei-me da sua

aparência em ` Miami, que quase me fizera esquecer como ela era importante nos Serviços Secretos.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, estremeando. Uma dor perpassou-me o crânio e o rosto. Não aguentava o som da minha própria voz.

-Não, Alex. Não soubemos mais nada da Maggie Rose — respondeu. — Só umas vistas, mais nada.

«Vistas» era aquilo que o FBI chamava aos relatos de testemunhos oculares que afirmavam» ter visto a Maggie Rose ou o Gary Soneji. Até ao momento, as vistas iam de um terreno baldio situado a uns quarteirões do Externato Washington até à Califórnia, à ala das crianças do Hospital Bellevue de Nova Iorque e à África do Sul, para já não mencionar uma sonda espacial que devia aterrar perto de Sedona, Arízona. Não se passava um dia sem que alguém visse alguma coisa. Num país grande há muitos lunáticos à solta...

— Eu não queria incomodar — disse ela finalmente, sorrindo. — É que não me tenho sentido nada bem com o que aconteceu, Alex, As histórias que se têm publicado sobre si são incríveis. E falsas. Portanto, queria dizer-lhe o que penso. É por isso que estou aqui.

Muito obrigado — agradei. Fora uma das poucas coisas boas que me acontecera na última semana. Tocou-me de uma forma estranha.

— Você fez o que podia na Florida, e não digo isto só para que se sinta melhor.

Tentei focar os olhos. Continuava a ver tudo um bocado enevoado: — Não posso propriamente chamar-lhe uma das minhas melhores experiências mas, por outro lado, também não acho que a minha actuação merecesse notícias de primeira página.

— Pois não. Isto foi obra de alguém que o entregou à imprensa. Tudo tretas!

— Tretas! — atirou o Damon. — Não é verdade, Paizão?

— Esta é a Jezzie — anunciei aos meus filhos. — Às vezes, trabalhamos juntos. — As crianças estavam a começar a habituar-se a Jezzie, mas ainda continuavam um tanto envergonhadas. A Janelle tentava esconder-se atrás do irmão e o Damon tinha as mãos enfiadas nos bolsos de trás, exactamente como o pai.

A Jezzie agachou-se, para ficar do tamanho deles. Primeiro, apertou a mão ao Damon e, depois, à Janelle. Foi um bom gesto instintivo da sua parte.

— O teu pai é o melhor polícia que conheço — comentou para o Damon.

— Eu sei — retorquiu ele, aceitando o cumprimento com toda a benevolência.

— Eu sou a Janelle. — Fiquei admirado ao ouvi-la dizer o nome à Jezzie.

Era evidente que queria um abraço. Não há ninguém neste mundo que goste tanto de abraços como a Janelle. É daí que lhe vem uma das suas muitas alcunhas: «Velero».

A Jezzie também o compreendeu. Por isso, abraçou a Janelle. Foi uma cena bonita. O Damon decidiu juntar-se-lhes imediatamente. Era o que tinha a fazer. Foi como se a sua melhor amiga tivesse regressado da guerra.

Passado cerca de um minuto, a Jezzie voltou a levantar-se. Nesse momento, percebi que ela era mesmo boa pessoa, das poucas que eu conhecera durante a investigação. A sua visita a nossa casa era amável e, além disso, um tanto corajosa: a zona sudeste não é sítio para mulheres brancas, nem mesmo quando andam armadas, o que era, provavelmente, o caso.

— Bem, só passei por aqui para dar um abraço. — Piscou-me o olho. — De resto, tenho um caso perto daqui. Lá vou eu trabalhar outra vez.

— Não quer um café? — perguntei-lhe, achando que o conseguiria arranjar. A Nana devia ter algum na cozinha, provavelmente feito havia apenas cinco ou seis horas.

Ela lançou-me um olhar de esguelha e sorriu outra vez: — Dois filhos, uma bela manhã de domingo em casa com eles... Afinal, você não é assim tão durão.

— Não, também sou durão — repliquei. — Só que sou um durão que gosta de estar em casa ao domingo de manhã.

— Está bem, Alex. — Continuava a sorrir. — Não se deixe abater pelos disparates que vêm nos jornais. De qualquer forma, ninguém acredita nas páginas das anedotas. Tenho de ir andando. O café fica para depois.

Ela abriu a porta da rua, saiu e, antes de a fechar atrás de si, disse adeus às crianças.

— Até à vista, Paizão — despediu-se, rindo.

Depois de ter feito o que tinha a fazer na zona sudeste, Jezzie Flanagan seguiu de carro até à quinta onde Gary Soneji enterrara as duas crianças. Já lá estivera duas vezes, mas ainda havia muitas coisas na quinta de Maryland que lhe davam que pensar. De qualquer forma, era muito obsessiva e achava que ninguém queria tanto apanhar Soneji como ela.

Jezzie ignorou os sinais que indicavam «local de crime» e acelerou pela estrada de terra sulcada até a um aglomerado de edifícios em muito mau estado. Lembrava-se nitidamente de tudo. Lá estava a casa principal, uma garagem para as máquinas e o celeiro onde as crianças tinham sido presas.

«Porquê este lugar?», pensou com os seus botões. «Porquê aqui, Soneji? Será que isto me diz quem ele é realmente?»

Jezzie Flanagan era investigadora desde a primeira vez que pusera os pés nos Serviços Secretos. Chegara lá com uma licenciatura em Direito, passada pela Universidade da Virgínia, e o Ministério da Fazenda tentara encaminhá-la para o FBI, onde quase metade dos agentes eram formados em Direito. Mas, depois de estudar a situação, Jezzie escolhera os Serviços Secretos, onde a licenciatura a faria sobressair mais. Desde o princípio que fazia semanas de oitenta e cem horas. Ascendera logo ao estrelato por uma razão: era mais esperta e mais decidida do que os homens com quem ou para quem trabalhava. Tinha mais audácia. Mas desde o início que Jezzie sabia que a sua boa estrela a abandonaria mal ela cometesse um grande erro. E, porque o sabia, só havia uma solução: tinha de encontrar Gary Soneji. Tinha de ser ela a encontrá-lo.

Percorreu os arredores da casa até a noite cair. Depois, voltou a percorrê-los com a lanterna. Enquanto o fazia, ia garatujando algumas notas, na tentativa de descobrir qualquer relação que lhe houvesse escapado.

Talvez tudo aquilo tivesse a ver com o velho caso Lindbergh, o chamado «crime do século», levado a cabo nos anos 30. Filho de Lindbergh?

A casa dos Lindbergh em Hopewell, Nova Jérсия, também era de campo. O bebê Lindbergh fora enterrado perto do local do rapto.

Bruno Hauptmann, o raptor, era de Nova Iorque. O raptor de Washington seria seu parente afastado? Seria de perto de Hopewell? Talvez de Princeton? Como era possível não se saber nada de Soneji até ao momento?

Antes de deixar a quinta, Jezzie sentou-se no carro, pôs o motor a trabalhar, ligou o aquecimento e deixou-se ficar a matutar. Perdida nos seus próprios pensamentos.

«Onde está o Gary Soneji? Como desapareceu? Ninguém desaparece assim, hoje em dia. Não existe ninguém assim tão esperto.» Depois, pensou em Maggie Rose Dune e no «Encolhido» Goldberg e as lágrimas começaram a rolar-lhe pelo rosto. Não conseguia parar de soluçar. Fora essa a verdadeira razão que a levava até à quinta. Jezzie Flanagan precisava de chorar.

Maggie Rose encontrava-se numa escuridão total.

Não sabia há quanto tempo estava ali. Muito, muito tempo. Não se lembrava da última vez que vira ou falara com alguém, excepto com as vozes que tinha dentro da cabeça.

Quem lhe dera que aparecesse alguém! Havia horas que só pensava nisso.

Nem se importava nada que aquela velha voltasse e lhe gritasse. Começara a pensar por que seria que estava a ser castigada, que pecado teria cometido. Teria sido má, merecendo que tudo aquilo lhe acontecesse? Começava a pensar que devia ter sido muito má, para lhe acontecerem tantas coisas terríveis. Não conseguia chorar outra vez. Nem que quisesse. Já não conseguia chorar mais.

Muitas vezes, pensava que devia estar morta. Já quase não sentia nada. Depois, beliscava-se com força. Até se mordida a si própria. Uma vez, mordeu o dedo até fazer sangue.

O gosto do sangue quente provocou nela uma sensação estranhamente maravilhosa. Os seus tempos de escuridão pareciam nunca mais acabar. A escuridão era um quatinho minúsculo, como um armário, Ela...

De repente, Maggie Rose ouviu vozes lá fora. Não ouvia suficientemente bem para perceber as palavras, mas não havia dúvida de que eram vozes. A velha? Devia ser. Maggie Rose queria

gritar, mas tinha medo da velha, dos seus gritos horríveis, das ameaças, da voz arranhada, que era pior do que os filmes de terror que a mãe nem sequer gostava que ela visse. De longe muito pior do que Freddy Krueger.

As vozes calaram-se. Não conseguia ouvir nada, nem mesmo encostando a orelha à porta do armário. Tinham-se ido embora, deixando-a ali para sempre.

Tentou chorar, mas não conseguiu. Então, desatou a gritar. A porta abriu-se com um estrondo e uma luz lindíssima cegou-a.

Na noite de 11 de Janeiro, Gary Murphy sentia-se quentinho e seguro na sua cave.

Ninguém sabia que ele estava ali mas se, por acaso, a metediça da Missy abrisse a porta da cave, ele trataria logo de acender a luz da sua bancada de trabalho. Pensava sempre em tudo, com conta, peso e medida.

Estava a ficar agradavelmente obcecado pela ideia de assassinar Missy e Rom, mas achava que não ia fazê-lo já. No entanto, era uma linda fantasia. O assassinio da própria família tinha um certo estilo caseiro. Não era muito imaginativo, mas o efeito seria soberbo; o arrepio gelado que percorreria aquela comunidade suburbana, serena e vulgar, com todas as famílias caindo na mesma ironia — a de fecharem as portas, a de se fecharem!

Por volta da meia-noite, percebeu que a sua pequena família fora deitar-se sem ele.

Nem sequer se tinham dado ao trabalho de o chamar. Queriam lá saber! Estava a começar a sentir um rugido oco dentro da cabeça. Precisava de cerca de meia dúzia de comprimidos para parar com aquele ruído branco.

Talvez pegasse fogo à casinha perfeita da Central Avenue. Incendiar casas fazia bem à alma. Já o fizera antes; fá-lo-ia outra vez. A cabeça doía-lhe como se tivessem estado a martelá-la. Teria algum problema físico? Seria possível que, desta vez, estivesse a enlouquecer?

Tentou pensar na Águia Solitária: Charles Lindbergh. Mas também não resultou. Em pensamento, visitou a quinta de Hopewell. Nada. Aquela viagem mental também estava a ficar gasta.

Ele era famoso, bolas. Agora, era famoso. Era conhecido no mundo inteiro, uma estrela no planeta Terra.

Por fim, saiu da cave e da casa de Wilmington. Passava pouco das cinco e meia da manhã. Ao dirigir-se para o carro, sentiu-se como um animal subitamente à solta.

Foi novamente de carro para DC. Havia lá mais trabalho para fazer. Afinal, não queria desiludir o seu público, pois não?

Agora, tinha um desafio para todos. «Ponham-se a pau comigo!»

Por volta das onze horas da manhã de terça-feira, Gary Murphy tocou ao de leve na campainha da porta de uma casa de tijolo bem conservada nos limites do Capitol Hill. De dentro, veio um som: ding-dong.

O perigo que representava o facto de estar novamente em Washington provocava-lhe agradáveis arrepios. Aquilo era muito melhor do que andar a monte. Sentia-se vivo outra vez, respirava, tinha o seu espaço próprio.

Vivian Kim deixou ficar a corrente na porta, mas abriu-a cerca de trinta centímetros.

Pelo buraco da porta, vira a farda, conhecida, de um homem dos serviços públicos de Washington.

Era uma linda mulher. Gary lembrava-se dela do Externato Washington. Tinha tranças compridas, pretas, um lindo narizinho arrebitado. Claro que ela não o conheceu, pois estava louro, sem bigode e com um pouco de carne a menos nas bochechas e no queixo.

— Sim? O que é? O que deseja? — perguntou ao homem que se encontrava de pé no seu alpendre. Ouvia-se música Jazz dentro de casa. Thelomus.

— Telefonaram-nos por causa de uma sobrecarga de electricidade. Vivian Kim franziu as sobrancelhas e abanou a cabeça. Tinha um mapa minúsculo da Corcia gravado numa pele curtida que trazia pendurada ao pescoço.

— Mas não fui eu. Eu não vos telefonei.

— Alguém foi.

— Volte noutra altura — disse-lhe Vivian Kim. — Se calhar, foi o meu namorado. Tenha paciência, mas volte noutra altura.

Gary encolheu os ombros. Aquilo era tão delicioso que não lhe apetecia nada que acabasse.

— Está bem. Telefone outra vez, se quiser. Mas olhe que é uma sobrecarga. A senhora pagou demais.

— Está bem, já percebi.

Vivian Kim tirou a corrente devagar e abriu a porta. Gary entrou no apartamento, tirou uma comprida faca de caça de debaixo do casaco da farda e apontou-a ao rosto da professora.

— Não grites. Não grites, Vivian.

— Como sabe o meu nome? — perguntou ela. — Quem é você?

— Não levantes a voz, Vivian. Não há razão para medos, já fiz isto antes. Sou só o teu ladrão particular.

— O que é que quer? — A professora começara a tremer.

Gary pensou um segundo antes de responder à sua pergunta de coelho assustado: — Acho que quero enviar outra mensagem pela televisão. Quero a fama que tanto mereço. Quero ser o homem mais aterrorador da América. É por isso que trabalho na capital. Sou o Gary. Não te lembras de mim, Viv?

Eu e o Sampson corríamos pela C Street, situada no coração da colina do Capitólio. Ao correr, ouvia a respiração dentro do nariz. Parecia-me que tinha as pernas e os braços desconjuntados.

Os carros-patrolha do departamento e as ambulâncias haviam bloqueado completamente a rua. Por isso, fomos obrigados a estacionar na F Street e a atravessar a correr os últimos quarteirões. A WJLA-TV já lá estava, assim como a CNN. Tocavam sirenas por toda a parte.

Descortinei um grupo de jornalistas mais à frente, e estes viram-me a mim e ao Sampson. Aliás, é tão difícil não dar por nós como não reparar nos Globetrotters de Harlem em Tóquio.

— Detetive Cross? Doutor Cross? — gritaram os jornalistas, tentando abrandar o nosso andamento.

— Não tenho comentários a fazer. — Fiz-lhes sinal com a mão para que se afastassem. -

Nenhum de nós tem. Saiam do caminho. Dentro do apartamento de Vivian Kim, eu e o Sampson passamos pelos mesmos rostos de sempre: técnicos, especialistas de medicina legal, o grupo da morgue no seu terrível elemento.

— Não quero fazer mais isto — observou o Sampson. — o mundo inteiro está a desabar aqui. É demais. Até para mim é demais.

— Explodimos — murmurei-lhe. — Vamos explodir juntos.

Sampson agarrou-me a mão e, com este gesto, mostrou-me quão verdadeiramente farto estava. Entramos no primeiro quarto à direita, vindos do corredor. Tentei ficar quieto lá dentro, mas não consegui.

O quarto de Vivian Kim estava muito bem decorado. Requentadas fotografias de família a preto e branco e alguns quadros cobriam quase todo o espaço disponível nas paredes.

Numa delas, encontrava-se pendurado um violino antigo. Não me apetecia nada olhar para a razão que me levava até ali. Mas, por fim, tive de o fazer.

Vivian Kim estava pregada à cama com uma faca comprida, de caça, que lhe atravessava a barriga. Os seios tinham sido cortados. Os pêlos púbicos haviam sido rapados.

Tinha os olhos baixos, como se houvesse visto alguma coisa de impenetrável durante os últimos momentos da sua vida.

Passei a vista pelo quarto, pois não conseguia olhar para o corpo mutilado de Vivian Kim. De repente, dei com uma mancha de cor viva no chão e até fiquei sem respiração.

Ninguém me dissera nada. Ninguém reparara na pista mais importante. Felizmente, também ninguém lhe tocara.

— Olha para isto — disse eu ao Sampson.

O segundo sapato de ténis de Maggie Rose Dune encontrava-se no chão do quarto de Vivian Kim. O assassino deixara aquilo a que os patologistas chamam «toques artísticos».

Desta vez, até deixara uma mensagem bem nítida... a assinatura das assinaturas. Tremia quando me debrucei sobre o ténis da rapariguinha. Estava ali um exemplo da mais sádica das piadas: o ténis cor-de-rosa, num contraste chocante com a sangrenta cena do crime.

O Gary Soneji estivera naquele quarto. Era ele o assassino dos bairros pobres. «A Coisa.» E voltara à cidade.

Quando se passa pela zona sudeste de DC, pelo Norte de Filadélfia ou por Harlem, em Nova Iorque, num domingo de manhã,

ainda se vêem senhoras como Mrs. McBride e a sua amiga Willie Mac Randall Scott. Estas senhoras usam blusas largas e saias desbotadas de tecido de gabardina. Os seus atavios habituais incluem chapéus de penas e sapatos de salto grosso e atacadores que lhes amarram os pés como fios de salsicha. Estão sempre a ir e a vir de várias igrejas. No caso de Willie Mae, que é testemunha de Jeová, distribuem a revista Watchtower.

— Acho que posso ajudar — disse-nos Mrs. Scott, num tom de voz amável e sincero.

Devia ter uns oitenta anos, mas falava com todo o acerto e nitidez.

— Isso seria muito bom — aquiesci. Encontrávamo-nos os quatro sentados à volta da mesa. Havia uma travessa com bolachas de cereais pronta para o caso de alguma visita.

Numa das paredes, sobressaía um tríptico com as fotografias dos dois Kennedys assassinados e de Martin Luther King.

— Soube do assassinio da professora — começou Mrs. Scott, virando-se para mim e para o Sampson. — Bem, vi um homem a rondar o bairro cerca de um mês antes do assassinio dos Turner. Era um branco. Felizmente, ainda tenho muito boa memória. Tento treiná-la concentrando-me em tudo o que se passa à frente destes olhos. Daqui a dez anos, vou ser capaz de me lembrar desta entrevista, tintim por tintim, detetives.

A sua amiga, Mrs. McBride, puxara a cadeira para o lado de Mrs. Scott. Ao princípio não falou, mas pôs a mão no braço forte da amiga.

— É verdade. Vai mesmo — confirmou Quillie McBride.

— Uma semana antes do assassinato dos Turner, apareceu o mesmo branco aqui no bairro — continuou a senhora Scott. — Dessa segunda vez, batia de porta em porta. Era um vendedor.

Eu e o Sampson entreolhámo-nos.

— Que tipo de vendedor? — perguntou-lhe Sampson.

Antes de responder, passou o olhar pelo rosto do Sampson. Acho que estava a concentrar-se, a certificar-se de que se lembrava de tudo.

— Andava a vender sistemas de aquecimento para o Inverno. Fui até ao carro dele e olhei para dentro. No banco da frente, estava

um livro de vendas. A empresa dele chama-se «Aquecimentos Atlantic», de Wilmington, Delaware.

Mrs. Scott olhou-nos demoradamente, quer para ter a certeza de que estava a ser clara, quer para ver se tínhamos ouvido bem o que ela dissera.

— Ontem vi o mesmo carro passar aqui no bairro. Vi-o na manhã em que a professora da C street foi morta e disse aqui à minha amiga: «Isto não pode ser coincidência, pois não?»

Não sei se será a pessoa que procuram, mas acho que era melhor irem falar com ele.

O Sampson olhou para mim. Depois, ambos fizemos uma coisa que, ultimamente, era rara em nós: sorrimos. Até as senhoras decidiram juntar-se-nos. Por fim, tínhamos alguma coisa de palpável, a primeira do caso.

— Vamos falar com o caixeiro-viajante — afirmei à senhora Scott e a Quillie McBride. -

Vamos a Wilmington, Delaware.

Gary Murphy chegou a casa um pouco depois das cinco da tarde do dia seguinte, 14 de janeiro. Fora ao escritório, que ficava nos arredores de Wilmington. Estava lá pouca gente e, ao princípio, a sua intenção fora tratar de alguma papelada, tinha de fazer com que tudo parecesse bem durante mais algum tempo. Mas acabara a pensar em coisas maiores. O plano de mestre. Gary não conseguia levar a sério as pilhas de contas e facturas que lhe atulhavam a secretária. Por isso, mais não fazia do que pegar e largar contas amarrotadas, passando os olhos por nomes, quantias e direcções.

«Quem, no seu juízo perfeito, se interessa por tantas facturas?» pensava. Era tudo tão brutalmente pequeno, estúpido e mesquinho! Mas era por isso que aquele emprego e Delaware constituíam um esconderijo tão bom.

Portanto, não fizera absolutamente nada no escritório, a não ser passar o tempo. Pelo menos, arranjava uma prenda para Roni a caminho de casa: comprara-lhe uma bicicleta com rodinhas e correntes e uma «Casa de Sonho» da Barbie. A festa de anos estava marcada para as seis horas.

Missy recebeu-o à porta com um abraço e um beijo. O disfarce pela positiva era o seu forte. A festa dava-lhe alguma coisa em que

pensar. Havia dias que ela não andava em cima dele.

— Foi um grande dia, querida. A sério. Tenho três visitas ao domicílio marcadas para a semana. Ouve bem; três — disse-lhe Gary. Que diabo, sabia ser encantador quando queria. O engenheiro vai a Delaware.

Seguiu Missy até à sala de jantar, onde esta estava a dispor plásticos e papéis muito coloridos para a festa das festas. Missy já pendurara uma folha pintada numa parede... do tipo que se leva para os jogos de futebol na UE. — Universidade dos Estúpidos. Esta dizia: EM FRENTE RONI — JÁ SÃO SETE! — Tu és um génio, querida. Fazes qualquer coisa com muito pouco. Isto está fantástico — observou Gary. — As coisas estão mesmo a melhorar.

Na realidade, começava a sentir-se um tanto deprimido. O que lhe apetecia mesmo era sair dali e ir dormir uma soneca. De repente, ficou exausto só de pensar na festa de anos de Roni. Ele que não tivera festas nenhuma, quando era pequeno.

Os vizinhos começaram a chegar ao bater das seis. Isso era bom. Significava que os miúdos queriam mesmo lá ir, que gostavam de Roni. Gary bem o via nos seus pequenos rostos em Cabeças de Balão.

Vários pais ficaram para a festa. Eram seus amigos e de Missy. Por isso, fez obedientemente de empregado de bar, enquanto Missy punha as crianças a jogar às escondidas, às cadeiras e à cabra-cega.

Todos estavam a divertir-se. Roni parecia um pião.

Gary tinha uma fantasia: assassinar toda a gente que estivesse na festa de anos de uma criança. Uma festa de anos... ou talvez quando os miúdos fossem procurar os ovinhos, na Páscoa. Este pensamento fê-lo sentir-se um pouco melhor.

A casa, de dois andares, construída em tijolo pintado de branco, situava-se num lote de terreno ajardinado. Encontrava-se rodeada de carros, carrinhas, jipes e todas as viaturas de família dos subúrbios.

— Esta não pode ser a casa dele — disse Sampson, quando estacionamos numa rua lateral. — Não é a Coisa que vive aqui... é o Jiminy Stewart.

Encontráramos o Gary Soneji... mas havia qualquer coisa que não batia certo. A casa do monstro era uma verdadeira beleza suburbana, uma casinha de chocolate de uma rua bem cuidada de Wilmington, Delaware. Havia menos de vinte e quatro horas que faláramos com Mrs. Scott, em DC Nesse espaço de tempo, tínhamos descoberto os «Aquecimentos Atlantic»

em Wilmington e reunido a Equipa de Salvação de Reféns, Havia luzes em quase todas as janelas da casa. Uma carrinha de entregas da Domino chegou praticamente ao mesmo tempo que nós. Um rapazote louro e esgalgado correu para a porta com quatro caixas de pizza nos braços estendidos. Depois de lhe pagarem, a carrinha desapareceu tão depressa como aparecera.

O facto de se tratar de uma casa bonita de um bairro bonito pôs-me nervoso e de sobreaviso em relação ao que se iria passar a seguir. O Soneji sempre conseguira adiantar-se-nos... de uma maneira ou de outra.

— Vamos — disse eu ao agente-especial Scorse. — As portas do Inferno são aqui.

Corremos para a casa. Éramos nove: Scorse, Reilly, Cralg, dois outros agentes do FBI, Sampson, eu, Jcb Klepner e Jezzie Flanagan. Estávamos armados e tínhamos coletes à prova de bala. Queríamos acabar com aquilo. Ali. Naquele momento.

Entrei pela cozinha. Eu e o Scorse avançamos juntos. O Sampson seguiu atrás de nós.

Não tinha nada o ar de um papai a chegar atrasado à festa.

— Quem são os senhores? o que se passa? — gritou uma mulher que estava ao balcão da cozinha, quando irrompemos por ali dentro.

— Onde está o Gary Murphy? — perguntei em voz alta, mostrando a carteira com a minha identificação. — Chamo-me Alex Cross. polícia. Estamos aqui por causa do rapto da Maggie Rose Dune.

— O Gary está na sala de jantar — disse em voz trémula uma segunda mulher, que mexia num liquidificador. — Por aqui — indicou. Seguimos apressadamente pelo corredor. Viam-se fotografias de famílias penduradas nas paredes. No chão estava uma pilha de presentes por abrir. Tínhamos os revólveres na mão.

Foi um momento terrível. As crianças que vimos estavam com medo, assim como as mães e os pais. Havia ali tantos inocentes! «Exactamente como na Disneylândia», pensei.

«Exactamente como no Externato Washington.»

O Gary Soneji não se encontrava na sala de jantar. Só mais polícias, crianças com chapéus de festa, animais de estimação, mães e pais incrédulos e boquiabertos.

— Acho que o Gary foi lá para cima — disse, por fim, um dos pais.

— O que se passa? O que aconteceu?

Craig e Refily já desciam novamente as escadas para o vestíbulo.

— Não está lá em cima — gritou o Reilly. Um dos pequenos disse: — Parece-me que Mr. Murphy foi para a cave. O que é que ele fez? Eu, Scorse e Reilly corremos outra vez para a cozinha e descemos à cave. O Sampson voltou lá acima para verificar tudo mais uma vez.

Não estava ninguém nos dois quatinhos da cave. Havia lá um alçapão para o exterior, que se achava fechado por fora.

O Sampson surgiu dali a pouco, descendo dois degraus de cada vez.

— Vasculhei o andar de cima todo. Ele não está lá!

O Gary Soneji desaparecera outra vez.

«Bem, vamos a isto. Agora, a música é outra. Desta vez é a sério», pensava Gary enquanto corria.

Desde os quinze ou dezasseis anos que tinha planos de fuga na cabeça. Sabia que um dia, de alguma maneira, algures, as chamadas «autoridades» iriam buscá-lo. Vira tudo em pensamento, nos seus elaborados devaneios. A única questão era quando. E, talvez, porquê: por qual dos seus crimes?

De repente, lá estavam eles na Central Avenue de Wilmington! Era o fim da caça ao homem. Ou seria o princípio?

Mal descortinara a polícia, Gary passara a actuar como uma máquina programada.

Custava-lhe acreditar que o que fantasiara tantas vezes estava, de facto, a acontecer. Mas era verdade. Quando se é jovem de espírito, os sonhos especiais podem tornar-se realidade.

Primeiro, pagara calmamente ao rapaz que fora entregar as pizzas. Depois, descera as escadas, saíra pela cave, por uma porta meio escondida, e entrara na garagem, voltando a fechá-la pelo lado de fora. Uma outra porta lateral dava para o pátio dos Dwyer. Também tornara a fechá-la. As botas de neve de Jimmy Dwyer encontravam-se nos degraus do alpendre. A neve atapetava o chão. Gary levava as botas do vizinho.

Fizera uma pausa entre a sua casa e a dos Dwyer, pensando se não se deixaria apanhar.. ser apanhado, como Bruno Hauptmann no caso Lindbergh. A ideia agradava-lhe... mas ainda não. Ali, não.

Depois, desatara outra vez a correr pelas veredas estreitas abertas entre as casas.

Como só os miúdos as usavam, estavam cheias de ervas altas e juncadas de latas de refrigerantes.

Parecia-lhe que tinha uma visão tubular; devia ter alguma coisa a ver com o medo que sentia em cada milímetro do corpo. Gary tinha medo. Era forçoso reconhecer que sim.

«Admite a adrenalina, pá.»

Correra de pátio traseiro em pátio traseiro, ao longo da velha Central Avenue. Depois, embrenhara-se nas matas do Downing Park. Não encontrara viva alma no caminho.

Só quando olhara uma vez para trás os vira a aproximarem-se da sua casa.

Reconhecera os grandes cafres negros Cross e Sampson. A exageradíssima «Caça ao Homem». O FBI em toda a sua glória.

Naquele momento, corria a bom correr em direcção à estação dos caminhos -de-ferro, que ficava a quatro quarteirões da sua casa. Era a sua ligação com Filadélfia, Washington, Nova Iorque, o mundo exterior.

Devia lá ter chegado em dez minutos... qualquer coisa assim. Mantinha-se em boa forma: braços e pernas fortes e a barriga lisa como uma tábua.

Na estação, encontrava-se um velho VW estacionado. Estava sempre ali. Era o fiel carocha da sua juventude pecaminosa, ou, por outras palavras, a «cena de crimes passados». Andava com ele apenas o suficiente para a bateria não ficar descarregada. Era

tempo de mais divertimentos, mais jogos. O Filho de Lindbergh estava novamente em acção.

Eu e o Sampson estávamos em casa dos Murphy bem depois das onze horas. A imprensa reunira-se lá fora, atrás de cordas de um amarelo-vivo, assim como centenas de amigos e vizinhos da comunidade de Wilmington. A cidade nunca vivera uma noite tão atribulada.

Uma outra impressionante caça ao homem começara já ao longo do litoral leste, mas também a oeste, na direcção da Pensilvânia e do Ohlo. Parecia impossível que o Gary Murphy tivesse conseguido escapar uma segunda vez. Não acreditávamos que ele pudesse ter planeado esta fuga como planeara a de Washington.

Um dos pequenos que estava na festa vira um carro da polícia local patrulhando a rua, minutos antes da nossa chegada, e mencionara-o inocentemente ao senhor Murphy que, portanto, escapara por um golpe de sorte. Só não o apanháramos por uma questão de minutos!

Eu o Sampson interrogamos Missy Murphy durante mais de uma hora. Por fim, íamos saber alguma coisa acerca do verdadeiro Soneji Murphy. Missy Murphy podia perfeitamente ser uma das mães dos alunos do Externato Washington. Usava o cabelo louro caído, sem grandes penteados. Envergava uma saia azul-escura e uma blusa branca. Tinha uns quilos a mais, mas era bonita.

— Podem não acreditar, mas conheço o Gary. Sei quem ele é disse-nos. — Não é nenhum raptor.

Fumava Marlboro Lights uns atrás dos outros enquanto falava. Era o único gesto que traía nela ansiedade e dor. Conversamos com Mrs. Murphy na cozinha, que estava arrumada e em ordem, mesmo num dia de festa. Reparei nos livros de receitas de Betty Crocker alinhados ao lado da colecção de culinária Silver Palate e de um exemplar de *Meditations for Women Who Do Too Much* (Meditações para Mulheres Que Trabalham demais. NT) (1). Colada no frigorífico, via-se uma fotografia de Gary Soneji Murphy em fato de banho. Parecia-se com qualquer outro pai americano.

— O Gary não é violento. Nem sequer consegue disciplinar a Ron, — observou Missy Murphy.

As suas palavras interessaram-me, pois ajustavam-se perfeitamente às estatísticas que eu estudava havia muitos anos: os sociopatas e os seus filhos. Os sociopatas tinham, muitas vezes, dificuldades em disciplinar os seus próprios filhos.

— Ele disse-lhe porque tem dificuldade em disciplinar a vossa filha? — perguntei-lhe.

— O Gary não teve uma infância feliz. Só quer o melhor para a Roni. E sabe que isso é uma forma de compensação. Ele é muito inteligente. Podia ter feito o doutoramento em Matemática com toda a facilidade.

— O Gary é daqui, de Wilmington? — indagou o Sampson. Pelas suas falinhas mansas, via-se que ela o acalmara completamente.

— Não, de Princeton, Nova Jérсия. Viveu lá até aos dezanove anos. O Sampson garatujou qualquer coisa e olhou para mim. Princeton ficava perto de Hopewell, onde se dera o rapto Lindbergh nos anos 30. E o Soneji assinara Filho de Lindbergh nos pedidos de resgate. Ainda não sabíamos porquê.

— A família dele ainda está em Princeton? — perguntei a Mrs. Murphy. — Podemos entrar em contacto com alguém?

— Ele já não tem família. Houve um incêndio quando o Gary estava na escola. A madrastra, o filho e a filha e o pai do Gary morreram todos na tragédia.

A minha intenção era examinar profundamente tudo o que Missy Murphy dizia mas, de momento, resisti. Porém... um incêndio na casa de um jovem perturbado. Outra família morta; outra família destruída. Seria esse o verdadeiro alvo do Gary Soneji Murphy? Famílias? Se sim, porquê Vivian Kim? Tê-la-ia matado só para se dar ares?

— Conheceu alguém da família? — perguntei a Missy.

— Não. Morreram antes de nos conhecermos. Só conheci o Gary no último ano da faculdade. Andei em Delaware.

— O que é que o seu marido lhe contou dos anos que viveu em Princeton?

— Não muito. Ele fala pouco. Sei que os Murphy viviam a vários quilómetros da cidade.

A casa mais próxima ficava a quatro ou cinco quilómetros. O Gary só teve amigos quando foi para a escola. E, mesmo assim,

ficava sempre de fora. É muito tímido.

— E o irmão e a irmã de que falou? — inquiriu Sampson.

— Não eram irmãos, eram filhos da madrasta. O Gary não tinha muita intimidade com eles e isso causava-lhe problemas.

— Ele alguma vez mencionou o rapto Lindbergh? Ou tem livros sobre esse caso? -

continuou o Sampson, usando a sua técnica de ataque directo.

Missy Murphy abanou a cabeça:

— Não, que eu saiba, não. Mas na cave há um quarto cheio de livros dele. Podem ir lá ver.

— Daqui a bocado — retorquiu Sampson.

Ainda bem, pois era um material que não podíamos dar-nos ao luxo de desperdiçar.

Até ali, tivéramos muito pouco que nos permitisse fazer alguns avanços.

— A mãe verdadeira ainda é viva? — indaguei.

— Não sei. O Gary não fala dela. Recusa-se a falar dela.

— E a madrasta?

— O Gary não gostava da madrasta. Ao que parece, era muito ligada aos filhos. Ele chamava-lhe «A Prostituta da Babilónia». Acho que ela era do Oeste de Babylon, Nova Iorque. Creio que fica para os lados de Long Island.

Depois de meses sem qualquer informação, era-me difícil formular as perguntas com rapidez suficiente. Tudo o que eu ouvira até ali era importante. Mas pairava no ar uma questão primordial: O Gary Soneji Murphy teria dito a verdade à mulher? Ele seria capaz de dizer a verdade a alguém?»

— Mrs. Murphy, faz ideia de onde ele possa ter ido? — inquiri.

— Houve alguma coisa que assustou muito o Gary . Talvez tenha a ver com o emprego.

E com o meu irmão, que é o patrão dele. Não me parece que tenha voltado para Nova Jérсия, mas é possível. Se calhar, voltou. O Gary é muito impulsivo.

Um dos agentes do FBI, Marcus Connor, espreitou para a cozinha, onde estávamos a falar.

— Podem vir aqui um instantinho?... Desculpe, é só um minuto disse para Mrs, Murphy.

Connor acompanhou-nos até à cave da casa. Gerry Scorse, Reilly e Ky e Craig do FBI já lá estavam, à espera.

Scorse exibiu um par de peúgas Fido Dido. Correspondiam às descrições do que Maggie Rose Dune vestia no dia do rapto e à colecção de roupas e bugigangas que eu vira no quarto da pequena.

— O que pensa disto, Alex? — perguntou-me Scorse. Eu já reparara que ele queria saber a minha opinião sempre que as coisas ficavam muito esquisitas.

— Exactamente o mesmo que pensei do ténis encontrado em Washington. Ele deixou-as para nós. Entrou num jogo e quer que joguemos com ele.

O velho Hotel Du Pont, na baixa de Wilmington, era um sítio conveniente para se dormir. Tinha um barzinho agradável e calmo, onde eu e o Sampson tencionávamos beber uns copos com poucos alardes. Como não contávamos com companhia, ficamos admirados quando a Jezzie Flanagan, o Klepner e alguns agentes do FBI se nos juntaram para as últimas bebidas da noite.

Estávamos cansados e frustrados pela fuga por um triz do Gary Soneji Murphy.

Bebemos muito álcool em pouco tempo. De facto, dávamo-nos bem. «A equipa.» Nessa noite, entusiasmámo-nos, jogamos pôquer e fizemos alguma algazarra no elegante Salão Delaware.

Sampson falou algum tempo com a Jezzie Flanagan. Também achava que ela era boa polícia.

Quando por fim, acalmamos, fomos para os nossos quartos, espalhados pelo espaçoso Du Pont.

Eu, o Jcb Klepner e a Jezzie subimos as escadas cobertas por um tapete espesso até aos nossos quartos, que ficavam no segundo e terceiro andares. Às três menos um quarto da manhã, o Du Pont era um mausoléu. Não havia trânsito na rua principal que atravessava Wilmington. O quarto do Klepner ficava no segundo andar.

— Vou ver um filme pornográfico soft-core — disse, quando se separou de nós. — Normalmente, adormeço logo.

— Bons sonhos — replicou a Jezzie. — Encontramo-nos às sete. O Klepner gemeu e avançou penosamente pelo corredor até ao quarto. Eu e a Jezzie subimos o lanço de escadas que ia dar ao

andar seguinte. O silêncio era tão grande que até se ouvia o barulhinho que o semáforo lá de fora fazia ao mudar de verde para amarelo e para vermelho.

— Ainda me sinto muito tenso — observei. — Vejo o Soneji Murphy. Duas caras muito diferentes na minha cabeça.

— Também estou eléctrica. Sou assim. O que faria, se estivesse em casa e não aqui? — perguntou-lhe ela.

— Provavelmente, iria tocar piano para o alpendre... acordar os vizinhos com uns blues.

A Jezzie riu alto: — Podemos voltar para o Salão Delaware. Há lá um piano vertical muito velho. Deve ter pertencido a um dos Du Pont. Você toca e eu bebo mais um copo.

— O empregado do bar saiu dez segundos depois de nós. Já deve estar em casa a dormir.

Chegámos ao terceiro andar do Du Pont. O corredor fazia uma curva pouco pronunciada. Letreiros com floreados pendurados na parede indicavam os números dos quartos e suas direcções. Alguns hóspedes tinham deixado os sapatos cá fora, para serem engraxados.

— Estou no trezentos e onze. — A Jezzie tirou uma chave com uma etiqueta branca da algibeira do casaco.

— E eu no trezentos e trinta e quatro. São horas de irmos dormir, para estarmos fresquinhos de manhã.

A Jezzie sorriu e mergulhou os seus olhos nos meus. Que me lembrasse, era a primeira vez que nenhum de nós tinha nada a dizer. Tomei-a nos braços e abracei-a suavemente. Beijámo-nos no corredor. Há já algum tempo que eu não beijava ninguém assim.

De resto, não fiquei bem com a certeza de quem tomou a iniciativa do beijo.

— És muito bonita — sussurrei, quando os nossos lábios se afastaram. As palavras saíram-me assim. Não me esforcei muito, era a verdade.

A Jezzie sorriu e abanou a cabeça:

— Os meus lábios são muito grandes e cheios. Tenho o ar de quem nasceu de cara para a frente. Quem é bonito és tu. Pareces o Muhammad Ali.

— Claro... depois de muito esmurrado.

— Talvez depois de alguns murros... para dar mais pinta. Só o número exacto de socos.

O teu sorriso também é muito bonito. Sorri para mim, Alex.

Beije outra vez aqueles lábios cheios. Para mim, eram perfeitos. Há um grande mito à volta do desejo dos pretos pelas brancas e da vontade que algumas brancas têm em experimentar os pretos. A Jezzie Flanagan era uma mulher inteligente e extremamente desejável. Era alguém com quem me apetecia falar, de quem me apetecia estar perto.

E ali estávamos, enroscados nos braços um do outro, por volta das três da manhã.

Ambos bebêramos um pouco demais, mas não tanto assim. Aquilo não tinha nada a ver com mitos. Éramos apenas duas pessoas sós, noutra cidade, numa noite muito estranha das nossas vidas.

Apetecia-me ser abraçado por alguém. Creio que o mesmo acontecia à Jezzie. O seu olhar era doce e reconfortante. Mas, nessa noite, tinha uma certa fragilidade. No canto dos seus olhos havia uma rede de veiazínhas vermelhas. Talvez ela também ainda visse o Soneji Murphy. Tínhamos estado tão perto de o apanhar! Desta vez, fora mesmo por um triz!

Estudei o rosto da Jezzie como nunca o tinha feito antes, nem me passara pela ideia vir a fazer. Passei-lhe o dedo muito ao de leve pela face. Tinha a pele suave e macia. O seu cabelo louro era como seda entre os meus dedos. O seu perfume era subtil, como flores silvestres.

Passou-me uma frase pela cabeça: «Não comeces nada que não possas acabar.»

— E agora, Alex? — perguntou a Jezzie, erguendo uma sobancelha. — Isto é um problema bicudo, não é?

— Não para dois polícias espertos como nós — retorqui. Metemos pela curva pouco pronunciada que o corredor fazia para a esquerda... em direcção ao quarto trezentos e onze.

— Se calhar, devíamos pensar duas vezes nisto tudo — disse-lhe eu, enquanto caminhávamos.

— Se calhar, já pensei — sussurrou-me ela.

À uma e meia da manhã, Gary Soneji Murphy saiu de um Motel em Reston, Virgínia.

De passagem, viu o seu reflexo numa porta de vidro.

O novo Gary, o Gary du jour, devolveu-lhe o olhar. Uma poupa na barba preta e roupa suja de trabalhador. Sabia que conseguiria fazer aquela imitação e fingir uma voz arrastada.

Pelo menos enquanto fosse preciso. Não por muito tempo. Cuidado com ele!

Gary entrou no velho VW e ligou o motor. Estava completamente alerta. Aquela parte do plano era-lhe mais querida do que a própria vida. Já nem conseguia separar as duas coisas. Era a parte mais ousada de toda a aventura. De arrasar os nervos.

Deixando-se embalar pelos seus próprios pensamentos, perguntou a si próprio porque estaria tão entusiasmado. Só porque metade dos filhos da mãe da Polícia e do FBI do continente norte-americano andavam à sua procura? Porque raptara dois fedelhos ricos e um deles morrera? E a outra... Maggie Rose? Nem sequer queria pensar nisso... no que lhe tinha acontecido.

A escuridão foi mudando gradualmente para um cinzento suave e aveludado. Gary teve de lutar contra a vontade de acelerar a fundo. Os tons alaranjados da manhã chegaram, por fim, quando atravessava Johnstown, Pensilvânia.

Parou numa estação de serviço em Johnstown. Saiu, esticou as pernas e viu que tal estava no espelho lateral, mal fixo, do carocha.

No espelho, um esgalgado trabalhador do campo devolveu-lhe o olhar. Um outro Gary, sem dúvida. Tinha em mente todos os maneirismos do campo: andar à cowboy, como se tivesse levado um coice de um cavalo e mãos nas algibeiras ou polegares nas presilhas do cinto.

Também não podia esquecer-se de estar sempre a passar os dedos pelo cabelo e de cuspir frequentemente.

Apesar de não ter a certeza se fazia bem, engoliu um café fortíssimo no restaurante e comeu um pão de sementes de papoila com manteiga. Os jornais da manhã ainda não tinham sido distribuídos.

Foi servido por uma empregada de mesa estúpida e arrogante. Apeteceu-lhe dar cabo dela. Durante cinco minutos, deixou-se

embalar pela fantasia de a arrastar para o meio da estação de serviço.

«Despe essa blusinha branca de colegial, querida. Enrola-a até à cintura. Pronto, agora tenho de te matar. Mas talvez não. Diz-me coisas bonitas e pede-me para não te matar.

Quantos anos tens? Vinte e um? Vinte? Usa-os como argumento emocional. És muito nova para morrer numa estação de serviço, sem tempo para te realizares.»

Por fim, Gary decidiu deixá-la viver. O mais espantoso era que ela não fazia ideia de como estivera perto de ser morta.

— Tenha um bom dia. Volte sempre — disse ela.

— Reze para que não.

Enquanto seguia pela estrada 22, Soneji Murphy foi ficando num estado de cólera que há muito não sentia. Bastava de sentimentalismos. Ninguém estava a dar-lhe atenção... pelo menos a atenção que ele merecia. Aqueles idiotas incompetentes pensavam que tinham alguma hipótese de o fazer parar? De o capturar? De o desafiar na televisão? Era tempo de lhes dar uma lição, de lhes ensinar o que era a verdadeira grandeza. «Vai para um lado quando o mundo inteiro espera que vás para o outro.»

Gary Soneji Murphy parou perto de um McDonald's em Wilkinsburg, Pensilvânia. As crianças de todas as idades adoram os McDonald's, não é? Comida, gente e alegria. Ainda estava dentro do seu horário. Nesse aspecto, podia confiar-se no «Mau Rapaz»_ até se podia acertar o relógio por ele.

A habitual multidão serpenteante da hora do almoço, formada por parvalhões apáticos, entrava e saía do restaurante, presa na sua rotina diária, engolindo McRoyals e batatas fritas gordurosas.

Como era aquela velha canção dos Hooters sobre todos os mortos-vivos da América? All you zombies? Walk like a zombie? (São todos mortos-vivos? Andam como mortos-vivos? NT)

Qualquer coisa sobre os seus milhões de mortos-vivos, Que novidade!

«Serei eu a única pessoa a viver de acordo com as minhas capacidades?», pensou Soneji Murphy. Parecia-lhe bem que sim. Ninguém era tão especial como ele. Pelo menos, nunca encontrava ninguém tão especial.

Entrou na sala de jantar do McDonald's. Cem triliões de hamburgers servidos, Havia rebanhos de mulheres. Mulheres com os seus preciosos filhos. As construtoras do ninho; as banalizadoras; as galinhas tontas com os seus pintainhos tontos e tenros.

Ronald McDonald também lá estava, sob a forma de um recorte de um metro e setenta, impingindo bolachas bafientas aos miúdos. Que dia! Roland McDonald encontra-se com o «Engenhocas»!

Gary pagou dois cafés e virou-se para atravessar outra vez a multidão. Pensou que a cabeça lhe ia saltar. Tinha o rosto e o pescoço afogueados. Sentia a garganta seca e estava a suar.

— Sente-se bem? — perguntou-lhe a rapariga da caixa.

Nem lhe passou pela cabeça responder-lhe. «Estás a falar comigo?» Robert De Niro, não é? Sem dúvida que ele era outro De Niro... só que melhor actor. Com mais alcance. De Niro nunca se arriscara como ele. De Niro, Hoffman, Pacino... Nenhum deles se arriscava a ir mesmo até ao limite. Pelo menos, na sua opinião.

Assaltavam-no tantos pensamentos e percepções que se deflectiam, do seu cérebro!

Tinha a impressão de estar a flutuar num mar de partículas leves, fotões e neutrões. Se aquela gente pudesse passar dez segundos que fossem dentro do seu cérebro, não acreditaria.

Enquanto se afastava da caixa do McDonald's, ia dando encontrões propositados às pessoas.

Desculpe — disse, depois de um choque mais desagradável.

— Ei! Cuidado! — exclamou alguém.

— Cuidado, tu, meu parvo. — Soneji Murphy parou e dirigiu-se ao idiota do careca que o abalroara. — O que tenho de fazer para me respeitares? De te dar um tiro no olho direito?

Engoliu os dois cafés quentes enquanto prosseguia através do restaurante. Através do restaurante. Através de quem se lhe metesse no caminho. Através das elegantes mesas de contraplacado. Através das paredes, se quisesse.

Gary Soneji Murphy empunhou um revólver de cano curto. Pronto: era o início do grito de despertar da América. Um espectáculo especial para as criancinhas e suas mães.

Todos estavam a olhar para ele. Percebiam bem a linguagem das armas.

— Acordem, raios vos partam! — gritou dentro da sala de jantar do McDonald's. — Café quente! Olhem! Acordem e cheirem!

— Aquele homem está armado! — berrou um cientista de foguetões, que comia um Big Mac a pingar. Era espantoso como conseguia ver através da névoa gordurosa que se desprendia da sua comida.

Gary enfrentou a sala com o revólver apontado: — Ninguém sai daqui! — gritou. —já estão acordados? Estão acordados? — bradou Gary Soneji Murphy. — Acho que sim. Acho que agora sim. Quem manda aqui sou eu! Por isso, parem. Olhem. E ouçam.

Gary disparou contra o rosto de um cidadão que mastigava um hambúrguer. O homem agarrou-se à testa e deslizou pesadamente da cadeira para o chão. Aquilo chamou a atenção de toda a gente. Uma arma a sério, munições a sério, vida a sério.

Uma mulher negra gritou e tentou passar a correr por Soneji, que a fez parar, encostando-lhe o cano da arma à cabeça. «Que gesto fantástico!», pensou ele. «Mesmo à Steven Seagal.»

— Eu sou o Gary Soneji! Sou Ele. Não é fantástico? Estão na presença de um raptor mundialmente famoso. Esta demonstração é grátis, Por isso, atenção. Talvez aprendam alguma coisa. O Gary Soneji esteve em sítios e viu coisas que vocês nunca verão na vida. Acreditem em mim.

Bebeu o que restava do McCafé e, por cima do bordo do copo, viu os fãs da comida rápida a tremarem.

— Isto é o que se chama uma situação perigosa — disse por fim, de modo pensativo. — o Ronald McDonald foi raptado, malta. Agora vocês fazem oficialmente parte da história.

Os polícias estaduais Mick Fescoe e Bobby Hatfield iam a entrar no McDonald's quando se ouviram tiros no restaurante. Tiros? À hora do almoço no McDonald's? Mas que raio era aquilo?

Fescoe era alto, um brutamontes de quarenta e quatro anos. Hatfield era quase vinte anos mais novo. Era polícia estadual havia só cerca de um ano. Apesar da diferença de idades, os dois polícias tinham um sentido de humor negro muito parecido e já se tinham tornado bons amigos.

— Credo! — sussurrou Hatfield quando os disparos começaram dentro do McDonald's, agachando-se numa posição de fogo que

não aprendera há muito tempo e que nunca usara fora da pista de tiro. Ouve, Bobby — disse-lhe Fescoe.

— Descansa que estou a ouvir.

— Vai para aquela saída ali. — Fescoe apontou para uma saída perto das caixas registadoras. — Eu vou pelo lado esquerdo. Espera por mim para fazer seja o que for. Não faças nada até eu chegar ao pé dele. Depois, se o campo estiver livre, atira. Não penses em nada. Puxa só o gatilho, Bobby.

Bobby Hatfield assentiu:

— Está bem. — E separaram-se.

O agente Mick Fescoe nem respirava enquanto corria pelo lado oposto do McDonald'S, roçando as costas na parede de tijolo. Havia meses que dizia a si próprio que tinha de fazer exercício. Já estava ofegante. Sentia-se estonteado. Dispensava aquilo. Brincar aos cowboys com um assassino, e ainda por cima estonteado, não era muito agradável.

Mick Fescoe aproximou-se da porta. Já ouvia o maluco a gritar lá dentro.

No entanto, era esquisito: parecia que o homicida agia por controlo remoto. Os seus movimentos eram muito marcados e a sua voz agudíssima, como a de um rapazinho.

— Eu sou o Gary Soneji. Perceberam todos? Sou o Homem. Vocês encontraram-me, por assim dizer. São todos uns grandes heróis.

«Será possível?», pensou Fescoe, escutando perto da porta. O raptor Soneji ali, em Wilkinsburg? Mas, fosse quem fosse, tinha uma arma. Já fora atingido um homem, que jazia no chão de pernas e braços abertos, sem se mexer.

Fescoe ouviu outro tiro. Gritos de terror lancinantes ecoaram pelo restaurante.

— Faça alguma coisa! — gritou um homem de blusão verde-claro ao polícia estadual.

«Pois, obrigado!», resmungou o agente Mick Fescoe para com os seus botões. As pessoas eram sempre muito corajosas quando se tratava da vida dos polícias. O senhor polícia primeiro. O senhor é pago para isto.

Mick Fescoe tentou controlar a respiração. Quando o conseguiu, avançou até à porta de vidro. Depois de dizer uma oração em silêncio, atirou-se lá para dentro.

Viu o homem imediatamente. Era um branco que, entretanto, se virara para ele. Como se já estivesse à espera. Como se tivesse tudo planeado.

— Bum! — berrou Gary Soneji que, ao mesmo tempo, puxou o gatilho.

Nenhum de nós tinha mais de um par de horas de sono, e alguns até menos.

Patrulhávamos a auto-estrada 22 sentindo-nos completamente entorpecidos.

O Gary Soneji Murphy fora «visto» várias vezes a sul da zona por onde andávamos. Já se tornara o papão de metade dos norte-americanos. Eu sabia quanto ele apreciava esse papel.

Eu, a Jezzie Flanagan, o Jcb Klepner e o Sampson íamos num Líncoln azul. O

Sampson tentava dormir. Eu fora encarregue de conduzir durante o primeiro turno.

Passávamos nós por Murrysville, Pensilvânia, quando o rádio transmitiu uma mensagem de emergência. Era meio-dia e dez.

— A todas as unidades: há um tiroteio! — disse o radiotelegrafista no meio dos ruídos produzidos pela electricidade estática. — Um homem que diz ser o Gary Soneji disparou pelo menos contra duas pessoas num McDonald's em Wilkinsburg. Neste momento, tem cerca de sessenta reféns dentro do restaurante.

Menos de trinta minutos mais tarde, chegamos a Wilkinsburg, Pensilvânia. O Sampson abanou a cabeça, com uma expressão de repulsa e espanto.

— O idiota quer fazer uma festa?

— Estará a tentar matar-se? Irá suicidar-se? — indagou a Jezzie Flanagan.

— Nada do que ele faça me surpreende, mas o McDonald's encaixa-se bem no resto: muitas crianças... É como no externato e na Disneylândia — comentei.

Do outro lado da rua, em frente do restaurante, no telhado de um prédio, viam-se atiradores da Polícia e do Exército. Tinham

carabinas pesadas apontadas na direcção dos arcos dourados da janela da frente.

— Parece o massacre do McDonald's de aqui há uns anos.

Aquele da Carolina do Sul — comentei para o Sampson e a Jezzie.

— Não digas isso nem a brincar — murmurou a Jezzie.

— Digo e não é a brincar.

Começamos a correr para o McDonald's. Depois de tudo o que acontecera, não queríamos o Soneji morto a tiro.

Estávamos a ser filmados. Por todo o lado havia carrinhas da televisão, dos três canais, estacionadas em duas filas. Filmavam tudo o que se mexesse ou falasse. O pandemónio era total.

Lembrava mesmo o tiroteio do McDonald's, na Califórnia, onde um homem chamado James Huberty matara vinte e uma pessoas. Seria isso que Soneji Murphy queria que pensássemos?

Um chefe de secção do FBI correu para nós. Tratava-se de Ky e Craig, que estivera em casa dos Murphy, em Wilmington.

— Não temos a certeza se é ele — disse. — Este gajo está vestido à lavrador. Tem cabelo escuro e barba. Afirma que é o Soneji, mas pode ser outro maluco qualquer.

— Deixe-me ver — pedi a Craig. — Ele quis-me a mim na Florida e sabe que sou psicólogo.

Talvez eu consiga falar com ele.

Antes de Craig responder, já eu passara por ele em direcção ao restaurante. Avancei devagar, passando ao lado de um polícia estadual e de dois agentes locais, agachados junto à entrada lateral. Mostrei-lhes a minha identificação e disselhes que era de Washington. Não vinha nenhum som de dentro do McDonald's. Tinha de convencê-lo a voltar a pôr os pés na terra. Nada de suicídios. Nada de sensacionalismos no McDonald's.

— Ele está a dizer coisa com coisa? — perguntei ao polícia estadual.

— Está a ser coerente?

O polícia estadual era novo e tinha os olhos vidrados: — Ele disparou contra o meu companheiro. Acho que o meu companheiro está morto.

Meu Deus!

— Já vamos lá dentro ajudar o seu companheiro — afirmei ao polícia estadual. — O homem da arma diz coisa com coisa? Está a ser coerente quando fala?

— Diz que é o raptor de DC. Percebe-se o que ele diz. Ouça o alarde que ele faz. Diz que quer ser importante.

O homem tinha em seu poder as cerca de sessenta pessoas que se achavam no McDonald's. Lá dentro, estava tudo em silêncio. Seria Soneji Murphy? As coisas encaixavam-se. Os miúdos e as mães. Os reféns. Uma das fotografias que vira na casa de banho dele. O Gary, lembrava, queria ter a sua fotografia pendurada por outros rapazes solitários.

— Soneji! — chamei. — És o Gary Soneji?

— Quem é? — respondeu-me um grito lá de dentro. — Quem quer saber?

— Sou o detetive Alex Cross, de Washington. Tenho o pressentimento de que conheces a última decisão sobre o resgate de reféns. Não vamos negociar contigo. Portanto, já sabes o que se vai passar daqui para a frente.

— Conheço todas as regras, detetive Cross. São do domínio público, não? Mas as regras nem sempre se aplicam — gritou Gary Soneji. — Comigo não, nunca.

— Pois eu garanto-te que se aplicam — repliquei firmemente. Podes apostar que sim.

— Queres apostar estas vidas todas, detetive? Conheço outra regra: mulheres e crianças primeiro. Percebes? As mulheres e as crianças têm um lugar muito especial no meu coração.

Não me agradou o som da sua voz, nem o que estava a dizer. O Soneji tinha de compreender que não escaparia, fosse em que circunstâncias fosse. Não haveria negociações. Se ele recomeçasse a disparar, acabaríamos com ele. Lembrei-me de situações semelhantes em que estivera implicado. O Soneji era complicado, mais esperto. Falava como se não tivesse nada a perder.

— Não quero mais ninguém ferido. Não te quero a ti ferido — afirmei em voz nítida e forte.

Estava a começar a transpirar. Sentia o suor dentro do casaco, por todo o corpo.

— Que comovente! As tuas palavras tocam-me muito. Até sinto o meu coração a saltar dentro do peito. A sério — troçou.

A nossa troca de palavras depressa se tornara uma conversa a dois.

— Sabes o que quero dizer, Gary — continuei, adoçando a voz e falando como se ele fosse um doente assustado e ansioso.

— Claro que sim, Alex.

— Aqui fora, há muita gente armada. Se houver uma escalada de violência, ninguém poderá controlá-la. Eu não posso. E tu também não. Depois, pode haver um acidente. E não queremos isso.

Fez-se novamente silêncio lá dentro. Eu só pensava que se o Soneji tivesse tendências suicidas, acabaria ali mesmo. Faria ali o seu tiroteio final, envolto na sua última aura de celebridade. E nós nunca saberíamos o que o levava a fazer o que fizera, nem o que acontecera à Maggie Rose Dune.

— Olhe, detetive Cross.

De repente vi-o à entrada, a cerca de um metro e meio de mim. Ele estava ali. Um tiro soou de um telhado. Soneji girou e agarrou-se ao ombro. Fora atingido por um dos atiradores.

Saltei para a frente e agarrei-o com ambos os braços. O meu ombro direito bateu-lhe no peito. Lawrence Taylor nunca fez uma placagem tão decisiva.

Batemos em cheio no solo alcatroado. Eu não queria que ninguém o matasse. Tinha de falar com ele. E precisávamos de conhecer o paradeiro da Maggie Rose.

Ainda no chão, comigo a agarrá-lo, voltou-se e fitou-me.

— Obrigado por me teres salvo a vida — disse ele. — Um dia ainda te hei-de matar por causa disso, detetive Cross.

Terceira Parte

O ULTIMO CAVALHEIRO DO SUL

— Chamo-me Bobbi — tinham-lhe ensinado a dizer. Sempre o seu novo nome. Nunca o antigo. Nunca, mas nunca, Maggie Rose.

Encontrava-se fechada dentro de uma carrinha escura ou de um camião com capota, não sabia bem. Não fazia ideia se estava perto ou longe de casa. E também não sabia há quanto tempo a tinham tirado do externato.

Sentia os pensamentos muito menos turvados, quase normais. Haviam-lhe levado roupas, o que de certeza significava que, de momento, não iam fazer-lhe mal. De contrário, para quê preocuparem-se com as roupas?

A carrinha ou o camião achava-se num estado incrível de sujidade. Não tinha nenhum trapo nem nada no chão e cheirava a cebola. Deviam lá ter guardado comida. Maggie Rose tentou lembrar-se das regiões onde se cultivavam cebolas. Em New Jersey e a norte de Nova Iorque. Parecia-lhe sentir também o cheiro a batatas... ou nabos ou batatas-doces. Quando encaixou as peças todas e se concentrou, Maggie Rose pensou que devia estar algures no Sul.

Que mais sabia? Que mais podia deduzir? Já não estava a ser drogada, desde o princípio que não. Achava que Mr. Soneji não andava por ali havia alguns dias. E a assustadora velhota também não.

Raramente falavam com ela. Quando o faziam, chamavam-lhe Bobbi. Porquê Bobbi?

Tentava portar-se muito bem mas, às vezes, precisava de chorar. Como naquele momento, em que sufocava os soluços para que ninguém a ouvisse.

Só uma coisa lhe dava forças. Uma coisa simples, mas poderosa: estava viva. Mais do que qualquer outra coisa, queria permanecer viva.

Maggie Rose reparara que o camião estava a abrandar. Depois de alguns solavancos, o veículo imobilizou-se.

Ouviu alguém a sair lá da frente. Chegaram-lhe aos ouvidos palavras abafadas.

Tínham-lhe dito para não falar no camião. De contrário, seria novamente amordaçada.

A porta corrediça deslizou. A princípio, não viu nada, pois a luz do Sol ofuscou-a.

Quando, por fim, conseguiu distinguir alguma coisa, Maggie Rose nem acreditou no que viu.

— Olá — sussurrou muito baixinho, quase como se não tivesse voz. Chamo-me Bobbi.

Aquele dia passado em Wilkesburg, Pensilvânia, acabou por ser muito comprido.

Entrevistamos toda a gente que fora detida no McDonald's. Entretanto, o FBI levava o Soneji Murphy sob custódia.

Fiquei lá nessa noite e a Jezzie Flanagan também. Era a segunda noite seguida que passávamos juntos. Não havia nada que eu quisesse mais.

Mal entramos no quarto, na Estalagem Cheshire, em Millvale, ali perto, a Jezzie disse: — Abraça-me um bocadinho, Alex. Devo parecer mais segura do que me sinto.

Eu gostava de a abraçar, de ser abraçado, do seu cheiro e do modo como ela se encaixava nos meus braços. As coisas ainda estavam muito eléctricas entre nós.

Excitava-me a ideia de estar novamente com ela. Tenho tido poucas pessoas com quem me possa abrir. E, desde a Maria, nenhuma mulher. Parecia-me que a Jezzie podia ser uma dessas pessoas e eu precisava de restabelecer contacto com alguém. Levava algum tempo a perceber isso.

— Não é esquisito? — murmurou ela. — Dois polícias implicados numa perseguição feroz...

— Tremia toda, envolta no meu abraço. A sua mão acariciou-me o braço ao de leve.

Eu nunca fora do tipo de assumir compromissos só por causa de uma noite e achava que, provavelmente, não ia começar naquele

momento. Só que isso levantava problemas e questões teóricas às quais ainda não estava pronto para responder.

A Jezzie fechou os olhos:

— Abraça-me mais um bocadinho — sussurrou. — Sabes o que é mesmo bom? É

estarmos com alguém que compreende aquilo por que passamos. O meu marido era incapaz de compreender este ofício.

— Eu também. De resto, compreendo-o cada vez menos — brinquei. Mas, em parte, falava verdade.

Abracei a Jezzie durante muito mais do que um bocadinho. Ela era de uma beleza espantosa, sem idade. Gostava de olhar para ela.

— Isto é tão estranho, Alex. Agradavelmente estranho, mas estranho. Será tudo um sonho?

— Não pode ser um sonho. O meu nome do meio é Isaiah. Aposto que não sabias.

Jezzie abanou a cabeça:

— Já sabia que o teu nome do meio é Isaiah. Vi-o num relatório do FBI. Alexander Isaiah Cross.

— Estou a ver como chegaste lá acima — disse-lhe. — Que mais sabes de mim?

— A seu tempo to direi — retorquiu Jezzie, tocando-me nos lábios com um dedo.

A Cheshire era uma pitoresca estalagem de província, cerca de quinze quilómetros a norte de Wilkinsburg. A Jezzie apressara-se a ir lá marcar quarto para nós. Até ali, ninguém nos vira juntos na estalagem, o que, por nós, estava ótimo.

O nosso quarto ficava num anexo caiado, separado do edifício principal. Tinha imensas antiguidades de aspecto autêntico, incluindo um tear manual e várias colchas.

Como havia lá uma lareira, acendemo-la. A Jezzie mandou vir champanhe.

— Vamos festejar em grande — disse, pousando o auscultador. Merecemos um tratamento especial. Afinal, apanhamos o vilão.

A estalagem, o quarto de canto, tudo era perfeito. Uma janela de vão dava para um relvado coberto de neve, que ia até um lago

gelado, muito lisinho. Atrás do lago, agigantava-se uma serra ingreme.

Bebemos champanhe à frente do brasido da lareira. Eu tinha andado preocupado com os efeitos secundários da nossa noite em Wilmington, mas não houve nenhuns. Falamos livremente e, depois, calámo-nos, o que também foi bom.

Mais tarde, pedimos o jantar.

O empregado de serviço aos quartos estava claramente pouco à vontade ao pôr o tabuleiro com o nosso jantar em frente da lareira. Não conseguia abrir o forno para aquecer a comida e quase deixou cair um tabuleiro. Acho que nunca tinha visto nenhum tabu vivo e de boa saúde.

— Esteja descansado — disse a Jezzie ao homem. — Somos os dois da Polícia e isto é perfeitamente legal. Acredite que é.

Conversamos durante hora e meia. Aquilo fez-me lembrar os meus tempos de criança, quando algum amigo ficava lá em casa a passar a noite. Primeiro, baixamos as nossas defesas um pouco e, depois, muito. Não havia muito constrangimento entre nós. Ela conseguiu que eu falasse do Damon e da Janelle, e não me deixou parar.

O jantar foi carne assada e uma coisa que pretendia ser pudim de Yorkshire (1). Não interessava. Quando acabou de comer, a Jezzie desatou a rir. Ambos o fazíamos muito.

— Porque é que comi tanto? Se nem sequer gosto de pudim de Yorkshire... Meu Deus, para variar, estamos a divertir-nos!

— O que é que fazemos agora? — perguntei-lhe. — Dentro do mesmo espírito de alegria e comemoração, claro.

— Não sei. O que é que te apetece? No edifício principal, deve haver imensos jogos de tabuleiro. Eu sou uma das cem pessoas vivas que sabem jogar Parcheest.

Jezzie inclinou o pescoço de modo a poder ver para fora da janela: — Ou podemos ir passear para o lago e cantar «WinterWortderland».

— Pois. Podemos ir patinar no gelo. Patino muito bem. Sou um mago, quando estou de patins. Também leste isso no relatório do FBI? Jezzie riu-se e deu uma palmada nos joelhos: — Gostava de ver. Até pagava para te ver patinar.

— Mas esqueci-me dos patins...

— Que pena! Olha, gosto demasiado de ti e respeito-te o suficiente para te deixar pensar que estou interessada no teu corpo.

— Para ser absolutamente honesto e franco, eu estou interessado no teu corpo — disse eu. Beijámo-nos e continuei a sentir-me muito bem. A lareira dava estalidos. O champanhe estava gelado. Fogo e Gelo. Yin e Yang. A atracção dos opostos. Fogo à solta.

Só fomos dormir às sete horas da manhã seguinte. Até fomos para o lago patinar ao luar, de sapatos. No meio do lago, a Jezzie inclinou-se e beijou-me. Deu-me um beijo muito sério, de rapariga crescida.

— Oh, Alex, acho que isto vai ser um sarilho — sussurrou na minha face.

Gary Soneji Murphy foi encarcerado na Prisão Federal de Lorton, na zona norte da Virgínia, Chegou-nos aos ouvidos que lhe acontecera qualquer coisa lá, mas ninguém do Departamento da Polícia de Washington foi autorizado a vê-lo. A justiça e o FBI tinham-no em seu poder, e não iam dar o seu troféu de mão beijada.

Logo que foi revelado que estava preso em Lorton, o exterior da cadeia encheu-se de gente. Acontecera o mesmo quando Ted Bundy fora preso na Florida. Homens, mulheres e crianças reuniram-se fora da área de estacionamento da prisão, entoando slogans emocionais dia e noite. Andavam em procissão com velas acesas e cartazes. « Onde está a Maggie Rose? A Maggie Rose Vive! o Animal do Leste Deve Morrer! Cadeira Eléctrica ou Prisão Perpétua para o Animal!»

Uma semana e meia depois da captura, fui visitar o Soneji Murphy. Tive de me socorrer de todos os conhecimentos que possuía em Washington, mas consegui ir visitá-lo. O Dr.

Marion Campbell, director de Lorton, encontrou-se comigo ao pé de uma fila de elevadores metálicos, no sexto andar da prisão, onde ficava o hospital. Campbell andava pelos sessenta anos, mas estava bem conservado e ostentava uma grande cabeleira preta. Tinha um ar muito «Reagan».

— É o detetive Cross? — Estendeu a mão e sorriu amavelmente.

— Sou. E também sou psicólogo — expliquei.

O Dr. Campbell pareceu ficar genuinamente admirado com aquela informação. Era evidente que ninguém lhe dissera nada.

— Bem, o senhor deve ter puxado muitos cordelínhos para conseguir falar com ele. É

complicado fazer-lhe visitas... é precioso.

— Estou implicado neste caso desde que ele raptou os dois pequenos em Washington.

E estava presente quando ele foi apanhado.

— Bom, não tenho a certeza de estarmos a falar do mesmo homem, agora — replicou o doutor Campbell, sem explicar mais nada. Chamo-lhe doutor Cross?

— Doutor Cross, detetive Cross, Alex... como quiser.

— Venha comigo, doutor. Vai achar isto muito interessante.

Como estava ferido por causa do tiro que levara no McDonald's, o Soneji encontrava-se num quarto particular do hospital da cadeia. O Dr. Campbell conduziu-me por um corredor largo do hospital. Todos os quartos disponíveis estavam ocupados. Lorton é uma cadeia famosa, com vários candidatos em lista de espera. Os homens eram quase todos pretos. As suas idades estavam compreendidas entre os dezanove e os cinquenta e tal. Todos tentavam mostrar-se desafiadores e duros, mas esta é uma postura que não resulta bem numa prisão federal.

— Acho que comecei a protegê-lo um bocado — explicou Campbell enquanto continuávamos a andar. — Já vai ver porquê. Toda a gente quer vê-lo, toda a gente precisa de o ver. Tenho recebido chamadas do mundo inteiro. De um escritor japonês, de um médico de Frankfurt, de outro de Londres, e por aí fora.

— Tenho a sensação de que não me está a dizer tudo, senhor doutor — afirmei, por fim. — o que há mais?

— Quero que tire as suas próprias conclusões, doutor Cross. Ele está aqui nesta secção, perto da ala principal. Gostava muito de ouvir a sua opinião.

Paramos junto de uma porta aferrolhada, de aço, situada no corredor do hospital. Um guarda deixou-nos passar. Atrás dela encontravam-se mais alguns quartos de hospital, de segurança máxima.

Uma luz brilhava intensamente dentro do primeiro quarto. Não era o de Soneji, que se achava num outro mais escuro, a esquerda. A zona normal de visitas fora fechada, por ser demasiadamente exposta. Viam-se dois guardas com carabinas sentados do lado de fora do quarto. Tem havido cenas violentas? — indaguei.

Não, de forma nenhuma. Vou deixá-los sozinhos. Não me parece que tenha de se preocupar com a violência. Já vai ver que não.

O Gary Soneji Murphy observava-nos da sua cama articulada. Tinha o braço ao peito.

De resto, o seu aspecto era o mesmo da última vez que o vira. Entrei no quarto do hospital.

Quando o Dr. Campbell se afastou, o Soneji pôs-se a estudar-me. O homem que ameaçara matar-me não dava quaisquer sinais de me reconhecer.

A minha primeira impressão como profissional foi que ele tinha medo de ficar a sós comigo. A sua linguagem corporal era hesitante, muito diferente da do homem que eu atirara ao chão no McDonald's de Wilkínsburg.

— Quem é o senhor? O que é que quer de mim? — perguntou finalmente. A sua voz tremia ligeiramente.

— Chamo-me Alex Cross. Já nos conhecemos.

Ele pareceu confuso. A expressão que se estampara no seu rosto parecia muito real.

Abanou a cabeça e fechou os olhos. Foi um momento incrivelmente surpreendente e desconcertante para mim.

— Desculpe, mas não me lembro de si — retorquiu, quase a pedir perdão. — Tem entrado tanta gente neste pesadelo que até me esqueço das caras. Por favor, sente-se, detetive Cross. Como vê, tenho tido muitas visitas.

— Tu é que quiseste que fosse eu a fazer as negociações na Florida, Sou da polícia de Washington.

Mal acabei de pronunciar estas palavras, ele começou a sorrir, olhou para o lado e abanou a cabeça. Qual seria a piada? Tratei de lho perguntar.

— Nunca fui à Florida — disse ele. — Nem uma única vez.

O Gary Soneji Murphy levantou-se da cama articulada. Envergava roupa branca e larga, de hospital. O braço parecia estar

a provocar-lhe algumas dores.

Tinha um aspecto solitário e vulnerável. Passava-se qualquer coisa. O que raio seria?

Porque não me teriam avisado? Evidentemente, o Dr. Campbell queria que eu tirasse as minhas próprias conclusões.

O Soneji Murphy sentou-se na outra cadeira e olhou-me com um ar sinistro.

Não parecia um assassino. Não parecia um raptor. Um professor? Um engenhocas?

Um rapazinho perdido? Era bastante mais provável.

— Nunca falei consigo na vida — disse-me. — Nunca ouvi falar de nenhum Alex Cross. Não raptei crianças nenhuma, já leu Kafka?

— Já. Por quê?

— Sinto-me como o Gregor Sanisa de A Metamorfose, Estou encurralado num pesadelo.

Nada disto faz sentido para mim. Não raptei os filhos de ninguém. Têm de acreditar em mim.

Chamo-me Gary Murphy e nunca fiz mal a ninguém.

Se eu estava a entendê-lo bem, o que ele me dizia era que tinha uma personalidade múltipla... que era, na verdade, Gary Soneji Murphy.

— Mas acredita nele, Alex? Gaita! Isso é que interessa.

O Scorse, o Craig e o Reilly, do FBI, o Klepner e a Jezzie Flanagan, dos Serviços Secretos, eu e o Sampson encontrávamos-nos na estreita sala de conferências da sede do FBI, na baixa da cidade. Aquilo já fazia parte da rotina semanal da Equipa de Salvação de Reféns.

A pergunta fora formulada pelo Gerry Scorse, que não acreditava no Soneji Murphy, o que não era para admirar. Custava-lhe a engolir aquela da personalidade múltipla.

— O que é que ele tem a ganhar, contando-nos uma série de balelas? — pus eu à consideração de toda a gente. — Diz que não raptou as crianças. Diz que não disparou contra ninguém no McDonald's. Passeei o olhar pelos rostos das pessoas reunidas em volta da mesa de conferências. — Afirma ser um simpático Zé Ninguém de Delaware, chamado Gary Murphy.

— Assim pode alegar perturbações mentais temporárias — sugeriu o Reilly, interpretando o que era óbvio. — Vai para um bom hospital de doentes mentais em Maryland ou Virgínia e apanha de sete a dez anos. Aposto que ele sabe disso, Alex. Achas que ele é suficientemente bom actor e que tem esperteza bastante para nos tentar enganar?

— Até agora, só falei com ele uma vez. Menos de uma hora. Mas a verdade é que ele é muito convincente no papel de Gary Murphy. Acho que ele é um DV autêntico.

O que é um DV? — perguntou o Scorse. — Não sei o que é isso. É um termo psicológico muito vulgar. Nós, os psicólogos falamos muito em Dvs quando nos juntamos. Doido varrido, Gerry.

Todos se riram, excepto o Scorse, a quem o Sampson dera a alcunha de «Director de Funerais» ou «Coveiro Scorse». Era um homem dedicado e competente, mas pouco dado ao riso. — Muito engraçado, Alex — disse ele finalmente.

— Consegues ir visitá-lo outra vez? — indagou a Jezzie, que era tão competente como o Scorse, mas de convívio muito mais agradável.

— Consigo. Ele quer falar comigo. Talvez até descubra por que raio me quis a mim na Florida, porque é que fui eu o escolhido neste pesadelo.

Dois dias depois, estive mais uma hora com o Gary Soneji Murphy. Passara as duas noites anteriores a pé, informando-me acerca de casos de personalidade múltipla. A minha sala de jantar parecia a secção de psicologia de uma biblioteca. Existem muitos livros sobre a personalidade múltipla, mas poucos de nós concordamos com eles. De resto, até se discute seriamente se há mesmo casos de personalidade múltipla.

Quando cheguei ao hospital prisional, o Gary estava sentado na sua cama articulada, fitando o vazio. Já não tinha o braço ao peito. Era-me difícil ir falar assim com um raptor, um assassino de crianças, um homicida em série. Lembrei-me de uma frase do filósofo Espínosa: «Tenho-me esforçado por não escarnecer, não chorar nem sentir ódio perante os actos da humanidade, mas por os compreender.» Até ao momento, eu não compreendia.

— Olá, Gary — cumprimentei baixinho, para não o assustar. Estás pronto para conversar?

Ele voltou-se e pareceu contente por me ver. Depois, puxou uma cadeira para o lado da cama.

— Tive medo de que não o deixassem entrar. Ainda bem que deixaram.

— Porque é que pensaste que não me deixavam entrar? — perguntei.

— Oh, não sei. É que... pareceu-me que podia conversar consigo. Com o azar que tenho tido, pensei que nunca mais me deixavam vê-lo. Havia nele uma ingenuidade que me perturbava. Mostrava-se quase encantador; o homem que os seus vizinhos de Wilmington tinham descrito.

— Em que é que estavas a pensar antes de eu chegar? — quis eu saber.

Ele sorriu e abanou a cabeça:

— Nem sei. Em que é que estava a pensar? Ah, já sei. Lembrei-me que faço anos este mês. Estou sempre a pensar que acordo de repente e que o pesadelo acaba. É uma ideia que estou sempre a ter, o fio da meada de todos os meus pensamentos.

— Vamos voltar um bocadinho atrás. Conta-me outra vez como foste preso — pedi eu, mudando de assunto.

— Quando acordei e recuperei os sentidos, estava num carro da Polícia, ao pé de um McDonald's. — Insistia nesse ponto. Disseram-me o mesmo dois dias antes. — Tinha os braços algemados atrás das costas. Mais tarde, também me prenderam as pernas.

— Não sabes como foste parar ao carro da Polícia? — inquirei. Bolas, ele era mesmo bom naquilo! De falinhas mansas, amável, credível...

— Não, e também não sei como fui parar a um McDonald's de Wilkinsburg. É a coisa mais esquisita que alguma vez me aconteceu.

— Estou a ver.

Ocorrera-me uma teoria durante a viagem de Washington para ali. Era ousada, mas talvez explicasse algumas coisas que, até ao momento, não faziam sentido.

— Já alguma vez te aconteceu uma coisa assim? — perguntei. Uma coisa vagamente semelhante, Gary?

— Não, nunca tive problemas. E nunca fui preso. Pode verificar isso, não pode? Claro que sim.

— Quero dizer, alguma vez acordaste num sítio desconhecido, sem saber como lá tinhas ido parar?

Gary lançou-me um olhar estranho e inclinou ligeiramente a cabeça: — Porque pergunta isso?

— Sim ou não, Gary?

— Bem... sim.

— Conta-me como foi. Conta-me como foi acordares num sítio desconhecido.

Ele tinha a mania de puxar a camisa entre o segundo e o terceiro botões. Puxava o tecido, afastando-o do peito. Teria medo de não conseguir respirar? Se sim, de onde lhe viria?

Talvez tivesse estado muito doente em criança, e tivesse ficado num sítio com pouco ar, ou fechado em qualquer lugar.. assim como a Maggie Rose e o Michael Goldberg haviam sido fechados.

— No último ano, talvez mais, tenho sofrido de insónias. Disse isto a um dos médicos que veio ver-me.

Não li nada sobre insónias em nenhuma das fichas da cadeia. Ele tê-lo-ia mesmo dito a um dos médicos ou imaginara tudo? Havia registos de um perfil Wechsler instável, o que indicava impulsividade, de um QI oral e de um desempenho no topo da escala, de um perfil Rorschach que reflectia uma grande ansiedade emocional e de uma resposta positiva ao TAT

prancha #14, a chamada «prancha de suicídio». Mas nem uma palavra sobre insónias.

— Fala-me delas, por favor, Talvez me ajudem a compreender-te. Já faláramos do facto de eu ser psicólogo, além de um craque de um detetive. Até ao momento, pelo menos, as minhas credenciais agradavam-lhe. Isso teria alguma coisa a ver com a exigência que fizera na Florida?

— Vai mesmo tentar ajudar-me? — perguntou, mergulhando os seus olhos nos meus. -

Ajudar-me, senhor doutor, e não apanhar-me? Respondi-lhe que ia tentar, ouvindo com atenção tudo o que ele tivesse a dizer e

mantendo-me de espírito aberto. E ele disse-me que isso era tudo o que queria.

— Há algum tempo que não consigo dormir. Há tanto tempo quanto me lembro -

continuou ele. — Estava a ficar uma confusão. Custava-me saber se estava acordado, se a sonhar. Acordei no carro da polícia na Pensilvânia. Não faço ideia de como lá fui parar. Foi assim que tudo aconteceu. Acredita em mim? Alguém tem de acreditar em mim.

— Eu estou a ouvir, Gary. Quando acabares, digo-te o que penso, prometo. De momento, tenho de ouvir tudo aquilo que te lembrares. As minhas palavras pareceram satisfazê-lo.

— Perguntou-me se isto já me aconteceu antes. Aconteceu-me algumas vezes acordar em sítios desconhecidos. Às vezes, no meu carro, nalguma estrada que eu não conhecia e da qual nunca tinha ouvido falar. Outras, em motéis ou a vaguear pelas ruas de Filadélfia, Nova Iorque. Uma vez foi em Atlantic City. Até tinha no bolso fichas de casino e um bilhete do parque de estacionamento. Não sei como lá foram parar.

— Isso aconteceu-te alguma vez em Washington? — indaguei.

— Não, em Washington não. Aliás, desde miúdo que não vou a Washington.

Ultimamente, descobri que consigo entrar de repente num estado consciente. Completamente consciente. Posso estar a comer, por exemplo, e não ter ideia de como fui parar ao restaurante.

— Falaste com alguém sobre isso? Tentaste pedir ajuda a algum médico?

Ele fechou os olhos, que eram de um castanho muito claro e que constituíam a sua única característica mais fora do vulgar. Quando os abriu outra vez, espalhou-se-lhe um sorriso pelo rosto:

— Não temos dinheiro para gastar em psiquiatras, Se mal nos aguentamos... É por isso que tenho andado tão deprimido. Estamos metidos num buraco. A minha família deve trinta mil dólares e eu aqui na cadeia!

Calou-se e olhou novamente para mim, Não se mostrou embaraçado pelo facto de estar a fitar-me e a tentar ler-me o

pensamento. Eu começava a achá-lo disposto a colaborar, estável e, de uma forma geral, lúcido. Mas também sabia que quem trabalhasse com ele podia ser vítima de manipulação da parte de um sociopata extremamente inteligente e dotado.

Ele enganara muita gente antes de mim; obviamente, era muito bom nisso.

— Até agora, acredito em ti — afirmei finalmente. — o que dizes faz sentido, Gary. Gostava de te ajudar, se pudesse.

De repente, as lágrimas assomaram-lhe aos olhos e rolaram-lhe pelas faces. Estendeu-me as mãos.

Eu inclinei-me e peguei nas mãos do Gary Soneji Murphy. Estavam muito frias. Parecia que ele tinha medo.

— Estou inocente. Sei que ninguém acredita, mas estou inocente.

Nessa noite, cheguei tarde a casa. Quando me preparava para virar para a entrada da minha casa, uma moto abrandou ao lado do carro. O que raio seria aquilo?

— Acompanhe-me, por favor — disse a pessoa que se encontrava em cima da moto. A frase foi pronunciada num estilo quase perfeito de polícia de trânsito. — Siga-me.

Era a Jezzie, que desatou a rir. Imitiei-a. Eu sabia que ela tentava fazer-me regressar ao mundo dos vivos, já me tinha dito que eu andava a trabalhar muito num caso que já estava resolvido.

Avancei para o fundo da estrada, saí do velho Porsche e dei a volta até onde ela parara a moto.

— São horas de repousar, Alex. Pode ser? Podes largar o trabalho às onze horas? — indagou ela.

Entrei para ver as crianças. Como estavam a dormir, não tinha nenhuma razão para recusar o convite da Jezzie. Por isso, voltei cá para fora e montei na moto.

— Não sei se isto é o pior ou o melhor que faço ultimamente disse-lhe.

— Não te preocupes, é o melhor. Estás em boas mãos. Não tens nada a temer, excepto a morte instantânea.

Dentro de segundos, a 9th street era varrida pela luz forte do farol da motoque, depois, acelerou por Independence e meteu para

Parkway, que tinha muitas curvas. Jezzie inclinava-se a cada curva, deixando os carros para trás como se estes estivessem imóveis.

Ela sabia mesmo guiar uma moto. Não era nenhuma amadora. A paisagem ia ficando rapidamente para trás. Pensei que ela devia ir a, pelo menos, cento e cinquenta quilómetros por hora, pois só via os fios da electricidade acima de mim e a linha tracejada da estrada à esquerda da roda da frente da moto. Mas, apesar disso, sentia-me muito calmo.

Não sabia para onde íamos, nem isso me preocupava. Os meus filhos estavam a dormir, com a Nana a tomar conta deles. Aquilo fazia tudo parte da terapia da noite. Sentia o ar frio arremessar-se contra cada poro do meu corpo e limpar-me a cabeça, que bem precisava de ser limpa.

A N Street não tinha movimento, Era uma via comprida, estreita e direita, ladeada por casas com cem anos de idade. Era bonita, especialmente no Inverno, com as suas casas de telhados com empenas cobertos de neve e as luzes bruxuleantes dos alpendres.

A Jezzie acelerou novamente na rua deserta. Cem quilómetros por hora, cento e vinte e cinco, cento e cinquenta. Eu não tinha bem a certeza da velocidade, mas sabia que voávamos. As árvores e as casas eram uma mancha. o solo alcatroado era uma mancha.

Aliás, até era agradável... se ficássemos Vivos.

A Jezzie travou devagar. Não estava a dar-se ares. Sabia como se faziam as coisas.

— Chegamos a casa. Consegui o lugar ideal. Estou a tratar do contrato — anunciou, enquanto desmontava. — Saíste-te muito bem. Só gritaste uma vez na George Washington.

— Guardo os gritos para mim.

Entramos, animados pela viagem. o apartamento não era nada do que eu esperava. A Jezzie disse que não tivera tempo para o arranjar, mas era lindíssimo e de muito bom gosto.

Tinha um estilo geral lustroso e moderno, mas nada pesado. Viam-se imensas fotografias de arte, sobretudo a preto e branco. Fora a Jezzie que as tirara. Havia flores na sala de estar e na cozinha, livros com os marcadores de fora... o Príncipe das Marés, Marcas de Queimaduras, Mulheres no Poder, o Zen e a Arte da Manutenção das Motorizadas..., uma prateleira com garrafas de

vinho... Beringer, Rutherford... e um cabide na parede para o capacete da moto.

— Afinal, és uma fada do lar.

— O tanas! Sou mas é uma durona dos Serviços Secretos, Tomei-a nos braços e beijámo-nos muito suavemente na sua sala de estar. Eu estava a descobrir ternura onde não esperava encontrá-la e uma sensualidade que me surpreendia.

Era tudo aquilo de que eu andava à procura... só havia um pequeno senão.

— Gostei muito que me trouxesses a tua casa — disse eu. — A sério, jezzie. O teu gesto tocou-me muito.

— Apesar de eu quase ter precisado de te raptar para te trazer aqui?

— Passeios nocturnos a toda a velocidade, um lindo apartamento caseiro, fotografias dignas da Arime Leibovitz... que mais segredos tens?

Docemente, a Jezzie explorou-me o rosto, passando-me o dedo pela face e contornando-me o queixo:

— Não quero ter segredos. Gostava que fosse assim. Concordas? Respondi que sim.

Era exactamente o que eu queria. Era tempo de voltar a abrir-me com alguém. Era mais do que tempo, provavelmente para os dois. Talvez não o tivéssemos dado a entender ao mundo exterior, mas havia muito que estávamos sós, virados para dentro. A verdade era que, de momento, nos ajudávamos mutuamente a manter os pés no chão.

De manhã cedo, voltamos de moto para a minha casa, em Washington. O vento frio e áspero batia-nos no rosto. Permaneci agarrado à sua cintura enquanto atravessávamos a luz difusa e cinzenta da madrugada. As poucas pessoas que encontramos, que se dirigiam de carro ou a pé para o emprego, ficaram a olhar para nós. Provavelmente, eu também teria ficado a olhar. Se fazíamos um casal tão bonito!

A Jezzie deixou-me exactamente no sítio onde me fora buscar. Encostei-me mais a ela e à moto quente, a trabalhar, e beijei-a outra vez na face, no pescoço e, por fim, na boca.

Parecia-me que podia ficar ali toda a manhã. Tal e qual... nas ruas sujas da zona sudeste. De passagem, pensei que deveria ser sempre assim. Porque não?

— Tenho de ir — observei, por fim.

— Pois é, já sei. Vai para casa, Alex. Dá um beijo aos teus filhos. Porém, pareceu-me um pouco triste quando me virei para entrar em casa.

«Não comeces nada que não possas acabar», recordei a mim próprio.

Passei o resto desse dia do outro lado da vida. Podia parecer um tanto irresponsável, mas não fazia mal. Às vezes, não há problema em carregarmos o mundo aos ombros, desde que saibamos parar.

Portanto, dirigi-me de carro para a Cadeia de Lorton. Estava uma temperatura negativa, mas o Sol brilhava. o azul do céu, muito limpo, quase cegava. Beleza e esperança.

A ilusão patética dos anos 90!

Nessa manhã, durante a viagem, pensei na Maggie Rose Dune. Tinha de concluir que já estava morta. O pai continuava a fazer um barulho dos diabos nos meios de comunicação social. Até certo ponto, era natural. Falei umas vezes ao telefone com Katherine Rose, que ainda não abandonara a esperança e que me dissera que «sentia» que a filha ainda estava viva. Entristeceu-me tanto ouvi-la!

Tentei preparar-me para o Soneji Murphy, mas estava distraído. As imagens da noite anterior passavam-me constantemente à frente dos olhos. Foi de tal forma que tive de repetir para mim próprio que me encontrava dentro de um carro, no trânsito do meio-dia de DC, e que estava a trabalhar.

Foi então que me ocorreu uma ideia brilhante: uma teoria testável sobre o Gary Soneji Murphy que parecia fazer sentido em termos psicológicos. O facto de ter uma teoria interessante, du Jour, ajudou-me a concentrar na cadeia. Uma vez lá chegado, levaram-me ao sexto andar, para visitar o Soneji, que estava à minha espera e que parecia não ter pregado olho toda a noite. Era a minha vez de fazer as coisas acontecerem.

Nessa tarde, estive com ele talvez mais de uma hora. E forcei muito a nota, talvez mais do que com qualquer um dos meus doentes.

— Gary, já encontraste nos bolsos facturas de hotéis, restaurantes, lojas, sem te lembrares de como gastaste o dinheiro?

— Como é que sabe? — Os seus olhos iluminaram-se com a minha pergunta, e espalhou-se-lhe no rosto uma expressão de alívio. — Eu bem lhes disse que queria que fosse o senhor a tratar-me. Não quero mais o doutor Walsh, que só sabe receitar-me medicamentos.

— Não sei se isso é boa ideia. Sou psicólogo e não psiquiatra, como o doutor Walsh.

Além disso, faço parte da equipa que te prendeu. Ele abanou a cabeça: — Eu sei. E é também o único que me ouviu antes de me julgar. Sei que me odeia... só a ideia de que raptei as duas crianças e das outras coisas de que me acusam! Mas, pelo menos, ouve-me e o Walsh só faz de conta que ouve.

— Mas tens que continuar a ser tratado pelo doutor Walsh — retorqui.

— Está bem. Acho que já percebi as manobras cá dentro. Mas, por favor, não me deixe sozinho neste inferno.

— Não. Daqui para a frente vou estar sempre contigo. Vamos continuar a conversar assim.

Depois, pedi-lhe que me falasse da sua infância.

— Não me lembro muito bem como foi. É muito estranho? — Ele queria conversar. Era comigo, com o meu discernimento, determinar se estava a dizer a verdade ou uma quantidade de mentiras elaboradas na perfeição.

— Nalgumas pessoas, é normal não se lembrarem. Às vezes, as coisas surgem-nos quando falamos delas, quando as pomos em palavras.

— Mas conheço os factos e as estatísticas. Muito bem. Data de nascimento: 24 de Fevereiro de 1957. Local de nascimento: Princeton, Nova Jérсия. Coisas assim. No entanto, às vezes sinto que aprendi isto tudo enquanto crescia. Já tive experiências em que não consigo separar o sonho da realidade. Não sei bem qual é qual. A sério, não sei bem.

— Tenta descrever-me as tuas primeiras impressões — pedi.

— Pouca alegria, poucos risos. Sempre tive insónias. Nunca consegui dormir mais de uma ou duas horas seguidas. Não me

lembro de não me sentir cansado... e deprimido. Como se tivesse passado a vida a tentar sair de um buraco. Não quero tentar fazer o seu trabalho, mas não me tenho em muita estima.

Tudo o que sabíamos do Gary Soneji descrevia exactamente o oposto: muita energia, uma atitude positiva, uma auto-estima extremamente elevada.

Gary prosseguiu, esboçando os contornos de uma infância terrível, que incluía maus tratos físicos por parte da madrasta, nos primeiros anos, e abusos sexuais infligidos pelo pai, já um pouco mais tarde. Descreveu-me várias vezes como fora obrigado a desligar-se da ansiedade e do conflito que o rodeavam. A madrasta e os dois filhos tinham ido viver com ele em 1961. O Gary tinha então quatro anos e já era temperamental. Daí para a frente, as coisas haviam piorado. Se muito, se pouco, ainda não estava disposto a dizer-me.

Durante o seu tratamento com o doutor Walsh, o Soneji Murphy fez testes de Wechsler, de personalidade e de Rorschach. Mas onde rebentou completamente a escala foi na área da criatividade, medida por frases que tinha de completar. O Soneji Murphy obteve cotações elevadíssimas tanto nas respostas orais como nas escritas.

— Que mais, Gary? Tenta recuar o mais possível. Só posso ajudar se te compreender melhor.

— Havia sempre «horas perdidas»... tempo que eu não sabia como tinha gasto — explicou, com o rosto cada vez mais tenso. Tinha as veias do pescoço salientes. Um ligeiro suor escorria-lhe pelo rosto. Castigavam-me por não me lembrar — continuou.

— Quem? Quem é que te castigava?

— Sobretudo a minha madrasta.

O que, provavelmente, significava que as marcas mais devastadoras haviam sido feitas quando ele era muito novo, na altura em que a madrasta o disciplinava.

— Um quarto escuro — continuou.

— O que é que acontecia no quarto escuro? Que tipo de quarto era?

— Ela mandava-me para a cave, onde era a nossa adega. Mandava-me para lá quase todos os dias.

Estava a começar a suar abundantemente. Era uma situação muitíssimo difícil, que eu já observara em vítimas de abusos infantis. Fechou os olhos e recordou, vendo um passado que nunca quisera voltar a encarar.

— O que é que acontecia na cave?

— Nada... não acontecia nada. Só que eu estava sempre a ser castigado e ficava lá sozinho.

— Quanto tempo ficavas lá?

— Não sei... não posso lembrar-me de tudo!

Entreabriu os olhos e observou-me através de duas fendas estreitas.

Eu não tinha a certeza de quanto mais ele aguentaria. Era necessário ter cuidado.

Precisava de o fazer entrar nas situações mais difíceis da sua história pessoal com o sentimento de que me interessava por ele, de que o ouvia e de que podia confiar em mim.

— Às vezes, um dia inteiro? Ou de um dia para o outro?

— Oh não, não. Muito, muito tempo. Para eu não me esquecer. Para ser bom rapazinho e não o Mau Rapaz.

Olhou para mim, mas não disse mais nada. Senti que estava à espera que eu falasse.

Tentei o elogio, pois que me pareceu uma resposta adequada: — Foste muito bem, Gary. Começaste bem. Sei como isto é difícil para ti.

Ao olhar para o homem crescido, imaginei o rapazinho pequeno, de castigo na adega escura. Todos os dias. Durante semanas, que lhe deviam ter parecido ainda mais compridas.

Então, pensei na Maggie Rose Dune. Seria possível que ele a tivesse algures e que ela continuasse viva? Era preciso que eu lhe arrancasse os segredos mais negros de dentro da cabeça, mais depressa do que em qualquer terapia. Katherine Rose e Thomas Dune mereciam saber o que acontecera à sua filhinha.

»O que aconteceu à Maggie Rose, Gary? Lembras-te da Maggie Rose?»

Era uma altura muito arriscada da nossa sessão. Ele podia assustar-se e recusar-se a voltar a ver-me, se pressentisse que eu já não era um «amigo». Ou podia retirar-se para dentro de si

próprio. Existia mesmo a possibilidade de um colapso psicótico total: podia ficar catatónico. Nesse caso, tudo estaria perdido.

Tinha de continuar a elogiar os seus esforços. Era importante que ele ansiasse pelas minhas visitas:

— O que me contaste até agora é uma grande ajuda. Portaste-te muito bem. Até estou impressionado com o que te obrigaste a recordar.

— Alex, palavra que não fiz nada de horrível nem mau. Por favor, ajude-me — rematou ele, quando eu ia a sair.

Nessa tarde, Gary tinha um teste poligráfico. A simples ideia do detector de mentiras punha-o nervoso, mas jurava a pés juntos que se submeteria a ele de muito bom grado.

Disse-me que eu podia ficar à espera dos resultados, se quisesse. E eu queria muito.

O operador do polígrafo, particularmente bom, viera de DC para o teste, que era composto de dezoito perguntas. Quinze delas eram de controlo e as outras três seriam utilizadas na pontuação do teste de detecção de mentiras.

O Dr. Campbell encontrou-se comigo cerca de quarenta minutos depois de o Soneji Murphy ter descido para fazer o teste poligráfico. Campbell estava corado de excitação.

Parecia que viera a correr do sítio onde haviam feito o teste. Acontecera alguma coisa importante.

— Ele teve a melhor nota possível — informou-me Campbell. Passou com distinção.

Talvez esteja a dizer a verdade!

Talvez estivesse a dizer a verdade!

Na tarde do dia seguinte, fiz uma comunicação na sala da direcção da cadeia de Lorton. Os meus ilustres ouvintes eram o Dr. Campbell, da cadeia, o delegado federal da comarca, James Dowd, um representante do governador de Maryland, mais dois delegados do gabinete do procurador-geral de Washington, o Dr. James Walsh, da Secretaria Estadual da Saúde, e os consultores da cadeia.

Fora extremamente difícil reuni-los a todos. Depois de o ter conseguido, não podia perder a oportunidade, pois não teria outra para lhes expor aquilo de que precisava. Sentia-me como se estivesse outra vez a fazer um exame oral no Liceu Johns Hopkins...

completamente na corda bamba. Acreditava que toda a investigação Soneji Murphy estava em jogo ali, naquela sala.

— Quero tentar fazer-lhe uma hipnose regressiva — anunciei ao grupo. — Não envolve qualquer risco e a recompensa pode ser elevada. Tenho a certeza de que o Soneji Murphy se vai submeter de boa vontade e que havemos de encontrar qualquer coisa de útil. Talvez saibamos o que aconteceu à rapariguinha desaparecida. E um pouco mais sobre o próprio Gary Murphy.

Já haviam sido levantadas questões de jurisdição complexas. Um advogado até já me dissera que tudo aquilo daria uma excelente questão jurídica. Como se haviam atravessado fronteiras entre estados, o rapto e assassinio do Michael Goldberg caíram sob a alçada federal e seria julgado num tribunal federal. As mortes do McDonald's seriam julgadas no tribunal de Westmoreland. O Soneji Murphy também poderia ser julgado em Washington por um ou mais dos homicídios que, aparentemente, cometera na zona sudeste.

— O que espera conseguir? — quis saber o Dr. Campbell, que desde o início se mostrara disposto a colaborar. Como eu, lia o cepticismo estampado em vários rostos, especialmente no de Walsh. Percebi por que razão o Gary não gostava de Walsh, que parecia mesquinho e de espírito tacanho, mas orgulhoso disso.

— Muito do que ele nos contou até agora sugere uma grave reacção dissociativa.

Aparentemente, viveu uma infância terrível. Sofreu maus tratos e talvez até tivesse sido vítima de abusos sexuais. Pode ter começado aí a dividir a personalidade, de modo a evitar a dor e o medo. Não afirmo que tem uma personalidade múltipla, mas é uma hipótese. Teve o tipo de infância que pode levar a essa forma rara de psicose.

O Dr. Campbell pegou nas minhas palavras e prosseguiu: — Eu e o doutor Cross discutimos a possibilidade de o Soneji Murphy ter «estados de fuga», isto é, episódios psicóticos relacionados tanto com a amnésia como com a histeria. Ele fala de «dias perdidos», «fins-de-semana perdidos» e até «semanas perdidas». Em tal estado de fuga, o doente pode acordar num sítio desconhecido, sem saber como lá foi parar nem o que andou a fazer durante um período de tempo prolongado. Nalguns casos, os doentes têm duas

personalidades, muitas vezes a antítese uma da outra. É uma coisa que também pode acontecer na epilepsia temporal.

— Mas o que é que vocês pretendem? — grunhiu Walsh da sua cadeira. — Epilepsia temporal! Por favor, Marion! Quanto mais andarem a brincar assim, mais hipóteses ele terá de se safar no tribunal avisou.

— Eu não ando a brincar — repliquei a Walsh. — Não faz o meu estilo.

O delegado da comarca ergueu a voz, intervindo entre mim e Walsh. James Dowd era um homem sério, de trinta e tal, quarenta anos. Se Dowd conseguisse participar no julgamento de Soneji Murphy, depressa alcançaria grande fama.

— Não é possível que ele tenha criado este estado aparentemente psicótico só para nos enganar? Isto é, que ele seja um psicopata e nada mais? — indagou Dowd.

Passei os olhos em volta da mesa antes de responder. Era evidente que Dowd nos queria ouvir e saber a verdade. O representante do governador parecia céptico e pouco convencido, mas de espírito aberto. Até ao momento o grupo do procurador-geral mostrava-se neutro.

Quanto ao Dr. Walsh, já nos ouvira o suficiente, a mim e a Campbell.

— É uma possibilidade — aquiesci. — Essa é uma das razões por que gostaria de tentar a hipnose regressiva. E, acima de tudo, podemos verificar se as suas histórias permanecem consistentes.

— Se conseguirmos hipnotizá-lo — atirou Walsh. — E se lograrmos perceber se ele foi ou não hipnotizado.

— Acho que conseguimos — respondi muito depressa.

— Eu cá tenho as minhas dúvidas. Para ser franco, tenho dúvidas sobre si, Cross. Não me interessa que ele goste de falar consigo. A psiquiatria não tem nada a ver com a empatia que se sente pelo psiquiatra.

— Ele gosta de mim porque eu o ouço. — Lancei a Walsh um olhar colérico e precisei de me controlar muito para não saltar sobre aquele filho da mãe.

— Quais são as suas outras razões para hipnotizar o preso? — inquiriu o representante do governador.

— Francamente, não sabemos bem o que ele fez durante esses estados de fuga -

respondeu o Dr. Campbell. — Nem nós, nem ele, nem a família, que já entrevistei várias vezes.

— E também não temos a certeza de quantas personalidades há em jogo — acrescentei. -

A outra razão para querer hipnotizá-lo — fiz uma pausa, para que o que ia dizer assentasse bem —, é que quero perguntar-lhe o que é feito da Maggie Rose Dune. Quero tentar descobrir o que aconteceu à Maggie Rose.

— Bem, já ouvimos o que tinha a dizer, doutor Cross. Obrigado por nos ter dispensado um pouco do seu tempo — agradeceu James Dowd, no fim da apresentação. — Terá a nossa resposta em breve.

Nessa noite, decidi tomar as coisas nas minhas próprias mãos.

Por isso, telefonei a um jornalista do Post que conhecia e em quem confiava, pedindo-lhe que fosse encontrar-se comigo ao Pappy's Diner, nos limites da zona sudeste. No Pappy's não seríamos vistos de certeza, e eu não queria que ninguém soubesse que nos encontráramos... para bem dos dois,

O Lee Kovel era um yuppie grisalho e meio idiota, mas eu gostava dele. Não escondia as suas emoções: as suas invejas mesquinhas, o seu azedume quanto ao triste estado do jornalismo, as suas infelizes tendências, os seus laços ultraconservadores — era um livro aberto.

O Lee deixou-se cair ao meu lado ao balcão. Envergava um fato cinzento e sapatos ligeiros, azul-claros. o Pappy's consegue reunir uma excelente amostra de pretos, hispanos, coreanos e brancos que, de uma forma ou de outra, trabalham na zona sudeste. Mas ninguém se parecia com o Lee.

— Dou imenso nas vistas — queixou-se. — Sou muito alinhadinho para um lugar assim.

— Ora, quem é que te vai ver aqui? O Bob Woodward? Evans e Novak?

— Que piadinha, Alex! Qual é a tua ideia? Porque é que não me telefonaste quando a história ainda estava quente? Antes de apanharem esse idiota?

— Pode servir-lhe um café quente, muito forte? — pedi ao empregado do balcão. — Tenho de o acordar. — Virando-me de novo para o Lee: — Vou hipnotizar o Soneji dentro da cadeia.

Quero procurar a Maggie Rose Dune no subconsciente dele. O exclusivo é para ti, mas ficas em dívida comigo — informei.

O Lee Kovel quase cuspiu a resposta:

— Tretas! Desembucha, Alex. Parece-me que deixaste umas tantas coisas por dizer.

— Acertaste. Estou a ver se consigo autorização para hipnotizar o Soneji, mas há muitas politiquices pelo meio. Se publicares a história no Post, talvez a obtenha. A teoria da auto-realização das profecias. Eu consigo a autorização e, nessa altura, tu tens o exclusivo.

O café chegou numa linda chávena, castanho-clara, com um fino friso azul junto ao bordo. Extremamente pensativo, o Lee bebeu o café. Parecia divertido por eu estar a tentar manipular a ordem estabelecida em DC. Era uma coisa que lhe falava ao coração amargurado.

E se souberes alguma coisa do Gary Soneji, serei o segundo a saber.. depois de ti, Alex.

— É um grande negócio para ti, mas está bem. Fica combinado. Pensa nisso, Lee. É por duas boas causas: a descoberta da Maggie Rose e a tua carreira.

Deixei o Kovel no Pappy's, acabando o café e começando a esboçar a sua história.

Parece que o fez mesmo, pois ela apareceu na edição matutina do Post.

A Nana Mama é a primeira a levantar-se todos os dias na nossa casa. Provavelmente, é a primeira a levantar-se em todo o universo. Era nisso que eu e o Sampson acreditávamos quando tínhamos dez ou onze anos e ela era vice-reitora do Liceu de Garfield North.

Quer acorde às sete, às seis ou às cinco, quando desço para a cozinha encontro sempre a luz acesa e a Nana a tomar o pequeno-almoço ou a prepará-lo ao fogão. O seu pequeno-almoço é quase sempre o mesmo: um ovo quente, um queque de cereais com manteiga e chá fraco com natas e muito açúcar. Por essa altura, também já começara a preparar o nosso. Como conhece a

variedade dos nossos gostos, a ementa da casa pode ser composta por panquecas e salsichas de porco ou bacon, melão (no tempo dele), cereais, muesli ou papas de aveia com uma espessa camada de manteiga e um generoso monte de açúcar em cima e ovos de todas as formas e feitios.

De vez em quando, aparece uma omeleta de geleia de uvas, que é o único cozinhado dela de que eu não gosto. A Nana deixa-a tostar muito por fora e, como já lhe disse centenas de vezes, ovos e geleia ligam tão bem como panquecas e ketchup. A Nana não concorda, mas também nunca come as omeletas com geleia. No entanto, os miúdos adoram-nas.

Naquela manhã de Março, a Nana estava sentada à mesa da cozinha. Lia o Washington Post que, por acaso, é distribuído por um homem que se chama Washington. Mr.

Washington toma o pequeno-almoço com a Nana todas as segundas-feiras de manhã. Mas era quarta-feira, um dia importante para a investigação.

Toda a cena do pequeno-almoço me era familiar e, no entanto, fiquei admirado quando entrei na cozinha. Mais uma vez, percebi como o rapto invadira as nossas vidas privadas, as vidas dos membros da minha família.

O principal título do Washington Post dizia: Soneji Murphy VAI SER HIPNOTIZADO

Juntamente com a história, viam-se fotografias minhas e de Soneji Murphy. Soubera das notícias na noite anterior, já muito tarde, e telefonara ao Lee Kovel para lhe dar o exclusivo, devido ao nosso acordo.

Li a história do Lee enquanto comia duas ameixas secas. Dizia que «certas fontes encaram com cepticismo as opiniões de alguns psicólogos designados para tratarem o raptor», que «as conclusões médicas podem influenciar o julgamento, e que «se for dado como louco, Soneji Murphy pode ter uma pena de apenas três anos numa instituição». Era evidente que o Lee consultara outras fontes depois de ter falado comigo.

— Mas porque é que eles não dizem exactamente o que querem? Resmungou a Nana por cima da torrada e da chávena de chá. Supus que o estilo do Lee não lhe agradava.

— Porque é que eles não dizem o quê? — perguntei.

— É óbvio: deve haver alguém que não te quer a meter o nariz num caso tão arrumadinho como este. Querem uma justiça de uma brancura perfeita, e não necessariamente a verdade. De qualquer forma, parece-me que a verdade não é importante.

O que eles querem é sentir-se melhor, imediatamente. Querem que a dor acabe. Última mente, as pessoas toleram mal a dor.. desde que o doutor Spock tomou o nosso lugar a educar os nossos filhos.

— É isso que tem andado a congeminar enquanto toma o pequeno-almoço? Até parece o Crime, Dela.

Servi-me de um pouco do chá dela, mas não lhe pus açúcar nem natas. Peguei num queque e meti-lhe duas salsichas no meio.

— Não há congeminação nenhuma. É a realidade, tão clara como água, Alex.

Assenti com a cabeça. Podia ser que ela tivesse razão, mas era desconcertante encará-lo antes das seis da manhã.

— Não há nada como as ameixas a esta hora da manhã — observei.

— Que bom!

— Hum! — A Nana Mama franziu o sobrolho. — Se fosse a ti, comia mais umas tantas.

Vais precisar de reforço alimentar durante algum tempo. Desculpa que te diga, mas parece-me que não vais poder andar muito relaxado.

— Obrigado, Nana. Não há como a sua franqueza.

— Não precisas de me agradecer, nem o pequeno-almoço nem este esplêndido conselho: não confies nos brancos.

— Foi um pequeno-almoço muito bom — comentei.

— Como vai a tua nova namorada? — perguntou a minha avó. Não há nada que lhe escape.

Havia um zumbido agudo no ar quando saí do carro, na prisão. O ruído era físico.

Repórteres de jornais e de estações de televisão passeavam-se para trás e para diante, do lado de fora de Lorton. Estavam à minha espera, tal como o Soneji Murphy, que fora transferido para uma cela normal.

Enquanto caminhava do parque de estacionamento para o presídio, salpicado por uma chuvinha ligeira, câmaras de televisão e microfones surgiam-me à frente, vindos de dezenas de ângulos diferentes. Eu ia hipnotizar o Gary Soneji Murphy, e a imprensa sabia-o. Era a grande notícia do dia.

— Thomas Dune diz que o senhor anda a tentar hospitalizar o Soneji para o pôr em liberdade daqui a uns anos. Quer comentar esta afirmação, detetive Cross?

— Neste momento, não tenho nada a dizer. — Não podia falar com os jornalistas, o que não me tornava uma figura muito popular, mas fora esse o acordo que fizera com o procurador-geral antes de este dar o seu consentimento relativamente às sessões.

Hoje em dia, usa-se muito a hipnose em psiquiatria que, normalmente, é supervisionada pelo psiquiatra que assiste o doente ou por um psicólogo. O que eu esperava descobrir ao longo de várias entrevistas era o que acontecera ao Gary Soneji Murphy durante os seus «dias perdidos», as suas escapadelas do mundo real. Mas não sabia se isso ia acontecer depressa; na verdade, nem sabia se chegaria a acontecer.

Uma vez dentro da cela do Gary, o procedimento foi simples e directo: primeiro, sugeri-lhe que se descontraísse e fechasse os olhos. Depois, disse-lhe que respirasse muito devagar e com regularidade e pedi-lhe que procurasse não pensar em nada. Por fim, mandei-o contar lentamente de cem para trás. Aparentemente, foi fácil hipnotizá-lo. O Gary não ofereceu resistência e mergulhou profundamente num estado sugestionável. Tanto quanto me era dado perceber, estava hipnotizado. Pelo menos, procedi como se estivesse. Estudei-o, procurando sinais que me indicassem o contrário, mas não descobri nenhum.

A sua respiração abrandara consideravelmente. Eu nunca o vira tão descontraído como no início da sessão. Nos primeiros momentos, conversamos sobre assuntos vulgares, que não o ameaçavam.

Como ele «recuperara a consciência» ou «voltara a si» no parque de estacionamento do McDonald's, questionei-o sobre isso, logo que ficou totalmente relaxado.

— Lembras-te de teres sido preso num McDonald's de Wilkinsburg?

Depois de uma breve pausa, o Gary respondeu: — Oh, claro que sim.

— Ainda bem que te lembras, porque tenho umas quantas perguntas a fazer-te sobre o que se passou no McDonald's. Não sei bem a sequência dos acontecimentos. Recordaste de alguma coisa que possas ter comido no restaurante?

Revirou os olhos por baixo das pálpebras fechadas. Estava a pensar antes de responder. Tinha calçadas umas chinelas de meter o dedo, e o seu pé esquerdo batia no chão com rapidez.

— Não... não... não me lembro. Eu comi lá? Não me recordo. Não sei bem se comi ou não.

— Reparaste em alguém no McDonald's? — perguntei. — Lembras-te de quem lá estava?

Ou de alguma empregada da caixa com quem possas ter falado?

— Estava cheio. Não me lembro de ninguém em especial. Recordo-me de que pensei que há pessoas que se vestem tão mal que chega a ser cómico. Há sempre gente assim nos centros comerciais e em lugares como o Hojos e o McDonald's.

Na sua cabeça, ainda se encontrava dentro do McDonald's. Fora até lá comigo. «Fica comigo, Gary.»

— Foste à casa de banho? — Eu já sabia que sim. Quase tudo o que ele fizera vinha nos relatórios da sua captura.

— Fui. Fui à casa de banho — confirmou.

— Que tal uma bebida? Leva-me contigo. Põe-te lá dentro o mais que puderes.

Ele sorriu:

— Por favor, não seja paternalista.

Inclinara a cabeça de uma maneira esquisita. Às tantas, desatou a rir. Era um riso estranho, mais profundo do que o habitual. Estranho, mas não totalmente alarmante. As suas palavras tornavam-se mais rápidas e muito marcadas. O pé batia cada vez mais depressa.

— Não tens esperteza suficiente para isto.

Fiquei um tanto admirado com a mudança do seu tom de voz.

— Para quê? Explica-me, Gary. Não estou a perceber.

— Para o enganares. É isso. Tu és esperto, mas não o suficiente.

— Quem é que eu estou a tentar enganar?

— O Soneji, claro. Ele está no McDonald's. Finge tomar café, mas, na verdade, está muito chateado... quase a entrar em parafuso. Precisa de atenção.

Inclinei-me para a frente na cadeira. Não estava nada à espera daquilo.

— Porque é que está zangado? Tu sabes porquê? — indaguei.

— Porque eles tiveram sorte.

— Quem é que teve sorte?

— Os polícias. Está chateado porque os estúpidos podem ter sorte e estragar tudo, lixar o plano de mestre.

— Gostava de falar com ele sobre isso — repliquei, tentando ir tão direito aos factos como ele. Se o Soneji estava ali, talvez pudéssemos conversar.

— Não! Não! Não estás à altura dele. Não ias perceber nada do que ele tem para dizer.

Não sabes nada do Soneji.

— Ele ainda está zangado? Está zangado por ter sido preso? O que é que o Soneji diz desta cela?

— Diz: vai-te foder. VAI-TE FODER!

Saltou sobre mim e agarrou-me a camisa, a gravata e a parte da frente do casaco.

Era forte fisicamente mas eu também sou. Deixei-o agarrar-me e agarrei-me a ele.

Neste poderoso abraço de urso, aproximamos as cabeças, que bateram uma na outra.

Poderia ter-me libertado, mas nem tentei. Aliás, ele não estava a magoar-me. Antes parecia que me ameaçava, que traçava uma linha entre nós.

CamPbell e os guardas irromperam pelo corredor. O Soneji Murphy largou-me e começou a atirar-se contra a porta da cela. A saliva escorria-lhe pelo canto da boca. Desatou a gritar, a praguejar em altos berros.

Os guardas atiraram-no ao chão e dominaram-no com dificuldade. O Soneji tinha muito mais força do que sugeria o seu

corpo magro. Eu já o sabia por experiência própria.

O técnico médico entrou a seguir e aplicou-lhe um sedativo, que o pôs a dormir no chão da cela, numa questão de minutos. Os guardas içaram-no até à cama articulada e puseram-lhe um colete de forças. Fiquei à espera até o fecharem na cela.

Quem estaria ali? Gary Soneji? Gary Murphy? Ou os dois?

Nessa noite, o comandante Pittman telefonou-me para casa. Não acreditava que quisesse dar-me os parabéns pelo meu trabalho com o Soneji Murphy e tinha razão. O Jefe mandou-me passar pelo escritório na manhã seguinte.

— O que aconteceu? — perguntei-lhe.

Não mo disse ao telefone. Acho que não queria estragar a surpresa. De manhã barbeei-me muito bem e vesti o meu casaco de couro, preparando-me para a ocasião. Antes de sair de casa, toquei um bocadinho de piano no alpendre. Pensar em escuridão e luz. Ser escuridão e luz. Toquei «The Man Love», «For All We Know», «That's Life, Guess». Depois, saí para ir ter com o Jefe.

Quando cheguei ao escritório do comandante, vi actividade demais para as oito menos um quarto da manhã. Para variar, até o assistente do Jefe parecia ocupado.

O velho Fred Cook é um vice-inspector falhado, que agora faz de assistente administrativo. Parece um daqueles objectos que se exibiam nas demonstrações dos jogos de basebol de antigamente. O Fred tem vistas curtas, é mesquinho e extremamente politizado.

Tratar de qualquer coisa por seu intermédio é o mesmo que transmitir mensagens a um boneco do museu das figuras de cera.

— O comandante está à sua espera. — Presenteou-me com um dos seus sorrisos de lábios finos. O Fred Cook adora saber das coisas antes de nós. Mesmo quando não as sabe, porta-se como se soubesse.

— O que é que se passa aqui, Fred? — perguntei-lhe francamente. — A mim pode dizer.

Vi nos seus olhos aquele brilhaço de entendido: — Entre e veja. De certeza que o comandante vai explicar as suas intenções.

— Orgulho-me de si, Fred. Pode-se confiar-lhe um segredo com toda a segurança.

Sabe, devia fazer parte da Comissão de Defesa Nacional.

Entrei, esperando o pior, mas subestimei um tanto o comandante. O presidente da Câmara, Carl Monroe, encontrava-se com Pittman no escritório, assim como o nosso comandante da Polícia, Christopher Clouser e (Imagine-se!) John Sampson. Ao que parecia, tinham montado no santuário do Jefe um desses populares acontecimentos matutinos de Washington: um pequeno-almoço de trabalho.

— Nem tudo é mau — comentou o Sampson em voz baixa. Em nítido contraste com as suas palavras, parecia um animal apanhado naquelas armadilhas metálicas de mola usadas pelos caçadores. Fiquei com a impressão de que ele não se importaria nada de cortar o pé à dentada, só para fugir da sala.

— Não é nada mau. — Carl Monroe sorriu jovialmente quando viu o meu rosto de pedra. -

Temos boas notícias para os dois. Muito boas notícias. Posso? Acho que sim... Você e o Sampson vão ser promovidos hoje. Aqui mesmo. Parabéns ao nosso novo detetive-chefe e ao nosso novo chefe de divisão.

Bateram palmas de aprovação. Eu e o Sampson trocamos olhares de interrogação. O

que se passaria? Se soubesse, teria levado a Nana e os pequenos. Era como naquelas alturas em que o presidente distribui medalhas e agradecimentos às viúvas de guerra. Só que, desta vez, os mortos também tinham sido convidados para a cerimónia. Eu e o Sampson estávamos mortos aos olhos do comandante Pittman.

— Será que nos pode dizer, a mim e ao Sampson, o que se passa?

— Presenteei Monroe com um sorriso conspirativo. — Sabe, as entrelinhas...

Carl Monroe exibia o seu melhor sorriso... tão caloroso, pessoal, «autêntico»!

— Pediram-me para vir aqui assistir à sua promoção e à do detetive Sampson -

explicou. — É tudo. Tive muito prazer em vir, Alex fez uma careta — às oito menos um quarto da manhã.

Na verdade, às vezes é difícil não se gostar do Carl, que sabe perfeitamente o lugar que ocupa na política. Faz-me lembrar as

prostitutas da 14th Street que dizem uma ou duas piadas vulgares quando somos forçados a prendê-las por importunarem os transeuntes.

— Temos mais umas coisas a discutir — começou Pittman, que logo afastou a ideia de introduzir assuntos sérios na cerimônia, acrescentando: — Mas podem esperar. Primeiro, vamos ao café e aos bolos.

— Acho que devemos discutir tudo já — disse eu, olhando para Monroe. — Vamos pôr tudo na mesa juntamente com os bolos.

Ele abanou a cabeça:

— Tenha calma, para variar.

— Nunca vou poder candidatar-me a cargos públicos, pois não? perguntei ao presidente da Câmara. — Não tenho grande queda para a política.

— Não sei, Alex. Às vezes, a experiência dá-nos estilo e ensina-nos a ver o que dá resultado e o que não dá. É muito melhor ser-se contestatário... mas, muitas vezes, não se vai a lado nenhum.

— Então é isso? Ir a algum lado é o objectivo deste pequeno-almoço? — perguntou o Sampson ao grupo.

— Acho que sim. Sim, julgo que sim. — Monroe assentiu com a cabeça e trincou um bolo.

O comandante Pittman encheu de café uma chávena de porcelana cara, demasiadamente pequena e delicada para a sua mão. Pensei logo nas pequenas sanduíches de agrião. Almoço de ricos.

— Neste caso do rapto, andamos aos encontrões com o FBI, o Ministério da Justiça e os Serviços Secretos, o que não é bom para ninguém. Por isso, decidimos retirar-nos completamente... afastarmo-nos outra vez — afirmou Pittman por fim.

Bingo! O outro sapato caíra. A verdade viera ao de cima no nosso pequeno-almoço de trabalho. De repente, toda a gente começou a falar ao mesmo tempo. Dois de nós, pelo menos, gritávamos. Que linda festa!

— Isso é um disparate pegado — atirou o Sampson à cara do presidente da Câmara. -

Você sabe muito bem disso. Sabe, não sabe? -já comecei as sessões com o Soneji Murphy -

disse eu a Pittman, a Monroe e ao capitão Clouser. — Hipnotizei-o ontem. Por amor de Deus, não, não façam isso. Agora não.

— Estamos a par dos seus progressos com o Gary Soneji, mas tínhamos de tomar uma decisão e tomámo-la.

— Quer saber a verdade, Alex? — A voz de Carl Monroe ecoou subitamente na sala. -

Quer ouvir a verdade?

Olhei para ele: — Sempre.

Monroe fitou-me bem nos olhos:

— O procurador-geral mexeu muitos cordelinhos em Washington. Creio que dentro de seis semanas, no máximo, o julgamento vai mesmo começar. O Expresso do Oriente já saiu da estação, Alex. Nem você nem eu vamos nele. A coisa é muito maior do que qualquer um de nós. O Soneji Murphy é que vai a bordo...

«A acusação, o Departamento de justiça, decidiu pôr fim às suas sessões com o Soneji Murphy e nomear formalmente uma equipa de psiquiatras. É assim que vai ser daqui para a frente. Assim mesmo. Este caso sofreu um novo desenvolvimento, e o nosso trabalho já não é necessário.

O Sampson e eu viramos costas à nossa própria festa. O nosso trabalho já não era necessário.

Na semana seguinte, saí do trabalho e fui para casa a horas decentes: normalmente, entre as seis e as seis e meia, Deixei-me das semanas de oitenta e cem horas de trabalho. O

Damon e a Janelle não teriam ficado mais contentes se eu tivesse sido mesmo despedido.

Alugamos vídeos da Walt Disney e das Tartarugas Ninja, ouvimos o conjunto de três discos Billie Holiday: The Legacy 1933-1958 e adormecemos juntos no sofá. Foi ótimo.

Uma tarde, fomos os três visitar a campa da Maria. Nem a Janelle nem o Damon se tinham conformado completamente com a perda da mãe. À saída do cemitério, parei noutra campa, onde Mustaf Sanders repousava para sempre. Ainda via os seus olhos tristes fitando-me e perguntando-me porquê. «Ainda não tenho resposta, Mustaf. Mas não desisto.»

Num sábado, lá para o fim do Verão, eu e o Sampson fomos até Princeton, Nova Jérсия. A Maggie Rose Dune ainda não fora

encontrada. E os dez milhões de dólares do resgate também não. Andávamos a vasculhar tudo outra vez.

Falamos com vários vizinhos dos Murphy. A família Murphy perecera toda num incêndio, mas ninguém suspeitara do Gary. Tanto quanto as pessoas de Princeton sabiam, o Gary Murphy fora um estudante modelo — o quarto melhor aluno da sua turma do liceu, embora nunca parecesse estudar ou competir. Aliás, também nunca se metia em sarilhos...

pelo menos, os vizinhos de Princeton não sabiam de nada. O jovem que descreveram era tal e qual o Gary Murphy que eu entrevistara na prisão de Lorton.

Todos tinham a mesma opinião. O único que discordava era um amigo de infância que localizamos com alguma dificuldade. Esse amigo, Simon Conklin, vendia legumes num dos mercados da região. Vivia sozinho a cerca de vinte quilómetros de Princeton. Só o fomos procurar porque Missy Murphy o mencionara. O FBI entrevistara-o, mas pouco conseguira de concreto.

Ao princípio, Simon Conklin recusou-se a falar connosco. Não queria ver mais polícias à frente. Mas quando ameaçamos arrastá-lo para Washington, lá se abriu um bocado.

— o Gary enganou sempre toda a gente — afirmou-nos Conklin na sala de estar desarrumada da sua pequena casa. Era um homem alto e deselegante. Parecia exausto. As peças do seu vestuário não condiziam nada umas com as outras. Porém, era muito esperto.

Tal como o amigo, Gary Murphy, distinguira-se nos estudos.

— O Gary passava a vida a dizer que os grandes enganam sempre toda a gente.

Grandes com letras maiúsculas, percebem? Era o que ele dizia!

— Que «grandes»? — perguntei a Conklin, ciente de que ele não se calaria desde que lhe falasse ao ego. Conklin havia de dizer-me o que eu precisava de saber.

— Chamava-lhes os Percentis Noventa e Nove — confiou-me Conklin. — A crème de la crème. Os melhores entre os melhores. Os vencedores, pá.

— Os melhores em quê? — quis saber o Sampson. Via-se que não gostava muito de Simon Conklin. Tinha os óculos a embaciarem-se. Mas continuava a jogar e a fazer de ouvinte atento.

— Os melhores psicopatas a sério — retorquiu Conklin, que sorriu presunçosamente. — Os que têm andado sempre por aí à solta e nunca serão apanhados. Os que são espertos demais para se deixarem apanhar. Olham de cima para toda a gente. São impiedosos e inflexíveis.

Tomam completamente nas mãos os seus próprios destinos.

— O Gary Murphy era um deles? — perguntei. Sabia que ele, agora, queria falar, tanto sobre o Gary como sobre si próprio. Fiquei com a ideia de que também ele se considerava um dos Percentis Noventa e Nove.

— Não. Segundo ele, não. — Abanou a cabeça e continuou a exhibir aquele perturbador meio sorriso. — O Gary achava-se muito mais inteligente do que os Percentis Noventa e Nove.

Acreditava que era um original. O original. Auto-denominava-se um «fenómeno da natureza».

Simon Conklin contou-nos que ele e o Gary viviam na mesma estrada, cerca de dez quilómetros fora da cidade, que iam juntos na carrinha da escola e que eram amigos desde os nove ou dez anos. A estrada era a que ia para a quinta dos Lindbergh, em Hopewell.

Depois, afirmou-nos que não duvidava que o Gary Murphy pagara com o incêndio os maus tratos que a família lhe infligira na infância. Não podia provar nada, mas sabia que fora o Gary quem provocara o fogo.

— Vou dizer como é que sei o plano: foi ele que mo contou, quando tínhamos doze anos. O Gary disse-me que se ia vingar quando fizesse vinte e um anos e que ia arranjar as coisas de maneira a que parecesse que não estava em casa. Aliás, garantiu-me que nunca suspeitariam dele. E foi mesmo o que fez, não foi? Esperou nove longos anos. Para isso, traçou um plano de nove anos.

Conversamos com Simon Conklin durante três horas num dia, mais cinco horas no dia seguinte, e soubemos de uma série de histórias tristes e sinistras: de Gary fechado na cave dos Murphy durante dias e semanas, dos seus planos obsessivos (planos de dez anos, planos de quinze anos, planos para uma vida), da sua guerra secreta com os animaizinhos pequenos, especialmente contra os passarinhos que voavam para o jardim da madrastra, de como

arrancava primeiro uma pata, depois uma asa e depois a outra pata dos tordos que apanhava, até a ave já não ter vontade de viver, dos sonhos que o Gary tinha de se ver acima dos Percentís Noventa e Nove e, por fim, da sua habilidade para fazer imitações e representar vários papéis.

Eu teria gostado de saber disto enquanto ainda me encontrava com o Gary Murphy na cadeia de Lorton. Teria sido interessante passar várias sessões com ele, percorrendo os velhos fantasmas de Princeton e falando-lhe do amigo Simon Conklin.

Infelizmente, essa parte do caso já não me dizia respeito. O rapto ultrapassava-me a mim, ao Sampson e a Simon Conklin. Comuniquei ao FBI o que tínhamos descoberto em Princeton. Escrevi um relatório de doze páginas sobre Simon Conklin. O FBI nunca lhe deu seguimento. Escrevi um segundo relatório e enviei cópias a todos os que faziam parte da primeira equipa de buscas, mencionando uma coisa que Simon Conklin dissera sobre o seu amigo de infância, o Gary Murphy:

— o Gary dizia sempre que ainda havia de fazer coisas importantes. Não aconteceu nada. Simon Conklin não voltou a ser interrogado pelo FBI. Ninguém queria abrir pistas novas; o que queriam era encerrar o caso do rapto da Maggie Rose Dune.

Nos finais de Setembro, eu e a Jezzie Flanagan fomos para as ilhas. Resolvemos fazer um fim-de-semana comprido, só os dois. A ideia foi da Jezzie, e eu achei-a ótima.

Estávamos curiosos, apreensivos e entusiasmados com o facto de irmos passar quatro dias juntos. Talvez não conseguíssemos aturar-nos durante tanto tempo... Era isso que tínhamos de saber.

Na Front street de Virgin Gorda, era rara a cabeça que se voltava para nos observar, o que constituía uma novidade agradável, muito diferente de DC, onde as pessoas costumavam ficar a olhar.

Tivemos lições de mergulho com uma negra de dezassete anos, passeamos a cavalo numa praia com uma extensão de mais de cinco quilómetros e metemo-nos na selva com um Range Rover, andando perdidos durante meio dia. Mas a experiência mais inesquecível foi uma visita a um sítio incrível, ao qual chamamos a «ilha Privada da Jezzie e do Alex no Paraíso». Tratava-se de um

local recomendado pelo pessoal do hotel, que nos meteu num barco e nos deixou sozinhos.

— Nunca na vida estive num sítio onde me sentisse tão pequenina — disse a Jezzie. -

Tanta água, tanta areia, os penhascos, o recife.

— Não é a 5th street, mas está bem. — Sorri e olhei em redor. Fiz alguns exercícios físicos à beira da água.

A nossa ilha privada era quase totalmente constituída por uma comprida faixa de areia branca, que nos dava a sensação de pisarmos açúcar. Para lá da praia crescia a vegetação mais luxuriante que já tínhamos visto, salpicada de rosas brancas e buganvílias. O mar azul-esverdeado era tão límpido como a água das nascentes.

Na cozinha da estalagem tinham-nos arranjado uma merenda constituída por vinhos finos, queijos exóticos, lagosta, carne de caranguejo e várias saladas. Como não se via vivalma, fizemos o que era mais natural: tiramos as roupas. Sem vergonhas, sem tabus.

Estávamos sozinhos no paraíso, não era?

Deitado na praia com a Jezzie, desatei a rir às gargalhadas. Aí estavam duas coisas que eu fazia cada vez mais: sorrir e sentir-me em paz com o que me rodeava. Sentir. Era maravilhoso sentir fosse o que fosse. Três anos e meio de luto já era tempo que chegasse.

— Fazes ideia de como és bonita? — perguntei-lhe, deitado ao seu lado.

— Não sei se reparaste, mas tenho na bolsa um estojo de maquilhagem, com um espelhinho. — Mergulhou os seus olhos nos meus, examinando qualquer coisa que eu nunca veria. — Na verdade, desde que entrei para os Serviços que evito parecer atraente, porque as coisas são assim na Washington dos machos. — Jezzie piscou-me o olho: — És tão sério, Alex! Mas também sabes ser muito divertido. Aposto que só os teus filhos conhecem essa tua faceta. O Damon e a Janelle conhecem-te, Tica, tica — brincou, fazendo-me cócegas.

— Não mudes de conversa. Estávamos a falar de ti.

— Tu é que estavas. De vez em quando, apetece-me estar bonita mas, em geral, só quero ser a Maria Feia, levar grandes rolos

cor-de-rosa para a cama e ver filmes antigos.

— Tens estado bonita todo o fim-de-semana, sem rolos cor-de-rosa, com fitas e flores no cabelo, fatos de banho sem alças e, de vez em quando, sem fato de banho.

— Porque agora quero estar bonita. Em Washington, é diferente. É mais um problema.

Imagina que vais falar com o teu chefe por causa de um relatório importante, no qual estás a trabalhar há meses, e que a primeira coisa que ele te diz é: «Esse vestido fica-te a matar, querida.» o que é que apetece responder? «Vai-te lixar, filho da mãe.» Estiquei-me e demos as mãos.

— Obrigado por ficares assim — agradezi. — Estás tão bonita!

— Fi-lo para ti. — Jezzie sorriu. — Aliás, queria fazer mais uma coisa por ti. E também queria que tu fizesses uma por mim.

E fizemo-lo, um pelo outro.

Até ao momento, eu e a Jezzie não estávamos a cansar-nos um do outro. De resto, ali, no paraíso, acontecia exactamente o contrário. Nessa noite, fomos para uma esplanada da cidade, de onde observamos a vida descuidada da ilha, perguntando-nos porque não largávamos tudo e nos integrávamos nela. Comemos camarões e ostras e falamos sem parar durante umas horas. Baixamos muito as nossas defesas, especialmente a Jezzie: — Tenho sido muito obsessiva, Alex — revelou-me ela. — Não me refiro só ao rapto, em que meti o nariz em todos os relatórios, todas as perseguições... Que me lembre, fui sempre assim. Quando se me mete uma coisa na cabeça, é escusado...

Não respondi. Queria escutá-la, queria saber tudo o que houvesse para saber.

Ela levantou o corpo:

— Olha para mim aqui sentada com uma cerveja na mão. Os meus pais eram os dois alcoólicos. Antes de ser moda, já eles não funcionavam bem. Ninguém fora da nossa casa sabia como aquilo era horrível. Discutiam, aos berros, constantemente. Regra geral, o meu pai ficava inconsciente. Adormecia na «sua cadeira... A minha mãe passava metade da noite acordada, sentada à mesa da sala de jantar. Adorava a Jameson's. Dizia-me: «Vai-me buscar outra das

minhas cervejas, Jezzie.» Eu era a criadinha dos cocktails. Foi assim que ganhei mesadas até aos onze anos.

A Jezzie calou-se e mergulhou os seus olhos nos meus. Eu nunca a vira tão vulnerável e insegura. Mostrava-se sempre tão confiante! Era essa, aliás, a sua reputação nos Serviços Secretos.

— Queres ir embora? Queres que me cale? Abanei a cabeça: — Não, Jezzie. Quero ouvir tudo o que tens a dizer. Quero saber tudo de ti.

— Ainda estamos de férias?

— Estamos, e quero mesmo ouvir-te, Fala. Prometo-te que, se me aborrecer, levanto-me e deixo-te pendurada com a conta.

Ela sorriu e continuou:

— Eu amava os meus pais de uma maneira estranha e acredito que eles me amavam. A sua Jezzie... Uma vez disse que não queria ser um fracasso como os meus pais.

— Se calhar, não disseste tudo. — Sorri.

— Talvez, mas, seja como for, passei a trabalhar à noite e aos fins-de-semana quando entrei nos Serviços. Defini metas impossíveis para mim própria... supervisora aos vinte e oito anos... e atingi-as todas. Foi, em parte por isso, que aconteceu o que aconteceu com o meu marido. Pus a minha profissão à frente do nosso casamento. Queres saber por que comecei a andar de moto?

— Quero. E também por que é que me fazes andar na tua moto.

— Sabes, é que não conseguia desligar-me do trabalho. Nem quando ia para casa, à noite, deixava de pensar nele. Até que comprei a moto. Quando andamos a cento e oitenta quilómetros por hora, temos de nos concentrar na estrada... e o resto desaparece. Por fim, o trabalho passa a ocupar um lugar secundário.

— Em parte, é por isso que toco piano — retorqui. — Isso dos teus pais é muito chato, jezzie.

— Sinto-me bem por te ter falado deles — afirmou jezzie. — Nunca contei nada a ninguém.

Mais ninguém sabe toda a verdade.

Eu e a jezzie abraçámo-nos no bar da pequena ilha. Nunca me sentira tão próximo dela. Doce jezzie! De entre todas as vezes que estivemos juntos, nunca me esqueceria daquela visita ao paraíso.

De repente (e depressa demais, para o meu gosto) as nossas feriazinhas acabaram.

Encontrámo-nos presos dentro de um avião das American Airlines que voava para Washington, para um tempo horrível e chuvoso, segundo os boletins meteorológicos, e para o trabalho.

Durante o voo, estivemos um tanto distantes um do outro. Começávamos a falar ao mesmo tempo e, depois, tínhamos de dizer «não, diz tu primeiro». Pela primeira vez, durante toda a viagem, conversamos sobre trabalho.

— Achas que ele tem mesmo uma personalidade múltipla, Alex? Que ele sabe o que aconteceu à Maggie Rose? o Soneji sabe. Mas o Murphy saberá?

— Há um nível a que sabe. Foi assustador daquela vez em que falou do Soneji. Quer o Soneji seja outra personalidade, quer não, o facto é que é assustador. O Soneji sabe o que aconteceu à Maggie Rose.

— É pena que nunca o cheguemos a saber, mas parece que vai ser assim. -Pois... Ainda por cima, acho que, se tivesse tempo, acabava por lho arrancar.

O Aeroporto Nacional de DC estava um autêntico desastre, que milhares de nós tivemos de aguentar. O trânsito fazia-se com imensa dificuldade. A fila para os táxis dava a volta até ao terminal. Toda a gente parecia encharcada até aos ossos. Nem eu nem a Jezzie tínhamos gabardinas e estávamos a ficar que nem pintos molhados. De repente, a vida tornou-se deprimente e outra vez muito real. A suposta investigação era ali, em DC. O julgamento aproximava-se. Eu devia ter um recado do comandante Pittman na minha secretária.

— Vamos voltar. Vamos embora outra vez.

A Jezzie pegou-me na mão e empurrou-me para a frente da porta de vidro do aeroporto. O calor e os cheiros familiares do seu corpo eram agradáveis. Ainda pairavam nele os últimos aromas a manteiga de cacau e aloé.

As pessoas que passavam viravam-se para nos observar. Olhavam. Julgavam. Quase toda a gente que passava olhava.

— Vamos embora daqui — disse eu.

Pronto. Às duas e meia da tarde de terça-feira (eu chegara a Washington às onze da manhã), recebi um telefonema do Sampson, que queria encontrar-se comigo em casa dos Sanders, pois achava que se estabeleceria uma nova ligação entre o rapto e os assassinios dos bairros pobres. Parecia todo inchado com a novidade. O trabalho duro desenvolvido a partir de uma das nossas primeiras pistas estava a dar resultado.

Havia meses que eu não ia à cena do crime que envolvera os Sanders, mas ainda me era tudo tristemente familiar. Vistas de fora, as janelas estavam escuras. A casa seria alguma vez vendida ou mesmo alugada de novo?

Sentado no meu carro à entrada da casa dos Sanders, li o relatório da inspecção. Não havia lá nada que eu já não soubesse e não tivesse examinado uma dúzia de vezes.

Observei a casa. Como as persianas amareladas estavam corridas, não via lá para dentro. Onde estaria o Sampson e o que queria de mim?

O Sampson travou atrás de mim às três horas em ponto, saiu do seu velho Nissan e sentou-se no banco da frente do meu Porsche.

— Oh, agora é que pareces açúcar amarelo. Deixa-me dar-te uma dentada... deves ser doce.

— E tu continuas grande e feio. Não mudaste nada. O que é que se passa?

— Trabalho policial do melhor — retorquiu o Sampson, acendendo um cigarro. — Por falar nisso, tinhas razão em querer continuar com isto. Fora do carro, o vento uivava e prenunciava chuva. Houvera tornados no Kentucky e no Ohio. O tempo estivera esquisito durante todo o nosso fim-de-semana de ausência.

— Mergulhaste, andaste em barcos à vela e jogaste ténis com os teus calções branquinhos? — perguntou o Sampson.

— Não tivemos tempo para isso. Estabelecemos muitas ligações espirituais que tu não entendes.

— Ai, ai. — O Sampson falava como uma namorada preta e representava bem o papel. -

Digo muitos disparates, não é, mana?

— Vamos entrar? — indaguei.

Havia uns minutos que me surgiam na cabeça algumas imagens do passado, nenhuma delas agradável. Lembrava-me do rosto da rapariga de catorze anos e do Mustaf, de três.

Lembrava-me de como eram crianças bonitas. E da pouca importância que lhes tinham dado quando haviam morrido ali, na zona sudeste.

— Na verdade, estamos aqui para fazer uma visita aos vizinhos do lado — explicou ele, por fim. — Ao trabalho! Aconteceu aqui alguma coisa que eu ainda não percebo. Mas é importante, Alex. Preciso da tua opinião.

Assim, fomos a casa dos vizinhos dos Sanders, os Cerisier. Era mesmo importante.

Fiquei imediatamente atento.

Eu já sabia que a Nina Cerisier era a melhor amiga da Suzette Sanders desde a infância. As duas famílias viviam ao lado uma da outra desde 1979. Nem a Nina nem os pais haviam conseguido esquecer os homicídios. Se tivessem dinheiro, ter-se-iam mudado.

Fomos convidados a entrar pela senhora Cerisier, que chamou a filha, a Nina, gritando lá para cima. Sentámo-nos à volta da mesa da cozinha dos Cerisier. Na parede, via-se a fotografia de um sorridente Magic Johnson. Fumo de cigarros e de gordura de bacon pairava no ar.

Quando, por fim, apareceu na cozinha, a Nina Cerisier mostrou-se muito fria e distante.

Era uma rapariga de aspecto vulgar, com quinze ou dezasseis anos. Via-se bem que não queria estar ali.

— Na semana passada — começou o Sampson, dirigindo-se a mim a Nina disse à ajudante de uma professora da zona sudeste que talvez tivesse visto o assassino umas noites antes do crime e que tivera medo de falar.

— Compreendo — observei. É quase impossível fazer as testemunhas falarem com a polícia em Condon, Langley ou qualquer outro dos bairros negros de DC.

— Vi que foi apanhado — atirou a Nina imediatamente. Uns lindos olhos cor de ferrugem fitaram-me do rosto feio. — Por isso, já fiquei com menos medo. Mas ainda tenho um bocadinho.

— Como é que o reconheceste? — perguntei.

— Vi-o na televisão. Foi ele que fez aquele rapto. Vi tudo na televisão.

— Ela reconheceu o Gary Murphy — comentei para o Sampson. Ou seja, ela vira-o sem o disfarce de professor.

— Tens a certeza de que era o mesmo homem da televisão? — perguntou o Sampson à Nina.

— Tenho. Estava a vigiar a casa da minha amiga Suzette-Achei muito estranho. Não há muitos brancos por aqui.

Viste-o de dia ou à noite? — indaguei.

À noite. Mas sei que era ele. A luz do alpendre dos Sanders estava acesa. Mrs.

Sanders tinha medo de tudo e de todos. A Poo até tinha medo que se dissesse buu! Era o que eu e a Suzette costumávamos dizer.

Voltei-me para o Sampson:

— Isto situa-o na cena do crime.

O Sampson assentiu e voltou a olhar para a Nina, que tinha a boca aberta, formando um pequeno «o». Com as mãos, enrolava constantemente o cabelo entrançado.

— Queres dizer ao detetive Cross o que viste mais? — continuou o Sampson.

— Outro branco que estava com ele — afirmou a Nina Cerisier. Ficou à espera no carro, enquanto o outro olhava para a casa da Suzette. O outro branco esteve sempre aqui. Eram dois homens.

O Sampson virou a cadeira da cozinha, de modo a ficar de frente para mim: — Andam muito atarefados a levá-lo a tribunal e não fazem ideia do que se passa! Seja como for, vão levar tudo até ao fim. Vão enterrar tudo. Talvez nós tenhamos a resposta, Alex.

— Até agora, somos os únicos que temos algumas respostas — repliquei.

Eu e o Sampson saímos de casa dos Cerisier e fomos até à baixa em carros separados. Os pensamentos sucediam-se na minha cabeça, que examinava meia dúzia de cenários possíveis entre milhares. Trabalho de polícia. Um centímetro de cada vez.

Veio-me à ideia Bruno Hauptmann e o rapto Lindbergh. Depois de haver sido apanhado e, possivelmente, encurralado, também Bruno Hauptmann fora arrastado à pressa para o tribunal, onde fora condenado, talvez injustamente.

O Gary Soneji Murphy sabia-o. Faria tudo parte de um dos seus complexos planos?

Um plano de dez ou doze anos? Quem seria o outro branco? O piloto que eu conhecera na Florida? Ou alguém Como Simon Conklin, o amigo de Gary de Princeton?

Seria possível ter havido um cúmplice desde o princípio?

Nessa noite, estive com a Jezzie, que insistiu para que eu saísse as oito. Havia mais de um mês que ela tinha bilhetes para um jogo de basquetebol que eu morria por ver. Enquanto seguíamos para lá, fizemos uma coisa que raramente fazemos: não falamos de mais nada a não ser do nosso trabalho, e eu anunciei-lhe a última bomba, a «teoria do cúmplice».

— Há uma coisa que me intriga muito — disse a Jezzie, depois de me ouvir contar a história da Nina Cerisier. O caso do rapto ainda a prendia tanto como a mim. Era mais subtil do que eu, mas via-se como estava obcecada.

— Podes dizer. Sei tudo sobre intrigas. Conheço-as de ginjeira.

— Está bem. A rapariga era amiga da Suzette Sanders, não é? Era íntima da família e, mesmo assim, não falou. Porquê? As relações com a Polícia são assim tão más nesse bairro?

Não sei se engulo essa. De repente... agora, ela aparece!

— Eu engulo — repliquei. — Para muita gente destes bairros, a Polícia é como veneno para ratos. Eu vivo lá, eles conhecem-me e, no entanto, aceitam-me com muitas reservas.

— Isso continua a ser muito esquisito para mim, Alex. Estranho... as raparigas eram amigas.

— Claro que é estranho. É mais fácil a OLP falar com o Exército israelita do que algumas pessoas da zona sudeste com a Polícia.

— Bom, mas agora que ouviste a filha dos Cerisier e a sua suposta revelação, o que é que pensas? O que é que achas do tal... cúmplice?

— Ainda não consegui encaixar as coisas muito bem — admiti. — o que significa que se encaixam perfeitamente com tudo o que aconteceu até agora. Acredito que a filha dos Cerísier viu alguém. Mas quem?

— Desculpa que te diga, Alex, mas ter esta pista ou não ter nada é quase a mesma coisa. Espero que não te tornes o Jim Garrison

deste rapto.

Uns minutos antes das oito, chegamos ao Capital Centre em Landover, Maryland.

Georgetown jogava contra St. John's, de Nova Iorque. A Jezzie tinha bilhetes para os melhores lugares, o que provava que conhecia toda a gente na cidade. É mais fácil entrar num baile dado para comemorar o início de uma presidência do que em certos jogos importantes.

Demos as mãos e atravessamos o parque de estacionamento em direcção ao cintilante Capital Centre. Gosto do basquetebol da equipa de Georgetown e admiro o seu treinador, um negro chamado John Thompson. Todas as épocas eu e o Sampson assistimos a dois ou três jogos em casa.

— Estou morta por ver a Besta do Leste — comentou Jezzie quando nos aproximamos do estádio, usando a linguagem do basquetebol e piscando o olho.

— Contra os Hoyas — retorqui.

— Os Hoyas é que são a Besta do Leste. — Mastigou a pastilha elástica e fez-me uma careta. — Não te armes em engraçadinho comigo.

— Sabes sempre tudo! — Ri-me. Era verdade. Era difícil encontrar um assunto que ela não conhecesse ou sobre o qual não tivesse lido nada. — Qual é a alcunha da equipa de St.

John'S?

— Os Vermelhos de St. John's. O Chris Mullín veio de lá. Também lhes chamam Johnnies. Agora, o Chris Mullin está a jogar no Colden State. Chamam-lhes «os Guerreiros».

Calámo-nos os dois ao mesmo tempo. Fosse o que fosse que eu ia a dizer, ficou-me entalado.

— Ei... ei, namoradinho de pretos! — gritara alguém do outro lado do parque de estacionamento. — Ei, sal e pimenta!

A mão da Jezzie apertou a minha com mais força.

— Alex, tem calma. Continua a andar — disse a Jezzie.

— Estou calmissimo.

— Não liguês. Vamos entrar no Capital Centre. Aqueles idiotas nem merecem que se lhes responda.

Larguei-lhe a mão e caminhei na direcção de três homens que se encontravam de pé atrás de um carro azul e prateado. Não eram estudantes de Georgetown nem Vermelhos de St. John's. Usavam blusões e chapéus de pala com logotipos de alguma companhia ou equipa. Eram maiores, brancos e vacinados. Com idade para terem juízo.

— Quem é que disse aquilo? — inquiri. Sentia o corpo entorpecido, irreal. — Quem é que disse «Ei, namoradinha de pretos»? Foi para ter piada? Onde é que está a graça?

Um deles avançou um passo. Tinha um boné que dizia «Day-Glo Redskins».

— O que é que tens a ver com isso? Queres lutar contra três? Se queres...

— Bem sei que é um tanto desigual eu lutar contra vocês os três, mas se tiver de ser... -

atirei-lhe. — Vejam lá se conseguem arranjar outro depressa.

— Alex? — Ouvi a Jezzie aproximar-se por trás de mim. — Alex, por favor, não. Vamos embora.

— Vai-te lixar, Alex — vociferou um dos homens. — Precisas da ajuda da tua senhora?

— Gostas do Alex, querida? O Alex é o teu melhor homem? - ouvi. — A tua selva privada, amor?

Senti um estalido por trás dos olhos. Parecia muito real. Todo eu estalava. Atingi o tipo do boné dos Redskins com o primeiro soco, rodei devagar e esmurrei de lado a cabeça de um segundo homem.

O primeiro estatelou-se no chão e o boné até voou. O segundo vacilou, perdeu o equilíbrio, caiu sobre um joelho e deixou-se ficar assim. Tinha perdido toda a vontade de lutar.

— Estou farto destas merdas. Fartinho. — Tremia enquanto falava.

— O senhor desculpe, mas ele bebeu demais... bebemos todos disse o indivíduo que ainda estava de pé. — Ele tem andado nervoso nestes últimos dias. Bolas... até trabalhamos com gente preta. E temos amigos pretos. O que posso dizer? Desculpe lá, lamento imenso.

Eu também. Mais do que os idiotas pensavam. Virando-lhes as costas, regressei ao carro com a Jezzie. Os meus braços e as

minhas pernas pareciam de pedra. O coração batia-me desenfreadamente.

— Desculpa — pedi-lhe. Sentia-me um tanto enjoado. — Não admito coisas destas. Já não posso admiti-las.

— Eu percebo — concordou ela suavemente. — Fizeste o que tinhas a fazer. — Ela estava do meu lado... para o que desse e viesse. Abraçámo-nos demoradamente dentro do meu carro. Depois, fomos juntos para casa.

Consegui ir visitar outra vez o Gary Murphy a 1 de Outubro, A razão apresentada foi «novas provas». Por essa altura, já meio mundo falara com a Nina Cerisier. A «teoria do cúmplice» ganhara vida própria.

Os arredores da casa dos Cerisier estavam a ser passados a pente fino e eu já tentara tudo com a Nina, desde fotografias de cadastrados a desenhos. Até ali, nada a ajudara a encontrar semelhanças com o «cúmplice».

Sabíamos que, segundo a Nina, era um homem branco, de estatura atarracada. O FBI afirmava que estava a intensificar as suas buscas para encontrar o piloto da Florida.

Veríamos. Eu estava novamente em acção.

O doutor Campbell acompanhou-me ao longo da ala de segurança máxima da prisão de Lorton. Os presos fuzilavam-nos com o olhar quando passávamos por eles. Eu imitava-os, porque também sei fuzilar com o olhar.

Por fim, chegamos ao bloco de celas onde o Gary Soneji Murphy continuava preso.

A cela do Soneji Murphy (aliás, todo o corredor) estava bem iluminada, mas ele semicerrou os olhos quando nos fitou. Achava-se no beliche, mas parecia que espreitava de uma caverna escura. Demorou algum tempo a reconhecer-me. Depois, sorriu-me. Ainda tinha a aparência de um rapaz simpático, de uma cidade pequena. Gary Murphy! Uma personagem saída de uma reedição dos anos 90 do filme *Do Céu Caiu Uma Estrela*. Lembrava-me de o seu amigo Simon Conklin me dizer que ele conseguia representar o papel que quisesse. Fazia tudo parte do facto de estar no Percentil Noventa e Nove.

— Porque é que deixou de vir cá, Alex? — perguntou. Tinha um olhar quase pesaroso. -

Eu não tinha ninguém com quem falar. Os outros médicos nunca me ouvem. A sério.

— Não fui autorizado a vir aqui durante algum tempo — disse-lhe. Mas isso já está resolvido e aqui estou eu.

Parecia magoado. Mordiscava o lábio inferior e fitava os sapatos de lona da cadeia.

De repente, o seu rosto contorceu-se. Desatou a rir muito alto. As suas gargalhadas ecoaram na pequena cela. O Soneji Murphy inclinou-se para mim: — Sabes, és um filho da mãe tão estúpido como os outros. É tão fácil manipular-te!

Mesmo igual aos outros. Esperto, mas não o suficiente.

Eu mirei-o, surpreendido e talvez um pouco chocado.

— As luzes estão acesas, mas não há ninguém em casa — continuou, comentando a expressão que eu devia ter estampada no rosto.

— Não, estou aqui — repliquei. — É que te subestimei mais do que devia. O erro foi meu.

— Agora vemos a realidade de caras, não é? — A sua expressão continuava terrivelmente pretensiosa. — Tens a certeza de que percebes tudo? Tens, doutor detetive?

Claro que percebia. Encontrava-me com Gary Soneji pela primeira vez. Acabávamos de ser apresentados por Gary Murphy. A este processo chama-se «ciclo rápido».

O raptor fitava-me. Olhava-me com maldade, pavoneava-se, era ele próprio pela primeira vez. O infanticida encontrava-se sentado à minha frente. O actor e mímico brilhante.

O Percentil Noventa e Nove. O Filho de Lindbergh. Tudo isso e, provavelmente, mais.

— O que se passa? — indagou, imitando a minha anterior preocupação com ele. — O que se passa, senhor doutor?

— Nada. Não há problema.

— A sério? Não parece. Passa-se alguma coisa, não passa, Alex? Parecia profundamente preocupado.

— Ouve lá! — exclamei, erguendo a voz. — Vai-te lixar, Soneji! Que tal achas a minha realidade?

— Espere aí. — Meneou a cabeça para trás e para diante. O riso sanguíneo desaparecera tão subitamente como aparecera momentos antes. — Porque me chamam Soneji? O que é isto, senhor doutor? O que se passa?

Observei-lhe o rosto e nem acreditei no que vi. Ele voltara a mudar. Num abrir e fechar de olhos, o Gary Soneji desaparecera. O Gary Soneji Murphy mudara de personalidade duas, talvez três vezes, numa questão de minutos.

— Gary Murphy? — verifiquei. Ele assentiu com a cabeça: — Quem mais poderia ser? A sério, senhor doutor, o que se passa? O senhor desaparece durante semanas e depois volta...

— Conta-me o que aconteceu. — Continuando a fitá-lo: — Agora mesmo. Conta-me o que pensas que aconteceu.

A minha pergunta pareceu confundi-lo completamente. Se tudo aquilo não passava de uma representação, era a mais brilhante e convincente que eu já vira no meu trabalho como psicólogo.

— Não percebo. O senhor vem à minha cela, com um ar um bocado tenso, talvez embaraçado por não ter aparecido ultimamente, e depois chama-me Soneji. Assim, sem mais nem menos. Isso é para ter piada?

Estaria a falar a sério? Seria possível que não soubesse o que acontecera havia menos de sessenta segundos?

Ou continuaria o Gary Soneji a representar? Ele poderia entrar e sair do seu estado de fuga assim com tanta facilidade, sem deixar marcas? Podia ser, mas era raro. Neste caso, seria capaz de transformar um julgamento numa farsa incrível.

Seria até capaz de fazer com que o Soneji Murphy escapasse.

Era esse o seu plano? Fora essa a sua válvula de escape desde o início?

Quando trabalhava com os outros, apanhando fruta e legumes na encosta da montanha, Maggie Rose tentava recordar-se de como fora a sua vida em casa. A princípio, a «lista» constituída pelas coisas de que se lembrava era básica e muito geral.

Acima de tudo, tinha muitas saudades do pai e da mãe. Sentia a falta deles a cada minuto.

Também tinha saudades dos seus amigos do externato, especialmente do «Encolhido».

Sentia a falta de Dukado, o seu gatinho «novo». E de Angel, o seu «amoroso» gatinho.

E dos jogos Nintendo e do seu roupeiro.

As festas depois da escola eram sensacionais!

Assim como tomar banho no segundo andar, sobre os jardins.

Quanto mais pensava em casa, de mais coisas se lembrava e mais aumentava a sua lista de recordações.

Tinha saudades da maneira como, por vezes, se metia entre o pai e a mãe quando estes se abraçavam ou se beijavam. Chamava a isso «Nós os três». Tinha saudades das personagens que o pai representava para ela, sobretudo quando era pequena: Hank, um pai muito grande, que adorava exclamar com a voz arrastada do Sul: «Queeeeem está a falar contigo?» E de Susie Wooderman, que era tudo o que Maggie queria ser nas histórias do pai.

E do ritual que faziam sempre que entravam no carro quando estava muito frio.

Desatavam todos a gritar: «lac chac-chac, chaca, chaca, iac chac-chac.»

A mãe inventava canções que lhe cantava. Que se lembrasse, ela cantara-lhe sempre.

Cantava: — Amo-te tanto, Maggie, que não há nada que não faça por ti. Nada de nada.

E Maggie cantava: — Levas-me à Disneylândia?

— Levo, Maggie Rose — respondia a mãe.

— Dás um beijo na boca ao Dukado?

— Por ti, dou, Maggie Rose. Não há nada que eu não faça por ti.

Maggie lembrava-se dos dias que passara no externato a saltitar de aula em aula.

Lembrava-se das «piscadelas de olho» especiais de Miss Kim. E lembrava-se de quando Angel se enroscava numa cadeira e soltava docemente um som parecido com «uau».

«Faço tudo por ti, minha querida, porque és tudo para mim», ouvia a mãe cantar.

«Queres vir buscar-me e levar-me para casa, por favor?», cantou Maggie em pensamento. «Queres vir, por favor?»

Mas ninguém cantou em resposta. Já ninguém cantava. Nunca ninguém cantava para Maggie Rose. Já ninguém se lembrava dela.

Pelo menos, assim acreditava o seu coração despedaçado.

Nas duas semanas seguintes, encontrei-me meia dúzia de vezes com o Soneji Murphy que, embora jurasse que sim, não me deixava aproximar dele. Alguma coisa mudara e eu perdera-o. Perdera-os aos dois.

A 15 de Outubro, um juiz federal pronunciou-se a favor de um adiamento, suspendendo temporariamente o início do julgamento por rapto. Esta seria a última de várias tácticas usadas pelo advogado de defesa do Soneji Murphy, Anthony Nathan, para atrasar a sentença.

Dali a uma semana, atalhando este tipo de complexas manobras legais, a juíza Linda Kaplan indeferia os pedidos da defesa. Os pedidos de suspensões e adiamentos apresentados ao Supremo Tribunal também foram recusados. Nathan chamou ao Supremo Tribunal «uma comissão de linchamento altamente organizada», nos três canais de televisão e disse à imprensa que o fogo-de-artifício ainda estava a começar, definindo, assim, a atmosfera em que decorreria o julgamento. A 27 de Outubro, começou o julgamento do Estado contra Murphy. Nessa manhã, quando faltavam cinco minutos para as nove, eu e o Sampson dirigimo-nos para uma entrada das traseiras do edifício federal, na Indiana Avenue. Tanto quanto nos era possível, procuramos passar despercebidos.

— Queres perder dinheiro? — perguntou-me o Sampson, ao virarmos para a Indiana.

— Espero que não estejas a pensar em apostar no resultado do julgamento por rapto e assassínio!?

— Claro que estou, doçura. Para o tempo passar mais depressa.

— Qual é a aposta?

O Sampson acendeu um cigarro e soltou uma baforada vitoriosa: — Digo... aposto que ele vai para St. Elizabeth, para algum hospital de criminosos loucos.

— O que estás a dizer é que o nosso sistema judicial não funciona.

— Acredito nisso com todas as fibras do meu corpo. Especialmente desta vez.

— Está bem... aposto dois contra um em como é culpado por rapto e um contra um por assassinio.

O Sampson soltou outra baforada triunfante: — Queres pagar agora? Para ti é aceitável perderes cinquenta?

— Fica cinquenta. Está apostado.

— Muito bem. Adoro tirar-te o pouco dinheiro que tens.

Na 3rd Street, umas duas mil pessoas rodeavam a entrada principal do tribunal. Outras duzentas, incluindo sete filas de jornalistas, encontravam-se já lá dentro. A acusação tentara impedir a entrada da imprensa, mas o pedido fora-lhe recusado.

Via-se letreiros impressos por toda a parte: «A Maggie Rose Está Viva!» Havia quem exhibisse rosas nos arredores do tribunal. Na Indiana Avenue, circulavam voluntários com rosas grátis. Outros vendiam bandeirinhas comemorativas. Mas o que havia mais eram pequenas velas acesas nas janelas das casas, recordando a Maggie Rose.

Meia dúzia de jornalistas esperava na entrada das traseiras, reservada aos descarregamentos e aos juízes e advogados mais tímidos. Esta entrada também é escolhida por muitos polícias veteranos que têm de ir ao tribunal e não são grandes apreciadores de multidões.

Puseram-nos imediatamente à frente imensos microfones. As lentes das câmaras de televisão fitavam-nos. Mas já nenhum daqueles instrumentos nos perturbava.

— detetive Cross, é verdade que foi retirado deste caso pelo FBI?

— Não. Tenho ótimas relações com o FBI.

— Ainda visita o Gary Murphy em Lorton, detetive?

— Das suas palavras, quase se deduz que temos encontros amorosos. O caso ainda não é assim tão sério. Eu só faço parte de uma equipa de médicos que o está a seguir.

— Quanto a si, há algum racismo envolvido neste caso?

— Suponho que há racismo em muitas coisas. Mas nada de especial aqui.

— E quanto ao outro detetive? Concorde, detetive Sampson? perguntou um dândi de lacinho.

— Bem, estamos a entrar pela porta das traseiras, não estamos? Somos os homens das traseiras. — o Sampson riu-se para a câmara e não tirou os óculos.

Por fim, chegamos a um elevador de serviço e tentamos impedir a entrada aos jornalistas, o que não foi fácil.

— Há rumores de que o doutor Anthony Nathan vai alegar insanidade temporária. Que comentários tem a fazer sobre o assunto?

— Nenhum. Pergunte ao doutor Anthony Nathan.

— detetive Cross, é capaz de afirmar que o Gary Murphy não está louco?

Por fim, as portas antigas fecharam-se e o elevador lá seguiu a vibrar até ao sétimo andar.. «Sétimo Céu», como é conhecido.

Nunca aquele andar estivera tão silencioso e controlado. A habitual cena de estação de combóios com polícias, jovens rufiões e suas famílias, trapaceiros, advogados e juízes fora esconjurada por uma ordem que reservava o andar para o nosso caso, que era o grande acontecimento, o Julgamento do Século». Não era assim que o Gary Soneji queria.

Na ausência do caos, o edifício federal era como um ancião a levantar-se da cama: todas as suas rugas e mazelas se viam mais à luz da manhã que jorrava pelas janelas da catedral do lado nascente do andar.

Chegamos mesmo a tempo de ver a advogada de acusação entrar na sala de audiências. Mary Warner era uma mulher muito pequenina, de trinta e seis anos, que tinha de enfrentar, de igual para igual, o advogado de defesa Anthony Nathan. Tal como Nathan, nunca conhecera o sabor da derrota, pelo menos em casos importantes. Mary Warner tinha a reputação de preparar incansavelmente os seus julgamentos e de ser impecável e altamente persuasiva em tribunal. Um seu oponente, derrotado, dissera dela: É como jogar ténis com alguém que riposta sempre. A nossa melhor batida tem resposta... o serviço também... Mais cedo ou mais tarde, põe-nos de rastos.

Ao que parecia, a Dr.a Warner fora escolhida a dedo por Jerrold Goldberg que, naturalmente, poderia escolher quem quisesse. E ele preferira-a a James Dowd e a outros anteriores favoritos.

Carl Monroe também lá se encontrava. O presidente da Câmara, Monroe, não podia ficar afastado das multidões. Viu-me, mas não se aproximou. Se eu já não soubesse qual era exactamente o meu lugar, sabê-lo-ia naquele momento. A minha nomeação para chefe de divisão seria a minha última promoção, que provaria que eu fora uma boa escolha para a Equipa de Salvação de Reféns, que validaria a sua decisão e que encobriria possíveis questões sobre a minha conduta em Miami.

Quanto ao julgamento, os grandes rumores que haviam circulado em Washington eram que o próprio ministro da Fazenda, Goldberg, tinha trabalhado no processo de acusação. Isso e que Anthony Nathan era o advogado de defesa.

Nathan fora descrito no Post como «um guerreiro ninja em tribunal». Aparecia regularmente na primeira página dos jornais desde que fora escolhido pelo Soneji Murphy. O

Gary não me quisera falar de Nathan. Numa ocasião, dissera-me: — Preciso de um bom advogado, não preciso? O doutor Nathan convenceu-me. Fará o mesmo aos jurados. É extremamente habilidoso, Alex, Habilidoso.

Eu perguntara ao Gary se Nathan era tão esperto como ele. O Gary sorria e respondera:

— Por que é que se diz sempre que eu sou esperto? Não sou. Se fosse, não estaria aqui.

Não se desviara da personalidade de Gary Murphy durante semanas. E também se recusara a ser hipnotizado outra vez.

Observei o superadvogado de Gary, Anthony Nathan, que se pavoneava ostensivamente à frente da sala de audiências. De certeza que era maníaco. Além disso, dizia-se que enfurecia as testemunhas durante os interrogatórios. O Gary teria tido a presença de espírito suficiente para escolher Nathan? O que seria que os juntara? No entanto, de certa forma, aquele parecia ser um emparceiramento natural: um homem à beira da loucura defendendo outro louco. Anthony Nathan já proclamara publicamente: — Isto vai ser como um jardim zoológico. Um jardim zoológico ou uma demonstração da justiça no Oeste selvagem! Garanto que sim! Até podiam vender bilhetes a mil dólares cada um!

Fiquei com o pulso acelerado quando, por fim, um funcionário se levantou e pediu ordem na sala.

Vi a Jezzie do outro lado. Estava vestida de acordo com a função importante que desempenhava nos Serviços Secretos: fato de riscas fininhas, saltos altos, pasta de um negro lustroso. Ela viu-me e revirou os olhos.

— Katherine Rose e Thomas Dune achavam-se do lado direito da sala de audiências. A sua presença contribuía ainda mais para uma certa atmosfera de irrealidade. Não consegui deixar de pensar em Charles e Anne Morrow Lindbergh e no julgamento mundialmente famoso que se realizara sessenta anos antes.

A juíza Linda Kaplan era uma mulher eloquente e enérgica, que nunca deixava os advogados levarem a melhor. Era juíza havia menos de cinco anos, mas já presidira a alguns dos maiores julgamentos de Washington. Era frequente ficar de pé durante audiências inteiras e dizia-se que as presidia com mão de ferro.

O Gary Soneji Murphy fora escoltado silenciosamente, quase sub-repticiamente, até ao seu lugar. Já se encontrava sentado, com o ar bem comportado do Gary Murphy.

Havia vários jornalistas conhecidos presentes, dos quais pelo menos dois escreviam livros sobre o rapto.

As equipas oponentes de advogados pareciam extremamente confiantes e bem preparadas, como se os seus casos fossem invencíveis.

O julgamento começou com um floreado de abertura pela sineta. Na parte da frente da sala de audiências, Missy Murphy desatou a soluçar.

— O Gary não fez mal a ninguém — disse em voz audível. — O Gary nunca faria mal a outra pessoa.

Alguém da assistência gritou:

— Oh, minha senhora, deixe-se disso!

A juíza Kaplan baixou o seu martelo e ordenou: — Silêncio na sala! Silêncio! Basta. — Claro que sim. Iniciara-se o julgamento do século: o de Gary Soneji Murphy.

Tudo parecia estar em constante movimento e mergulhado no caos, especialmente no que dizia respeito à minha relação com a investigação e com o julgamento. Nesse dia, quando vim do tribunal,

fiz a única coisa que me pareceu lógica: fui jogar matraquilhos com os miúdos.

O Damon e a Janelle revelaram-se uns autênticos turbilhões de actividade, rivalizando pela minha atenção durante toda a tarde e asfixiando-me com as suas necessidades. Mas dístraiam-me das perspectivas desagradáveis das semanas seguintes.

Nessa noite, depois do jantar, eu e a Nana ficamos à mesa a tomar uma segunda chávena de chicória. Eu queria saber o que ela pensava. De qualquer forma, dir-mo-ia.

Durante a refeição, os seus braços e mãos tinham andado numa roda viva.

— Alex, parece-me que temos de falar — disse por fim. Quando a Nana Mama tem alguma coisa a dizer, começa por ficar muito calada. Depois desata a falar, às vezes horas a fio.

Os miúdos estavam a ver A Roda da Sorte na outra sala. Os aplausos e as canções do concurso davam um ótimo barulho de fundo doméstico.

— Sobre o que é que vamos falar? — perguntei-lhe. — Olhe, sabe que uma em cada quatro crianças americanas vive agora na pobreza? Daqui a pouco somos a maioria moral.

A Nana estava muito composta e pensativa. Eu tinha a certeza de que preparara bem o seu discurso. As pupilas dos seus olhos não passavam de pontinhos castanhos.

— Alex, sabes que estou sempre do teu lado quando se trata de uma coisa importante.

— Desde que cheguei a Washington com um saco de lã e, creio, setenta e cinco cêntimos — retorqui. Ainda recordava com nitidez a altura em que fora mandado para o Norte, onde vivia a minha avó, e o dia em que chegara de comboio, de Winston-Salem. A minha mãe acabava de morrer com um cancro nos pulmões e o meu pai falecera no ano anterior. A Nana levava-me a almoçar à cafetaria Morrison. Fora a primeira vez que almoçara num restaurante.

Aos nove anos, fui estudar para Regina Hope. Nessa altura, chamavam a Nana Mama «A Rainha de Hope». Ela era professora em Washington, já tinha quarenta e muitos e o meu avô havia morrido. Os meus três irmãos tinham ido para a zona de Washington ao mesmo tempo que eu e haviam ficado com um ou outro parente

até cerca dos dezoito anos. Quanto a mim, ficara sempre com a Nana.

Fora eu quem tivera sorte. As vezes, a Nana Mama era super impossível, porque sabia o que era melhor para mim. Estava familiarizada com gente como eu. Para o bem e para o mal, conhecera o meu pai. E amara muito a minha mãe. A Nana Mama era (e é) uma psicóloga de talento.

Comecei a chamar-lhe Nana Mama aos dez anos. Nessa altura, já ela era minha avó e minha mãe.

Naquele momento, tinha os braços cruzados sobre o peito. Uma vontade de ferro.

— Alex, não pressagio nada de bom para esta relação que arranjaste agora.

— Pode dizer-me porquê? — perguntei.

— Posso. Primeiro, porque a Jezzie é branca, e eu não confio nos brancos. Gostava de confiar, mas não posso. Muitos deles não nos respeitam. Mentem-nos na cara. São assim, pelo menos com pessoas que acham que não são suas iguais.

— Parece uma revolucionária de rua, como o Farrakham ou Sonny Carson — retorqui, começando a levantar a mesa e a acarretar pratos e talheres, que empilhei na nossa velha pia de porcelana.

— Não me orgulho dos meus sentimentos, mas também não posso fazer nada. — Os olhos da Nana Mama seguiam os meus movimentos.

— Então é esse o crime da Jezzie? Ser branca?

A Nana remexeu-se na cadeira e pôs os óculos, que trazia pendurados ao pescoço por uma corrente.

— O crime dela é sair contigo. É parecer estar disposta a deixar-te atirar para o lixo a tua carreira na Polícia e tudo o que fazes aqui na Zona sudeste. Toda a felicidade que tens tido na vida. O Damon e a Janelle.

— O Damon e a Janelle não parecem magoados nem preocupados — respondi à Nana Mama, elevando um pouco a voz. Tinha uma pilha de pratos sujos nos braços.

A palma da mão da Nana baixou-se sobre o braço de madeira da sua cadeira.

— Raios, Alex, estás cego. És o Sol e o Céu para eles. O Damon tem medo que o abandones.

— Os miúdos só ficam preocupados se a Nana os preocupar. Disse o que sentia, o que acreditava ser verdade.

A Nana Mama recostou-se na cadeira, deixando escapar um som quase inaudível, de pura dor.

— Estás tão enganado! Protejo aquelas duas crianças como te protegi a ti. Passei a vida a tratar dos outros, a cuidar dos outros. Não magoo ninguém, Alex.

— Pois magoou-me a mim — repliquei. — Sabe muito bem o que os meus filhos significam para mim.

A Nana tinha os olhos marejados de lágrimas, mas manteve-se firme e não os desviou dos meus. O nosso amor é duro e não aceita compromissos. Foi sempre assim.

— Não quero que me peças desculpa mais tarde, Alex. Não me interessa que venhas a sentir-te culpado pelo que acabas de dizer. O que interessa é que és culpado. Estás a deitar tudo fora por uma relação sem futuro.

A Nana Mama levantou-se da mesa da cozinha e subiu as escadas. Fim da conversa.

Assim, sem mais nem menos. Estava decidido.

Eu andaria a deitar tudo fora para estar com a Jezzie? Seria uma relação sem futuro?

Ainda era cedo para sabê-lo. Tinha de descobri-lo por mim próprio.

Um cortejo de médicos especialistas começou a apresentar exposições no julgamento do Soneji Murphy. Os examinadores médicos avançaram, alguns deles estranhamente sarcásticos e ardentes para cientistas. Havia técnicos de Walter Reed, da prisão de Lorton, do Exército e do FBI.

Exibíam-se e explicaram-se vezes sem conta fotografias e desenhos esquemáticos de um metro e vinte por um metro e oitenta; visitaram-se e tornaram a visitar-se locais de crime nos fantasmagóricos mapas que dominaram a primeira semana do julgamento.

Oito psiquiatras e psicólogos foram declarar perante o tribunal que o Gary Soneji Murphy tinha um controlo perfeito sobre as suas

acções, que era um sociopata racional, com a cabeça no lugar e muito lúcido, Descreveram-no como um «génio do crime», sem consciência nem remorsos, e um actor brilhante, «digno de Hollywood», que assim conseguira manipular e enganar muita gente.

Mas o Gary Soneji Murphy raptara duas crianças consciente e deliberadamente, matara uma ou as duas e assassinara pelo menos outras cinco pessoas, possivelmente até mais. Era o monstro humano dos nossos pesadelos. Foi o que disse a acusação.

A chefe de psiquiatria de Walter Reed esteve no banco das testemunhas durante quase uma tarde inteira, dado que entrevistara o Gary Murphy uma dúzia de vezes. Depois de descrever longamente a infância perturbadora em Princeton, Nova Jérсия, e uma adolescência marcada por explosões de comportamento violentas contra homens e animais, foi-lhe solicitada a avaliação psiquiátrica do Gary Murphy.

— Vejo nele um sociopata extremamente perigoso. Acredito que o Gary Murphy está perfeitamente consciente dos seus actos. E não apoio, de forma nenhuma, a teoria da personalidade múltipla.

E assim ia Mary Warner construindo habilmente, dia a dia, a sua tese. Eu admirava-lhe a meticulosidade e a compreensão do processo psiquiátrico. Reunia um terrível e complexo quebra-cabeças para a juíza e para o júri. Encontrara-me várias vezes com ela, e sabia como era competente. Quando acabasse, os jurados teriam na cabeça uma imagem cuidadosamente pormenorizada... da cabeça do Gary Soneji Murphy.

Em cada dia do julgamento, concentrava-se numa nova peça do quebra-cabeças.

Mostrava-lhes a peça, explicava-a meticulosamente e, por fim, encaixava-a no quebra-cabeças. Depois, demonstrava exactamente ao júri como a nova peça se relacionava com as anteriores. Houve uma ou duas vezes em que o público foi levado a aplaudir a advogada de falinhas mansas e o seu impressionante comportamento.

Conseguiu tudo isto enquanto Anthony Nathan objectava a praticamente tudo o que dizia. A defesa de Nathan foi muito simples e não houve nada que o fizesse desviar-se dela: o Gary Murphy

estava inocente, porque não cometera nenhum crime. Quem o cometera fora o Gary Soneji.

Anthony Nathan passeava-se na parte da frente da sala de audiências com o seu habitual ar emproado. Envergava um fato de mil e quinhentos dólares, feito à medida, mas não parecia nada à vontade dentro dele. O fato estava bem cortado, mas a postura de Nathan era impossível: era como a de um chimpanzé vestido.

— Não sou uma pessoa amável. — Anthony Nathan encontrava-se de pé perante o júri de sete mulheres e cinco homens, na segunda-feira da segunda semana. — Pelo menos, na sala de audiências. Diz-se que tenho sempre um sorriso escarninho e que sou muito pomposo. Um egocêntrico insuportável. Que é impossível estar-se comigo mais de sessenta segundos. É tudo verdade — afirmou Nathan à audiência sua cativa. — É tudo verdade.

«E é isso que, por vezes, me causa problemas. Eu digo a verdade. Sou um obcecado pela verdade. Não tenho paciência nenhuma para meias-verdades. E nunca aceitei nenhum caso em que não possa dizer A Verdade,

«A minha defesa de Gary Murphy é simples, talvez a menos complexa e controversa que alguma vez apresentei a um júri, É sobre a Verdade. Está tudo preto no branco, minhas senhoras e meus senhores. Ouçam-me, por favor.

«A doutora Warner e a sua equipa sabem como a defesa é forte, e é precisamente por isso que ela acaba de vos expor mais factos do que os que a Comissão Warren costumava apresentar para provar exactamente a mesma coisa: ABSOLUTAMENTE NADA. Se pudessem interrogar a doutora Warner e ela respondesse com honestidade, a dita senhora dir-vos-ia o mesmo. Então, poderíamos ir todos para casa. Não seria bom? Seria, seria mesmo muito bom.

Ouviram-se risadinhas de escárnio na sala de audiências. Ao mesmo tempo, alguns membros do júri inclinaram-se para ouvirem e verem melhor. De cada vez que passava, Nathan aproximava-se meio passo deles.

— Alguém... muitos «alguéns»... perguntaram-me porque aceitei este caso. Disselhes, com a mesma simplicidade com que vos digo agora, que as provas o tornam um caso vencedor para a defesa. A

Verdade é esmagadora para a defesa. Sei que agora não acreditam nisso. ” Mas não-de acreditar. Não-de acreditar.

«Vejam uma espantosa declaração de facto: a doutora Warner não quis que as provas fossem examinadas pelos Jurados. O seu patrão, o ministro da Fazenda, forçou o julgamento.

E mexeu os cordelinhos, para que o julgamento fosse realizado em tempo recorde. Nunca a roda da justiça girou tão depressa. A mesma roda que não se teria movimentado com tanta rapidez por vós nem pelas vossas famílias. Esta é que é a verdade.

«Mas, neste caso particular, e devido ao sofrimento do senhor Goldberg e da sua família, a roda girou muito depressa. E devido a Katherine Rose, que tem uma família famosa, rica e muito poderosa, e que também quer acabar com o seu sofrimento. Quem pode culpá-los por isso? Eu não.

«Mas NÃO À CUSTA DA VIDA DE UM INOCENTE! Este homem, Gary Murphy, não merece sofrer como eles sofreram.

Natham dirigiu-se para o sítio onde o Gary estava sentado. O louro e atlético Gary Murphy, que parecia um escuteiro crescido.

— Este homem é tão bom como qualquer um dos que se encontram presentes nesta sala de audiências. E vou prová-lo.

«Gary Murphy é um bom homem. Não se esqueçam. Este é um Outro facto.

«É apenas um de dois factos, só dois, que quero que não esqueçam. O outro facto é que Gary Soneji é louco.

«Bem, devo dizer-vos que eu também sou um pouco louco. Só um pouco. Já o víram.

A doutora Warner chamou-vos a atenção para isso. Pois Gary Soneji é louco. É CEM VEZES

MAIS LOUCO DO QUE EU. Gary Soneji é a pessoa mais louca que eu já conheci na minha vida. E eu conheci Soneji. Os senhores vão conhecê-lo também.

«Garanto-vos uma coisa: quando conhecerem Soneji, não conseguirão condenar Gary Murphy. Acabarão por gostar de Gary Murphy e por incitá-lo na sua batalha pessoal contra Soneji. Gary Murphy não pode ser condenado por homicídios e um rapto... que foram levados a cabo por Gary Soneji...

Anthony Nathan passou então a chamar as testemunhas, uma após outra. Embora fosse surpreendente, eram alguns membros do quadro do Externato Washington e uns tantos alunos. E também uns vizinhos dos Murphy, de Delaware.

Nathan mostrou-se sempre gentil e muito claro com as testemunhas, que pareciam gostar dele e confiar nele.

— Quer dizer-nos o seu nome, por favor?

— Doutora Nancy Temkin.

— E a sua profissão, por favor?

— Ensino desenho no Externato Washington.

— Conheceu Gary Soneji no Externato?

— Conheci.

— O senhor Soneji foi bom professor enquanto esteve no externato? Alguma vez viu alguma coisa que a fizesse pensar que ele não era bom professor?

— Não, ele era muito bom professor.

— Por que diz isso, doutora Tenkin?

— Porque ele adorava tanto a sua cadeira como o facto de a poder transmitir aos seus alunos. Era um dos professores mais populares do externato. A sua alcunha era Engenhocas».

— Ouviu os especialistas médicos dizerem que ele é louco, que tem uma personalidade múltipla? O que acha disso?

— Francamente, é a única explicação para o que aconteceu.

— Doutora Temkin, sei que esta é uma pergunta difícil, dadas as circunstâncias, mas o réu era seu amigo?

— Era, era meu amigo.

— Ainda continua a ser seu amigo?

— Quero que o Gary tenha toda a ajuda de que precisa.

— Eu também — admitiu Nathan. — Eu também.

Anthony Nathan disparou a sua primeira salva a sério na sexta-feira da segunda semana do julgamento. Foi tão teatral como inesperada. Começou com uma conferência em privado que ele e Mary Warner tiveram com a juíza Kaplan.

Durante a conferência, Mary Warner elevou a voz. Foi uma das poucas vezes que o fez durante o julgamento:

— Objecção, meritíssima! Tenho de protestar contra este... sensacionalismo. Isto é sensacionalismo!

Já se ouvia um zumbido na sala de audiências. Os jornalistas, sentados nos bancos da frente, estavam alerta. Ao que parecia, a juíza Kaplan decidira-se a favor da defesa.

Mary Warner regressou ao seu lugar, mas perdera um pouco da sua compostura.

— Por que não fomos informados disto antes? — perguntou em voz alta. — Por que é que não soubemos de nada nas audiências preliminares?

Nathan ergueu as mãos e fez-se silêncio na sala. Depois, deu a notícia a toda a gente.

— Chamo o doutor Alex Cross para testemunha de defesa. Chamo-o na qualidade de testemunha hostil e não colaboradora mas, apesar de tudo, de testemunha de defesa.

Afinal, o «sensacionalismo» era eu.

Quarta Parte

LEMBREM-SE DA MAGGIE ROSE

— Vamos ver o filme outra vez, papai — pediu-me o Damon. Estou a falar a sério.

— Cala-te. Vamos ver as notícias — retorqui. — Talvez assim aprendas alguma coisa sobre a vida para além do Batman.

— Mas o filme é giro — insisti o Damon, tentando convencer-me. Então, revelei-lhe um segredo.

— As notícias também.

O que não disse ao Damon foi que estava incrivelmente tenso perante a perspectiva de ir ser testemunha na segunda-feira... testemunha de defesa.

Nessa noite, na televisão, anunciaram que se esperava que Thomas Dune se candidatasse ao Senado na Califórnia. Thomas Dune estaria a tentar endireitar novamente a sua vida? Ou seria possível que ele próprio estivesse implicado no rapto? Naquela altura, já não punha nenhuma hipótese de lado. A pouco e pouco, tinha-me tornado paranóico acerca de muitas coisas relacionadas com o rapto.

A notícia da Califórnia queria dizer mais do que parecia? Já pedira duas vezes autorização para ir fazer investigações à Califórnia. O pedido fora recusado de ambas as vezes. A Jezzie tentava ajudar-me, tinha um contacto na Califórnia mas, até ao momento, não resultara em nada.

Assistimos ao noticiário na sala de estar. A Janelle e o Damon encontravam-se enroscados ao meu lado. Antes do noticiário, tínhamos visto a nossa cópia de Um Polícia no Jardim-Escola pela décima, décima segunda ou, talvez, vigésima vez.

Os miúdos achavam que era eu quem devia fazer o papel de Arnold Schwarzenegger.

Quanto a mim, achava que ele estava a ficar um óptimo actor cómico. Ou talvez preferisse Schwarzenegger a mais uma reprise

de Benfi ou de A Dama e o Vagabundo.

A Nana estava na cozinha a jogar às cartas com a tia Tia. Dali, via o telefone na parede, com o auscultador pendurado e fora do descanso, para que não houvesse telefonemas de jornalistas e outros excêntricos du jour.

As chamadas que recebera da imprensa nessa noite acabavam por ir dar todas às mesmas perguntas. Conseguiria eu hipnotizar o Soneji Murphy numa sala de audiências apinhada de gente? O Soneji dir-nos-ia o que acontecera à Maggie Rose Dune? Eu achava que ele era psicótico ou sociopata? Não, sem comentários.

Por volta da uma da manhã, a campainha da porta tocou. A Nana já fora para cima havia muito tempo e eu pusera a Janelle e o Damon na cama cerca das nove horas, depois de termos lido mais um bocado do livro mágico de David Macaulay, Preto e Branco.

Fui às escuras até à sala de jantar e afastei as cortinas de chita. Era a jezzie. Mesmo na hora.

Saí para o alpendre e abracei-a.

— Vamos, Alex — sussurrou ela. Tinha um plano. Disse-me que o seu plano era «não ter plano», mas isso raramente acontecia com a Jezzie.

Nessa noite, a moto da Jezzie devorou literalmente a estrada. Passamos por outros veículos como se estivessem parados, imobilizados no tempo e no espaço. Passamos por casas às escuras, relvados e tudo o mais. Em terceira. Velocidade de cruzeiro.

Esperei que ela metesse a quarta e, depois, a quinta. A BMW roncava com regularidade e suavidade. A luz do seu único farol iluminava a estrada.

A Jezzie mudava frequentemente de faixa, com toda a facilidade. Meteu a quarta e, depois, atingimos a velocidade pura da quinta. Seguimos a cento e oitenta quilómetros por hora na George Washington Parkway e a duzentos na 95. A Jezzie dissera-me uma vez que nunca andara de moto a menos de cento e cinquenta quilómetros por hora. Acreditava que não.

Só deixamos de devorar tempo e espaço quando desaceleramos e paramos numa bomba de gasolina Mobil com um ar muito velho, em Lumberton, na Carolina do Norte.

Eram quase seis da manhã. Devíamos ter o ar mais louco que o empregado alguma vez vira. Um preto e uma loura, uma moto enorme... uma noite escaldante.

Mas o empregado da bomba também não parecia muito bom da bola. Tinha joelheiras de skate por cima das calças de ganga azul-acinzentadas— Devia andar pelos vinte e poucos anos e usava o cabelo espetado, com um corte que se esperava mais encontrar nas praias da Califórnia do que por aqueles lados. Como seria que o penteado chegara tão depressa a Lumberton, na Carolina do Norte? Seria apenas mais loucura no ar? Livre fluxo de ideias?

— Bom dia, Rory — cumprimentou a Jezzie, sorrindo para o rapaz. Espreitou entre duas bombas de gasolina e piscou-me o olho.

— O Rory faz o turno das onze às sete. Esta é a única estação de serviço aberta num raio de setenta quilómetros. Mas não o digas a ninguém que não conheças bem. — Baixando a voz: — o Rory vende coisas que nos animam... tudo o que é necessário para passar a noite.

Bombas, Diazepam, anfetaminas?

Pronunciava as palavras arrastando ligeiramente a voz, o que soava bem aos ouvidos.

O vento despenteara-lhe o cabelo louro, o que também me agradava.

— Êxtase, hidrocloreto de metanfetamina? — continuou, desfiando a ementa.

Rory abanou a cabeça, como se ela fosse maluca. Via-se que gostava dela. Afastando uma madeixa imaginária dos olhos, disse:

— Pá, ch pá. — Era um rapazinho muito palavroso.

— Não te preocupes com o Alex. — Tornou a sorrir para o empregado da estação de serviço, cujo cabelo espetado lhe dava mais centímetros de altura. — Ele é fixe. É só mais um chuí de Washington.

— Eh pá! Raios, Jezzie! Meu Deus! A Jezzie e os seus amigos chuis!

— Rory rodou nos calcanhares das suas botas como se se tivesse queimado. Já vira muitos malucos durante as suas horas de turno na estrada interestadual. E de certeza que nós os dois éramos malucos. «Conta-me lá: que outros amigos chuis?»

Menos de quinze minutos mais tarde, chegamos à casa do lago da Jezzie. Era uma casinha pequena, construída mesmo por cima da água e rodeada de bétulas e abetos. O tempo estava quase perfeito. Um Verão de S. Martinho, muito mais tardio do que deveria ser.

O aquecimento global segue em frente.

— Nunca me disseste que pertencias à aristocracia rural — observei, enquanto acelerávamos pelos meandros de uma pitoresca estrada que ia dar à casinha.

— Não me parece, Alex. Foi o meu avô que deixou isto à minha mãe. O avô era um patife e um ladrão. Arrecadou algum dinheiro. Foi o único da família. Parece que o crime compensa.

— É o que dizem.

Saltei da moto e estiquei imediatamente os músculos das costas e, depois, das pernas.

Entramos em casa. A porta não estava fechada à chave, o que, por momentos, me levou a dar largas à imaginação.

A Jezzie foi verificar o frigorífico, que se encontrava generosamente cheio, pôs um disco de Bruce Springsteen e foi até lá fora.

Eu segui-a em direcção a água cintilante, de um negro-azulado, Havia lá uma doca nova, ligada a uma ponte estreita que dava para uma cobertura mais ampla, onde se viam cadeiras e uma mesa pregadas ao chão. Ouvia-se a música do álbum Nebraska.

A Jezzie tirou as botas e as meias até ao joelho, de riscas azuis, e mergulhou um pé na água perfeitamente imóvel.

As suas pernas compridas eram maravilhosamente atléticas. Também tinha os pés compridos e muito bem feitos, tão bonitos como os pés podem ser. De momento, fazia-me lembrar as senhoras que iam para a Universidade da Florida, Miami, Carolina do Sul, Vanderbilt. Ainda não encontrara nada nela que não fosse especial.

— Podes não acreditar, mas esta água está a vinte e dois graus — informou-me ela, com um grande sorriso em câmara lenta.

— Exactamente? — perguntei.

— Eu diria que sim. Precisamente. Vamos a isto?

— O que é que os vizinhos vão dizer? Não trouxe o fato de banho. Aliás, não trouxe nada.

— O plano era esse: não haver plano. Imagina. Um sábado inteiro sem planos, sem julgamentos, sem entrevistas, sem mísseis dos Dune... como o do Thomas Dune no programa do Larry King desta semana, onde criticou a investigação que levou ao julgamento e voltou a bater-me forte e feio. Sem o peso de raptos que abalam o mundo. Só nós os dois, aqui, no meio de nenhures.

— Isso soa-me bem — disse eu a Jezzie. — No meio de nenhures. Olhei em redor, seguindo a linha na qual os abetos se encontravam com o límpido céu azul.

— Então, passa a ser esse o nosso nome para este sítio: No Meio de Nenhures, Carolina do Norte.

— A sério, jez. E os vizinhos? Não é neste estado que cobrem as pessoas de alcatrão e penas? Não me apetece nada.

Ela sorriu:

— Não há ninguém por aqui, aí num raio de dois quilómetros. Quer acredites quer não, não há casas. E ainda é muito cedo, excepto para os pescadores de percas.

— Também não me apetece encontrar meia dúzia de pescadores de percas armados de alcatrão e penas. Podem confundir-me com uma perca preta. Julgas que não li o Deliverance do James Dickey?

— Os pescadores vão todos para a ponta sul do lago. Confia em mim, Alex. Deixa-me despir-te. Põe-te à vontade.

— Vamos despir-nos um ao outro. — Rendendo-me, entreguei-me a ela e ao ritmo lento daquela manhã perfeita.

Experimentei a água com o pé, com o meu tornozelo bem modelado. A Jezzie não exagerara quanto à temperatura.

— Não te ia mentir. Ainda não te menti — observou, sorrindo outra vez.

Então, mergulhou na perfeição, quase não provocando agitação na superfície da água.

Eu segui a ténue pista de bolhinhas. Ao penetrar na água, pensei, «Um preto e uma linda branca a nadarem juntos. No meio do Sul. Neste Ano da Graça de 1993.»

Estávamos a ser imprudentes e talvez um pouco doidos. Estaríamos enganados?

Haveria quem dissesse que sim ou, pelo menos, quem o pensasse. Mas porquê? Fazia mal a alguém estarmos juntos?

A água era quente à superfície, mas muito mais fria um metro e meio ou um metro e oitenta abaixo. Parecia de um azul-esverdeado. Provavelmente, o lago era alimentado por alguma nascente. Perto do fundo, senti fortes correntes contra o peito e os órgãos sexuais.

De repente, fui atingido por um pensamento: «Estaremos a apaixonar-nos perdidamente? Será isso que sinto neste momento?» Subi para respirar.

— Tocaste no fundo? Tem de se tocar no fundo no primeiro mergulho do dia.

— Senão o que é que acontece?

— Senão és um mariquinhas e vais afogar-te ou perder-te para sempre na floresta antes de o dia acabar. É um conto verdadeiro, que vi acontecer muitas, muitas vezes aqui, no Meio de Nenhures.

Brincamos no lago como crianças. Ambos andávamos a trabalhar muito. Demais...

quase um ano das nossas vidas.

A maneira mais fácil de se voltar a subir para a doca era por meio de uma escada de cedro, que fora construída recentemente, pois ainda cheirava a madeira nova e não estava lascada. Teria sido a Jezzie a construí-la durante as férias que tirara antes do rapto?

Agarrámo-nos à escada e um ao outro. Lá ao longe, no lago, ouviam-se grasnidos de patos. Era um som engraçado. A superfície da água que se estendia à nossa frente pouco mais apresentava do que uma leve ondulação. Vagas minúsculas faziam cócegas no queixo da Jezzie.

— Adoro-te quando estás assim. Ficas tão vulnerável! — exclamou ela. — É quando te revelas verdadeiramente.

— Sinto que tudo foi irrereal durante tanto tempo! — repliquei. O rapto, a perseguição ao Soneji, o julgamento em Washington...

— Por agora, só isto é real, percebes? Gosto tanto de estar contigo!

— Pousou a cabeça no meu peito.

— Gostas tanto?

— Gosto, gosto tanto. Vês como as coisas podem ser simples? Acenou em redor do pitoresco lago e do círculo de abetos. — Não

vês? É tudo tão natural! Garanto-te que está tudo bem. Nenhum pescador de percas se vai intrometer entre nós.

A Jezzie tinha razão. Pela primeira vez em muito tempo, senti que talvez tudo o que acontecesse dali para a frente desse resultado. As coisas não podiam ser mais lentas, mais simples e melhores. Nenhum de nós queria que o fim-de-semana acabasse.

— Sou detetive da Brigada de Homicídios do Departamento da Polícia de Washington.

A minha patente oficial é chefe de divisão. Por vezes, sou nomeado para investigar crimes violentos, quando estes implicam considerações psicológicas que podem ter algum significado. Fiz esta declaração sob juramento, dentro de uma sala de audiências apinhada, silenciosa e muito eléctrica. Era segunda-feira de manhã. O fim-de-semana parecia a um milhão de quilómetros de distância. Gotas de suor começavam a escorrer-me da cabeça.

— Pode dizer-nos porque o nomeiam para investigar casos com implicações psicológicas? — pediu Anthony Nathan.

— Sou psicólogo e inspector. Fiz clínica privada antes de entrar na polícia de DC. Antes disso, trabalhei na agricultura durante um ano.

— Licenciou-se em... — Nathan recusava-se a distrair-se ou a desviar-se na tentativa de me apresentar como uma pessoa impressionante.

— Como já sabe, doutor Nathan, fiz o doutoramento na Johns Hopkins.

— Uma das melhores escolas do país... certamente desta região do País — afirmou ele.

— Objecção. Essa é a opinião do doutor Nathan — protestou Mary Warner, sublinhando um facto indiscutível.

A juíza Kaplan deu-lhe razão.

— Também publicou artigos nos Psychiatric Archives e no American Journal of Psychiatry, continuou Nathan, como se a doutora Warner e a Luíza Kaplan fossem inconsequentes.

— Realmente, escrevi uns artigos, mas não foi nada do outro mundo, doutor Nathan. Há muitos psicólogos que o fazem.

Mas não para o Journal nem para os Archives, doutor Cross. Qual era o assunto desses artigos eruditos?

— Escrevo sobre a mente criminosa. Conheço suficientes palavras de três e quatro sílabas para poder escrever nesses denominados «jornais eruditos».

— Admiro a sua modéstia, palavra. Díga-me uma coisa, doutor Cross. Tem-me observado nestas últimas semanas. Como descreveria a minha personalidade?

— Para isso, precisaria de ter algumas sessões privadas consigo, doutor Nathan. E não sei bem se poderia pagar-me o suficiente pela terapia.

Ouviram-se risos por toda a sala de audiências. Até a juíza Kaplan desfrutou de um raro momento de alegria.

— Mas tente — insistiu o doutor Nathan. — Eu aguento.

Anthony Nathan tinha um espírito rápido e inventivo. E era altamente criativo. Ou seja, tratara logo de estabelecer que eu era testemunha de mim mesmo e não um «especialista» que ele trazia no bolso.

— O senhor é neurótico. — Sorri. — E, provavelmente, desonesto. Nathan voltou-se para o júri e virou as palmas das mãos para cima: — Pelo menos, é honesto. Já não vou sem nada esta manhã: já tive uma sessão de psiquiatria.

Ouviram-se mais risos vindos do júri. Desta vez, tive a impressão de que alguns jurados começavam a mudar a sua opinião sobre Anthony Nathan e talvez, também, sobre o seu cliente. A princípio, não tinham gostado nada dele. Mas viam então que ele era envolvente e muito, muito inteligente. Estava a fazer um brilhante trabalho de profissional em prol do seu cliente.

— Quantas sessões teve com Gary Murphy? — perguntou-me, dizendo Gary Murphy e não Soneji.

— Tivemos quinze sessões, num período de três meses e meio.

— O suficiente para se formarem algumas opiniões, suponho?

— A psiquiatria não é uma ciência assim tão exacta. Gostaria de ter tido mais sessões, mas tenho algumas opiniões preliminares.

— Que são ... — indagou Nathan,

— Objecção! — Mary Warner voltou a levantar-se. Era uma senhora activa. — O detetive Cross acaba de dizer que precisaria de mais sessões para formar uma opinião médica final.

— Recusada — respondeu a juíza Kaplan. — O detetive Cross também declarou que tem algumas opiniões preliminares. Gostaria de saber quais são.

— Doutor Cross — prosseguiu Nathan, como se não tivesse havido nenhuma interrupção -, ao contrário dos outros psiquiatras e psicólogos que examinaram Gary Murphy, o senhor esteve intimamente ligado a este caso desde o princípio... tanto na qualidade de polícia como na de psicólogo.

A advogada de acusação voltou a interromper Nathan. Estava a perder a paciência.

Meritíssima, o doutor Nathan tem alguma pergunta a fazer?

— Tem, doutor Nathan?

Anthony Nathan virou-se para Mary Warner e deu um estalido com os dedos: — Alguma pergunta?... Sem dúvida. — Voltou-se para mim. Como agente da Polícia ligado a este caso desde o princípio e como psicólogo experiente, pode dar-nos a sua opinião profissional sobre Gary Murphy?

Olhei para o Murphy Soneji que, naquele momento, parecia ser Gary Murphy e que tinha o ar de um homem amável e decente, apanhado no pior pesadelo que se possa imaginar.

— As minhas primeiras sensações e impressões foram muito básicas e humanas. Um rapto levado a cabo por um professor foi uma coisa que me chocou e me perturbou — comecei.

— Foi uma profunda quebra de confiança, que piorou muito quando vi com os meus próprios olhos o corpo torturado de Michael Goldberg. Nunca o esquecera. Também falei com Mr. e Mrs. Dune sobre a sua filhinha... e até me parece que conheço a Maggie Rose Dune. Além disso, vi as vítimas de assassinio em casa dos Turner e dos Sanders.

— Objecção! — Mary Warner estava outra vez de pé. — Objecção!

— O senhor sabe muito bem que não deve falar disso. — A juíza Kaplan lançou-me um olhar muito frio. — O júri não deve levar isto em consideração. Não há provas de que o réu está implicado nos acontecimentos mencionados.

— O senhor pediu-me uma resposta honesta — disse eu a Nathan. — Quis saber aquilo em que acredito. Aí tem.

Assentindo com a cabeça, Nathan aproximou-se do júri. Às tantas, virou-se para mim: — Muito bem, muito bem. Tenho a certeza de que é absolutamente honesto connosco, doutor Cross, quer eu goste dessa honestidade quer não... quer o Gary Murphy goste quer não. O senhor é um homem extremamente honesto. Por mim, não vou interromper a sua opinião honesta, desde que a acusação também não o faça. Continue, por favor.

— Não havia nada que eu quisesse mais do que apanhar o raptor. Todos nós, da Equipa de Salvação de Reféns, queríamos o mesmo. Tornou-se um objectivo muito pessoal para quase todos nós.

— Portanto, odiava o raptor. Queria que, fosse quem fosse, apanhasse a pena máxima permitida por lei?

— Queria. Ainda quero — respondi a Nathan.

— Quando Gary Murphy foi preso, o senhor estava lá. Ele foi acusado do crime e, depois, o doutor Cross teve várias sessões com ele. Em que acredita sobre Gary Murphy neste momento?

— Honestamente, não sei em que hei-de acreditar neste momento. Anthony Nathan não perdia pitada:

— Então, há na sua cabeça uma dúvida razoável?

Mary Warner raspava com o pé uma mancha que havia nas tábuas velhas do soalho da sala de audiências:

— Sugestivo. A tentar influenciar a testemunha.

— O júri não deve levar este comentário em consideração — ordenou a juíza Kaplan.

— Diga-nos o que pensa, neste momento, sobre Gary Murphy. Dê-nos a sua opinião profissional, doutor Cross — pediu Nathan.

— Ainda não tenho nenhuma maneira de saber se ele é Gary Murphy.. ou Gary Soneji.

Não tenho a certeza se existem mesmo duas personalidades neste homem. Acredito que ele talvez tenha uma personalidade dividida.

— E se assim fosse?

— Se assim fosse, Gary Murphy podia ter pouca ou nenhuma consciência dos actos de Gary Soneji. Mas também pode ser um sociopata brilhante, que está a manipular-nos a todos, inclusivamente a si.

— Está bem. Aceito as suas coordenadas. Até agora, tudo bem retorquiu Nathan, com as mãos à frente do peito, como se segurasse uma pequena bola. Estava, obviamente, a fazer tudo para me arrancar uma definição mais precisa. — Esta ideia de dúvida parece-me essencial, não é? — continuou. — o fulcro da questão. Portanto, gostaria que o senhor ajudasse o júri a tomar a sua importante decisão. Doutor Cross, quero que o senhor hipnotize Gary Murphy! — anunciou.

Aqui, nesta sala de audiências. Que os jurados decidam por si próprios. E tenho toda a confiança neste júri e na sua decisão. Não tenho qualquer dúvida de que estes senhores chegarão à decisão certa, quando virem as provas, não acha, doutor Cross?

Na manhã seguinte, levaram para a sala de audiências dois cadeirões simples, de couro vermelho, destinados à sessão entre mim e Gary. Para o ajudar a relaxar e a esquecer o que o rodeava, diminuíra-se a iluminação da sala.

Ambos tínhamos microfones. Haviam sido estes os únicos retoques permitidos pela juíza Kaplan.

Em alternativa, poder-se-ia ter filmado a nossa sessão, mas o Gary dissera que achava que conseguia ser hipnotizado dentro da sala de audiências. Queria tentar, e o seu advogado queria que ele tentasse.

Eu decidira fazer tudo como se ele estivesse na cela. Era importante neutralizar algumas das distrações óbvias numa sala de audiências. Mas não fazia ideia se o conseguiria nem qual seria o resultado. Quando me sentei num dos cadeirões, até sentia nós no estômago. Tentei não olhar para o público. Nunca gostara de ser o alvo das atenções e naquele momento ainda menos.

Das outras vezes, usara com Gary uma técnica simples, verbalmente sugestiva. E foi assim que começamos a hipnose na sala de audiências. Aliás, a hipnose nem por sombras é tão complexa como a maioria das pessoas pensa.

— Gary — comecei -, quero que te encostes e tentes descontrair-te, já veremos o que acontece.

— Vou fazer o melhor possível — replicou, parecendo ser tão sincero como aparentava.

Envergava um fato azul-escuro, uma camisa branca a cheirar a lavada e uma gravata às riscas. Parecia mais um advogado do que o seu próprio advogado.

— Vou hipnotizar-te outra vez, porque o teu advogado acha que isso te pode ajudar. E tu disseste-me que querias essa ajuda. É assim?

— É — retorquiu Gary. — Quero dizer a verdade... Quero saber a verdade.

— Então está bem. Quero que contes de cem para trás. Já fizemos isto antes. Tenta descontraí-te a cada número que digas. Podes começar a contar.

O Gary Murphy começou a contar ao contrário.

— Os teus olhos começam a fechar-se. Sentes-te muito mais descontraído...

adormecido... a respirar profundamente — continuei em voz monocórdica, cada vez mais baixa.

Na sala de audiências, reinava um silêncio quase total. Só se ouvia o ruído das vibrações do ar condicionado.

Por fim, o Gary deixou de contar.

— Sentes-te bem? Está tudo bem? — indaguei.

Tinha os olhos castanhos vítreos e húmidos. Parecia que entrara em transe com bastante facilidade. Mas nada mo garantia.

— Sinto, sinto-me bem.

— Se, por qualquer razão, quiseres interromper a sessão, já sabes o que deves fazer.

Ele assentiu suavemente com a cabeça:

— Sei. Mas sinto-me bem. — Parecia escutar apenas metade do que eu dizia.

Não parecia provável que estivesse a fingir, sobretudo devido à tensão e às circunstâncias do julgamento.

— Noutra altura, numa sessão anterior, conversamos sobre o facto de teres acordado no McDonald's. Nessa ocasião, disseste-me que «acordaste como se tivesses estado a sonhar».

Lembras-te disso?

— É verdade. Claro que me lembro. Acordei num carro da Polícia, à frente do McDonald's. Acordei e vi a polícia, que estava a prender-me.

— Como te sentiste quando a polícia te prendeu?

— Senti que aquilo não podia estar a acontecer. Tinha de ser um pesadelo. Disse à polícia que era vendedor, que vivia em Delaware e tudo o mais que lhes pudesse mostrar que tinham prendido a pessoa errada. Não sou um criminoso. Não tenho cadastro.

— Nesse dia, falamos de antes de teres sido preso, da altura em que entraste no restaurante de comida rápida.

— Não... não sei bem se me consigo lembrar. Deixe-me tentar pensar nisso... — pareceu lutar um pouco consigo próprio. Seria uma farsa ou sentir-se-ia mal com a verdade que agora lhe surgia à frente?

Ao princípio, admirara-me que ele tivesse revelado a personalidade Soneji na nossa sessão na cadeia. Fá-lo-ia outra vez? Sobretudo em circunstâncias tão difíceis?

-Paraste para ir à casa de banho do McDonald's. E também querias café, para poderes continuar a conduzir...

— Estou a lembrar-me... Estou a lembrar-me de uma coisa. Vejo-me dentro do McDonald's... lembro-me de lá ter estado...

— Demora o tempo que quiseres. Temos muito tempo, Gary.

— Estava muita gente. Quero dizer, a zona do restaurante estava cheia. Fui até à porta da casa de banho. Depois, não entrei, não sei porquê. É esquisito, mas não me lembro.

— Como te sentias na altura em que ficaste à porta da casa de banho? Lembras-te?

— Agitado, Cada vez mais agitado. Sentia o sangue a latejar-me na cabeça. Não ercebia porquê. Estava perturbado e não sabia porquê.

O Soneji Murphy olhava em frente. Fitava um ponto à esquerda do sítio onde me encontrava sentado. Surpreendia-me um pouco o modo como me fora fácil esquecer o público que nos observava.

— O Soneji esteve no restaurante? — inquiri.

Ele inclinou ao de leve a cabeça, num gesto estranhamente tocante.

— O Soneji está lá. Sim, está no McDonald'S. — Ficou excitado. Finge ir buscar um café, mas tem um ar zangado. Eu... acho que ele é louco. O Soneji é maluco, não é boa peça.

— Sabes porque é maluco? O que é que põe o Soneji zangado?

— Acho que é porque... as coisas lhe correram mal. A Polícia teve uma sorte incrível. O

seu plano para ser famoso foi-se por água abaixo. Acabou. Agora, sente-se como o Bruno Richard Hauptmann: apenas mais um falhado.

Aquilo era novidade. O Gary nunca me falara do rapto. Eu já estava alheio a tudo o que se passava na sala de audiências. Os meus olhos não se despregavam do Gary Soneji Murphy.

Tentei falar do modo mais natural e não ameaçador possível. Devagar. Sem pressas.

Era como caminhar à beira de um precipício. Tanto podia ajudá-lo como podíamos cair os dois.

— O que é que correu mal no plano do Soneji?

— Tudo o que podia correr mal. — Via-se que quem falava ainda era o Gary Murphy, que não se transferira para a personalidade do Soneji.

Mas o Gary Murphy sabia das actividades do Gary Soneji; num estado hipnótico, o Gary Murphy conhecia os pensamentos do Soneji.

A sala de audiências permanecia muda e queda. Não havia o mínimo sinal de movimento.

O Gary foi dando mais pormenores do rapto:

— Ele examinou o filho dos Goldberg e viu que o rapaz estava morto. Tinha a cara toda azul. Deviam ter sido barbitúricos a mais... o Soneji nem acreditava que pudesse ter cometido um erro. Tinha sido tão meticoloso e cuidadoso! Até tinha falado com médicos anestesistas!

Fiz-lhe uma pergunta-chave:

— Como é que o corpo do rapaz ficou tão maltratado e cheio de escoriações? O que é que lhe aconteceu exactamente?

— O Soneji perdeu a cabeça. Não acreditava no seu azar. Por isso, fartou-se de bater no corpo do rapaz com uma pá.

Até ao momento, a maneira como falava do Soneji era extremamente credível. Afinal, talvez o tipo fosse mesmo vítima de uma personalidade múltipla. Isso alteraria tudo no julgamento e, possivelmente, até o veredicto.

— Que pá era essa? — perguntei. Ele falava cada vez mais depressa: — A pá de que se serviu para os desenterrar. Estavam enterrados no celeiro. Tinham ar que chegasse para uns dias. Era como um abrigo antinuclear, sabes? O sistema de ar funcionava na perfeição... e o resto também. Foi o próprio Soneji quem o inventou. Construiu tudo sozinho.

O sangue galopava-me nas veias. Sentia a garganta muito, muito seca.

— E a rapariga? E a Maggie Rose?

— Estava bem. O Soneji deu-lhe Valium da segunda vez, para voltar a pô-la a dormir.

Ela estava aterrorizada e gritava imenso... porque era muito escuro lá em baixo. Escuro como breu. Mas não era assim tão mau. O Soneji passou pior.. na cave.

Neste ponto, prossegui com muito cuidado. Não queria perdê-lo. O que havia com a cave? Tentaria voltar à cave mais tarde.

— Onde está agora a Maggie Rose? — inquiri.

— Não sei — respondeu sem hesitar.

Não «está morta»... Não «está viva»... «Não sei»... Por que bloquearia essa informação? Porque sabia que eu a queria? Por que todos os que se encontravam na sala de audiências queriam saber o destino da Maggie Rose Dune?

— O Soneji voltou lá para ir buscá-la — continuou. — O FBI tinha concordado com o resgate de dez milhões. Estava tudo combinado. Mas ela desapareceu! A Maggie Rose não estava lá quando o Soneji a foi buscar. Desaparecera! Alguém a tirara de lá!

O público da sala de audiência não se manteve calado por mais tempo, mas eu continuei a concentrar-me no Gary.

A juíza Kaplan não quis bater com o martelo, para pedir ordem na sala, mas levantou-se e fez sinal para que todos se calassem; porém, não valeu a pena. Alguém a tirara de lá.

Alguém a tinha agora em seu poder.

Apressei-me a fazer mais algumas perguntas antes que o público se descontrolasse completamente, arrastando talvez, Soneji Murphy com ele. A minha voz permaneceu suave e surpreendentemente calma, dadas as circunstâncias: — Foste tu

que a desenterraste, Gary? Foste tu que a salvaste do Soneji?
Sabes onde está agora a Maggie Rose?

Não gostou das perguntas. Suava abundantemente. As suas pálpebras estremeceram.

— Claro que não. Não, não tive nada a ver com isso. Foi o Soneji que fez tudo e eu não posso controlá-lo. Ninguém pode. Não percebe isso?

Inclinei-me para a frente:

— O Soneji está aqui agora? Está aqui connosco esta manhã?

Noutras circunstâncias, não teria tentado forçar tanto as coisas mas, ainda assim, continuei.

— Posso perguntar ao Soneji o que aconteceu à Maggie Rose?

O Gary Murphy abanou repetidamente a cabeça. Sabia que estava a acontecer-lhe mais qualquer coisa.

— É muito assustador. — O suor escorria-lhe do rosto e tinha o cabelo molhado. — É assustador. O Soneji é mau. Não posso falar mais dele. Não quero. Por favor, ajude-me, doutor Cross! Ajude-me, por favor!

— Pronto, Gary, já chega — acalmei-o, tirando-o imediatamente do transe em que se encontrava. Dadas as circunstâncias, era a única coisa decente a fazer. Não tive outro remédio.

De repente, o Gary Murphy voltou à sala de audiências. Os seus olhos focaram-se nos meus, e eu não vi neles senão medo.

O público descontrolara-se por completo. Repórteres dos jornais e da televisão corriam a telefonar às suas agências. A juíza Kaplan batia repetidamente com o martelo.

Alguém tinha a Maggie Rose Dune em seu poder.... Seria possível?

— Pronto, Gary — tranquilizei-o. — Eu percebo que tivesses medo. Ele fitou-me. Depois, os seus olhos passearam muito devagar pela ruidosa sala de audiências.

— O que aconteceu? — perguntou. — O que aconteceu aqui?

Eu ainda me lembrava de Kafka. Sobreretudo da arrepiante introdução de o Processo: «Alguém devia ter andado a mentir sobre Joseph K. que, sem ter feito nada de mal, foi preso numa bela manhã. Era nisso que Gary Murphy queria que acreditássemos: que

fora apanhado num pesadelo e que estava tão inocente como Joseph K.

Quando saí da sala de audiências, tiraram-me aí uma dúzia de fotografias. Toda a gente tinha questões a pôr-me, mas eu não fiz comentários. Nunca perco uma boa oportunidade para ficar calado.

«A Maggie Rose ainda está viva?» Era o que os jornalistas queriam saber, mas eu não lhes disse o que pensava e que era que, provavelmente, não.

À saída da sala de audiências, vi Katherine e Thomas Dune dirigindo-se para mim.

Ladeavam-nos jornalistas e repórteres de televisão. Eu queria falar com Katherine, mas não com Thomas.

— Porque tenta ajudá-lo? — inquiriu Thomas Dune, elevando a voz. — Não sabe que ele está a mentir? O que se passa consigo, Cross? Thomas Dune, extremamente tenso, tinha o rosto vermelho.

Estava descontrolado. As veias da sua testa não podiam sobressair mais. Katherine Rose parecia trístíssima, completamente desolada.

— Fui chamado na qualidade de testemunha hostil. Limito-me a fazer o meu trabalho.

— Pois fá-lo muito mal. — Thomas Dune continuava a atacar-me. — O senhor perdeu a nossa filha na Florida e, agora, quer pôr o seu raptor em liberdade.

Por fim, fartei-me de Thomas Dune, que passava a vida a fazer-me ataques pessoais nos jornais e na televisão. Por muito que ele quisesse reaver a filha, eu já não estava para aturar mais insultos.

— Quero, o tanas! — gritei-lhe, com as câmaras vibrando e zumbindo à nossa volta. -

Tenho andado de mãos atadas. Por capricho, retirado do caso e posto novamente a trabalhar nele. E sou o único que já obteve resultados, Virei as costas a ambos e desci um lanço íngreme de escadas. Compreendia a sua angústia, mas havia meses que Thomas Dune me importunava. Tomara-se de ódio por mim, e estava enganado. Parecia que ninguém percebia um facto muito simples: eu era o único que ainda continuava a tentar descobrir a verdade sobre a Maggie Rose. O único.

Quando cheguei ao fundo das escadas, vi atrás de mim Katherine Rose, que correra na minha peugada, seguida por alguns fotógrafos. Estavam por todo o lado, disparando as máquinas automáticas como malucos. A imprensa acotovelava-se para chegar até junto de nós.

— Lamento muito tudo o que aconteceu — atirou ela, antes de eu poder dizer fosse o que fosse. — A perda da Maggie é a destruição do Tom, a destruição do nosso casamento. Sei que fez o melhor que pôde. Sei aquilo por que passou. Desculpe, Alex. Desculpe por tudo.

Foi um momento muito estranho. Por fim, estendi a mão e apertei a de Katherine Rose Dune, agradecendo-lhe e prometendo-lhe que não ia deixar de tentar. Os fotógrafos continuavam a tirar-nos retratos. Então, afastei-me rapidamente, recusando-me a responder a mais perguntas, recusando-me em absoluto a dizer-lhes o que acabava de passar-se entre mim e Katherine Rose. O silêncio é a melhor arma contra os chacais da imprensa.

Dirigi-me para casa. Ainda continuava a procurar a Maggie Rose Dune mas, agora, dentro da cabeça do Soneji Murphy. Ela poderia ter sido levada por alguém do sítio do rapto?

Porque iria Gary Murphy dizer-nos que sim? Enquanto seguia de carro para a zona sudeste, ia pensando no que Gary Murphy dissera sob hipnose. Estaria ele a enganar-nos em beleza?

Era uma possibilidade muito assustadora, mas muito real. Seria tudo aquilo parte de um dos seus terríveis planos?

Na manhã seguinte, tentei hipnotizar o Soneji Murphy uma segunda vez. O Fabuloso detetive/Doutor Cross entrava de novo em acção! Era quase isto que dizia o noticiário da manhã.

Mas, desta vez, não consegui hipnotizá-lo. O Gary Murphy estava muito assustado ou, pelo menos, assim o afirmava o seu advogado. Havia demasiado burburinho na apinhada sala de audiências. A juíza Kaplan mandou evacuá-la uma vez, mas nem isso serviu de nada.

Nesse dia, fui interrogado pela acusação, mas Mary Warner estava mais interessada em ver-me fora da barra das testemunhas do que em examinar as minhas credenciais. A minha participação no julgamento acabara, o que, por mim, estava muito bem.

Nem eu nem o Sampson fomos mais ao tribunal nessa semana, reservada a outros testemunhos especializados. Por isso, regressamos à rua. Tínhamos casos novos. E

tentamos rever uns tantos aspectos mais intrigantes relativos ao dia do rapto. Assim, voltamos a analisar tudo e passamos horas numa sala de conferências cheia de arquivos. Se a Maggie Rose fora levada de Maryland, talvez ainda estivesse viva. Pelo menos, havia uma hipótese, ainda que muito ténue.

Eu e o Sampson voltamos mais uma vez ao Externato Washington, onde entrevistamos alguns dos professores que, diga-se de passagem e sem grandes brusquidões, não ficaram lá muito satisfeitos por nos verem de novo. Mas continuávamos a testar a «teoria do cúmplice».

Era mesmo possível que o Gary Soneji tivesse trabalhado com alguém desde o início. Seria Simon Conklin, o seu amigo de Princeton? E, se não Conklin, então quem? Ninguém do externato vira fosse o que fosse que reforçasse a ideia de um «cúmplíce» do Gary Soneji.

Saímos do externato antes do meio-dia e fomos almoçar a um Roy Rogers de Georgetown. O frango do Roy é melhor do que o do Colonel e também há lá umas óptimas «asas quentes». São uma delícia. Eu e o Sampson fomos buscar cinco doses de asas e duas Coca-Colas e sentámo-nos a uma minúscula mesa de piquenique, ao lado do parque infantil do Roy. Depois do almoço, talvez fôssemos andar no balancé.

Quando acabamos de comer, decidimos ir de carro até Potomac, Maryland. Durante o resto da tarde, batemos a Sorrell Avenue e as ruas adjacentes. Fomos a uma dúzia de casas e receberam-nos tão bem como teriam acolhido Woodward e Berristein. Mas nem essa fria recepção nos desencorajou.

Ninguém vira pessoas ou carros estranhos nos arredores. Nem nos dias anteriores ao rapto, nem nos posteriores. Ninguém se lembrava de nenhuma carrinha de entregas mais fora do normal. Aliás, nem mesmo do tipo habitual: de reparações e de entregas de flores ou artigos de mercearia.

Mais tarde, meti-me no carro sozinho e fui até Crisfield, Maryland, onde a Maggie Rose e o Michael Golberg tinham estado

enterrados durante os primeiros dias do rapto. Numa cripta? Numa adega?

O Gary Soneji Murphy mencionara «a cave» sob hipnose. Em criança, fora mandado para uma adega escura. Não tivera amigos durante longos períodos da sua vida.

Desta vez, queria ver a quinta com os meus próprios olhos. Os «desencontros» do caso não me deixaram descansar. Os fragmentos soltos que me voavam dentro da cabeça eram tão desconcertantes como estilhaços. Seria possível que alguém houvesse tirado a Maggie Rose ao Soneji Murphy? Se o próprio Einstein tivesse investigado este caso, as possibilidades ter-lhe-iam posto a cabeça a andar à roda e até talvez lhe houvessem endireitado o cabelo.

Enquanto vagueava pela quinta fantasmagórica e deserta, deixei que os factos me atravessassem livremente o pensamento e dei comigo a martelar no Filho de Lindberg e no facto de o bebê dos Lindbergh ter sido raptado de uma «casa de campo».

O cúmplice de Soneji. Era um problema por resolver. O Soneji também fora visto perto da casa dos Sanders... isto, a acreditar em Nina Cerisier. Uma segunda meada sem fio.

Este seria realmente um caso de personalidade múltipla? Os psicólogos continuavam divididos quanto à existência de tal fenómeno. Os casos de personalidade múltipla são raros.

Não seria tudo apenas uma brilhante encenação do Gary Murphy? Estaria ele a representar as duas personalidades?

O que acontecera à Maggie Rose Dune? Ia sempre tudo dar a ela. O que acontecera à Maggie Rose?

Eu ainda guardava no painel estragado do Porsche uma das pequenas velas que haviam sido distribuídas nos arredores do tribunal de Washington. Acendia e voltei para Washington com a sua chama ardendo na noite que caía. Lembrem-se da Maggie Rose.

A ideia do encontro que marcara com a Jezzie para essa noite mantivera-me entusiasmado durante quase todo o dia. Encontrámo-nos num motel Embassy Suites, em Arlington. Como havia muitos jornalistas na cidade por causa do julgamento, decidíramos ter cuidados especiais para não sermos vistos juntos.

A Jezzie chegou ao quarto depois de mim. Estava absolutamente sedutora e sexy.

Tinha uma túnica curta, preta, meias com costura e sapatos de salto alto. Pusera um bâton vermelho e rouge escarlata. No cabelo, trazia um pente prateado. Vê se te acalmas, meu coração.

— Tive um almoço importante — disse, à laia de explicação, atirando com os sapatos de salto alto. — Pareço-te de acordo com as regras sociais?

— Bem, sem dúvida que tens um efeito muito positivo nas minhas regras sociais.

— Espera só um minuto, Alex. Um instantinho. — A Jezzie entrou na casa de banho.

Passados uns minutos, espreitou para fora. Eu estava na cama. A tensão do meu corpo escoava-se para o colchão. A vida voltava a ser uma festa.

— Vamos tomar banho, queres? Para limpar o pó da estrada — disse a Jezzie.

— Isto não é pó — retorqui. — Sou eu que sou assim. Levantei-me e entrei na casa de banho. A banheira era quadrada e invulgarmente grande, com imensos azulejos lustrosos, azuis e brancos. Todo o conjunto ficava cerca de trinta centímetros mais alto do que a casa de banho. As lindas roupas da Jezzie encontravam-se espalhadas pelo chão.

— Estás com pressa? — perguntei-lhe,

— Estou.

A jezzie enchera a banheira até cima. Umas poucas bolhas de sabão, muito independentes, subiam no ar e rebentavam contra o tecto. Levatavam-se da água fiozinhos de vapor. O aposento cheirava a flores do campo.

A jezzie experimentou a água com as pontas dos dedos. Depois, aproximou-se de mim.

Ainda tinha o pente prateado no cabelo.

— Estou um bocado tensa.

— Já reparei nisso. Reparo sempre nessas coisas.

— Acho que é tempo de me curar.

Era isso. As mãos da jezzie brincaram-me com os botões das calças e, depois, com o fecho de correr. As nossas bocas uniram-se,

primeiro ao de leve e, depois, com mais força.

Ainda estávamos ao lado da banheira cheia de vapor quando, de repente, a jezzie me puxou para dentro de si, me deixou fazer duas ou três investidas rápidas e se afastou novamente. Tinha o rosto, o pescoço e o peito muito afogueados. Por um momento, pensei que se passava alguma coisa. Fiquei surpreendido... chocado... agradado... por entrar nela e sair assim tão rapidamente. Ela estava mesmo tensa. Quase violenta.

— Mas o que é isto? — perguntei.

— Vou ter um ataque de coração — sussurrou a jezzie. — É melhor inventares uma história para a Polícia. Uau, Alex.

Pegou-me na mão e empurrou-me para dentro da banheira. A água estava quente, à temperatura ideal... assim como tudo o resto. Desatamos a rir. Eu ainda tinha as cuecas vestidas, mas o Zé estava espetado e a espreitar em volta. Despi-as.

Acomodámo-nos na banheira de modo a ficarmos de frente um para o outro. Não sei como, a Jezzie pôs-se em cima de mim. Nenhum de nós queria deixar de tocar no outro. Ela inclinou-se para trás e cruzou os braços por detrás da cabeça, observando o meu rosto com uma fascinação curiosa. O seu pescoço e o seu peito estavam a ficar de um vermelho mais carregado.

De repente, as suas pernas compridas ergueram-se da água e prenderam-se à volta da minha cabeça. A Jezzie empurrou-se para a frente umas tantas vezes e ambos explodimos, o corpo dela ficou rígido. Agítámo-nos e gememos muito. A água saltava da banheira.

A Jezzie rodeou-me com os braços... com os braços e com as pernas. Eu encostei-me para trás, com a água a dar-me pelo nariz.

Então, mergulhei. A Jezzie estava em cima de mim. A sensação da proximidade do orgasmo percorreu-me todo o corpo. Estávamos os dois a vir-nos... e eu também a afogar-me.

Ouvi a Jezzie gritar outra vez. Era um som estranho, abafado pela água. O orgasmo chegou precisamente quando eu estava a ficar sem ar. Engoli água e tossi. A Jezzie salvou-me.

Puxou-me para cima e pegou-me no rosto com ambas as mãos. Libertação, abençoada libertação.

Ficamos assim, a abraçar-nos. Cansados, como se dizia noutros tempos. Havia mais água no chão do que na banheira.

Tudo o que eu sabia naquela altura era que estava a apaixonar-me cada vez mais.

Disso, tinha a certeza. O resto da minha vida era só mistério e caos mas, pelo menos, tinha um fio condutor. Tinha a Jezzie.

Fui forçado a ir para casa por volta da uma da manhã. Assim, estaria lá quando os meus filhos se levantassem. A Jezzie compreendeu a situação. Depois do julgamento, poríamos tudo em pratos limpos. A Jezzie queria conhecer melhor a Janelle e o Damon; ambos achávamos que as coisas tinham de ser feitas em condições.

— Já tenho saudades tuas — observou, quando eu me preparava para partir. — Bolas! Não vás. Sei que tens de ir.

Então, tirou o pente prateado do cabelo e meteu-mo na mão.

Saí para a noite, com a sua voz ainda dentro da cabeça. Ao princípio, não vi nada a não ser a escuridão de breu do parque de estacionamento. De repente, apareceram-me dois homens à frente. Num gesto automático, levei a mão ao coldre. Um deles acendeu uma luz fortíssima. O outro tinha uma máquina fotográfica apontada ao meu rosto. A imprensa descobrira-nos, a mim e à Jezzie. Merda! O rapto constituía um acontecimento tão importante que tudo o que com ele se relacionasse era notícia. Desde o princípio que era assim.

Uma mulher nova aproximou-se por trás dos dois homens. Tinha o cabelo preto, comprido e frisado. Parecia fazer parte de uma equipa de filmagens de Nova Iorque ou Los Angeles.

— detetive Alex Cross? — indagou um dos homens, enquanto o companheiro tirava fotografias, iluminando com o flash o escuro parque de estacionamento. — Somos do National Star. Queremos falar consigo, inspector Cross. — Pareceu-me detectar um certo sotaque inglês. O National Star era um tablóide norte-americano, com sede em Miami.

— O que é que isto tem a ver com o que aconteceu? — perguntei ao inglês, dedilhando o pente prateado da Jezzie, que tinha no bolso. — Isto é particular. Não é nenhuma notícia, Ninguém tem nada a ver com o assunto.

— Isso cabe-nos a nós decidir — retorquiu ele. — Mas não sei, importantes conversações entre a Polícia de DC e os Serviços

Secretos... Conversações secretas e não sei que mais.

A mulher já estava a bater à porta do quarto do motel. Falou em voz tão alta como as pancadas metálicas: — National Star! — anunciou.

— Não saias — gritei à Jezzie.

A porta abriu-se e a Jezzie apareceu, vestida dos pés à cabeça. Depois de fitar a mulher do cabelo frisado, e sem se dar ao trabalho de dissimular o desprezo que sentia, comentou: — Devem estar muito orgulhosos. Se não conseguirem o Pulitzer agora, nunca mais o conseguem.

— Ora! — atirou-lhe a jornalista. — Conheço muito bem a Roxanne Pulitzer... e, agora, conheço-vos aos dois.

Toquei ao piano uma rapsódia das canções pop de Kelth Sweat, Bell Biv Devoe, Hammer e Public Enemy. Fiquei no alpendre até cerca das oito da manhã, entretendo o Damon e a Janelle. Era quarta-feira da semana em que eu e a Jezzie tivéramos aquela surpresinha sórdida em Arlington.

A Nana encontrava-se na cozinha, lendo um exemplar do National Star que eu lhe comprara em Acine. Esperava que me chamasse. Como não o fez, parei de martelar o piano, levantei-me e fui ouvir a «música» dela. Antes de ir, disse ao Damon e à Janelle que ficassem quietos: — Deixem-se estar onde estão. Não se mexam.

Como em qualquer outra manhã, a Nana bebia o seu chá. Ainda se viam os restos da torrada e do ovo quente. O jornal estava dobrado em cima da mesa da cozinha. Lido? Por ler?

Nem a sua expressão nem o estado do jornal mo deixavam adivinhar.

— Leu a história? — tive de perguntar.

— Li o suficiente para perceber do que se trata. E também vi a tua fotografia na primeira página — replicou ela. — Deve ser assim que se lê este tipo de jornais. Dantes, admirava-me muito que as pessoas comprassem jornais destes ao domingo, depois de terem ido à igreja.

Sentei-me à mesa, de frente para ela, e fui atravessado por uma poderosa onda de sensações e memórias antigas. Já ouvira tantos sermões daqueles no nosso passado em comum.

A Nana pegou num pedacinho de torrada e mergulhou-o no doce. Se as aves comessem como os homens, comeriam como a Nana Mama, que é, realmente, um espectáculo!

— Ela é uma branca bonita e, sem dúvida, muito interessante. Tu és um preto muito elegante e, às vezes, tens a cabeça no seu lugar. Há muita gente que não gosta desta ideia, deste filme. Isso não te admira, pois não?

— E a Nana? Gosta? — perguntei-lhe.

A Nana Mama suspirou muito baixinho e pousou a chávena, que fez tlim.

— Olha, Alex, não sei os termos clínicos destas coisas, mas acho que nunca ultrapassaste a perda da tua mãe. Vi isso quando eras rapazinho e parece-me que ainda o vejo algumas vezes.

Se quer saber, chama-se síndrome de stress pós-traumático — informei-a.

Ao ver refugiar-me na linguagem técnica, a Nana sorriu. Já assistira muitas vezes ao mesmo filme.

— Não faço juízos quanto ao que te aconteceu, mas a verdade é que ficaste afectado e que isso se nota desde que chegaste aqui a Washington. Também reparei que nem sempre eras igual a toda a gente. Não como alguns miúdos. Fazias desporto, roubavas nas lojas com o teu amigo Sampson e mostravas-te sempre muito duro, mas também lias e eras moderadamente sensível. Percebes? Talvez tivesses criado uma carapaça por fora, mas não por dentro.

Nem sempre concordava já com as conclusões da Nana, mas as suas observações continuavam muito pertinentes. Realmente, em criança, não me encaixara bem na zona sudeste de DC, mas sabia que melhorara muito. Agora, já era bem aceite... na qualidade de detetive/doutor Cross.

— Não queria magoá-la nem desiludi-la com isto — observei, voltando ao assunto da história do jornal.

Não estou desapontada contigo — replicou a minha avó. — Tu és o meu orgulho, Alex.

Dás-me uma felicidade imensa em quase todos os dias da minha vida. Vejo-te com os miúdos, assisto a todo o trabalho que fazes neste bairro, sei que enches uma velha de mimos...

— Aí é que me custa mesmo — interrompi. — Mas voltemos ao artigo do jornal: as coisas vão ficar impossíveis durante aí uma semana. Depois, ninguém vai querer saber.

A Nana abanou a cabeça, sem desalinhar um único fio do seu pequeno chapéu de cabelo branco:

— Vai querer saber, vai. Há pessoas que se hão-de lembrar disto para o resto da tua vida. Como se costuma dizer: para fazer mal, mais vale não fazer nada.

— O que é que eu fiz de mal? — perguntei-lhe.

A Nana Juntou as migalhas da torrada com as costas da faca: — Isso és tu quem tem de saber. Porque é que tu e a Jezzie Flanagan andam a esgueirar-se pelos cantos se não têm nada a esconder? Se gostas dela, gostas dela, pronto.

Gostas dela, Alex?

Não lhe respondi imediatamente. Claro que amava a Jezzie. Mas quanto? Para onde ia aquele amor? E teria de ir para algum lado?

— Não tenho a certeza, pelo menos da maneira que pensa. É isso que andamos a tentar descobrir. Ambos sabemos as consequências do que estamos a fazer.

— Se tens a certeza de que gostas dela, então eu também gosto continuou a minha avó — porque gosto muito de ti. O problema é que queres pintar numa tela muito grande. Às vezes, és inteligente demais. E sabes ser muito especial... segundo os critérios do mundo branco.

— E é por isso que gosta tanto de mim — brinquei.

— Essa é só uma das razões, rapaz.

Eu e a minha avó abraçámo-nos durante muito tempo à mesa do pequeno-almoço. Eu sou grande e forte; a Nana é pequenina e frágil, mas tão forte como eu. Pareciam os velhos tempos, nunca crescemos completamente quando estamos com os nossos pais ou com os nossos avós. E de certeza que não, perto da Nana Mama.

— Obrigado, velha — agradei.

— Com muito orgulho. — Como de costume, a última palavra foi dela.

Nessa manhã, liguei várias vezes para a jezzie, mas ou ela não estava em casa ou não queria atender o telefone. O atendedor automático de chamadas também não estava ligado.

Pensei na nossa noite em Arlington. Ela estava tão tensa! E isto mesmo antes da chegada do National Star.

Pensei em ir de carro até ao seu apartamento, mas mudei de ideias. Não nos faziam falta nenhuma mais fotografias e artigos de jornal enquanto se desenrolasse o julgamento.

Nesse dia, ninguém falou muito comigo no trabalho, o que me tirou todas as dúvidas quanto aos estragos que eu fizera. Metera mesmo a pata na poça!

Fui para o meu gabinete e sentei-me sozinho a tomar café e a olhar para as paredes, que estavam cobertas de «pistas» do rapto. Começava a sentir-me culpado, revoltado e furioso. Apetecia-me meter-me nos copos o que, de facto, fizera uma ou duas vezes depois de a Maria morrer.

Encontrava-me sentado à minha secretária governamental e metálica, de costas para a porta, olhando para uma folha com a programação do meu trabalho para essa semana; mas, de facto, não via nada.

Estás nisto sozinho, filho da mãe — ouvi o Sampson dizer atrás de mim. — Desta vez, estás sozinho... completamente frito.

— Não achas que estás a exagerar? — indaguei, sem me voltar para ele.

— Achei que havias de falar quando quisesses — continuou o Sampson. — Sabias muito bem que eu sabia o que se passava.

Umas poucas marcas da chávena de café impressas na folha de papel atraíram-me o olhar. O efeito Browning? Então? Ultimamente, a memória andava a falhar-me... assim como tudo o mais.

Por fim, virei-me e fitei-o. O Sampson envergava umas calças de couro, um chapéu e uma camisola interior preta, de nylon. Os seus óculos escuros escondiam-lhe bem a expressão. No fundo, tentava ser amável e compreensivo.

— O que achas que se está a passar agora? — perguntei. — o que é que se diz por aí?

— Ninguém anda muito contente com o rumo que a merda do caso do rapto está a tomar. Não vêm muitas vivas lá de cima. Desconfio que andam a fazer uma lista de cordeiros para sacrificar. E tu és um deles, não tenhas dúvidas.

— E a jezzie? — inquiri. Mas já sabia a resposta.

— Também, por associação com pretos conhecidos. Suponho que ainda não sabes?...

— O quê?

Sampson soltou a respiração e contou-me a última novidade: — A Jezzie entrou de licença... ou, então, deixou os Serviços Secretos. Foi há cerca de uma hora, Alex. Ninguém sabe se ela saltou ou se foi empurrada.

Telefonei imediatamente para o escritório da jezzie. A secretária respondeu-me que «saíra». Liguei para o seu apartamento. Ninguém atendeu.

Por isso, fui de carro até casa dela, infringindo de caminho uma série de regras de trânsito relativas à velocidade. Derek McGinty falava na estação de rádio WAMU. Gosto do som da voz de Derek, mesmo quando não estou a ouvir as palavras.

Não estava ninguém em casa da Jezzie e também não havia fotografos escondidos por ali. Pensei em ir à casinha do lago mas, primeiro, telefonei para a Carolina do Norte de uma cabina ali da rua. A telefonista disse-me que o número fora desligado.

— Há quanto tempo? — perguntei, com voz surpreendida. Ainda ontem à noite falei para este número.

— Esta manhã — informou a telefonista. — o número foi desligado hoje de manhã.

A Jezzie desaparecera.

O veredicto do julgamento do Soneji Murphy estava prestes a sair, mais dia menos dia.

O júri retirou-se a 11 de Novembro e voltou ao fim de três dias; multiplicavam-se os boatos de que os jurados não haviam chegado a nenhum consenso quanto à culpa ou à inocência do acusado. Parecia que o mundo inteiro estava à espera.

Nessa manhã, o Sampson foi-me buscar e seguimos juntos para o tribunal. Depois do frio que pressagiava o Inverno, o tempo voltara a ficar quente.

Ao aproximarmo-nos da Indiana Avenue, pensei na Jezzie. Há uma semana que a não via. Apareceria no tribunal para ouvir o veredicto? A Jezzie tinha-me telefonado a dizer que estava na Carolina do Norte. Fora tudo. Ou seja, estava outra vez sozinho... e não gostava.

Não a vi à porta do tribunal, mas dei com os olhos em Anthony Nathan, que saía de um grande Mercedes prateado. Era o seu grande momento. Os jornalistas abafaram-no, mais pareciam pássaros da cidade sobre migalhas de pão duro.

Os repórteres dos jornais e da televisão tentaram apanhar-nos antes de conseguirmos escapulir-nos pelas escadas do tribunal acima. Nem eu nem Sampson estávamos muito interessados em voltar a ser entrevistados.

— Doutor Cross! Doutor Cross, por favor — chamou alguém. Reconheci a voz aguda da jornalista de uma televisão local.

Fomos obrigados a parar. Tínhamos jornalistas à frente e atrás de nós. Cantorolou «Nowhere to Run», de Martha e os Vandells.

— O doutor Cross, acha que o seu testemunho vai favorecer Gary Murphy que, sem querer, pode tê-lo ajudado a livrar-se da acusação e assassínio?

Por fim, alguma coisa estalou dentro de mim: — Estamos muito felizes por nos encontrarmos aqui no Grande Jogo — repliquei, olhando bem de frente para a luz intensa das câmaras. — O Alex Cross agradece a Deus Todo-Poderoso a oportunidade de jogar a este nível. — Inclinando-me para o jornalista que me pusera a questão: — Percebe o que estou a dizer? Já está esclarecido? O Sampson sorriu e acrescentou:

— Quanto a mim, continuo aberto a achegas lucrativas nas categorias sapatos de ténis e bebidas leves.

Depois, continuamos a subir a íngreme escadaria de pedra e entramos no tribunal federal.

Quando eu e o Sampson chegamos ao cavernoso átrio do tribunal, deparou-se-nos um nível de ruído suficiente para nos dar cabo dos tímpanos. Toda a gente se empurrava e se agitava impacientemente, mas de um modo civilizado, assim como as pessoas em traje de noite nos empurram as costas no Centro Kennedy.

O julgamento do Soneji Murphy não era o primeiro no qual o ponto forte da defesa era a personalidade múltipla. Mas era, de longe, o caso mais célebre, pois levantara questões emocionais sobre culpa e inocência, e estas deixavam o veredicto em dúvida... Se o Gary Murphy estava inocente, como podia ser condenado por

rapto e assassínio? O seu advogado semeara esta dúvida nas nossas cabeças.

Lá em cima, tornei a ver Nathan, que concretizara todas as suas esperanças com a alegação que fizera em tribunal.

— Há, claramente, duas personalidades que se debatem na cabeça do acusado -

declarara aos jurados, durante a sua defesa. — Uma delas está tão inocente como vós. Não podeis condenar Gary Murphy por rapto ou assassínio. Gary Murphy é um bom homem. Gary Murphy é marido e pai. Gary Murphy está inocente. Era um problema difícil, um dilema para os jurados. Gary Soneji Murphy seria um sociopata brilhante e terrível? Estaria consciente e controlaria as suas acções? Teria havido algum «cúmplice» do rapto e do assassínio de, pelo menos, uma criança? Ou ele teria feito tudo sozinho desde o início?

Ninguém sabia a verdade, excepto talvez o próprio Gary. Os especialistas de psicologia não sabiam. A Polícia também não. Idem para a imprensa. E idem para mim.

Como iria o júri, constituído por «iguais» de Gary, decidir?

O primeiro acontecimento da manhã deu-se quando o Gary foi levado para a sala de audiências, barulhenta e apinhada de gente. O réu envergava um fato azul e, como de costume, apresentava-se com o seu ar muito arranjadinho e arrapazado. O seu aspecto era o de um bancário de uma cidade pequena, e não o de uma pessoa acusada de rapto e assassínio.

OuvIU-se um princípio de aplausos, que provavam que até os raptos têm seguidores nos tempos que correm. Não havia dúvidas de que o julgamento atraía a sua quota-parte de anormais e doentes mentais.

— Quem disse que a América já não tem heróis? — comentou o Sampson. — Gostam deste doido. Vê-se-lhes nos olhos pequenos e brilhantes. É o novo Charlie Manson, melhorado... em vez de um guerreiro hippie ou yuppie.

— O Filho de Lindbergh — lembrei ao Sampson. — Era assim que ele queria que tudo acontecesse? Isto fará parte do seu plano de mestre em direcção à glória?

O júri entrou em fila na sala de audiências. Os seus membros mostravam um ar desorientado e insuportavelmente tenso. O que teriam decidido depois de, provavelmente, haverem passado grande parte da noite anterior a discutir?

Quando os jurados estavam a entrar um a um no espaço de mogno escuro destinado ao Júri, um deles tropeçou, caiu com um joelho em terra e fez parar a procissão que vinha atrás. Esse breve momento pareceu sublinhar a fragilidade humana de todo o julgamento.

Olhei de relance para o Soneji Murphy e fiquei com a impressão de ver um sorriso fugaz atravessar-lhe os lábios. Acabaria eu de testemunhar uma ligeira escorregadela? Que pensamentos andariam às voltas na sua cabeça naquele momento? De que veredicto estaria à espera?

De qualquer forma, a personalidade conhecida por Gary Soneji, o Mau Rapaz, teria apreciado a ironia daquele momento. Já estava tudo pronto. Uma representação soberba com ele no palco. Independentemente de tudo o resto, aquele era o grande dia da sua vida. Quero ser alguém!»

— O júri chegou a um veredicto? — perguntou a juíza Kaplan, quando já estavam sentados.

Passaram à Juíza um pequeno pedaço de papel dobrado, que esta leu com uma expressão inalterável e fez devolver ao porta-voz do júri. Era o procedimento normal.

O porta-voz, que permanecera de pé, começou a falar em voz clara, mas trémula. Era um funcionário dos correios, de nome James Heekin. Tinha cinquenta e cinco anos e uma cor rosada, quase avermelhada) que sugerir hipertensão arterial ou talvez resultasse apenas do stress do julgamento.

James Heekin proclamou:

— Relativamente às duas acusações de rapto, declaramos o réu culpado. Relativamente à acusação de assassinio de Michael Goldberg, declaramos o réu culpado. — James Heekin pronunciou sempre réu, e nunca o nome Murphy.

Foi o caos na sala de audiências. O barulho ensurdecedor ecoava nos pilares de pedra e nas paredes de mármore. Os jornalistas precipitavam-se para os telefones do corredor.

Mary Warner era vivamente cumprimentada pelos seus jovens assistentes. Anthony Nathan e a sua equipa deixaram rapidamente a sala, evitando qualquer tipo de pergunta.

Houve um momento extremamente pungente em frente à sala de audiências: quando o Gary estava a ser levado pelos guardas prisionais, a sua mulher, Missy, e a filha, Roni, correram para ele. Então, abraçaram-se os três com muita força e soluçaram abertamente.

Eu nunca vira o Gary chorar. Se era outra representação, não podia ser mais brilhante.

A farsa, se de farsa se tratava, era inteiramente credível.

Só consegui despregar os olhos dele quando dois guardas prisionais o acompanharam para fora da sala.

Se estivera a representar, não dera um único passo em falso. Parecera completamente esquecido de tudo, excepto da mulher e da filha. Nem uma só vez passeara o olhar pela sala de audiências, para ver se tinha espectadores.

Representara tudo na perfeição.

Ou seria Gary Murphy um inocente que acabava de ser condenado por rapto e homicídio?

— Pressure, pressure — cantava jezzie, acompanhando a música muito alta que lhe ia dentro da cabeça.

A pele parecia apertar-se-lhe contra a testa à medida que descia os meandros da estrada de montanha, com precaução ou medo, inclinando-se a cada curva, mas mantendo a potente moto em quarta. Os abetos, os seixos e os velhos fios de telefone que ia deixando para trás a toda a velocidade mais não eram do que borrões na paisagem. Tudo era impreciso. Parecia-lhe que passara mais de um ano ou, talvez, toda a vida, em queda livre. Ia explodir em breve.

Ninguém sabia como era andar numa tensão constante durante tanto tempo. Até em criança tivera sempre medo de cometer um único erro, com receio de que a mãe e o pai deixassem de gostar dela, se não fosse perfeita.

A Jezzie perfeitinha...

O pai costumava dizer-lhe quase todos os dias que «não chega ser-se bom» e que «o bom é inimigo da perfeição». Assim, fora uma

aluna calculista, de vintes, Miss Popularidade, e das melhores em tudo o que fazia. Havia uns anos atrás, Billy Joel gravara uma canção chamada Pressure», que dava uma ideia do que sentia em todos os dias da sua vida. Tinha de acabar com aquilo e, naquele momento, talvez soubesse como.

Ao aproximar-se da casa do lago, Jezzie reduziu para terceira. As luzes estavam acesas. De resto, tudo o que rodeava o lago parecia estar em paz. A água assemelhava-se a uma mesa preta e lustrosa que se fundia nas montanhas. Mas as luzes estavam acesas, e ela deixara-as apagadas.

Jezzie saltou da moto e entrou rapidamente em casa. A porta da frente estava aberta.

Não se encontrava ninguém na sala de estar.

— Está cá alguém? — chamou.

Foi ver à cozinha e aos dois quartos. Ninguém. Só as luzes acesas indicavam que alguém estivera nos quartos.

— Ei, quem está aí?

A porta da cozinha não estava fechada à chave. Jezzie saiu e desceu para a doca.

Nada. Ninguém. Da esquerda, chegou-lhe o bater repentino de uma asa. Várias asas começaram a abrir-se e a fechar-se mesmo acima da superfície da água. Jezzie foi até à extremidade da doca e suspirou profundamente. Ainda tinha na cabeça a canção de Billy Joel.

Trocista e mordaz. Pressure. Pressure. Sentia-a em cada polegada do corpo.

Então, alguém a agarrou. Uns braços extremamente fortes envolveram Jezzie como um torno. Sufocou um grito.

Sentiu que lhe punham qualquer coisa na boca.

Puxou uma fumaça e reconheceu o sabor dos Colombian Gold. Que bom! Puxou uma segunda fumaça e descontraíu-se um pouco nos braços que a rodeavam.

— Tenho sentido a tua falta — ouviu uma voz dizer. Billy Joel berrava-lhe dentro da cabeça.

— O que é que fazes aqui? — perguntou por fim.

Quinta Parte

A SEGUNDA INVESTIGAÇÃO

Maggie Rose achava-se outra vez na escuridão.

Via sombras à sua volta. Sabia o que eram, onde estava e até porquê.

Pensou outra vez em fugir, mas o aviso veio-lhe à cabeça. Sempre o aviso: «Se tentares fugir, não serás morta, Maggie. Isso seria bom demais. Vais é outra vez para debaixo da terra, para o teu tumultozinho. Por isso, não tentes fugir, Maggie Rose. Nem penses nisso.»

Começava a esquecer-se de tanta coisa! Às vezes, nem sequer se lembrava de quem era. Tudo aquilo parecia um sonho mau, ou um conjunto de pesadelos, uns atrás dos outros.

Maggie Rose pensava se a mãe e o pai ainda andariam à sua procura. Porque o fariam? Sabia que já tinha sido raptada há muito tempo. O senhor Soneji levava-a do externato, mas nunca mais voltara a vê-lo. Só havia o aviso.

Às vezes, pensava que era só a personagem de uma história que inventara.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Já não estava muito escuro. O dia nascia. Não ia tentar fugir. Odiava aquele lugar, mas não queria voltar para debaixo da terra.

Maggie Rose sabia o que eram as sombras. Eram crianças.

Todas no mesmo quarto da casa. Da qual não havia fuga possível.

A Jezzie regressou a Washington na semana seguinte ao fim do julgamento. Era uma boa altura para começar. Por mim, estava pronto, Meu Deus, como estava pronto para levar a vida por diante!

Faláramos um pouco ao telefone sobre o seu estado de espírito. Não conversáramos muito, mas a Jezzie dissera-me uma coisa: que era realmente estranho ter investido tanto na sua carreira para, agora, não estar preocupada com ela.

Eu tivera mais saudades dela do que pensava ser possível. A sua imagem não me saía do pensamento enquanto investigava o

homicídio de duas crianças de treze anos e examinava um par de sapatos de ténis. Eu e o Sampson apanhamos o assassino, um rapaz de quinze anos. Nessa mesma semana, tinham-me oferecido o lugar de coordenador entre o departamento da Polícia de DC e o FBI. Era um emprego mais bem pago e mais importante do que o meu, mas recusara-o logo, pois representava uma maneira de Carl Monroe me comprar. Não, obrigado.

À noite, não conseguia dormir. Ainda tinha dentro da cabeça a tempestade que se manifestara logo no primeiro dia do rapto. Não lograva deixar de pensar na Maggie Rose Dune. Não podia desistir do caso... não podia ser. Via fosse o que fosse que passasse na ESPN, por vezes às três ou quatro da manhã, e fazia de Alex, o Psicólogo, no velho atrelado de Santo António. Eu e o Sampson bebemos juntos umas grades de cerveja e, depois, fomos desmoê-las para o ginásio. Entretanto, passamos muitas horas a trabalhar.

Fui até ao apartamento da Jezzie no dia em que ela voltou. No caminho, ouvi outra vez Derek McGirity no WAMU. O meu irmão da rádio. A sua voz acalmava o meu nervosismo.

Uma vez até telefonara para o seu programa nocturno. Disfarçara a voz e falara da Maria, dos pequenos e da angústia em que me encontrava havia muito tempo.

Quando a Jezzie me abriu a porta, fiquei espantado com o seu aspecto. Deixara o cabelo crescer e ganhar volume, de modo que se assemelhava a uma aberta de sol por entre as nuvens. Estava queimada e com um ar tão saudável como o de um salva-vidas californiano em Agosto. Parecia que nada podia correr mal na sua vida.

— Tens um aspecto muito descansado — disse-lhe. De facto, estava um tanto sentido, pois ela desaparecera antes do fim do julgamento, sem despedidas nem explicações. Isso dir-me-ia alguma coisa acerca da sua maneira de ser?

A Jezzie sempre fora esbelta, mas estava mais magra e flexível. As olheiras que tantas vezes se lhe notavam durante a investigação do rapto haviam desaparecido. Envergava uns calções de sarja e uma t-shirt velha, que dizia:

SE NÃO PODES OFUSCÁ-LOS COM O TEU BRILHO,
DESCONCERTA-OS COM DISPARATES.

Mas ela estava perfeitamente ofuscante. Sorriu docemente: — Sinto-me muito melhor, Alex. Acho que estou quase em paz. Saiu para o alpendre e para os meus braços, e também eu me senti um pouco em paz. Quando a abracei, pensei que, durante algum tempo, estivera sozinho num planeta estranho, numa árida paisagem lunar, e que dependera de mim encontrar alguém a quem voltasse a amar.

— Conta-me tudo o que aconteceu. Como é sair da terra? — indaguei. O cabelo dela cheirava tanto a fresco, a lavado! Tudo nela parecia novo e arejado.

— É mesmo muito bom. Desde os dezasseis anos que não passava uns tempos sem trabalhar. Nos primeiros dias, sentime assustada mas, depois, foi óptimo — respondeu, com a cabeça ainda enterrada no meu peito. — Só tive saudades de uma coisa — sussurrou. — Queria muito que estivesses comigo. Se isto te parece antiquado, paciência!

Como eu queria ouvir aquilo! — Se me tivesses chamado...

— Eu precisava que fosse assim. Tinha de pensar muito. Não telefonei a mais ninguém, Alex, a mais ninguém. Descobri muito sobre mim própria Talvez até tenha descoberto quem é realmente a Jezzie Flanagan.

Levantei-lhe o queixo e mergulhei os meus olhos nos dela: — Conta-me o que descobriste. Diz-me quem é a Jezzie.

De braço dado, entramos em casa.

Mas a Jezzie não me falou muito de quem era nem do que descobrira na casa do lago.

Em vez disso, caímos em hábitos antigos que, tenho de admitir, me haviam feito falta. Ela ainda gostaria de mim? Teria querido mesmo regressar a DC? Precisava de um sinal dela.

A Jezzie começou a desabotoar-me a camisa, e eu nem por sombras pensei em impedi-la de o fazer.

— Senti tanto a tua falta! — murmurou contra o meu peito. — Tiveste saudades minhas, Alex?

Não pude deixar de sorrir. O meu estado físico era a resposta óbvia à sua pergunta: — O que é que achas? Vê lá se adivinhas.

Perdemos um pouco as estribeiras -nessa tarde. Fez-me lembrar a noite em que o National Star aparecera à porta do nosso quarto, no motel. A Jezzie estava, sem dúvida, mais magra, mais flexível, e

já se achava em muito boa forma antes de partir. Além disso, tinha o corpo todo queimado por igual.

— Quem é mais escuro? — perguntei-lhe, rindo.

— Eu, sem dúvida. Escura como uma amora, como se diz no lago.

— Estás a ofuscar-me com o teu brilho — afirmei-lhe.

— Há, há. Por quanto tempo é que vamos continuar a falar e a olhar sem nos tocarmos?

Queres desapertar os outros botões da tua camisa, por favor?

— Isso excita-te? — indaguei, um tanto engasgado.

— Há, há. Aliás, podes despir a camisa.

— Mas ias dizer-me quem és e o que descobriste no teu retiro lembrei-lhe. Confessor e amante. Um conceito sexy por si próprio.

— Se quiseses, podes beijar-me, Alex. Consegues beijar-me tocando-me só com os lábios?

— Hum, não sei bem. Deixa-me virar um pouco para este lado... e para aquele. Por falar nisso, estás a tentar fazer com que eu me cale?

— Porque havia de o fazer, doutor detetive?

Atirei-me novamente ao trabalho. Prometera a mim mesmo que havia de resolver o caso do rapto. O Cavaleiro Negro não seria vencido. Uma noite horrível, fria e chuvosa, fui sozinho visitar mais uma vez a Nina Cerisier, que continuava a ser a única pessoa que vira o cúmplice» de Gary Soneji. De qualquer forma, encontrava-me no bairro. Ótimo.

Por que estava eu em Langley Terrace, à noite, a apanhar aquela chuva fria e miudinha? Porque me tornara um caso patológico que não conseguia obter informações suficientes sobre o rapto levado a cabo dezoito meses antes. Porque era um perfeccionista havia, pelo menos, trinta anos. Porque precisava de saber o que acontecera realmente à Maggie Rose Dune. Porque não me conseguia furtar ao olhar de Mustaf Sanders. Porque queria saber a verdade sobre o Soneji Murphy. Pelo menos, era o que dizia constantemente a mim próprio.

Glory Cerisier não ficou muito contente por me ver acampado à sua entrada. Já estava no alpendre havia dez minutos quando, por

fim, me abriu a porta. Tinha batido à porta amolgada de alumínio uma meia dúzia de vezes.

— Detetive Cross, já é tarde, sabe? Não podem deixar-nos levar as nossas vidas em paz? — perguntou, quando abriu a porta. — já é difícil para nós esquecer os Sanders. Não precisamos que nos venham cá lembrar isso constantemente.

— Eu sei que não — concordei com a mulher alta, de quarenta e muitos anos, que me fitava com os seus olhos amendoados. Eram uns olhos belos, num rosto não muito bonito. -

Mas são casos de assassinio, Mrs. Cerisier, crimes terríveis.

— O homicida já foi apanhado — replicou ela. — Sabe disso, detetive Cross? Sabe? Lê os jornais?

Senti-me muito mal por estar ali outra vez. Creio que ela desconfiava de que eu era maluco. Uma senhora esperta.

— Valha-me Deus! — Abanei a cabeça e ri alto. — Sabe, tem toda a razão. É que estou muito chateado. Desculpe, desculpe mesmo.

As minhas palavras apanharam-na de surpresa, e Glory Cerisier sorriu-me amavelmente, mostrando os dentes inclinados para a frente, num riso que, por vezes, é frequente nos bairros pobres.

— Ofereça um café a este pobre preto — pedi. — Sou maluco mas, pelo menos, sei-o.

Convide-me a entrar.

— Está bem, está bem. Então entre, detetive. Podemos falar mais uma vez. Mas é a última.

— É a última — repeti. Conseguira quebrar o gelo, dizendo-lhe simplesmente a verdade sobre mim próprio.

Bebemos um café instantâneo, muito mau, na sua cozinha minúscula. Na verdade, ela adorava falar. Glory Cerisier fez-me todo o tipo de perguntas sobre o julgamento. Quis saber como era aparecer na televisão. Tal como muitas pessoas, mostrou-se curiosa acerca da actriz Katherine Rose. Glory Cerisier até tinha a sua teoria pessoal sobre o rapto.

— Não foi aquele Gary Soneji, ou Murphy, ou lá como se chama. Alguém montou tudo para o incriminar — disse, rindo-se. Supus que achava engraçado estar a contar as suas ideias malucas a um polícia maluco.

— Faça-me a vontade só mais uma vez — pedi, abordando finalmente o assunto que ali me levara. — Conte-me o que a Nina disse que viu naquela noite. Conte-me tudo aquilo de que se lembrar.

— Porque faz isto a si próprio? — quis Glory saber primeiro. Porque está aqui às dez da noite?

— Não sei, Glory, — Encolhi os ombros e bebi mais um pouco daquele café horrível. -

Talvez porque preciso de saber a razão de me terem escolhido em Miami. Não tenho a certeza.

— O rapto dos pequenos pô-lo maluco, não foi?

— Foi. Pôs-me maluco. Conte-me outra vez o que a Nina viu. Fale-me do homem que estava no carro com o Gary Soneji.

— Desde pequena que a Nina gosta muito de se sentar na janela das nossas escadas — começou Glory a narrar novamente a história. — É a janela da Nina para o mundo. Sempre foi assim. Costuma enroscar-se lá a ler ou a fazer festas aos gatos. Às vezes, fica só a olhar para o vazio. Estava lá na janela, quando viu esse tal branco, o Gary Soneji. Há poucos brancos por aqui. Só pretos e, às vezes, uns sul-americanos. Por isso, chamou-lhe a atenção. Quanto mais olhava para ele, mais estranho aquilo lhe parecia... como ela própria lhe disse. Ele estava a vigiar a casa dos Sanders. Assim como se estivesse a espiar a casa, E o outro homem, o do carro, vigiava-o enquanto ele vigiava a casa.

Bingo! A minha cabeça cansada e sobrecarregada conseguira apanhar a chave do que ela dissera.

Glory Cerisier estava embalada, mas eu interrompi-a: — A senhora disse que o homem do carro vigiava o Gary Soneji. Disse que o vigiava.

— Pois disse, não foi? Já me esqueci. A Nina contou-me que os homens estavam juntos, assim como uma equipa de vendedores. Sabe, da maneira como, às vezes, percorrem uma rua. Mas, depois, disse-me que o homem do carro vigiava o outro. Acho que foi isso. Tenho quase a certeza. Deixe-me ir chamar a Nina. Já não tenho bem a certeza.

Dali a pouco, encontrávamo-nos os três sentados a conversar. Mrs. Cerisier ajudou-me e, finalmente, a Nina mostrou mais vontade

de colaborar. Sim, tinha a certeza de que o homem do carro andava a vigiar o Gary Soneji, o homem não estava com o Soneji. Nina Ceriesier lembrava-se bem de ter visto o homem do carro vigiando o outro homem.

Não sabia se o homem que o vigiava era preto ou branco. Não o mencionara antes porque não lhe parecera importante e porque a Polícia lhe teria feito ainda mais perguntas.

Como muitos miúdos da zona sudeste, a Nina odiava a Polícia e tinha medo dela.

O homem do carro vigiava o Gary Soneji.

Afinal, talvez não tivesse havido nenhum «cúmplice», mas alguém que vigiava o Gary Soneji enquanto ele procurava potenciais vítimas de homicídio. Quem seria?

Autorizaram-me a visitar o Soneji Murphy, mas só no que dizia respeito à investigação sobre o homicídio dos Sanders e dos Turner. Ou seja, eu podia falar com ele sobre crimes que, provavelmente, nunca iriam a tribunal, mas não acerca de um caso que, possivelmente, permaneceria por resolver. É por essas e por outras que há coisas que nunca se sabem...

Eu tinha um amigo em Fallston, onde o Gary estava preso. Conhecia o Wallace Hart, chefe de psiquiatria em Fallston, desde que entrara para a Polícia de DC. O Wallace esperava-me no vestíbulo do velho estabelecimento prisional.

— Gosto deste tipo de atenção pessoal — disse, estendendo-lhe a mão. — Claro que é a primeira vez que tenho alguma.

— Agora, és uma celebridade, Alex. Vi-te na televisão.

O Wallace é baixinho, preto, tem um ar académico e usa uns óculos redondos, de garrafa, e fatos azuis e largos. Faz lembrar um cruzamento de George Washington Carver com Woody Allen. Parece preto e judeu.

— O que pensas do Gary até agora? — perguntei ao Wallace, quando tomávamos o elevador para o piso de segurança máxima. É um preso modelo?

— Sempre tive um fraquinho por psicopatas, Alex. São eles que dão interesse às coisas.

Imagina a vida sem os maus... Muito chata!

— Suponho que não engoles aquela da personalidade múltipla, pois não?

— Acho que é uma possibilidade, mas muito ténue. Seja como for, nele, o mau é muito mau. Até me admira como se deixou apanhar.

— Queres ouvir uma teoria de vão de escada? — indaguei. — Foi o Gary Murphy que apanhou o Soneji. Como não podia com o Soneji, entregou-o.

O Wallace riu-se. Tinha um sorriso e uns dentes muito grandes para um rosto tão pequeno:

— Alex, adoro as tuas maluquices, mas engoles mesmo essa de um lado entregar o outro?

— Não. Só queria ver se tu engolias. Começo a pensar que todo ele é doente mental, mas preciso de saber a quanto monta esse «todo». — Quando tivemos aquelas sessões, observei nele uma personalidade paranóica.

— Concorro. Ele é desconfiado, exigente, arrogante e impulsivo. Como te disse, adoro o gajo.

Fiquei um tanto chocado quando, por fim, vi o Gary. Os seus olhos pareciam metidos para dentro e tinham círculos vermelhos à volta, como se estivesse com uma conjuntivite.

Tinha a pele do rosto repuxada. Perdera muito peso (aí uns quinze quilos), sem esquecer que já antes era magro e atlético.

— Pronto, ando um tanto deprimido. Olá, senhor doutor — disse-me, quando me viu do seu beliche. Era outra vez o Gary Murphy. Pelo menos, assim parecia.

— Olá, Gary — saudei. — Não consegui ficar longe muito tempo.

— Há muito que não me visita. Deve querer alguma coisa. Deixe-me ver se adivinho: está a escrever um livro sobre mim. Quer ser a próxima Anne Rule?

Abanei a cabeça:

Já há muito que queria vir cá, mas precisei de uma ordem do tribunal. Vim por causa dos assassínios dos Sanders e dos Turner.

— A sério? — Parecia resignado e tinha um ar indiferente e passivo. Vi o seu aspecto e não me agradou. Talvez a personalidade dele estivesse à beira da desintegração total.

— Na verdade, só estou autorizado a falar-te dos assassínios dos Sanders e dos Turner, porque só eles recaem sob a minha alçada. Mas podemos falar da Vivian Kim, se quiseres.

— Então, não temos muito que dizer. Não sei nada desses assassínios. Nem li nada nos jornais, juro pela vida da minha filha. Pode ser que o nosso amigo Soneji saiba, mas eu não, Alex. — Nessa altura, parecia sentir-se muito bem ao chamar-me Alex. É bom saber que se pode fazer amigos seja onde for.

— O teu advogado deve ter-te explicado os homicídios. Podes voltar a ser julgado este ano.

— Não quero mais advogados. E não tenho nada a ver com isso. Além do mais, esses casos nunca chegarão a ser julgados. Sai muito caro.

— Gary — comecei, falando-lhe como a um doente meu —, gostava de te hipnotizar outra vez. Se eu conseguir autorização, assinas a papelada toda? É importante para mim falar com o Soneji. Deixa-me tentar falar com ele.

Gary Murphy sorriu e abanou a cabeça. Por fim, assentiu: — Na verdade, também eu gostava de falar com ele. Se pudesse, matava-o. Matava o Soneji... tal como se suspeita de que matei essa gente toda.

À tardinha, fui falar com Mike Devine, antigo agente dos Serviços Secretos. Devine fora um dos dois agentes encarregues da segurança do secretário Goldberg e da sua família.

Queria conversar com ele sobre a teoria do «cúmplice».

Mike Devine aposentara-se voluntariamente cerca de um mês depois do rapto. Como ainda andava na casa dos quarenta, supus que fora posto fora do emprego. Falamos umas duas horas na sua varanda de pedra, de onde se via o Potomac.

Era um apartamento de bom gosto e elegante para um homem agora solteiro. Devine estava bronzado e parecia descansado. Constituíra um dos melhores anúncios que eu já vira para deixarmos a Polícia enquanto podemos.

Fazia-me lembrar um pouco Travis McGee, dos romances de John MacDonald. Era bem constituído e o seu rosto transpirava personalidade. Ia sair-se bem no mundo dos aposentados precoces,

com o seu ar de herói de filmes, o cabelo castanho cheio de caracóis, o sorriso fácil, a abundância de histórias.

— Sabe, eu e o meu companheiro fomos obrigados a sair — Confessou Devine, bebendo a sua cerveja Corona. — Acontece uma merda que se transforma na Terceira Guerra Mundial e passamos os dois à história nos Serviços Secretos. Aliás, a nossa chefe não se interessou muito por nós.

— Era um caso público. Suponho que tinha de haver heróis e Vilões. Com uma cerveja fria, eu sabia ser tão filosófico como qualquer um.

— Se calhar, é melhor — matutou Mike Devine. — Alguma vez pensou em começar de novo, em fazer outra coisa enquanto ainda tem forças para isso? Antes de ser atacado pela doença de Alzheimer?

— Já pensei em abrir um consultório. Sou psicólogo, sabe. Ainda contribuo para o bem público nos bairros pobres.

— Mas gosta demais do seu trabalho para o deixar? — Mike Devine riu-se e semicerrou os olhos por causa do sol da tarde que se reflectia na água. Aves marinhas cinzentas, de peito branco, passavam a voar pelo terraço. Bonito. Tudo aquilo era muito bonito.

— Ouça, Mike, queria rever consigo, mais uma vez, os últimos dias antes do rapto.

— Você está mesmo apanhado, Alex. Já vi e revi tudo centenas de vezes. Acredite, não há lá nada. É terreno estéril. Não cresce lá nada. Tentei mais de uma vez mas, por fim, desisti do fantasma.

Acredito. Mas, ainda assim, continuo curioso sobre um carro de último modelo, que talvez tenha sido visto em Potomac. Possivelmente um Dodge — disse eu. Tratava-se do carro que Nina Cerisier se lembrava de ver estacionado em Langley Terrace. — Alguma vez reparou num carro preto ou azul, parado na Sorrell Avenue? Ou para os lados do externato?

— Como lhe disse, vi e revi todos os nossos relatórios diários e não me lembro de nenhum carro misterioso. Pode vê-los, se quiser.

— Já vi — repliquei, rindo-me do meu caso aparentemente desesperado.

Eu e o Mike Devine conversamos durante mais algum tempo, mas ele não se lembrou de nada que fosse novidade. No fim, ouvi-o

enaltecer a vida de praia, a pesca nos Keys e o jogo em que se «bate numa bolinha branca». Uma nova vida estava prestes a começar para ele. Ultrapassara o rapto Durine-Goldberg muito melhor do que eu.

Mas havia uma coisa que continuava a preocupar-me: a história do «cúmplice» ou, aliás, do «observador». Mais do que isso, tinha um pressentimento sobre Devine e o seu companheiro. Um mau pressentimento. Havia qualquer coisa que me dizia que sabiam mais do que queriam contar.

Já que chegara até ali, decidi aproveitar a ocasião para contactar o ex-companheiro de Devine, Charles Chakely, ainda nessa noite. Depois da aposentação, Chakely fora viver com a família para Tempe, no Arizona.

Era meia-noite para mim e dez horas em Tempe. Achei que não era muito tarde.

— Charles Chakely? Fala o detetive Alex Cross, de Washington anunciei, quando ele atendeu o telefone.

Antes da resposta, houve uma pausa, um silêncio desconfortável. Depois, Chakely mostrou-se hostil, o que me pareceu muito estranho. A sua reacção só serviu para me alertar os sentidos quanto a ele e ao companheiro.

— O que é que quer? — inquiriu, ouriçando-se todo. — Por que é que me telefonou? Já não sou dos Serviços Secretos. Estou reformado. Ando a tentar deitar para trás das costas o que aconteceu. Deixe-me em paz. Afaste-se de mim e da minha família.

— Ouça, não queria incomodá-lo... — comecei a desculpar-me. Ele cortou-me a palavra, — Então, não incomode. É fácil, Cross: desapareça da minha vida. Imaginava Charles Chakely enquanto falava com ele. Lembrava-me dele nos dias seguintes ao rapto. Só tinha cinquenta e um anos, mas parecia andar na casa dos sessenta. Barriga de cerveja, quase calvo, olhos tristes, numa espécie de recolhimento. Chakely era a prova provada do mal que este trabalho pode fazer-nos, se o permitirmos.

— Infelizmente, ainda estou encarregue da investigação de uns homicídios que também implicam o Soneji Murphy — expliquei-lhe, esperando que compreendesse. — Ele voltou para matar uma das professoras do externato. A Vívian Kim, lembra-se?

— Pensei que não queria incomodar-me. Faça de conta que nunca me ligou, está bem?

E eu faço de conta que nunca atendi o telefone. Aprendi a jogar muito bem ao faz-de-conta»

aqui neste deserto pintado.

— Olhe, sabe muito bem que sou capaz de conseguir uma intimação. Ou temos esta conversa em Washington ou eu apanho um avião para aí e vou à sua casa, em Tempe.

Apareço uma noite para uma churrascada...

— Mas o que é que se passa? O que é que lhe deu, Cross? O maldito caso está encerrado. Deixe-o em paz e a mim também.

Havia qualquer coisa de muito estranho no tom de voz de Chakely, que parecia prestes a explodir.

— Falei hoje com o seu companheiro – comentei, aquilo sim, fê-lo manter-se na linha.

— Falou com o Mickey Devine? E depois? Eu também falo com ele de vez em quando.

— Ainda bem. Eu já desligo. É só um minuto. Responda-me só a uma ou duas perguntas.

— Só a uma pergunta, pronto — retorquiu finalmente Chakely.

— Lembra-se de ter visto um carro escuro, último modelo, estacionado na Sorrell Avenue ou perto da casa dos Goldberg ou dos Dune, talvez aí uma semana antes do rapto?

— Não, claro que não. As coisas mais fora do normal eram registadas nos nossos relatórios diários. O caso do rapto está encerrado. Risquei-o do meu livro... e a si também, detetive Cross.

Chakely desligou na minha cara.

O tom da conversa fora muito esquisito. Aquele «observador» punha-me maluco. Era uma pista que não ia dar a nada, mas cuja importância não podia ser ignorada por um detetive que se prezasse. Tinha de falar com a Jezzie sobre o Mike Devine, o Charlie Chakely e os seus relatórios. Havia qualquer coisa que não encaixava bem. Não tinha dúvidas de que eles estavam a fechar-se em copas.

Eu e a Jezzie passamos o dia na casa do lago. Ela precisava de falar, de me dizer como mudara e de me contar o que descobrira sobre si própria durante as férias sabáticas.

Aconteceram duas coisas muito, muito estranhas no Meio de Nenhures, na Carolina do Norte.

Sáímos de Washington às cinco da manhã e chegamos ao lago às oito e meia. Estava-se a 3 de Dezembro, mas podia ser só de Outubro. Esteve quente toda a tarde. Da montanha soprava uma brisa doce. Os chilreios e trinados de dezenas de pássaros diferentes enchiam o ar.

Como a estação dos veraneantes já acabara, tínhamos o lago todo só para nós. Só um barco a motor andou pelo lago durante cerca de uma hora, rugindo como um carro de corrida de Nascar. De resto, estávamos sozinhos.

Por acordo mútuo, não abordamos logo assuntos pesados. Portanto, não começamos por falar da Jezzie, de Devine e Chakely nem das minhas últimas teorias sobre o rapto.

À tardinha, fomos dar um grande passeio pelos pinhais dos arredores e seguimos o leito de um regato perfeitamente cristalino que subia para a serra vizinha. A Jezzie não estava maquiada e tinha o cabelo solto e despenteado. Envergava umas calças de ganga cortadas e uma sweatshirt da Universidade de Virgínia, à qual faltavam as mangas. Os seus lindos olhos azuis rivalizavam com a cor do céu.

— Eu disse-te que tinha descoberto muito sobre mim enquanto estive aqui, Alex -

começou a Jezzie, enquanto nos internávamos cada vez mais na floresta, falava docemente, quase como uma criança. Eu estava atento a cada palavra sua. Ansiava por saber tudo sobre ela.

— Quero falar-te de mim. Agora, já estou pronta para o fazer continuou ela. — Preciso de te dizer porquê, como e tudo o resto. Assenti com a cabeça e deixei-a prosseguir.

— O meu pai... o meu pai era um fracasso. Aos seus próprios olhos. Dava-se muito bem em sociedade. Tão bem!... quando queria. Mas vinha de um meio pobre e nunca se libertou desse ferrete. A atitude negativa do meu pai estava sempre a metê-lo em apuros, e ele pouco se importava que isso me afectasse a mim ou à minha mãe. Começou a beber aí pelos quarenta anos. No fim da vida, não tinha um único amigo... nem família, por sinal. Suponho que foi por isso que se matou, Alex. Fê-lo despercebidamente, no

carro, matou... o meu pai nunca teve nenhum ataque cardíaco na Union Station. Isso é uma mentira que conto desde os meus dias de estudante.

Continuamos a andar em silêncio. A Jezzíe só falara da mãe e do pai uma ou duas vezes. Eu sabia do problema da bebida, mas não queria forçá-la... especialmente porque não podia ser o médico dela. Portanto, pensara que ela falaria nisso quando estivesse preparada para o fazer.

— Eu não queria ser um fracasso como o meu pai ou a minha mãe. Era assim que eles se viam a si próprios, Alex. Falavam sempre assim. Não se tratava de pouca, mas sim de nenhuma auto-estima. Não podia deixar-me ficar assim.

— Como é que os vês?

— Como uns fracassados, suponho — reconheceu, esboçando um sorriso dolorosamente honesto — Eram os dois incrivelmente inteligentes, Alex. Sabiam tudo de tudo. Liam livros uns atrás dos outros. Falavam sobre qualquer assunto. Já foste à Irlanda?

— Só fui uma vez à Inglaterra, em serviço. Foi a única vez que estive na Europa. Nunca tive dinheiro para isso.

— Há aldeias na Irlanda... com pessoas muito cultas, mas extremamente pobres. Sabes, «guetos brancos». De três em três lojas há um bar. Há tantos fracassados cultos naquele país! Eu não queria ser mais um. Já te falei desse meu medo. Para mim, seria o Inferno na Terra, por isso, esforcei-me imenso nos estudos. Tinha de ser a melhor, fosse a que preço fosse. Depois, entrei no Departamento do Tesouro, e subi, subi muito, Alex. Estava a gostar da minha carreira e da minha vida em geral.

«Mas desintegrou-se tudo com o rapto Goldberg-Dune, depois do qual passei a ser o bode expiatório e a menina de ouro passou à história. De repente, estava acabada. Os agentes falavam nas minhas costas. Por fim, desisti e deixei os Serviços Secretos. Não tinha outra hipótese. Tudo aquilo era um disparate e uma injustiça. E vim para aqui, tentar perceber quem sou. Precisava de o fazer sozinha.

Ali, no coração da floresta, a Jezzíe estendeu os braços, pô-los à minha volta e começou a soluçar muito baixinho. Eu nunca a vira chorar. Abracei-a com força. Nunca me sentira tão próximo dela.

Sabia que estava a contar-me verdades muito duras. Devia-lhe uma verdade dura em troca.

Estávamos nós num recanto escondido, a falar calmamente, quando me apercebi de que alguém nos observava no meio do bosque. Mantive a cabeça imóvel como uma rocha, mas virei rapidamente os olhos para a direita. Estava mais alguém na floresta.

Alguém nos observava. Outro observador.

— Está ali alguém, Jezzie. Atrás da colina da direita — sussurrei-lhe. Ela não olhou nessa direcção. Ainda era polícia.

— Tens a certeza, Alex? — perguntou.

— Tenho. Acredita em mim. Vamos separar-nos. Se tentar escapar, caímos-lhe em cima.

Fomos cada um para seu lado, rodeando a colina onde eu o vi, o que, provavelmente, o confundiu. Desatou a correr!

Tratava-se de um homem de sapatos de ténis e fato inteiro, com capuz, que desapareceu no bosque. Ainda não lhe via a altura nem a estatura. Eu e a Jezzie corremos atrás dele aí uns trezentos metros. Como estávamos ambos descalços, não ganhamos nenhum terreno em relação ao observador. Provavelmente, até perdemos uns metros durante a corrida. Ramos e silvas batiam-nos no rosto e nos braços. Por fim, saímos da floresta e demos connosco numa estrada alcatroada. Chegamos mesmo a tempo de ouvir um carro acelerando numa curva próxima. Nem vimos o carro nem pusemos os olhos na matrícula.

— Que coisa tão esquisita! — exclamou a Jezzie quando paramos, ofegantes, na berma da estrada. O suor escorria-nos pelo rosto e os nossos corações batiam em sincronia.

— Alguém sabe que estás aqui? — perguntei-lhe.

— Não, é tão estranho! Quem seria? Até fiquei assustada, Alex. Tens ideia de quem seria?

Eu já esboçara pelo menos uma dúzia de teorias sobre o observador que a Nina Cerisier vi. A mais prometedora era a mais simples: quem andara a vigiar o Gary Soneji fora a polícia. Mas que polícia? A do meu departamento? A da Jezzie?

Aquilo era mesmo assustador!

Regressamos à casa da Jezzie mesmo antes do cair da noite. Sentia-se no ar um frio de Inverno.

Acendemos a lareira e cozinhamos uma refeição que daria para quatro. Comemos milho doce, muita salada e um grande bife cada um, e bebemos um vinho seco com Chassagne-Montrachet, Premier Cru, Marquis de Laguiche escrito no rótulo.

Depois de jantar, começamos a falar de Mike Devine, de Charlie Chakely e do observador. A Jezzie não me pôde ajudar muito, mas disse-me que provavelmente, eu nunca chegaria a lado nenhum com aqueles agentes dos Serviços Secretos e confirmou-me que Chakely era uma pessoa irritável, muito capaz de explodir por causa de um telefonema para o Arizona... se já era azedo nos Serviços Secretos, devia ser ainda mais fora deles. Na sua opinião, tanto Mike Devine como Chakely eram bons, mas não ótimos agentes. Se tivesse havido alguma coisa em que reparar durante a segurança que haviam feito da família Goldberg, tê-lo-iam anotado. Os seus relatórios diários eram rigorosos. A Jezzie tinha a certeza de que nenhum deles era suficientemente esperto para montar uma encenação. E também não duvidava de que Nina Cerisier vira um carro estacionado na sua rua, na noite anterior ao assassinio dos Sanders, mas não acreditava que alguém tivesse andado a vigiar o Soneji Murphy nem sequer que o próprio Soneji se houvesse aproximado do bairro.

— Mas já não tenho nada a ver com o caso — rematou, por fim. Não represento os interesses do Tesouro nem de ninguém. Queres a minha opinião honesta, Alex? Desiste.

Acabou. Não penses mais nisso.

— Não posso — retorqui. — Não é assim que fazemos as coisas na Távola Redonda do rei Artur. Não consigo desistir deste caso. Sempre que tento, acontece alguma coisa que me faz mudar de ideias.

Nessa noite, fomos para a cama bastante cedo. Por volta das nove, nove e um quarto.

O Chassagne-Montrachet, Premier Cru fez o seu trabalho. Ainda havia paixão entre nós, mas também calor e ternura.

Abraçamo-nos, rimos e não adormecemos cedo. A Jezzie apelidou-me de «Sir Alex, o Cavaleiro Negro da Távola Redonda» e eu chamei-lhe «Senhora do Lago». Por fim, adormecemos no meio de sussurros, sentindo-nos em Paz nos braços um do outro.

Não sei que horas eram quando acordei em cima dos lençóis e dos cobertores. Fazia muito frio. Ainda vinham alguns estalidos e um brilho alaranjado da lareira. Como podia estar tanto frio no quarto com o lume ainda a arder? O que os meus olhos viam não estava de acordo com o que o meu corpo sentia. Ainda cismeiei nisso durante uns segundos. Depois, meti-me debaixo dos cobertores e puxei-os até ao queixo. O brilho reflectido no vidro da janela parecia estranho.

Como era esquisito estar ali novamente com a Jezzie! Ali, no Meio de Nenhures. Mas já não conseguia imaginar-me sem ela.

Sentime tentado a acordá-la para lho dizer. Para falar com ela de tudo e de todos. Da Senhora do Lago. E do Cavaleiro Negro. Parecia um conto de Geoffrey Chaucer dos anos 90!

De repente, percebi que os reflexos que dançavam na vidraça não tinham nada a ver com o brilho da lareira.

Saltei da cama e fui a correr ver. E testemunhei uma coisa de que toda a vida ouvira falar, mas que nunca esperara ver. No jardim da Jezzie ardia uma cruz.

Uma menina desaparecida chamada Maggie Rose.

Homicídios nos bairros pobres.

O arrepiante assassínio de Vivian Kim.

Um psicopata. Gary Soneji Murphy.

Um «cúmplice», um observador misterioso.

Uma cruz terrível na Carolina do Norte.

Quando é que as peças se encaixariam? Encaixar-se-iam, alguma vez? Desde aquele momento em casa da Jezzie até tudo estar resolvido, andei sempre com a cabeça cheia de imagens poderosas e perturbadoras. Não podia desistir do caso, como a Jezzie sugerira. Os acontecimentos da semana seguinte ainda aumentaram a minha paranóia.

Na segunda-feira, cheguei tarde do trabalho. O Damon e a Janelle não me largaram enquanto eu dava penosamente a dezena de passos que separavam a porta da frente da cozinha.

— Telefone! Telefone! Telefone! — entoava o Damon, pintando o diabo ao meu lado.

A Nana estendeu-me o telefone da cozinha e disse-me que era o Wallace Hart, da prisão de Fallston.

— Alex, desculpa telefonar-te para casa — começou ele. — Podes dar um salto até cá?

Talvez seja importante.

Eu estava a tentar tirar o casaco. Parei... com um braço fora e outro dentro. Os meus filhos ajudavam-me... quer dizer, mais ou menos; na realidade, quase mo arrancavam.

— O que é, Wallace? Hoje tenho bastante que fazer. — Deitei a língua de fora ao Damon e à Janelle. — Uns probleminhas cá em casa... Mas nada que não tenha solução.

— Ele pediu-me para te chamar. Quer falar contigo e só contigo. Diz que é muito importante.

— Não pode esperar até amanhã? — perguntei ao Wallace. O meu dia já fora estafante.

Além disso, não me parecia que o Gary Murphy tivesse alguma coisa de novo para me dizer.

— É o Soneji — explicou-me Wallace Hart. — o Soneji quer falar contigo.

Fiquei sem fala. Por fim, consegui balbuciar: — Vou já para aí, Wallace.

Cheguei a Fallston dali a menos de uma hora. O Gary encontrava-se alojado no andar superior do edifício prisional. Já tinham lá estado doentes perigosos como Squeaky Fromme e John Hinckley. Uma zona fina, como ele desejava.

Quando cheguei à cela, encontrei-o deitado de barriga para cima num beliche estreito, sem lençóis nem cobertores. Um guarda vigiava-o continuamente. Tinha uma segurança especial, ou seja, uma vigilância constante.

— Pensei que era melhor pô-lo num quarto calmo durante a noite e tê-lo algum tempo isolado, com uma segurança especial — explicou o Wallace. — Só até sabermos o que se passa, Alex, porque ele está a fugir-nos.

— Um dia destes desintegra-se — retorqui. O Wallace assentiu com a cabeça em sinal de concordância.

Entrei na cela do Gary e sentei-me sem ser convidado. Estava cansado de pedir autorização para tudo a toda a gente. O Gary tinha os olhos pregados no tecto. Parecia que lhos haviam empurrado

para dentro do crânio. De certeza que sabia que eu estava ali. Aqui está o Alex!

— Bem-vindo à minha psikhushka, senhor doutor — disse ele por fim, em voz espectral, grave e monocórdica. — Conheces o termo psikhushka? — Era mesmo o Soneji.

— Eram os hospitais prisionais russos, onde punham os presos políticos da União Soviética — respondi.

— Exactamente. Muito bem. — E fitando-me — Quero fazer um novo acordo contigo.

Vamos começar tudo outra vez.

— Não sei de nenhum acordo.

— Não quero perder mais tempo aqui. Não posso continuar a fazer de Murphy. Não preferes saber os motivos do Soneji? Claro que sim, doutor Cross. Assim, poderás ser famoso, uma pessoa muito importante onde quer que estejas.

Não achei que aquele fosse um estado de fuga, um dos seus «escapes»; ele parecia controlar muito bem tudo o que dizia. Teria sido sempre Gary Soneji? O Mau Rapaz? Logo desde a primeira vez que nos encontrámos? Esse fora e continuava a ser o meu diagnóstico.

— Percebeste-me até agora? — perguntou da cama, esticando indolentemente as pernas compridas e mexendo os dedos dos pés.

— O que me estás a dizer é que tens plena consciência de tudo o que fizeste. Nunca houve nenhuma personalidade múltipla nem qualquer tipo de fuga. Representaste sempre os dois papéis e, agora, estás farto de fazer de Gary Murphy. É isso?

O Soneji fitou-me com um olhar extremamente intenso, mais frio e penetrante do que o habitual. Às vezes, na esquizofrenia grave, a vida imaginária torna-se mais importante do que a real.

— É isso. Isso mesmo, Alex. És muito mais esperto do que os outros. Sinto-me muito orgulhoso de ti. És o único que dá interesse a isto tudo. O único que consegue prender-me a atenção durante muito tempo.

— E o que é que queres de nós? — indaguei, tentando que não se desviasse do assunto.

— O que posso fazer por ti, Gary?

— Preciso de umas coisinhas. Mas, sobretudo, quero ser eu próprio... por assim dizer.

Quero que reconheçam tudo o que consegui.

— E o que é que recebemos em troca?

Soneji sorriu: — Vou contar-te o que aconteceu. Desde o princípio. E ajudar-te a resolver o teu precioso caso. Vou contar-te tudo a ti, Alex.

Esperiei que o Soneji continuasse. Não me saía da ideia a declaração escrita por cima do espelho da casa de banho de Soneji: Quero ser alguém! Provavelmente, quisera ser louvado desde o início.

— Eu tinha planeado assassinar as duas crianças. Mal podia esperar. Sabes, tenho assim uma espécie de amor-ódio pela infância. Corto os seios das minhas vítimas adultas e rapo-as para elas ficarem mais parecidas com crianças. Bem, mas matar os fedelhos seria a conclusão mais lógica e segura de todas. — o Soneji voltou a sorrir. Era um sorriso estranho e despropositado, como se estivesse só a confessar uma mentirinha sem consequências. -

Ainda estás interessado na razão por que me decidi pelo rapto, não estás? No que me levou a escolher a Maggie Botão de Rosa e o seu amigo, o «Encolhido» Goldberg?

Usava as alcunhas numa demonstração de provocação e impertinência. Adorava fazer de «Mau Rapaz». Ao longo dos meses, revelara um sentido de humor muito negro.

— Estou interessado em tudo o que tiveres a dizer, Gary. Continua.

— Sabes, uma vez descobri que tinha matado mais de duzentas pessoas. E muitas crianças. Faço o que me apetece, o que me dá na gana, O sorrisinho untuoso e automático voltou a aparecer. Deixara de ser o Gary Murphy, o yuppie norte-americano, o marido e pai de Wilrnington, Delaware. Seria que matava desde criança?

— Isso é verdade ou continuas a tentar chocar-me? Ele encolheu os ombros: — Porque havia de o fazer?... Quando era rapaz, li imensos livros sobre o rapto do filho dos Lindbergh. E, depois, sobre todos os grandes crimes. Fiz cópias de todos os artigos que encontrei na biblioteca de Princeton. Já te falei disto,

não falei? Da maneira como me fascinava, enfeitiçava, obcecava a ideia de raptar crianças. Tê-las completamente à minha mercê... Só queria poder torturá-las como a passarinhos indefesos. Praticava com um amigo.

Acho que o conhecestes. O Simon Conklin. Um perturbado mental de trazer por casa, senhor doutor. Não vale a pena perder tempo com ele... não é um companheiro a sério. Não é um cúmplice. Agrada-me especialmente a ideia de os pais ficarem aflitos com o rapto dos filhos.

Não se importam de destruir outros adultos, mas é um Deus-nos-acuda se alguém toca numa criança. Guincham logo: «Crimes impensáveis! Incríveis!» Que disparate! Que hipocrisia sem tamanho! Pensa bem: morre um milhão de crianças de pele escura no Bangladesh, doutor Cross. E alguém se importa com isso? Alguém corre a salvá-las?

— Por que é que mataste as famílias negras dos bairros pobres? inquiri. — Qual é a relação?

— Quem disse que tem de haver alguma relação? Foi isso que aprendeste no Johns Hopkins? Se calhar, essas foram as minhas boas acções. Quem disse que não posso ter consciência social, há? Tem de haver equilíbrio em cada vida. Acredito nisso. Ching. Pensa nas vítimas que escolhi. Drogados desesperados, uma adolescente que era prostituta, um rapazinho que já estava condenado.

Eu não sabia se havia de acreditar, devido ao estado em que ele se encontrava.

— Queres que chore? — perguntei-lhe. — Isso é muito comovente.

Ele preferiu ignorar a minha ironia:

— Na verdade, até tive uma amiga preta. Uma criada. Se queres saber, era a mulher que tomava conta de mim enquanto o meu pai se divorciava da minha mãe. Chamava -se Laura Douglas. Mas voltou para Detroit e abandonou-me. Era grande e gorda e tinha um riso barulhento que eu adorava. Foi depois de ela ter partido para Motown que a mamãe Terror começou a mandar para a cave esta criança turbulenta e cheia de energia.

«Tens na tua frente o autêntico menino-sempre-de-castigo. Entretanto, o meu irmão e a minha irmã por afinidade estavam lá em

cima, na casa do meu pai, a brincar com os meus brinquedos! Costumavam fazer troça de mim através das pranchas do soalho. Ficava fechado na cave semanas a fio. É assim que me recordo de tudo.

«Acenderam-se luzinhas e tocaram sininhos de aviso na tua cabeça, doutor Cross?

Rapaz torturado na adega. Crianças mimadas enterradas num celeiro. Que paralelo tão bonito e tão claro! As peças começam a encaixar? O nosso Gary está a dizer a verdade?

— Estás a dizer a verdade? — indaguei outra vez. Mas achava que sim. Batia certo.

— Oh, estou. Palavra de escuteiro... Mas vamos aos homicídios da zona sudeste de DC: sabes, agradava-me muito a ideia de ser o primeiro assassino célebre de pretos. Não estou a contar com aquele idiota de Atlanta, se é que ele existe. O Wayne Williams era um amador.

De resto, o que têm de especial os assassinos em série de nome Wayne? Wayne Williams.

John Wayne Gacy, Jr. Patrick Wayne Hearney, que desmembrou trinta e duas pessoas na costa oeste...

— Não mataste o Michael Goldberg? — interrompi, voltando a uma afirmação que ele fizera anteriormente.

— Não. Na altura, não foi de propósito. Tê-lo-ia feito... a seu tempo. Era um fedelho mimado. Fazia-me lembrar o meu «irmão» Donnie.

— Como é que o corpo dele ficou cheio de escoriações? Conta-me o que aconteceu.

— Tu adoras isto, não é, doutor? O que é que isso nos revela sobre ti, há? Bem, quando vi que ele tinha morrido, fiquei muito zangado. Enfureci-me, dei-lhe pontapés por todo o corpo e bati-lhe com a enxada. Não me lembro que mais fiz. Estava chateadíssimo. Depois, atirei o corpo para o rio, lá no cu de judas. O Rio Cu de judas?

— Mas não fizeste nada à rapariga? Não batestes à Maggie Rose Dune?

— Não, não lhe toquei.

Imitou a minha preocupação, numa voz bastante parecida com a minha. Não havia dúvida de que sabia representar papéis diferentes. Até metia medo observá-lo e estar com ele no mesmo quarto. Teria mesmo assassinado centenas de pessoas? Pareceu-me que sim, — Conta-me o que aconteceu realmente à Maggie Rose Dune.

— Está bem, está bem. Vamos à história da Maggie Rose Dune: acende uma vela e canta um hino a Jesus pelo nosso perdão. Depois do rapto, ficou muito tonta... pelo menos, estava assim da primeira vez que a fui ver. O secobarbitol começava a deixar de fazer efeito.

Fiz de mamãe Terror para a pequena Maggie. Parecia mesmo a mamãe à porta da cave da nossa casa: «Pára de chorar.. Cala-te. Cala-te, fedelha mimada! » Ficou assustada que foi uma beleza. Depois, pu-la outra vez inconsciente e verifiquei cuidadosamente os pulsos dos dois, porque tinha a certeza de que o FBI havia de querer provas de que os miúdos estavam vivos.

— Estavam os dois bem?

— Estavam, Alex. E encostei o ouvido ao peito de cada um deles. Claro que tive de controlar o meu impulso natural para parar corações em vez de os manter a trabalhar.

— Porquê um rapto com impacto a nível nacional? Para quê tanta publicidade? Por que é que te arriscaste tanto?

— Porque estava pronto para isso, já praticava há muito, muito tempo. Não me arriscava a nada. Além disso, precisava do dinheiro. Merecia ser milionário. Toda a gente é.

— Foste ver outra vez as crianças no dia seguinte? — inquiri.

— No dia seguinte, ela também estava bem. Mas um dia depois da morte do Michael Goldberg, a Maggie Rose desapareceu! Quando entrei de carro no celeiro, vi o buraco onde tinha enterrado a caixa. Um grande buraco aberto no chão. Vazio! Não lhe fiz mal nenhum. E também não fui buscar o dinheiro do resgate à Florida. Foi outra pessoa. Agora, és tu que tens de perceber o que aconteceu, inspector. Eu acho que já percebi! Parece-me que sei o grande segredo.

Levantei-me de rompante às três da manhã e fui tocar Mozart, Debussy e Billie Holiday para o alpendre. Provavelmente, os

vizinhos telefonaram para a Polícia a queixar-se do barulho.

Voltei a ir visitar o Soneji de manhã. O «Mau Rapaz». Sentei-me no seu quartinho sem janelas. De repente, apetecia-lhe falar. Parecia-me que sabia aonde ele queria chegar, o que me ia dizer. No entanto, precisava que mo confirmasse.

— Tens de perceber uma coisa que é extremamente estranha à tua natureza — disse-me.

— Na altura em que andava a vigiar o raio da rapariguinha famosa e a sua mãe actriz, sentia-me perfeitamente enfeitiçado. Sou um artista barato. Precisava de me apurar. — Ao ouvi-lo relatar as suas experiências bizarras e tenebrosas, não pude deixar de pensar nos meus pacientes que sofreram abusos em crianças. Era patético ouvir uma vítima falar das suas muitas vítimas.

— Compreendia totalmente o «estado de feitiço», doutor. A minha canção preferida é «Sympathy for the Devil». Dos Rolling Stones? Sempre tentei tomar todos os cuidados... sem quebrar o encantamento. Tinha planos de fuga e salvaguardas para os planos de fuga e sabia de caminhos para entrar e sair dos bairros que visitava. De um deles até fazia parte um túnel de um sistema de esgotos que vai dos limites do gueto até à Capitol Hill. Tinha uma muda de roupa dentro do túnel, incluindo uma cabeleira. Pensei em tudo. Não seria apanhado.

Confiava muito nas minhas capacidades. Acreditava que era onnipotente.

— Ainda acreditas que és onnipotente? — perguntei seriamente. Não me parecia que me dissesse a verdade mas, de qualquer forma, queria ouvir a sua resposta.

— O que aconteceu nessa altura, o meu único erro, foi que deixei que os meus êxitos, os aplausos de milhões de admiradores, me subissem à cabeça. Os aplausos podem ser uma droga. A Katherine Rose sofre da mesma doença, sabes? Tal como a maioria das estrelas do cinema e do desporto. Há milhões de pessoas a incitá-las e a dizer-lhes como são «especiais» e «brilhantes». E algumas dessas estrelas esquecem as limitações que podem ter e o trabalho árduo que as projectou para a frente. Na altura, também o esqueci. E foi precisamente por isso que fui apanhado. Acreditei que conseguia fugir do McDonald's! Tal como acontecera em todas as

outras ocasiões. Entrava por ali dentro, divertia-me a matar umas pessoas e ia-me embora... Queria ter um mostruário de todos os crimes de impacte, Alex. Um Bundy, um Geary, um Manson, um Whitman, um Gilmore...

— Sentes-te onnipotente, agora que és mais velho e mais sensato? perguntei ao Soneji.

Se ele estava a ironizar, achei que também podia fazê-lo.

— Sou a coisa mais parecida com isso que alguma vez terás à tua frente. Sou uma maneira palpável de entenderes o conceito, não? Exibiu novamente aquele sorriso vazio, de assassino. Apeteceu-me bater-lhe. O Gary Murphy era um tipo de homem trágico e quase agradável. O Soneji era odioso, o mal na sua forma mais pura; o monstro humano; a besta humana.

— Quando andavas a vigiar as casas dos Goldberg e dos Dune estavas no auge dos teus poderes? — Nessa altura, eras onnipotente, meu idiota?

— Não, não. Como sabe, senhor doutor, já estava a ficar mole. Já tinha lido muitas histórias sobre os meus homicídios «perfeitos» de Condon Terrace. «Não há vestígios, não há pista. O assassino perfeito!» Até eu fiquei impressionado.

— O que é que correu mal em Potomac? — Achei que sabia a resposta, mas precisava que ele a confirmasse.

O Gary encolheu os ombros:

— Estava a ser seguido, claro.

«Cá vamos nós», pensei com os meus botões. O «observador».

— Não o sabias na altura? — perguntei ao Soneji.

— Claro que não. — Franzindo o sobrolho: — Só muito mais tarde é que percebi que estava a ser seguido. E obtive a confirmação durante o julgamento.

— Como? Como é que descobriste que andavam a seguir-te?

O Soneji fitou-me. O seu olhar pareceu atravessar-me o crânio. Tinha-me em muito pouca consideração. Ou seja, eu era apenas um recipiente para a sua torrente de palavras.

Mas também tinha curiosidade em perceber o que eu sabia ou não sabia.

— Deixa-me só frisar uma coisa — disse ele. — Isto é importante para mim. Tenho segredos para te contar. Muitos segredos grandes

e pequenos. Segredos sujos e segredos com muito sumo. Vou revelar-te agora um segredo. Sabes porquê?

— Elementar, meu caro Gary. Para ti, é um inferno seres controlado por outrem. Tens de ser tu a mandar.

— Muito bem, doutor detetive. Mas tenho coisas muito boas para negociar. Crimes que remontam aos meus doze ou treze anos. Há crimes dessa época que nunca foram, resolvidos. Acredita que tenho para ti um tesouro de guloseimas.

— Percebo. Estou ansioso por saber tudo.

— Tu sempre percebeste. A única coisa que tens de fazer é convencer os outros mortos-vivos a andarem e comerem pastilha elástica ao mesmo tempo.

— Os outros mortos-vivos? — o seu deslize fez-me sorrir.

— Desculpa, desculpa. Não quis ser indelicado. Consegues convencer os mortos-vivos?

Sabes a quem me refiro. Respeita-os menos do que eu.

Era verdade. Em primeiro lugar, teria de convencer o comandante Pittman.

— Ajudas-me? Dizes-me alguma coisa de concreto? Tenho de descobrir o que aconteceu à rapariguinha, para os pais poderem, finalmente, sossegar.

— Está bem. Vou fazer isso — respondeu Soneji. No fim, foi tão simples!

Espera-se, espera-se... quase todas as investigações policiais são assim. Fazem-se milhares de perguntas... literalmente milhares. Enchem-se arquivos inteiros de papelada desnecessária. Depois, fazem-se mais perguntas. Seguem-se inúmeras pistas que não vão dar a lado nenhum. Às tantas há alguma coisa que corre bem, para variar. Acontece de vez em quando. Estava a acontecer naquele momento. A recompensa de milhares de horas de trabalho, de visitas sem conta ao Gary.

— Nessa altura, não notei que estava a ser vigiado — continuou o Gary Soneji, — E nada do que te vou contar aconteceu perto da casa dos Sanders, mas na Sorrell Avenue, em Potomac. Aliás, à frente da casa dos Goldberg.

De repente, fartei-me dos seus Jogos. Tinha de saber o que ele sabia. Estava quase.

«Desembucha, canalha.»

— Continua. O que é que aconteceu em Potomac? O que é que viste em casa dos Goldberg? Quem viste?

— Fui até lá de carro numa das noites antes do rapto. E vi um homem no passeio. Nem liguei. Só percebi tudo quando voltei a vê-lo no julgamento.

O Soneji calou-se por um momento. Estaria de novo a representar? Não me parecia.

Fitou-me como se me olhasse para dentro da alma. Ele sabe quem eu sou. Conhece-me talvez melhor do que eu me conheço a mim mesmo. O que queria de mim? Eu seria o substituto de alguma coisa que ele perdera na infância? Por que fora eu o escolhido para aquela tarefa horrível?

— Quem é o homem que reconheceste no tribunal?

— O agente dos Serviços Secretos. O Devine. Ele e o Chakely deviam ter-me visto a vigiar as casas dos Goldberg e dos Dune. Foram eles que me seguiram. Levaram-me a preciosa Maggie Rose e foram buscar o resgate à Florida! Devias ter andado a procura de polícias este tempo todo, porque foram dois polícias que mataram a rapariga.

Afinal, o meu palpite sobre Devine e Chakely estava certo, o Soneji Murphy era a única testemunha ocular e confirmara-mo. Agora, era preciso mexer-nos. Eu tinha de reabrir pessoalmente o caso Dunne-Goldberg... com base em revelações que ninguém ia gostar de conhecer em Washington.

Decidi falar primeiro com o FBI... A Maggie Rose fora assassinada por dois polícias. A investigação tinha de ser reaberta. O rapto não fora resolvido da primeira vez. Agora, ia voltar tudo a explodir.

Fui ter com o meu velho amigo Gerry Scorse, que trabalhava na sede do FBI. Depois de ficar a secar quarenta minutos na recepção, o Scorse levou-me um café e convidou-me a entrar no seu gabinete.

— Entra, Alex. Obrigado por teres esperado.

Com aparente preocupação, ouviu-me delicadamente falar do que soubera anteriormente e do que o Soneji me dissera dos agentes dos Serviços Secretos, Mike Devine e Charles Chakely.

Entretanto, ia tirando notas, muitas notas, em folhas de papel amarelo.

Quando acabei, o Scorse disse:

— Tenho de fazer um telefonema. Não saias daí, Alex.

Regressou dali a pouco tempo e pediu-me para ir lá acima com ele. Não o disse, mas supus que tivesse ficado impressionado com as novidades.

Fui acompanhado até à sala privada de conferências do vice-director, que ficava no andar superior. Kurt Weithas é a segunda pessoa mais importante do FBI. Pelos vistos, queriam que eu percebesse que se tratava de uma reunião importante. Compreendi a mensagem.

Scorse entrou comigo na impressionante e muito acolhedora sala de conferências. As paredes e quase todas as peças de mobiliário eram azul-escuras, muito sóbrias e austeras. A sala lembrava-me o lugar do morto de um carro estrangeiro. Havia blocos amarelos e lápis à nossa disposição.

Desde o início que a chefia da reunião pertenceu a Weithas: — O que gostaríamos de conseguir tem dois aspectos, detetive Cross. — Weithas falava e comportava-se como um advogado do Capitol Hill, muito bem sucedido e de cabeça fria. De certo modo, era isso mesmo. Envergava uma radiante camisa branca e uma gravata Hermès.

Quando entrei na sala, tirou os óculos para ler, de aros metálicos. Parecia mal-humorado.

— Gostaria de lhe mostrar todas as informações que possuímos sobre os agentes Devine e Chakely. Em troca, temos de pedir a sua colaboração para que este assunto se mantenha estritamente confidencial. O que estou a dizer-lhe... é que já sabemos disso há algum tempo. Fizemos uma investigação paralela à sua.

— Podem contar com a minha colaboração — afirmei, tentando não mostrar uma grande surpresa perante as suas novidades. — Mas tenho de apresentar um relatório no departamento.

— Já falei com o seu superior sobre o assunto — retorquiu Weithas, pondo de lado esse pequeno pormenor. Já tratara de confiar em mim; portanto, esperava que eu confiasse nele. -

Você esteve umas vezes à nossa frente durante a investigação. Agora, fomos nós que nos adiantamos um bocadinho. Meio passo.

— Também têm um bocadinho mais de pessoal...

Chegados a este ponto, o Scorse tomou a palavra. Não perdera o seu tom de voz levemente condescendente.

— Começamos a investigar os agentes Devine e Chakely logo na altura do rapto. Eram suspeitos óbvios, embora não para levar muito a sério. No decurso da investigação, foram submetidos a todo o tipo de pressões. Como os Serviços Secretos prestam directamente contas ao ministro da Fazenda, imagine aquilo a que foram sujeitos.

— Vi-o com os meus próprios olhos — recordei aos dois homens do FBI.

O Scorse assentiu e continuou:

— A 4 de janeiro, o agente Charles Chakely demitiu-se, alegando que, de qualquer modo, já vinha pensando nisso muito antes do rapto. Disse que não aguentava mais insinuações e atenções dos meios de comunicação social. A sua demissão foi imediatamente aceite. Pela mesma altura, descobrimos um pequeno erro nos relatórios diários dos agentes.

Havia uma data inadvertidamente posta ao contrário. Nada de importante... no entanto, andávamos a revirar tudo quanto dissesse respeito ao caso.

— Acabamos por ter novecentos agentes directa ou indirectamente envolvidos na investigação do rapto — acrescentou o vice-dírector. Eu ainda não fazia ideia de onde ele queria chegar.

— Por fim, descobriram-se outras falhas nos relatórios dos agentes — continuou Scorse. -

Os nossos técnicos concluíram que dois deles haviam sido adulterados, isto é, escritos de novo. Supomos que o que foi apagado eram referências ao professor Gary Soneji.

— Que eles tinham visto a vigiar a casa dos Goldberg, em Potomac acrescentei. — Isto a acreditar no Soneji...

— Nesse ponto, acho que podemos acreditar. A confirmação por si obtida condiz com as nossas conclusões. Supomos que os dois agentes observaram o Soneji a vigiar o MiChael Goldberg e a

Maggie Rose Dune. Pensamos que um deles seguiu o Soneji e descobriu o esconderijo de Crisfield, em Maryland.

— Têm andado a vigiar os dois agentes desde essa altura? — perguntei ao Gerry Scorse.

Ele assentiu uma vez, com a eficiência de sempre: — Há uns meses. E temos razões para acreditar que eles sabem que os vigiamos. Duas semanas depois da demissão de Chakely, Devine abandonou igualmente os Serviços Secretos. Também alegou que nem ele nem a família conseguiam aguentar a tensão derivada do que acontecera. Mas o facto é que o Devine está separado da mulher.

— Suponho que nenhum deles tentou gastar o dinheiro — observei.

— Que saibamos, não. Como disse antes, sabem que suspeitamos deles. E não são parvos. De maneira nenhuma.

— Isto tornou-se um jogo de espera bastante delicado e complexo — acrescentou Weithas. — Ainda não temos provas de nada, mas podemos infernizar-lhes a vida. E de certeza que somos capazes de os impedir de gastarem o dinheiro do resgate.

— E o piloto da Florida? Não consegui fazer nenhuma investigação por aqueles lados.

Descobriram quem era?

O Scorse fez que sim com a cabeça. O FBI andara a esconder-me muitas coisas. A mim e a toda a gente. Não me admirava nada.

— Descobriu-se que era um traficante de droga, de nome Joseph Denyeau, conhecido da nossa gente da Florida. É muito possível que o Devine conhecesse o Denyeau e o contratasse.

— O que é que aconteceu a esse Joseph Denyeau?

— No caso de termos dúvidas quanto à dureza do jogo do Devine e do Chakely.. o Denyeau foi assassinado na Costa Rica. Cortaram-lhe a garganta. Não podia ser encontrado.

— Então... não acusam o Devine e o Chakely?

— Não temos provas, Alex. Nem uma. Nada de concreto. O que o Soneji lhe disse confirma tudo, mas não serve de nada em tribunal.

— E o que é que aconteceu à miúda? O que é que aconteceu à Maggie Rose Dune? — perguntei a Weithas.

Ele não respondeu. Em vez disso, soprou por cima do lábio superior. Pareceu-me que o seu dia estava a ser muito comprido. E o seu ano também.

— Não sabemos — respondeu o Scorse. — Ainda não sabemos nada da Maggie Rose.

Isso é que é o mais esquisito.

— Mas há outra complicação — informou Weithas, que se encontrava sentado com o Scorse num sofá de couro escuro. Ambos os homens do FBI se achavam debruçados sobre uma mesinha de vidro. De um dos lados, via-se um computador e uma impressora IBM.

— Deve haver imensas complicações — volvi, dirigindo-me ao vice-director. Mas é certo e sabido que o FBI guarda quase tudo para si próprio. Podia ter-me ajudado e, trabalhando juntos, talvez houvéssemos encontrado a Maggie Rose.

Weithas olhou de relance para o agente Scorse e dirigiu-se novamente a mim.

— A complicação é a Jezzie Flanagan — explicou Weithas.

Fiquei estarecido. Sentia-me como se tivesse levado um soco no estômago. Nos últimos minutos, percebera que eles tinham qualquer coisa para me dizer. Fiquei sentado, frio e vazio por dentro, bem a caminho de não sentir nada.

— Cremos que ela está profundamente implicada neste caso... desde o início. Há anos que a Jezzie Flanagan e o Mike Devine são amantes.

Às oito e meia dessa noite, eu e o Sampson percorríamos a New York Avenue, que é a espinha dorsal dos guetos de DC. É por ali que eu e o Sampson andamos quase todas as noites. É a nossa casa.

Ele acabava de me perguntar como estava eu a aguentar-me.

— Não muito bem, obrigado. E tu?

Eu contara-lhe tudo o que sabia da Jezzie Flanagan. A trama adensava-se cada vez mais. Não podia sentir-me pior do que me sentia nessa noite. O Scorse e Weithas tinham-me exposto todo o caso. Não podia haver dúvidas de que a Jezzie participara em tudo. Uma mentira levava a outra. Ela tanto me podia ter mentido uma vez

como cem. Sem pestanejar sequer. Revelara-se melhor actriz do que o Soneji Murphy. Muito natural e confiante.

— Preferes que fique calado ou que fale contigo? — perguntou-me o Sampson. — É como quiseses.

Como de costume, o seu rosto mostrava-se inexpressivo. Talvez fosse dos óculos de sol, mas duvido. O Sampson já era assim aos dez anos.

— Quero falar — disse-lhe. — E apetece-me um cocktail. Preciso de falar sobre os mentirosos psicopatas.

— Vamos beber qualquer coisa. Eu pago — replicou o Sampson. Encaminhámo-nos para o Faces. Trata-se de um bar a que vamos desde que entramos para a Polícia. Os frequentadores habituais do Faces não se importam que sejamos duríssimos detetives de DC. Alguns até reconhecem que fazemos mais bem do que mal no bairro. Os fregueses do Faces são, sobretudo, pretos, mas aparecem lá muitos brancos, por causa do Jazz... e para aprenderem a dançar e a vestir-se.

— Foi a Jezzie que nomeou o Devíne e o Chakely? — o Sampson ia revendo os factos, enquanto esperávamos no semáforo da 5th street. Os punks locais fitaram-nos do seu pouso, em frente ao Popeye's Fried Chicken. No passado, devia haver o mesmo tipo de gente na mesma esquina da mesma rua, só que sem tanto dinheiro nem tantas armas nos bolsos.

— Ó malta! — o Sampson piscou-lhes o olho. Mete-se sempre com toda a gente, mas nunca ninguém lhe responde.

— É verdade. Foi assim que tudo começou. O Devine e o Chakely formavam uma das equipas encarregues da segurança do secretário Goldberg e da família. Trabalhavam sob as ordens da Jezzie.

— E nunca ninguém suspeitou deles?

— Ao princípio, não. O FBI interrogou-os, como a toda a gente. Os relatórios diários do Chakely e do Devine apresentavam algumas incorrecções, e foi isso que os alertou. Um analista qualquer do FBI descobriu que os relatórios tinham sido falsificados. Puseram a trabalhar nisto vinte pessoas para cada uma das nossas. Além disso, apreenderam os relatórios falsificados, para que não os encontrássemos.

— Então, o circo começou quando o Devine e o Chakely descobriram o Soneji a vigiar uma das crianças, não foi? — Por essa altura, o Sampson já tinha uma ideia geral do que se passara.

— Eles seguiram a carrinha do Soneji até à quinta de Maryland. E perceberam que andavam a seguir um potencial raptor. Então, alguém teve a ideia de raptar os pequenos depois do rapto.

— Uma ideia que valia dez milhões de dólares. — o Sampson mostrava um semblante carregado. — E a Jezzie Flanagan estava nisso desde o início?

— Não sei, mas acho que sim. Hei-de perguntar-lhe.

— Há, há. — o Sampson ia assentindo com a cabeça no decorrer da nossa conversa. — Tens a cabeça dentro ou fora de água?

— Também não sei. Quando conhecemos alguém que nos mente como a Jezzie, ficamos com uma perspectiva diferente das coisas. Isto está a ser muito difícil, pá. Alguma vez me mentiste?

O Sampson mostrou-me alguns dentes, meio a sorrir, meio a rosnar: — Parece-me que tens a cabeça dentro de água.

— Também me parece — admiti. —já tive dias melhores. Mas também tive piores. Vamos lá à cervejinha.

O Sampson saudou os punks, fazendo o gesto de quem dispara uma arma e eles fizeram um aceno com a palma da mão virada para nós. Polícias e ladrões do bairro.

Atravessamos a rua. Era melhor esquecer.

O bar estava cheio e ia ficar assim até fechar. As pessoas que nos conheciam cumprimentaram-nos. Encontrava-se no bar uma mulher com quem eu saíra. Era uma assistente social muito bonita e simpática, que trabalhara com a Maria.

Porque não teria dado em nada? Por causa de algum defeito muito grande que tenho?

Não. Não podia ser por isso.

— Estás a ver ali a Asalie? — indagou o Sampson, fazendo um gesto na sua direcção.

— Eu sou detetive. Vejo tudo. Não me escapa nada.

— Parece que estás com um bocadinho de pena de ti. Um bocadinho é irónico. Duas cervejas. Não, quatro — disse ele ao empregado do bar.

— Isto há-de passar, vais ver. É que nunca a tinha posto na nossa lista de suspeitos. o erro foi meu.

-Tu tens força, pá. Herdaste os genes da mazinha da tua avó. Vamos tratar de ti. E dela também.

— Tu gostavas dela antes de isto ter acontecido, John?

— Oh, gostava! Não tinha razões para não gostar. Ela mente mesmo bem, Alex. Tem talento. Nunca vi igual desde o filme Noites Escaldantes — retorqui o Sampson. — Por falar nisso, não, nunca te menti. Nem mesmo quando devia.

A parte mais difícil chegou quando eu e o Sampson saímos do Faces. Eu bebera umas cervejas, mas sabia muito bem o que fazia e sentia-me quase entorpecido pela dor. Era um choque tão grande saber que a Jezzie fizera parte de tudo! Lembrava-me de como ela desviara as minhas suspeitas de Devine e Chakely. A Jezzie quisera sempre saber por mim as últimas descobertas da Polícia de Dc. Tivera acesso a todas as informações. Tão confiante e calma! Desempenhara o seu papel na perfeição!

A Nana ainda estava a pé quando cheguei a casa. Eu ainda não lhe contara nada, mas aquele momento era tão mau para o fazer como qualquer outro. As cervejas ajudaram-me. E a nossa história comum ainda mais. Conte logo a verdade à Nana, que me ouviu sem interromper, o que indicava a maneira como estava a receber as notícias. Quando acabei de falar, ficamos os dois sentados na sala de estar, a olhar um para o outro. Eu num banquinho, com as pernas compridas esticadas na sua direcção. Rodeava-nos um silêncio povoado de gritos.

A Nana estava na cadeira de baloiço, enrolada num velho cobertor cor de aveia.

Assentia suavemente com a cabeça, mordida o lábio superior e pensava no que eu lhe contara.

— Tenho de começar por algum lado — observou finalmente. Por isso, começo assim: Não vou dizer-te «Eu bem te disse», porque não fazia ideia de que seria assim tão mau. Só tinha medo por ti. Mas nem pensei em nada parecido com isto. Nunca poderia ter imaginado uma coisa tão terrível. Agora, dá-me um abraço antes

de eu subir para fazer as minhas orações. Vou rezar pela jezzie Flanagan. Vou mesmo. Vou rezar por todos nós.

— A Nana sabe sempre o que há-de dizer — afirmei, à laia de conclusão, porque ela sabia mesmo quando havia de bater e quando havia de dar apenas uma palmadinha no traseiro.

Abracei-a e ela subiu pesadamente as escadas. Eu fiquei em baixo, pensando no que o Sampson dissera... íamos tratar de jezzie. Mas não por causa do que se passara entre nós.

Pelo Michael Goldberg e a Maggie Rose Dune. Por Vivian Kim, que podia não ter morrido. Por Mustaf Sanders. Haveríamos de apanhar a Jezzie.

Robert Fishenauer era supervisor na prisão de Fallston. O que, pensava ele, era muito bom. Fislienauer achava que sabia onde estavam os dez milhões de dólares do resgate. Ou, pelo menos, uma grande parte. Ia naquele momento dar uma vista de olhos.

Além disso, tinha quase a certeza de que o Gary Soneji Murphy continuava a brincar com toda a gente e a divertir-se à brava. Enquanto conduzia o seu Pontiac Firebird na Route 50, em Maryland, passava-lhe pela cabeça uma série de perguntas. Soneji Murphy seria o raptor? Saberia mesmo onde estava o dinheiro do resgate? Ou seriam tudo tretas, não passando Gary Soneji Murphy de mais um maluco preso em Fallston?

Fishenauer pensava que iria saber tudo muito em breve. Mais uns quilómetros de estrada e saberia mais do que ninguém, exceptuando o próprio Soneji Murphy.

O desvio dava para a entrada das traseiras da velha quinta e raramente era usado. A estrada já desaparecera quase completamente. Fishenauer viu-o quando virou para a direita e saiu da via principal.

Caníços e girassóis cresciam ao longo do que outrora fora, obviamente, uma estrada.

Nem sequer se viam sulcos de pneus na terra dura. A vegetação estava acamada, o que queria dizer que alguém passara por ali nos últimos meses. Teriam sido o FBI e a polícia local? Era provável que a quinta houvesse sido passada a pente fino uma dúzia de vezes.

«Mas terão vasculhado bem a quinta deserta?», pensou Robert Fishenauer. Era essa a pergunta que valia dez milhões de dólares,

não era? Por volta das cinco e meia da tarde, Fishenauer parou o Firebird vermelho, cheio de pó, ao lado de uma velha garagem que ficava à esquerda da casa principal. Naquele momento, o seu nível de adrenalina subiu em flecha.

Não havia nada como uma caça ao tesouro para pôr tudo a mexer.

Gary fartara-se de falar do modo como Bruno Hauptmann escondera, parte do resgate pago pelos Lindbergh na sua garagem, em Nova Iorque. Hauptmann, que sabia de carpintaria, fizera um compartimento secreto para o dinheiro dentro de uma parede da garagem. Gary afirmara ter feito uma coisa parecida na velha quinta de Maryland. Jurara a pés juntos que era verdade e que o FBI nunca o descobriria.

Fishenauer desligou o motor tonitruante do Firebird. O silêncio que se fez até era espectral. A velha casa parecia mesmo deserta e muito assustadora. Lembrou-lhe um filme chamado A Noite dos Mortos-Vivos. A única diferença era ser ele a estrela da fita de terror.

As ervas cresciam por todo o lado, até no telhado da garagem, em cujas paredes se viam manchas de água.

— Bem, Garyzinho, vamos lá ver se só tens merda na cabeça. Espero bem que não.

Robert Fishenauer inspirou profundamente e saiu do carro baixo. Já imaginara o que havia de dizer se fosse apanhado ali. Afirmaria apenas que Gary lhe contara onde enterrara Maggie Rose Dune... embora percebesse muito bem que isso era só conversa de doidos.

No entanto, ficara a matutar naquilo.

Por isso, ali estava ele, na Aldeia do Arrepio, Maryland, para o verificar. Na verdade, sentia-se um tanto parvo e também mau e culpado, mas tinha de constatar tudo por si próprio.

Tinha de ser, pá. Era a sua lotaria pessoal de dez milhões de dólares... e já comprara a cautela.

Talvez estivesse prestes a descobrir o sítio onde a pequena Maggie Rose Dune estava enterrada. Céus, esperava que não! Ou, então, o tesouro que Gary lhe prometera.

Ele e o pequeno Gary tinham falado muito, horas a fio. Gary adorava falar das suas aventuras. Da «menina dos seus olhos»,

como chamava ao rapto. Do seu crime «perfeito».

Pois! Tão «perfeito» que fora condenado a prisão perpétua e estava encarcerado numa cadeia de segurança máxima para criminosos mentalmente perturbados!

E ali estava Robert Fishenauer, à porta bolorenta da Aldeia do Arrepio. A cena do crime, como se diz.

Havia na porta um ferrolho metálico muito enferrujado. Fishenauer calçou um par de luvas de golfe de Inverno... ser-lhe-ia difícil explicá-las se fosse apanhado a rondar por ali.

Depois, levantou o ferrolho e teve de puxar a porta com força, devido ao espesso matagal.

Era preciso luz. Pegou na lanterna e ligou-a no máximo. Gary dissera-lhe que encontraria o dinheiro à direita; mais exactamente, no canto direito, ao fundo.

A garagem estava cheia de máquinas agrícolas velhas e avariadas. À medida que avançava, teias de aranha colavam-se-lhe ao rosto e ao pescoço. Por todo o lado havia um forte cheiro a decadência. No meio da garagem, Fishenauer parou, rodou nos calcanhares, olhou pela porta aberta e pôs-se à escuta durante cerca de noventa segundos.

Ouviu um avião a jacto lá ao longe. De resto, mais nenhum som. Esperava que não houvesse mais ninguém por ali.

Durante quanto tempo poderia o FBI dar-se ao luxo de vigiar uma quinta deserta? De certeza que não quase dois anos depois do rapto! Quando se convenceu de que estava sozinho, Fishenauer avançou para o fundo da garagem, onde começou a trabalhar.

Em primeiro lugar, puxou para si uma bancada de trabalho velha, mas sólida... Gary dissera-lhe que a encontraria lá. Aliás, por essa altura, já percebera que Gary descrevera a garagem com todos os pormenores, dizendo-lhe onde estava cada máquina avariada e revelando-lhe a localização exacta de praticamente todas as tábuas de madeira das suas paredes apodrecidas.

Subindo para a velha bancada de trabalho, Fishenauer começou a puxar as pranchas no sítio onde o tecto da garagem se encontrava com a parede. Havia lá um espaço, tal como Gary dissera.

Fishenauer apontou o foco de luz para o buraco aberto na parede. E deu com os olhos em parte do dinheiro do resgate que se

achava que Gary Soneji Murphy não tinha. Nem acreditava no que via. Na parede da garagem, encontrava-se uma pilha de dinheiro.

Às três horas e dezasseis minutos da manhã seguinte, Gary Soneji Murphy encostou a testa às frias barras metálicas que separavam a sua cela do corredor da cadeia. Tinha outro grande papel a desempenhar. «Cá vou eu!»

Começou a vomitar para o lustroso chão de linóleo... tal como planeara. Vomitou violentamente dentro da cela e gritou Por socorro entre sacões que lhe tiravam o ar.

Os dois guardas da noite apareceram a correr. Desde o primeiro dia que Gary era vigiado constantemente, para evitar que se suicidasse. Laurence Volpi e Phillip Halyard eram veteranos, com muitos anos de serviço na prisão federal. E não gostavam muito de distúrbios nas celas, especialmente depois da meia-noite.

— O que se passa aqui? — berrou Volpi, observando a mancha verde e castanha que se espalhava lentamente no chão. — Qual é o teu problema, palerma?

— Acho que fui envenenado — arquejou e ofegou Soneji Murphy, numa voz que lhe vinha bem de dentro do peito. — Envenenaram-me. Fui envenenado! Estou a morrer. Oh, meu Deus, estou a morrer!

— Não era nada mau — comentou Phillip Halyard para o seu companheiro. Depois, riu-se: — Quem me dera ter sido o primeiro a pensar em envenenar este filho da mãe!

Volpi pegou no walkie-talkie e chamou o supervisor da noite. Aquilo de vigiar Soneji para que ele não se suicidasse era muito importante para os graduados da cadeia. Por isso, Volpi não queria que acontecesse nada durante o seu turno.

— Vou vomitar outra vez — gemeu Gary Soneji Murphy, encostando-se pesadamente às barras e vomitando uma segunda vez... com toda a violência.

O supervisor do andar chegou dali a pouco. Laurence Volpi contou-lhe rapidamente o que acontecera, fazendo um discurso que, resumidamente, o ilibava de quaisquer culpas no cartório.

— Ele diz que foi envenenado, Bobby. Não sei o que aconteceu. É possível. Estão aqui presos muitos filhos da mãe que o odeiam.

— Eu levo-o lá abaixo ao hospital — disse Robert Fishenauer aos seus homens.

Fishenauer era o encarregado do turno. Volpi já esperava que ele tomasse conta da situação.

— Devem ter de lhe fazer uma lavagem ao estômago... se ainda houver alguma coisa para lavar. Algemem-lhe bem as mãos e as pernas. Não me parece em estado de ir causar muitos problemas.

Momentos mais tarde, Gary Soneji Murphy calculou que estivesse a meio caminho da luz do dia. O elevador da cadeia era forrado com pesadas almofadas de tecido. De resto, era velho e dolorosamente lento. O coração batia-lhe desenfreadamente. Um bocadinho de um medo saudável... tivera saudades da adrenalina.

— Sentes-te bem? — perguntou Fishenauer enquanto desciam, aparentemente centímetro a centímetro. Uma única lâmpada, que projectava uma luz baça, sobressaía de um buraco aberto no meio das almofadas.

— Se me sinto bem? O que é que te parece? Arranjei maneira de ficar enjoado e estou enjoado — retorquiu Soneji Murphy. — Por que é que o raio desta coisa não anda mais depressa?

Vais vomitar outra vez?

É muito possível. Mas é um preço pequeno. — Soneji Murphy conseguiu fazer um sorriso amarelo: — Um preço muito pequeno, Bobby.

— Também acho. Mas afasta-te de mim se decidires vomitar outra vez — resmungou Fishenauer.

O elevador passou pelos vários andares, sem parar, e desceu até à cave do edifício, onde se imobilizou com um baque surdo.

— Se aparecer alguém, vamos aos raios X — disse Fishenauer, quando a porta do elevador se abriu. — As radiografias tiram-se aqui na cave.

— Eu sei qual é o plano. Fui eu que o tracei — lembrou Gary Soneji Murphy.

Como já passava das três da manhã, não viram ninguém ao longo do comprido túnel da cave da cadeia. A meio do túnel havia uma porta, que Fishenauer abriu com a sua chave.

Depois de percorrerem outro corredor curto, vazio e silencioso, chegaram a uma porta de segurança. Era ali que a porca torcia o

rabo e que Soneji Murphy teria de provar a Fishenauer que estava à altura da sua reputação, pois este não possuía a chave da porta de segurança.

— Dá-me a tua arma, Bobby. Pensa só nos dez milhões de dólares. Eu faço o que se segue; só tens de te preocupar com a tua parte do dinheiro.

Era assim! Para Soneji, era tudo muito fácil. Faz isto, faz aquilo. Fica com uma parte dos dez milhões de dólares. Relutantemente, Fishenauer estendeu-lhe o revólver, Não queria pensar mais no que estava a fazer. Além disso, era a sua oportunidade de sair de Fallston. A sua única oportunidade. De contrário, sabia que passaria ali o resto da vida.

— É muito fácil, Bobby, mas vai resultar. Faz a tua parte com o Kessler. Põe-te com um ar aterrorizado.

— Eu estou aterrorizado.

— Tens razões para isso, Bobby. Estou com a tua arma.

Do outro lado da porta de segurança, encontravam-se dois guardas prisionais. Uma janela de vidro até à altura da cintura deixou-os ver uma cena incrível: Soneji Murphy aproximava-se, com uma arma encostada ao lado esquerdo da cabeça do supervisor Bob Fishenauer. Soneji Murphy tinha algemas nos braços e nas pernas, mas também uma arma.

Os dois guardas levantaram-se de imediato e apontaram as espingardas por cima do vidro.

Mas não tiveram tempo de fazer mais nenhum gesto.

— Ou me abrem essa porta em cinco segundos, ou mato este gajo. — berrou Gary. -

Depressinha!

— Por favor! — gritou Fishenauer aos guardas. Estava cheio de medo. Soneji tinha a arma bem encostada à sua cabeça. — Ele matou o Volpi lá em cima.

Foram precisos menos de cinco segundos para o guarda mais velho, Stephen Kessler, tomar a sua decisão e rodar a chave que abria a porta de segurança. Kessler era amigo de Robert Fishenauer, e Soneji contara com isso. Soneji pensara em tudo. Sabia que Robert Fishenauer nunca sairia daquela cadeia, onde estava tão encarcerado como os presos.

Fishenauer falara-lhe da sua cólera e das suas frustrações. Soneji era o filho da mãe mais esperto que Fishenauer já conhecera. Havia de o tornar milionário.

Dirigiram-se os dois para o carro de Fishenauer. O Firebird estava estacionado perto do portão da frente. Fishenauer deixara a porta do carro desportivo aberta.

Meteram-se lá dentro num abrir e fechar de olhos.

— Lindo bólido, Bobby — comentou Gary Soneji Murphy. Agora, vais poder comprar um Lamborghini. Até dois ou três, se te apetecer.

Soneji deitou-se no banco de trás e tapou-se com um cobertor que servia de cama ao colíe de Fishenauer; cheirava imenso a cão.

— Vamos lá sair desta ratoeira — disse Soneji Murphy lá de trás. Robert Fishenauer pôs o motor do Firebird a trabalhar.

A menos de um quilómetro e meio da cadeia, mudaram de carro, saltando rapidamente para dentro de um Bronco estacionado na rua. Dali a uns minutos, estavam na auto-estrada.

O movimento era pouco, mas chegava bem para se misturarem com ele.

Menos de noventa minutos mais tarde, o Bronco virou para o caminho cheio de silvas da velha quinta em Maryland. Durante a viagem, Soneji Murphy entregara-se ao prazer, pequeno mas requintado, de saborear o seu plano de mestre. Adorava a ideia de ter pensado em esconder algum dinheiro na garagem, havia quase dois anos. Não o dinheiro do resgate, claro. Só para aquele momento. Como fora previdente!

— Já chegamos? — perguntou finalmente Gary Soneji Murphy de debaixo do cobertor.

Fishenauer não respondeu logo, mas Gary percebeu que sim, devido aos solavancos do caminho, e endireitou-se no limitado banco de trás do Bronco. Estava quase livre. Era mesmo invencível.

— São horas de enriquecer — afirmou, rindo alto. — Não tencionas tirar-me as algemas?

Robert Fishenauer nem se deu ao trabalho de se virar. Para ele, aquela continuava a ser uma relação guardador/guardado.

— Logo que tiver a minha parte do dinheiro do resgate — respondeu pelo canto da boca. — Soltar-te-ei nessa altura, e só

nessa altura! Soneji Murphy falou perto da nuca de Fishenauer: — De certeza que tens as chaves das algemas, Robert?

— Não te preocupes. De certeza que sabes onde está escondido o resto do dinheiro do resgate?

Soneji Murphy também sabia de certeza que Fishenauer tinha as chaves com ele.

Sentira imensa claustrofobia durante a última hora e meia.

Por isso, resolvera pensar noutra coisa: no seu plano de mestre, Passara a viagem a recordar a cave da sua infância. Vira a madrasta e os seus dois fedelhos mimados. Imaginara-se novamente rapaz... a viver a gloriosa aventura do «Mau Rapaz». Por algum tempo, a fantasia sobrepusera-se à realidade.

Enquanto o Bronco seguia lentamente aos solavancos pela estrada das recordações, Gary Soneji Murphy levantou as mãos e baixou-as sobre a cabeça de Fishenauer, envolvendo-lhe maldosamente o pescoço. O elemento surpresa. Depois, apertou o metal das algemas contra a maçã de Adão do guarda prisional.

— Que queres que te diga, Bobby? Afinal, sou um psicopata mentiroso.

Fishenauer começou a contorcer-se e a debater-se furiosamente. Não conseguia respirar. Era como se estivesse a afogar-se. Os seus joelhos bateram com força por baixo do volante. A noite encheu-se de ruídos altos e animais produzidos pelos dois homens.

Fishenauer conseguiu levantar as pernas até ao banco do passageiro, batendo com uma bota no tejadilho, do Bronco. Ficou com o corpo torcido de lado, como se tivesse uma dobradiça, arquejou e fez um ruído estranhíssimo, parecido com metal a arder e a estalar num forno.

Os esforços que Fishenauer fazia para se libertar abrandaram e, por fim, pararam. Só lhe ficou um ligeiro tremor nos braços e nas pernas. Gary estava livre... tal como soubera que estaria desde o início. Gary Soneji Murphy andaria novamente à solta.

Jezzie Flanagan percorreu o corredor até ao quarto quatrocentos e vinte e sete do Hotel Marbury, em Georgetown. Sentia outra vez uma grande compulsão, uma energia enorme. Não lhe agradava

aquela reunião secreta. Sobre o que seria? Jezzie achava que sabia e esperava estar enganada. Mas não se enganava muitas vezes.

Jezzie bateu à porta com os nós dos dedos e espreitou em volta e atrás de si. Não era paranóia da sua parte. Sabia que metade das pessoas de Washington passava o tempo a espiar a outra metade.

— Está aberta. Entra — ouviu de dentro.

Jezzie abriu a porta e viu-o reclinado no sofá. Reservara uma suite, o que era mau sinal. Parecia que queria queimar dinheiro.

— Uma suite para a minha querida. — Mike Devine sorriu do sofá. Via os Redskins na televisão. Calmíssimo, como sempre. Em muitos aspectos, fazia-lhe lembrar o pai. Fora, talvez, por isso, que ele a atraía. A perversidade excitara-a.

— Michael, isto é muito perigoso neste momento. — Jezzie entrou no quarto de hotel, fechou a porta e rodou a chave na fechadura. Falou numa voz preocupada e não zangada.

Doce, doce Jezzie.

— Perigoso ou não, temos de falar. Sabes, o teu namorado foi-me visitar. Hoje de manhã, tinha o carro estacionado ao pé do meu prédio.

— Ele não é meu namorado. Tenho andado a extorquir-lhe as informações de que nós temos precisado.

Mike Devine sorriu:

— Tu extorques-lhe a ele e ele extorque-te a ti. Anda toda a gente contente? Eu não.

Jezzie sentou-se no sofá, ao lado de Devine. Ele era mesmo sexy, e sabia-o. Tinha a elegância de Paul Newman, mas sem os insuportavelmente bonitos olhos azuis. E gostava de mulheres... via-se.

— Eu não devia estar aqui, Michael. Não devíamos estar juntos agora. Jezzie esfregou a cabeça no seu ombro e beijou-lhe docemente a face e o nariz. Apetecia-lhe fazer tudo menos andar aos abraços. Mas fá-lo-ia, se fosse preciso. Faria tudo o que fosse necessário.

— Devas, claro que devias estar aqui, Jezzie. Para que nos serve tanto dinheiro se não o podemos gastar nem estar juntos?

— Parece-me que ainda há pouco os encontramos, no lago. Ou será que imaginei tudo?

— Para o diabo com os momentos roubados! Anda comigo para a Florida.

Jezzie beijou-lhe a garganta. Estava impecavelmente barbeado e cheirava sempre bem. Desabotoou-lhe a camisa e meteu-lhe a mão no peito. Depois, passou a mão pelo «Inchaço» das calças. Jezzie estava agora em piloto automático. Onde quer que a levasse.

— Talvez tenhamos de nos livrar do Alex Cross. Estou a falar a sério — sussurrou. -

Ouves, Jezzie?

Sabia que ele estava a pô-la à prova, para ver a sua reacção: — Isso é muito sério. Espera um bocadinho. Deixa-me ver o que o Alex sabe. Tem paciência.

— Tu deitas-te com ele, Jezzie. É por isso que tens paciência.

— Não deito nada.

Jezzie desapertava-lhe o cinto com a mão esquerda, mostrando-se um tanto desajeitada. Precisava de o manter assim durante mais algum tempo.

— Como é que eu sei que não te apaixonaste pelo Alex Cross? insistiu ele.

— Eu amo-te a ti, Michael, — Aproximou-se de Devine e abraçou-o. Ele era fácil de enganar. Eram todos. Agora, só precisava de esperar que o FBI desistisse para ficarem livres.

Perfeito. O crime do século.

Estava a dormir quando recebi o telefonema, às quatro da manhã. Quem me ligava era um afluente Wallace Hart. Falava de Fallston, onde tinha um grave problema entre mãos.

Cheguei à cadeia uma hora depois. Fui um dos quatro privilegiados admitidos em segredo no gabinete apertado e sobreaquecido do Wallace. A imprensa ainda não fora informada da sensacional fuga. Em breve teria de ser alertada não havia como rodear o problema. Seria uma festa quando soubessem que o Soneji Murphy andava novamente à solta.

O Wallace Hart encontrava-se caído sobre a secretária atulhada de papéis como se tivesse sido abatido a tiro. As outras pessoas presentes eram o director e o advogado da cadeia.

— O que é que sabes do guarda desaparecido? — perguntei ao Wallace na primeira oportunidade.

— Chama-se Fishenauer e tem trinta e seis anos. Está aqui na cadeia há onze anos e tem uma boa folha de serviços — informou o Hart. — Até hoje, fez um bom trabalho.

— Qual é a tua opinião? Achas que esse tal guarda é o último refém do Gary? -

indaguei.

— Não me parece. Suponho que o filho da mãe ajudou o Soneji a fugir.

Nessa mesma manhã, o FBI passou a vigiar Mike Devine e Charles Chakely noite e dia. Uma das teorias avançadas era a de que o Soneji Murphy iria atrás deles, pois sabia que lhe tinham estragado o plano de mestre.

O corpo do guarda prisional Robert Fishenauer foi encontrado numa velha garagem da quinta abandonada de Crisfield, em Maryland. Tinha na boca uma nota de vinte dólares que não fazia parte do dinheiro do resgate pago na Florida.

Como de costume, o Soneji Murphy foi «visto» várias vezes durante o dia. Mas não se provou nada. Ele estava algures, rindo-se de nós, provavelmente uivando nalguma adega escura. Voltara a ser notícia de primeira página em todos os jornais do país. Exactamente como ele gostava. O pior «Mau Rapaz» de todos os tempos.

Por volta das seis da tarde, fui de carro até ao apartamento da Jezzie. Não me apetecia nada ir lá. Sentia o estômago às voltas e tinha a cabeça ainda em pior estado. Mas precisava de a avisar de que o Soneji Murphy podia havê-la inscrito na sua lista, especialmente se a tivesse relacionado com Devine e Chakely. Tinha de avisar a Jezzie, sem lhe contar tudo o que sabia.

Enquanto subia os familiares degraus de tijolo vermelho do alpendre, ouvi música rock a tocar dentro de casa e quase pondo as paredes a tremer. Era o álbum de Borime Raitt, Taking My Time. Bonnie lamentava-se, cantando «I Gave My Love a Candle».

Eu e a jezzíe tínhamos ouvido vezes sem conta a cassete de Bonnie Raitt na casa do lago. Talvez ela estivesse a pensar em mim. Pelo meu lado, pensara muito nela nos últimos dias.

Toquei à campainha e a Jezzie abriu a porta. Envergava a roupa habitual: uma T-shirt amarrotada, uns calções cortados e sandálias de tiras, Sorriu e pareceu contente por me ver.

Tão calma, fria e composta! Eu tinha o estômago cheio de nós. De resto, sentia-me frio. Sabia o que tinha a fazer. Pelo menos, pensava que sim.

— E mais uma coisa... — disse eu, como se ainda há pouco tivéssemos acabado de conversar.

A Jezzie soltou uma gargalhada e abriu a porta. Não entrei. Não arredei pé do alpendre. Ouviram-se daqueles sininhos que tocam com o vento na casa ao lado. Eu observava-a, procurando algum movimento em falso, alguma coisa que me provasse que não ensaiara na perfeição, mas não descobri nada.

— Que tal um passeio pelo campo? — desafiei-a.

— Ótimo, Alex. Vou só vestir umas calças compridas.

Uns minutos mais tarde, montados na moto, afastávamo-nos a toda a velocidade da sua casa. Eu ainda cantarolava — Gave My Love a Candle». E também revia tudo uma última vez, traçava o meu plano e verificava-o. Ia ver quem era o bom e o mau da fita.

— Podemos conversar e andar de moto ao mesmo tempo — gritou a Jezzie para o vento, depois de virar a cabeça.

Agarrei-me com mais força às costas e ao peito dela, o que me fez sentir ainda pior, e gritei-lhe de lado:

— Agora com o Soneji à solta, estava preocupado contigo. — Até aí, era verdade. Não queria encontrar a Jezzie assassinada e com os seios cortados.

Ela virou a cabeça:

— Porquê? Porque é que estavas preocupado comigo? Tenho a minha Smith and Wesson em casa.

«Porque ajudaste a estragar o seu crime perfeito e ele talvez saiba disso», apeteceu-me dizer-lhe. «Porque levaste a miúda da quinta, Jezzie. Levaste a Maggie Rose Dune e, depois, tiveste de a matar, não foi?»

— Ele sabe da nossa relação pelos jornais — retorqui, em vez disso. — Pode resolver perseguir os que estiveram envolvidos na investigação. Especialmente os que achar que contribuíram para estragar o seu plano,

— A cabeça dele funciona assim, Alex? Tu deves sabê-lo melhor do que ninguém. Tu é que és psicólogo criminal.

— Ele quer mostrar ao mundo que é um ser superior — expliquei. — Tem necessidade de que isto seja tão grande e complicado como o caso Línndberg o foi na sua época. Suponho que é a sua faceta Lindbergh. Quer que o seu crime seja o maior e o melhor. Ainda não acabou.

Provavelmente, acredita que só agora recomeçou.

— Quem é o Bruno Hauptmann da nossa história? Quem é que o Soneji está a tentar incriminar? — gritou a Jezzie acima do barulho do vento.

Estaria ela a tentar mostrar-me o seu álibi? Seria possível que o Sonejí a tivesse encurralado? Seria o fim... Mas como? E porquê?

— O Gary Murphy é o Bruno Hauptmann — retorqui, porque pensava saber a resposta. -

Foi ele que o Gary Sonejí teve a esperteza de tramar. Foi condenado a ir para a cadeia, e está inocente.

Falamos para trás e para a frente durante a primeira meia hora. Depois, percorremos em silêncio quilómetro após quilómetro de auto-estrada.

Retirámo-nos os dois para os nossos mundos pessoais, Às tantas, dei comígo agarrado com indiferença às suas costas. Recordava várias coisas sobre nós. Sentia-me tão mal! Só queria que tudo aquilo acabasse! Sabia que ela era uma psicopata semelhante ao Gary. Sem consciência. Acreditava que o mundo dos negócios, o governo, Wall street estavam cheios de pessoas assim, sem remorsos pelas suas acções, a não ser que fossem apanhadas... e era nessa altura que começavam as lágrimas de crocodilo.

— E se saíssemos outra vez? — indaguei finalmente, fazendo-lhe a pergunta que tinha estado a preparar. — Não queres ir novamente às ilhas Virgens? Acho que estou a precisar.

Fiquei sem saber se a Jezzie me ouvira. Então, ela retorqui: — Está bem. Apetece-me passar algum tempo ao sol. Vamos para as ilhas.

Remexi-me no assento de trás da moto. E pronto. Passamos a toda a velocidade por aquela região lindíssima mas a paisagem esborratada e tudo o que estava a acontecer fazia-me doer a cabeça, que não deixaria de me doer.

Mais do que qualquer outra coisa, Maggie Rose Dune queria viver. Percebia-o agora.

Queria que a sua vida voltasse ao que era. Queria tanto ver a mãe e o pai! E todos os amigos, os de Washington e os de Los Angeles mas, especialmente, Michael. O que teria acontecido ao «Encolhido» Goldberg? Tê-lo-iam soltado? Teria sido trocado por um resgate e ela não?

Maggie passava o dia a apanhar legumes. O trabalho era duro, mas, sobretudo, era a coisa mais aborrecida que ela podia imaginar. Tinha de pensar noutra coisa qualquer durante os longos dias passados à torreira do sol. Era-lhe absolutamente necessário não pensar no que estava a fazer nem no sítio onde se encontrava.

Perto de um ano e meio depois do rapto, Maggie Rose Dune conseguiu fugir do local onde a escondiam.

Disciplinara-se de forma a acordar cedo de manhã, antes dos outros. Fizera-o durante semanas antes de tentar escapar. Ainda estava escuro lá fora, mas sabia que o Sol nasceria dali a cerca de uma hora. Depois, faria imenso calor. Foi descalça até à cozinha, com os sapatos na mão. Se a apanhassem naquela altura, diria que ia só à casa de banho. Como precaução para o caso de ser apanhada, tinha a bexiga cheia.

Haviam-lhe dito que nunca conseguiria fugir, nem que lograsse escapar da aldeia, pois a cidade mais próxima, fosse qual fosse a direcção que escolhesse, ficava a mais de oitenta quilómetros. Os montes estavam cheios de cobras e felinos perigosos. Às vezes, ouvia os felinos uivarem à noite. Tinham-lhe dito que nunca conseguiria chegar a uma cidade. E, se a apanhassem, pô-la-iam debaixo da terra durante, pelo menos, um ano. Ela lembrava-se de como era estar enterrada? E de não ver luz durante dias a fio?

A porta da cozinha estava fechada à chave. Maggie Rose percebera que a guardavam num quatinho de ferramentas, juntamente com um monte de outras chaves velhas e ferrugentas. Por isso, tirou de lá a chave e um pequeno martelo, que poderia servir-lhe de arma e que escondeu no cinto elástico dos calções.

Maggie meteu a chave na fechadura da porta da cozinha. Esta abriu-se e ela saiu. Pela primeira vez em tanto tempo, estava livre. O seu coração cruzou os ares, como os falcões que, às vezes, via

voando sobre o esconderijo. O simples facto de andar sozinha sabia-lhe tão bem! Maggie Rose percorreu vários quilómetros. Decidira descer e não subir os montes... embora uma das crianças tivesse jurado a pés juntos que, nessa direcção, havia uma cidade que não ficava longe.

Como tirara dois pães duros da cozinha, foi-os mordiscando durante o princípio da manhã. Com o nascer do Sol, começou a ficar quente. Por volta das dez horas, estava muito calor. Maggie Rose seguia por uma estrada de terra batida, mas mantinha-se sempre perto da via principal, que nunca perdia de vista.

Continuou a caminhar toda a tarde, espantada por ainda ter forças para resistir ao calor. Se calhar, valera a pena trabalhar tão duramente nos campos. Nunca se sentira tão forte. Tinha músculos desenvolvidos em todo o corpo.

Ao fim da tarde, continuando a descer a encosta, Maggie Rose começou a ver a cidade. Era maior e mais moderna do que o sítio onde estivera durante tantos meses.

Maggie Rose começou a descer as últimas ladeiras a correr. Por fim, a estrada de terra desembocou numa de alcatrão. Uma estrada a sério. Maggie meteu por ela e, dali a pouco, viu uma estação de serviço. Tratava-se de uma bomba de gasolina Shell, perfeitamente normal, mas nunca vira nada mais bonito na vida.

Maggie Rose ergueu o rosto e deu com os olhos no homem.

Ele perguntou-lhe se se sentia bem. Chamava-lhe sempre Bobbi, e ela sabia que ele gostava um bocadinho dela. Maggie respondeu-lhe que se sentia bem, que apenas estivera perdida nos seus pensamentos.

Maggie Rose não lhe disse que estivera outra vez a inventar histórias, maravilhosas fantasias que a ajudavam a esquecer a dor,

Sem dúvida, o Gary Soneji Murphy ainda tinha o seu plano de mestre. Mas, naquele momento, eu também já tinha o meu. A questão era saber se conseguiria levá-lo a cabo na perfeição. Estaria mesmo firmemente decidido a realizá-lo, fosse a que preço fosse? Até onde estava disposto a ir? A que distância do abismo?

A viagem para Virgin Gorda começou em Washington DC, numa sexta-feira de manhã gelada e chuvosa. Estavam cerca de dois

graus. Em circunstâncias normais, teria sido um prazer sair dali o mais depressa possível.

Num Porto Rico encharcado de sol, tivemos de mudar para um trimotor Trislander. Às três e meia da tarde, eu e a Jezzie descíamos para uma praia de areia branca, uma estreita faixa de aterragem orlada de palmeiras altas que se agitavam ao sabor da brisa marítima.

— Está ali — exclamou ela do lugar ao meu lado. — Está ali o nosso lugar ao sol, Alex. Se pudesse, ficava aqui um mês inteiro.

— Realmente, parece mesmo o que o médico receitou — tive de concordar, já iríamos ver.

Iríamos ver quanto tempo queríamos estar a sós...

— A esta viajante cansada apetece estar dentro de água e não a olhar para ela cá de cima. Viver de peixe e fruta. Nadar até cair para o lado.

— Foi para isso que viemos, não foi? Para nos deliciarmos ao sol e afastarmos os maus...

— As coisas são boas, Alex. Podem ser. É só deixarmo-nos ir. — A Jezzie parecia sempre tão sincera! Quase me apetecia acreditar nela. Quando a porta do Trislander se abriu, deixou entrar os cheiros fragrantes das Caraíbas. O ar quente embateu nos nove passageiros do pequeno avião.

Toda a gente saiu de óculos de sol e Tshirts muito coloridas. Sorrisos irromperam em quase todos os rostos. Quanto a mim, fiz também um... amarelo.

A Jezzie deu-me a mão. Estava mesmo ali... e, no entanto, bem longe. Parecia-me tudo um sonho. O que estava a acontecer... não podia estar a acontecer.

Mulheres e homens pretos de sotaque britânico indicaram-nos uma espécie de minialfândega pouco convencional. Nem as minhas malas nem as da Jezzie foram abertas.

Na verdade, já estava tudo combinado, com a ajuda do Departamento de Estado norte-americano.

Dentro da minha mala havia um revólver de baixo calibre... carregado e pronto.

— Alex, continuo a adorar isto — comentou a Jezzie, quando nos aproximamos da pequena fila de espera para os táxis, junto dos

quais se viam também lambretas, bicicletas e carrinhas todas sujas. Alguma vez voltaríamos a passear juntos de moto? — Vamos ficar aqui para sempre — sugeriu a Jezzie. — Vamos fazer de conta que não temos de ir embora. Nada de mais relógios, rádios ou notícias.

— Isso agrada-me — aquiesci. — Vamos brincar ao «faz-de-conta».

— Que bom! Vamos. — A Jezzie bateu palmas como uma criança pequena.

A paisagem da ilha parecia não ter mudado desde a nossa última visita, o que, provavelmente, era verdade desde que a família Rockefeller começara a comprar a ilha nos anos 50. Iates e barcos à vela concentravam-se no mar cintilante. Passamos por pequenos restaurantes e lojas de material de mergulho. As coloridas casas de um piso tinham todas antenas de televisão nos telhados. O nosso lugar ao sol. O paraíso.

Eu e a Jezzie ainda tivemos tempo de ir nadar um bocadinho no hotel. Dando-nos uns certos ares, esticamos o corpo e fizemos uma corrida de ida e volta até a um recife distante.

Lembrei-me da primeira vez que nadamos juntos na piscina do hotel de Miami. Fora o início da sua representação.

Depois, deixámo-nos cair na praia, contemplando o Sol a descer no horizonte, a jorrar nele o seu sangue e a desaparecer de vista.

— Déjà vu, Alex. — Jezzie sorriu. — Como antes. Ou será que sonhei tudo?

— Agora é diferente — volvi, acrescentando rapidamente: — Nessa altura, não nos conhecíamos tão bem.

Em que estaria ela a pensar? Também devia ter um plano. Em princípio, sabia que eu andava em cima de Devine e Chakely, e devia querer saber os meus planos em relação a eles.

Um jovem garanhão preto, magro e cheio de músculos, de fato de banho branco e impecável T-shirt do hotel, levou-nos pina coladas até às cadeiras da praia. O faz-de-conta não passou daí.

— Estão em lua-de-mel? — Era suficientemente descontraído para brincar connosco.

— Na segunda lua-de-mel — retorquiu a Jezzie.

— Então, divirtam-se a dobrar — rematou o sorridente empregado. O ritmo lento da ilha acabou por tomar conta de nós.

Jantamos na esplanada do hotel. Mais déjà vu fantasmagórico. Ali, no ambiente perfeito das Caraíbas, senti que fazia o maior jogo duplo, na atmosfera mais irreal da minha vida.

Observei as idas e vindas dos grelhados de palombeta, garoupa e tartaruga, ouvi a banda de reggae preparar-se... e não parei de pensar que a linda mulher que tinha ao meu lado deixara o Michael Goldberg morrer. Também tinha a certeza de que ela assassinara a Maggie Rose Dune ou de que, pelo menos, fora cúmplice desse crime. E nunca mostrara o mínimo sinal de remorso.

Algures nos Estados Unidos, encontrava-se a sua parte do resgate de dez milhões de dólares. Mas a Jezzie era suficientemente esperta para me deixar «dividir» com ela as despesas da viagem.

— Dividimos tudo, Alex. Pagamos tudo a meias, está bem?

Ela comeu lagosta das ilhas e um apetitoso prato de pedaços de tubarão e bebeu duas cervejas durante o jantar. Era tão doce e esperta! De certo modo, metia mais medo do que o Gary Soneji Murphy.

Sobre o que é que se fala com uma assassina que se amou, durante um jantar perfeito? Eu queria saber muitas coisas, mas não podia fazer nenhuma das perguntas que me martelavam a cabeça. Em vez disso, conversamos sobre as férias seguintes e fizemos planos para o tempo que íamos passar nas ilhas.

Olhando para a Jezzie, sentada do outro lado da mesa, pensei que nunca tivera um aspecto tão atraente. Aquele seu tique nervoso de estar constantemente a prender o cabelo louro atrás da orelha era um gesto tão familiar e íntimo! Por que estaria ela nervosa e preocupada? O que saberia?

— Muito bem, Alex — começou finalmente. — Não queres dizer-me o que é que estamos a fazer em Virgin Gorda? É mais uma reunião de trabalho?

Eu preparara-me para a pergunta, mas, mesmo assim, fui apanhado de surpresa. Ela disparara-a na perfeição. Por mim, estava pronto a mentir. Sentia-me capaz de racionalizar o que tinha de fazer.. o que não me sentia era muito bem a fazê-lo.

— Quero falar contigo. Quero mesmo falar contigo. Talvez pela primeira vez, Jezzie.

As lágrimas assomaram aos cantos dos olhos dela e rolaram-lhe lentamente pelas faces, formando rastos brilhantes à luz da vela.

— Amo-te, Alex — murmurou. — É que... vai ser sempre tão difícil! Tem sido difícil até agora.

— Queres dizer que o mundo não está preparado para nós? — perguntei-lhe. — Ou que nós é que não estamos preparados para o mundo?

— Não sei. Só sei que é muito difícil.

Depois do jantar, passeamos pela praia e aproximámo-nos de um galeão naufragado.

Os pitorescos destroços estavam encalhados a cerca de quatrocentos metros da esplanada principal do restaurante. A praia parecia deserta.

Apesar do luar, ficou mais escuro quando chegamos ao pé do barco naufragado.

Farrapos de nuvens riscavam o céu. Por fim, a jezzie pouco passou de uma sombra escura ao meu lado. Tudo naquele momento me punha muito pouco à vontade. A minha arma ficara no quarto.

Alex. — A Jezzie parara. Ao princípio, pensei que ouvira qualquer coisa e olhei por cima do ombro. Sabia que o Soneji Murphy não podia estar ali. Seria possível que estivesse enganado? — Lembrei-me de uma coisa sobre a investigação — continuou ela. — Mas não quero pensar nisso aqui.

— O que é? — indaguei.

— Deixaste de me falar da investigação. Como é que acabaste por fazer com o Chakely e o Devine?

— Já que falas nisso, só posso dizer-te uma coisa: tinhas razão. Mais uma pista que não deu em nada. Agora, vamos aproveitar estes dias. Merecemo-los bem.

Gary Soneji Murphy ia observando e matutando. Os seus pensamentos recuaram no tempo, até à altura do rapto perfeito do filho dos Lindbergh. Ainda via o «Lucky Lindy», a amorosa Anne Morrow Lindbergh e o bebê Charles jr. no seu berço, no primeiro andar da casa de campo de Hopewell, em Nova Jérquia. Aquilo é que eram dias de fantasia!

Mas o que observava ele naquele momento muito mais banal?

Em primeiro lugar, dois rufiões do FBI, num Buick Skylark preto. Mais precisamente, um homem e uma mulher, em serviço de vigilância. De certeza que eram inofensivos. Não seria dali que lhe viria qualquer problema, qualquer desafio.

Depois, o prédio alto e moderno onde o agente Mike Devine ainda vivia em Washington. Chamavam-lhe o «Hawthorne». Como Nathamel, o do coração negro e meditabundo? Piscina e esplanada no telhado, garagens, porteiro vinte e quatro horas por dia... o ex-agente vivia num palácio. E os rufiões do FBI olhavam para o edifício como se pudessem crescer-lhe asas que o levassem a voar para longe.

Poucos minutos depois das dez horas da manhã, um rapaz do serviço de entregas do Federal Express entrou no pomposo bloco de apartamentos. Passados uns momentos, Gary Soneji Murphy, envergando a farda do Federal Express e com os braços cheios de encomendas para dois inquilinos do Hawthorne, tocou à campainha do 17j. Serviço de entregas!

Quando Mike Devine abriu a porta, Soneji lançou-lhe um jacto da mesma solução forte de clorofórmio que usara com Michael Goldberg e Maggie Rose Dune. Era justo.

Tal como as duas crianças, Devine caiu redondo no chão da sala, alcatifado de parede a parede. Ouvía-se música rock dentro do apartamento. Bonie Raitt, inimitável, cantava «Let's Give Them Something to Talk About».

O agente Devine acordou passados uns minutos. Sentia-se tonto e via as coisas a dobrar. Tinham-lhe arrancado a roupa toda. Estava totalmente confuso e desorientado.

Achava-se metido na banheira, com água fria até meio. Tinha os tornozelos algemados às torneiras.

— Que raio é isto? — As palavras saíram-lhe entarameladas e enroladas. Sentia-se como se tivesse bebido uma dúzia de uísques.

— Isto é uma faca muito bem afiada. — Inclinando-se sobre ele, Gary Soneji Murphy mostrou-lhe a faca de caça. — Observa bem esta demonstração gráfica. Abre bem esses teus grandes olhos azuis e enevoados. Abre-os, Michael.

Gary Soneji Murphy passou a faca ao de leve pelo antebraço do antigo agente. Devine soltou um grito. Abriu-se instantaneamente

um corte feio, de seis centímetros. A água fria e agitada da banheira encheu-se de sangue.

— Nem mais um pio — avisou Soneji, que brandiu a faca, ameaçando Devine. — Isto não é exactamente a lâmina Sensor da Gillette ou da Schick Tracer... digamos que... toca e sangra.

Por isso, tem cuidado, por favor.

— Quem és tu? — perguntou Devine, com a língua ainda muito entaramelada.

— Permita que me apresente. Sou um homem rico e de bom gosto. — Informou Soneji.

Pronto, sim, o êxito subira-lhe à cabeça. O futuro voltara a sorrir-lhe; e de que maneira!

Devine ficou ainda mais confuso.

«Sympathy for the Devil». Dos Stones? Sou o Gary Soneji Murphy. Desculpa lá a farda tão usada e o disfarce grosseiro. Mas, sabes, estou com pressa. É pena, porque há meses que quero conhecer-te. Seu patife.

— O que é que queres? — Devine lutou para manter alguma autoridade, apesar das circunstâncias adversas.

— Sem mais rodeios, tá? Está bem. Mas só porque estou com muita pressa. Bem, tens duas hipóteses muito distintas. PRIMEIRA: tenho de te cortar o pênis, meter-to na boca para te amordaçar e torturar-te com pequenos cortezinhos, centenas deles, a começar pela cara e pelo pescoço, até me dizeres o que preciso de saber. Percebeste até agora? Estou a ser claro? Vou repetir: hipótese número um: tortura dolorosa com sangramento inevitável.

A cabeça de Devine recuou involuntariamente, afastando-se daquele louco de formas indefinidas. Infelizmente, a sua visão estava a ficar mais nítida. Aliás, tinha os olhos bem abertos. Gary Soneji Murphy? No seu apartamento? Com uma faca de caça?

— SEGUNDA HIPÓTESE: dizes-me já a verdade — continuou o louco a discursar na sua cara. — Então, vou buscar o meu dinheiro, seja onde for que o tenhas escondido. Quando voltar, mato-te, mas suavemente, sem grandes tiradas. Até pode ser que, entretanto, consigas fugir. Duvido muito, mas enquanto há vida, há esperança. Digo-te uma Coisa, Michael: se fosse a ti, escolhia esta última hipótese.

Mike Devine já tinha a cabeça suficientemente desanuviada para fazer a escolha acertada. Por isso, disse a Soneji Murphy onde se encontrava a sua parte do dinheiro do resgate. Estava mesmo ali, em Washington.

Gary Soneji Murphy acreditou nele. Mas, pensando melhor, quem saberia? Afinal de contas, tratava-se de um polícia.

Quando ia a sair, Gary parou à porta do apartamento e disse, imitando o melhor possível a voz de Arnold Schwarzenegger em o Exterminador: — já volto!

Na verdade, sentia-se excepcionalmente bem. Estava a conseguir resolver por si o maldito rapto. Brincava aos polícias, o que até era engraçado. O plano ia dar resultado. Tal como sempre soubera. Caramba!

Dormi muito mal e acordei praticamente de hora a hora. Não havia ali nenhum alpendre para onde pudesse ir tocar piano, nenhuma Janelle nem nenhum Damon que pudesse ir acordar. Só uma assassina dormindo ao meu lado a sono solto.

Só um plano, cuja execução justificava a minha presença ali. Quando, por fim, o Sol nasceu, os empregados da cozinha do hotel arranjam-nos um belíssimo almoço: num cesto de vime, puseram vinhos finos, garrafas de água francesa e gulodices muito caras. Tínhamos também equipamento de mergulho, toalhas felpudas e um guarda-sol às riscas amarelas e brancas.

Quando chegamos ao cais, pouco depois das oito, já encontramos tudo arrumado dentro de um barco a motor. Levamos cerca de trinta minutos a chegar à nossa ilha... um sítio lindíssimo e retirado. O paraíso reconquistado.

Íamos estar lá sozinhos durante todo o dia. Os outros casais do hotel tinham outras ilhas privadas. A nossa praia era rodeada por um recife de coral que se estendia de setenta a cem metros da costa. A água era de um verde-garrafa perfeitamente cristalino. Quando se olhava para baixo, via-se a textura da areia no fundo. Até se lhe podia contar os grãos. Anjos-do-mar e combatentes andavam animadamente em volta das minhas pernas, em pequenos cardumes. Um sorridente par de barracudas de um metro e meio de comprimento tinha seguido o nosso barco quase até à praia mas, depois, perdera o interesse.

— A que horas querem que volte? — perguntou o condutor do barco. — Posso vir quando quiserem.

Era um pescador musculoso... Um marinheiro aí na casa dos quarenta. Mostrando-se muito bem disposto, contara-nos pescarias e outras histórias coloridas das ilhas durante a travessia. Ao que parecia, não fazia maus juízos pelo facto de eu e a Jezzie estarmos juntos.

— Oh, acho que lá para as duas ou três. — Olhei para a Jezzie a pedir ajuda: — A que horas é que Mr. Richards nos vem buscar?

Ela estava ocupada a estender as toalhas de praia e a tirar o resto do nosso material exótico: — Acho que às três está bem, Mr. Richards.

— Muito bem. Divirtam-se. — Sorrindo: — Agora, ficam aqui sozinhos. Vejo que os meus serviços já não são necessários.

Mr. Richards despediu-se de nós, saltou para dentro do barco e ligou o motor. Dali a pouco, desaparecia de vista.

Estávamos sozinhos na nossa ilha privada. Nada de preocupações e muita alegria.

É uma sensação tão estranha e irreal deitarmo-nos numa toalha de praia ao lado de uma raptora e assassina! Revi vezes sem conta tudo o que sentia, os meus planos, as coisas que sabia que tinha de fazer. Tentei dominar a minha confusão e a minha raiva. Amara aquela mulher que, naquele momento, não passava de uma desconhecida. Fechei os olhos e deixei que o sol me penetrasse nos músculos, relaxando-os. Precisava de me descontraír. De contrário, não resultaria.

Como pudeste assassinar a rapariguinha, Jezzie? Como? Como pudeste mentir a tanta gente?

De repente, o Gary Soneji surgiu do nada! Apareceu subitamente, sem aviso. Tinha uma faca de caça de trinta centímetros como a que utilizara nos homicídios do gueto de DC

Curvado lá muito em cima, a sua sombra cobria-me completamente. Era impossível ele ter chegado à ilha. Impossível.

— Alex, Alex. Estás a sonhar! — A Jezzie pousou-me uma mão fresca no ombro e tocou-me suavemente na face com as pontas dos dedos.

Devido à longa noite passada quase sem dormir, ao sol quente e à fresca brisa marítima... adormecera na praia.

Levantei os olhos para ela. A sombra que vira sobre o meu corpo era a dela, e não a do Soneji. O coração batia-me desenfreadamente dentro do peito. Para o nosso sistema nervoso, os sonhos são tão poderosos como a realidade.

— Quanto tempo dormi? — indaguei. — Uau.

— Só uns minutos, querido. Alex, deixa-me abraçar-te.

Deitada na toalha, aproximou-se de mim e os seus seios roçaram-me no peito. Tirara a parte de cima do fato de banho enquanto eu dormia. A sua pele brilhava com o óleo de bronzear. Uma linha fina de humidade perlava-lhe o lábio superior. Não podia deixar de estar bonita.

Endireitei-me e afastei-me dela. Apontei para um local onde crescia um jardim de buganvílias, quase até à beira-mar.

— Vamos passear pela praia. Vamos nadar. Quero falar contigo sobre umas tantas coisas.

— Que coisas? — inquiriu a Jezzie, mostrando-se claramente desapontada por eu a afastar, ainda que só por um momento. Queria fazer amor na praia, mas eu não.

— Anda. Vamos andar e conversar um bocadinho — desafiei. Este sol sabe tão bem!

Puxei a Jezzie, que se pôs de pé e me seguiu com alguma relutância, sem se dar ao trabalho de vestir outra vez a parte de cima do fato de banho.

Caminhávamos à beira-mar, com os pés na água límpida e calma. Não nos tocávamos, mas estávamos apenas a centímetros um do outro. Era tão estranho e irreal! Um dos piores momentos da minha vida, se não mesmo o pior!

— Estás tão sério, Alex! Não íamos divertir-nos? Ainda estamos a divertir-nos?

— Sei o que fizeste, Jezzie. Levou tempo, mas consegui juntar as peças todas. Sei que tiraste a Maggie Rose Dune ao Soneji. E sei que a mataste. — Quero falar de tudo. Não tenho nenhum gravador escondido, Jezzíe. Obviamente.

Ela fez um meio sorriso. Sempre a actriz perfeita: — Estou a ver que não.

O coração batia-me a um ritmo tremendo: — Conta-me o que aconteceu. Diz-me porquê, Jezzie. Diz-me o que eu andei quase dois anos a tentar descobrir e que tu já sabias. Conta-me a tua versão desta história.

A máscara da Jezzie, que era sempre o seu sorriso belo e perfeito, desaparecera finalmente:

— Está bem, Alex. — Parecia resignada, — Vou contar-te um bocadinho do que queres saber, do que não descansarias se não soubesses. Continuamos a caminhar. Por fim, a Jezzie contou-me a verdade:

— Como é que aconteceu? Bem, a princípio fizemos só o nosso trabalho. Juro que é verdade. Limitámo-nos a tomar conta da família do secretário. O Jerrold Goldberg não estava habituado a que lhe fizessem ameaças. Quando os Colombianos o ameaçaram, portou-se como outro civil qualquer: exagerou e exigiu a protecção dos Serviços Secretos para a família inteira. Foi assim que tudo começou: com uma segurança reforçada que nenhum de nós achava necessária.

— Então, nomeaste dois agentes de segunda categoria.

— Na realidade, dois amigos. Mas nem por sombras de segunda categoria. Achávamos aquilo uma fantochada. Foi então que o Mike Devine reparou num professor de matemática chamado Gary Soneji, que passou umas tantas vezes pela casa dos Goldberg. De início, pensamos que ele se tinha apaixonado pelo rapaz. O Devine e o Chakely puseram a hipótese de ele ser pederasta. Mas nada mais. De qualquer forma, tínhamos de saber. Tudo isso estava nos relatórios diários do Devine e do Chakely.

— E um deles seguiu o Gary Soneji?

— Algumas vezes... até alguns lugares. Não estávamos muito preocupados com isso, mas era uma questão de cumprirmos o nosso dever. Uma noite, o Charlie Chakely seguiu-os até à zona sudeste. Não relacionamos o Soneji com os assassínios, sobretudo porque a história não teve grande eco nos jornais. Sabes, eram apenas mais uns homicídios...

— Sei. Quando é que suspeitaram de mais alguma coisa?

— Só desconfiamos do rapto quando ele levou mesmo os dois miúdos. Dois dias antes, o Charlie Chakely tinha-o seguido até à

quinta de Maryland. Na altura, o Charlie não suspeitou de rapto... não tinha razões para isso.

«Mas ficou a saber onde era a quinta. Quando tudo aquilo aconteceu, o Mike Devine telefonou-me do externato. Queriam ir atrás do Soneji. Foi então que tive a ideia de ficarmos nós com o resgate. Não tenho a certeza, mas talvez já tivesse pensado nisso antes. Seria tão fácil, Alex! Tudo acabaria dali a três ou quatro dias, ninguém se magoaria mais do que já fora magoado e nós ficaríamos com o dinheiro do resgate. Milhões!

A maneira casual como a Jezzie falava do rapto até metia medo. Não dava grande importância ao facto, mas a ideia fora sua. Não de Devine nem de Chakely, mas dela. Fora ela o cérebro do plano.

— E os pequenos? — indaguei. — A Maggie Rose e o Michael?

— Já tinham sido raptados e não podíamos fazer nada contra isso. Fomos vigiar a quinta de Maryland. Tínhamos a certeza de que não lhes aconteceria nada. Ele era professor de matemática... não ia fazer-lhes mal. Pensávamos que não passava de um amador e que a situação estava sob controlo.

— Ele enterrou-os numa caixa, Jezzie. E o Michael Goldberg morreu.

A Jezzie contemplou o mar e assentiu lentamente com a cabeça: — Pois foi, o rapazinho morreu. E isso mudou tudo, Alex. Para sempre. Não sei se poderíamos tê-lo evitado. Nessa altura, avançamos, levamos a Maggie Rose e fizemos as nossas exigências de resgate. O

plano mudou completamente.

Continuávamos os dois a caminhar ao longo da água cintilante. Se alguém nos visse, era capaz de pensar que éramos namorados, conversando seriamente sobre a nossa relação.

Esta última parte até era verdade.

Por fim, a Jezzie olhou-me de frente: — Quero falar-te de nós, Alex, e contar-te a minha versão das coisas. Não é o que pensas.

Fiquei calado. Parecia-me que estava novamente do lado escuro da Lua e prestes a explodir. Só ouvia gritos dentro da cabeça. Mas deixei a Jezzie continuar. Que falasse... já não tinha importância.

— Quando tudo começou, na Florida, eu precisava de saber o que a Polícia de DC ia descobrindo. Tu tinhas fama de ser bom

polícia e de, além disso, trabalhares por ti.

— Portanto, usaste-me para te cobrir os flancos. Foste tu que me escolheste para entregar o resgate, porque não podias confiar no FBI. Sempre tão profissional, Jezzie!

— Sabia que não farias nada que pusesse a pequena em perigo e que entregarias o resgate. As complicações começaram quando regressamos de Miami. Não sei exactamente quando, mas juro que é verdade.

Ouvindo-a, sentia-me entorpecido e vazio por dentro. Transpirava abundantemente, e não era por causa da torreira do sol.

A Jezzie teria levado alguma arma para a ilha? «Sempre tão profissional »recordei.

— Ainda que não valha a pena dizer-to, apaixonei-me por ti, Alex. A sério. És tão parecido com a pessoa que eu já tinha desistido de procurar! Meigo e honesto. Carinhoso.

Compreensivo. O Damon e a Janelle tocaram-me muito fundo. Quando estava contigo, sentia-me outra vez inteira.

Fiquei estonteado e com náuseas... exactamente como me sentira até cerca de um ano depois da morte da Maria.

— Ainda que não valha a pena dizer-to, também me apaixonei por ti, Jezzie. Tentei não me apaixonar, mas não consegui. Só não conseguia imaginar que alguém me pudesse mentir como tu. Tantas mentiras e falsidades! Ainda nem acredito em todas. E o Mike Devine?

perguntei.

A Jezzie encolheu os ombros. Foi a sua única resposta.

— O crime perfeito foi teu. Uma obra-prima — continuei então. Criaste o crime dos crimes, o que o Soneji sempre quis levar a cabo. A Jezzie fitou-me bem de frente, mas parecia olhar através de mim.

Só faltava mais uma peça do quebra-cabeças... uma última coisa que eu precisava de saber.

Um pormenor impensável.

— O que é que aconteceu à miúda? O que é que tu, o Devine ou Chakely fizeram à Maggie Rose?

A Jezzie abanou a cabeça:

— Não, Alex. Isso não te posso dizer. Sabes muito bem que não. A Jezzie cruzara os braços, quando começara a revelar-me a verdade. Naquele momento, tinha-os cruzado com força.

— Como pudeste matar uma rapariguinha? Como, Jezzie? Como conseguiste matar a Maggie Rose Dune?

De repente, a Jezzie rodou nos calcanhares e afastou-se de mim, dirigindo-se de novo para o sítio onde estavam as toalhas e o guarda-sol. Até para ela era demais. Dei um passo rápido e agarrei-lhe no braço, apertando-lhe o cotovelo.

— Tira as mãos de cima de mim! — gritou, com o rosto contorcido.

— Podes passar-me a informação sobre a Maggie Rose — gritei. Vamos fazer um acordo, Jezzie!

Ela voltou-se:

— Não te deixam reabrir este caso. Não te iludas, Alex. Não sabem nada sobre mim, e tu também não. Não te vou passar nenhuma informação.

— Ai, vais, vais. — A minha voz baixara de volume, transformando-se quase num sussurro. — Vais sim, Jezzie. Vais dizer-me tudo... Não tenhas dúvidas.

Apontei na direcção do barranco e das palmeiras, que iam crescendo em maior número à medida que se afastavam da praia arenosa.

O Sampson surgiu do seu esconderijo, no meio do matagal mais espesso, acenando com uma coisa que parecia uma varinha prateada. Na verdade, tratava-se de um microfone de longo alcance.

Dois agentes do FBI levantaram-se e também acenaram. Estavam escondidos no meio da vegetação desde antes das sete da manhã. Os agentes estavam vermelhos como lagostas no rosto e nos braços. O Sampson também devia ter apanhado o maior escaldão da sua vida.

— Ali o meu amigo Sampson gravou tudo o que disseste desde que começamos a passear.

A Jezzie fechou os olhos durante uns segundos. Não esperava que eu fosse tão longe.

Não me achava capaz disso.

— Agora, vais dizer-nos como assassinaste a Maggie Rose — ordenei. Abriu os olhos, que pareciam pequenos e muito pretos:

— Tu não percebes. Não percebes, pois não?

— O quê, Jezzie? Diz-me o que é que eu não percebo.

— Estás sempre à procura da parte boa das pessoas... mas se ela não existe! O teu caso vai acabar por ir pelos ares. No fim, vais fazer figura de parvo. Viram-se todos outra vez contra ti.

— Talvez... mas, pelo menos, este momento ninguém mo tira.

A Jezzie fez menção de me bater, mas eu travei-lhe o punho com o antebraço. O seu corpo torceu-se e ela caiu, ainda que não tão redondamente como merecia. Espalhou-se no seu rosto uma máscara de surpresa.

— É assim que as coisas começam, Alex — disse do assento arenoso onde aterrara. -

Também estás a ficar um filho da mãe. Parabéns.

— Enganas-te — retorqui. — o que me sinto é muito bem. Estou ótimo.

Deixei o Sampson e os agentes do FBI prenderem formalmente a Jezzie Flanagan.

Regressei ao hotel, fiz as malas e, uma hora depois, já estava novamente a caminho de Washington.

Dois dias depois de termos chegado a DC., eu e o Sampson voltamos a fazer as malas. Íamos para Uyuni, na Bolívia. Tínhamos razões para esperar e acreditar que, por fim, talvez conseguíssemos encontrar a Maggie Rose Dune.

A Jezzie falara muito: abrira mão das informações que possuía. No entanto, recusara-se a ter conversas com o FBI. Falara comigo, Uyum fica na Cordilheira dos Andes, cerca de duzentos quilómetros a sul de Oruro.

Para se chegar lá, vai-se num avião pequeno até ao rio Mulato e, depois, segue-se de jipe ou de carrinha para Uyuni.

Fizemos a última parte desta penosa viagem num Ford Explorer, com mais seis pessoas. Além de mim e do Sampson, encontravam-se na carrinha dois agentes especiais do Departamento do Tesouro, o embaixador dos EUA na Bolívia, o nosso condutor e Thomas e Katherine Rose Dune.

Durante as últimas e esgotantes trinta e seis horas, tanto Charles Chakely como a Jezzie haviam-se mostrado desejosos de nos dar informações sobre a Maggie Rose. O corpo retalhado de Mike Devine fora encontrado no seu apartamento de Washington e a caçada a Gary Soneji Murphy intensificara-se depois dessa descoberta. Mas, até ao momento, nada.

De certeza que o Gary estava a seguir pela televisão a história da nossa viagem à Bolívia.

Estava a ver a sua história.

Chakely e a Jezzie contaram-nos praticamente a mesma coisa sobre o rapto, isto é, que tinham visto a oportunidade de ficarem com os dez milhões de dólares, sem ninguém saber de nada. Só que não tinham podido entregar a rapariga porque precisavam que acreditássemos que o raptor fora Gary Soneji Murphy, e isso poderia pôr esse factor em causa. No entanto, não tinham querido matá-la. Pelo menos, foi o que nos disseram em Washington.

Durante os últimos quilómetros da nossa viagem através dos Andes, eu e o Sampson calámo-nos, assim como todos os outros. Quando nos aproximamos de Uyuni, pus-me a observar os Dune, sentados em silêncio, um pouco afastados um do outro. Tal como Katherine me dissera, a perda da Maggie Rose quase destruíra o seu casamento. Lembrava-me de como gostara deles ao princípio. Ainda gostava de Katherine Rose. Faláramos um bocado durante a viagem. Ela agradecera-me, autenticamente comovida, e eu nunca o esqueceria.

Fazia votos para que a filhinha os esperasse em segurança no fim de tão longa e terrível prova... Pensei na Maggie Rose Dune... uma rapariguinha que eu nunca vira, mas que, em breve, ia conhecer. Recordei todas as orações ditas por ela, os cartazes empunhados à frente do tribunal de DC, as velas ardendo em tantas janelas...

Ao atravessarmos a aldeia, o Sampson deu-me uma cotovelada: — Olha ali para cima do outeiro, Alex. Não digo que tudo o que passamos valeu a pena só por causa deste momento, mas é uma compensação.

A carrinha subia uma ladeira íngreme da aldeia de Uyuni. Casebres de lata e de pedra alinhavam-se dos dois lados do

caminho, literalmente cortado na rocha. Colunas de fumo saíam em espiral de alguns telhados de lata. A rua estreita parecia continuar a direito até à Cordilheira dos Andes.

A Maggie Rose esperava-nos a meio da encosta. Estava de pé, à frente de uma das cabanas, que eram praticamente idênticas, com vários membros de uma família chamada Patino. Vivera com eles durante quase dois anos. Ao que parecia, havia uma dúzia de outras crianças na família.

A cem metros de distância, já todos a víamos claramente. Entretanto, a carrinha continuava a subir com esforço o caminho de terra, cheio de sulcos.

A Maggie Rose envergava o mesmo tipo de blusa larga, calções de algodão e chinelas de meter o dedo das outras crianças da família, mas o seu cabelo louro fazia-a sobressair.

Estava bronzeada e parecia de boa saúde. Assemelhava-se em tudo à sua lindíssima mãe.

A família Patino não fazia ideia de quem ela era realmente. Nunca ninguém ouvira falar de Maggie Rose Dune em Uyumi... nem em Pulacayo, que ficava ali perto... nem em Ubina, que distava dezassete quilómetros, na direcção da alta e temível Cordilheira dos Andes. A polícia e as autoridades bolivianas tinham-nos informado disso. A família Patino fora paga para ter a rapariga na aldeia... em segurança, mas sem a deixar sair. Mike Devine dissera à Maggie que não tinha para onde fugir. Se o tentasse, seria apanhada e torturada. Iria para debaixo do chão durante muito, muito tempo.

Eu não conseguia tirar os olhos dela. A menina que acabara por significar tanto para tanta gente! Lembrei-me dos inúmeros cartazes e fotografias, e nem acreditei que ela estava mesmo ali. Depois de tanto tempo...

A Maggie Rose observava-nos a subir a ladeira na carrinha da Embaixada dos EUA, e não sorriu nem teve qualquer reacção. Não parecia contente por alguém ter ido, finalmente, buscá-la e salvá-la. Parecia muito confusa, ferida e receosa. Ora dava um passo em frente, ora atrás, ora olhava para a sua «família».

Saberia o que estava a acontecer? Devia estar muito traumatizada. Sentiria alguma coisa? Alegrei-me por estar ali para poder ajudá-la. Pensei outra vez na Jezzie e abanei a cabeça

involuntariamente. Mas nem por isso a tempestade se acalmou. Como podia ela ter feito uma coisa assim à rapariguinha? Por uns milhões de dólares? Por todo o dinheiro do universo?

Katherine Rose foi a primeira a sair da carrinha. Nesse preciso momento, a Maggie Rose abriu os braços.

— Mamãe! — gritou. Então, depois de hesitar uma fracção de segundo, deu um salto em frente e correu para a mãe. Aliás, correram as duas para os braços uma da outra.

No minuto seguinte, não consegui ver grande coisa através das lágrimas. Olhei para o Sampson e descortinei uma lágrima rolando por baixo dos óculos escuros.

— Dois detetives durões — comentou ele, rindo-se. Adoro aquele seu sorriso de lobo solitário.

— Pois, e de certeza os melhores de Washington, DC — volvi-lhe. Finalmente, a Maggie Rose ia voltar para casa. O seu nome era como um feitiço na minha cabeça... Maggie Rose, Maggie Rose. Só para presenciar aquele momento, valera a pena.

— Fim — proclamou o Sampson.

Sexta Parte

A CASA CROSS

A casa de Cross ficava exactamente do outro lado da rua. Lá estava ela, em toda a sua humilde glória.

O «Mau Rapaz» sentia-se enfeitado pelas brilhantes luzes alaranjadas da casa. Os seus olhos vagueavam de janela em janela. Por umas duas vezes, descortinou uma mulher negra passando a arrastar os pés por uma das janelas do andar de baixo. Tratava-se, sem dúvida, da avó de Alex Cross.

Sabia o seu nome: Nana Mama. Alex baptizara-a assim em criança. Nas últimas semanas, informara-se muito bem sobre a família Cross. Agora, tinha um plano. Uma pequena fantasia.

Às vezes, o rapaz gostava de ter medo. Medo por si; medo pelas pessoas da casa. Era uma sensação agradável, desde que pudesse controlá-la e ligá-la e desligá-la à vontade.

Por fim, forçou-se a deixar o esconderijo e a aproximar-se ainda mais da casa de Cross... ia ser o medo. Os seus sentidos ficavam muito mais apurados quando o medo estava com ele. Assim, conseguia concentrar-se e manter-se alerta durante muito tempo. Quando atravessou a 5th. Street, não estava consciente de nada para além da casa e das pessoas que nela habitavam.

O rapaz desapareceu no meio dos arbustos que cresciam à frente da casa. O coração batia-lhe fortemente. A sua respiração era rápida e superficial. Inspirou profundamente e soltou o ar pela boca, devagar. «Calma. Saboreia este momento, pensou.

Virou-se, de modo a ficar de costas para a casa, e até sentiu o calor que vinha das paredes que tinha atrás de si. Espreitou para a rua através do emaranhado dos ramos. Na zona sudeste estava sempre mais escuro, As luzes da rua nunca eram substituídas.

Tinha de ser cauteloso. E de ter calma, uma doce calma. Observou a rua durante dez minutos ou mais. Ninguém o vira. Desta vez, ninguém o espiava.

«Um último retoque e, depois, maiores e melhores glórias.» Ou pronunciou estas palavras em pensamento ou as disse baixinho. Por vezes, já não sabia bem se pensava ou se falava. Havia muitas coisas que, agora, lhe surgiam todas juntas: os pensamentos, as palavras, as acções, as histórias que contava a si próprio.

Revira todos os pormenores centenas de vezes. Quando estivessem todos a dormir, provavelmente entre as duas e as três da manhã, iria tratar das duas crianças, Damon e Janelle.

Drogá-las-ia mesmo ali, no quarto do primeiro andar. E deixaria o doutor-detetive Alex Cross continuar a dormir.

Tinha de o fazer. O famoso doutor Cross precisava de sofrer muito. Cross tinha de participar nas novas buscas. Tinha de ser assim. Era a única solução digna desse nome. E ele seria o vencedor. Era certo que Cross não precisava de mais motivos mas, de qualquer forma, dar-lhos-ia. Primeiro, o rapaz mataria a velha, a avó de Cross. Depois, iria até ao quarto das crianças. Nada seria solucionado, é claro. Os filhos de Cross nunca seriam encontrados. Ninguém pediria um resgate. Então, por fim, poderia ir tratar de outras coisas.

Esqueceria o detetive Cross. Mas Alex Cross nunca o esqueceria a ele... nem aos filhos desaparecidos.

Gary Soneji Murphy virou-se de frente para a casa.

— Alex, anda alguém dentro de casa. Alex, está aqui alguém — sussurrou-me a Nana ao ouvido.

Ainda antes de ela acabar de falar, já eu saltara da cama. Os anos que passei nas ruas de Washington ensinaram-me a ser rápido.

Ouvi um baque muito baixinho. Sim, estava mesmo alguém dentro de casa. O barulho não fora produzido pelo nosso velho sistema de aquecimento.

— Nana, fique aqui. Não saia daqui enquanto eu não a chamar murmurei à minha avó. -

Eu dou-lhe um grito quando já não houver problema.

— Vou chamar a Polícia, Alex.

— Não, fique aqui. Eu sou a Polícia. Fique aqui.

— Mas... as crianças, Alex.

— Eu vou buscá-las. Fique aqui. Vou eu buscar as crianças. Por favor, obedeça-me... ao menos desta vez. Por favor, obedeça-me.

Não havia ninguém no corredor às escuras do andar de cima. Pelo menos, ninguém que eu visse. O coração batia-me desenfreadamente quando corri até ao quarto das crianças.

Pus-me à escuta, tentando detectar mais algum som. Estava tudo demasiadamente silencioso. Veio-me à ideia aquela horrível violação (está alguém dentro da nossa casa), mas tentei afastar daí o pensamento.

Tinha de me concentrar nele. Sabia quem era. Mantivera-me alerta durante semanas após o nosso regresso com a Maggie Rose. Por fim, relaxara um pouco. E ele viera.

Encaminhei-me depressa para o quarto das crianças, correndo pelo corredor do andar de cima.

Abri a porta, que rangeu. O Damon e a Janelle ainda dormiam nas suas camas. Tinha de os acordar depressa e de os levar para junto da Nana. Eu nunca guardava a arma no andar de cima, por causa dos pequenos. Deixava-a sempre lá em baixo, no meu gabinete.

Liguei o candeeiro que se encontrava ao lado da cama. Nada! A lâmpada não se acendeu.

Lembrei-me do assassinio dos Sanders e dos Turner, o Soneji amava a escuridão, era o seu cartão-de-visita, a sua assinatura. Desligava sempre a electricidade. A Coisa estava ali!

De repente, fui atingido com uma força aterradora.

Pareceu-me que tinha sido atropelado por um camião a alta velocidade. Sabia que era o Soneji. Ele saltara sobre mim! Quase me abatera de um só golpe.

Era brutalmente forte. Passara a vida inteira a contrair e a descontraindo o corpo, os músculos. Começara a treinar-se desde que fora fechado na cave da casa do pai. Estivera amarrado durante quase trinta anos, conspirando para se vingar do mundo, conspirando para atingir a fama que achava merecer.

Quero Ser Alguém!

Atacou-me outra vez. Caímos os dois com estrondo. Fiquei sem ar. Bati com a cabeça numa esquina da secretária das crianças. A

visão toldou-se-me e os ouvidos retiniram-me. Vi estrelas por todo o lado.

— Doutor Cross! És tu? Esqueceste-te de quem é este espectáculo? Mal consegui ver o rosto do Gary Soneji. Quando ele gritou o meu nome, tentando ferir-me fisicamente com aquele guincho capaz de rebentar os tímpanos, com a força pura da sua voz.

— Não consegues tocar-me! — berrou outra vez. — não consegues tocar-me, senhor doutor! Percebes? Já percebeste? A estrela sou eu e não tu!

Tinha sangue nas mãos e nos braços. Havia sangue por todo o lado. Naquele momento, já conseguia vê-lo. Quem teria ele ferido? O que teria feito na nossa casa?

No meio das sombras que se moviam na escuridão do quarto das crianças, percebi que ele tinha uma faca na mão erguida, inclinada na minha direcção.

— Eu é que sou a estrela! Sou o Soneji! o Murphy! Quem eu quiser! Às tantas, compreendi de quem era o sangue que lhe sujava os braços e as mãos. Era o meu sangue.

Esfaqueara-me quando me atingira da primeira vez. Levantou a faca para me apunhalar novamente e grunhiu como um animal. Os pequenos já tinham acordado.

— papai? — gritou o Damon. A Janelle desatou a chorar.

— Fugam daqui! — berrei. Mas eles estavam demasiado aterrorizados para saírem da cama.

O Soneji fez uma finta com a faca e atacou-me outra vez. Rolei, e a lâmina atingiu-me no ombro. Dessa vez, senti a dor e soube exactamente o que era: a faca fizera-me um golpe no ombro,

Gritei muito alto para o Soneji Murphy. Os pequenos choravam. Eu só queria matá-lo. A minha cabeça parecia explodir. Não havia nada em mim senão raiva por aquele monstro que tinha dentro de casa. O Soneji Murphy levantou novamente a faca. A lâmina letal era comprida e tão afiada que eu nem sequer sentira a primeira ferida. Fora retalhado e nem dera por isso.

Ouvi outro grito: um guincho violento. Durante uma fantasmagórica fracção de segundo, o Soneji imobilizou-se.

Depois, girou nos calcanhares, grunhindo.

Uma figura avançava na sua direcção, vinda da porta. A Nana Mama distraíra-o.

— Esta casa é nossa! — gritou, num acesso de fúria. — Sai já daqui! Um ligeiro faiscar na secretária chamou-me a atenção. Estiquei o braço e agarrei uma tesoura pousada em cima do livro de bonecas de papel da Janelle. Era uma das tesouras da Nana.

O Soneji Murphy atacou novamente com a faca. Seria a mesma faca que utilizara nos bairros pobres? A faca com que matara Vivian Kim? Virei a tesoura para ele e senti que se lhe enterrara na carne. Ao baixá-la, retalhei-lhe a face.

O seu grito fez eco em todo o quarto.

— Filho da mãe!

— É para te lembrares de mim — escarneci. — De quem é esse sangue, do Soneji ou do Murphy?

Ele gritou qualquer coisa que não percebi e atirou-se outra vez a mim. A tesoura atingiu-o perto do pescoço. Ele saltou para trás e tentou arrancar-ma da mão.

— Anda cá, cabrão! — gritei.

De repente, dobrou-se e saiu a cambalear do quarto das crianças. Nunca atacou a Nana, a figura materna. Se calhar, estava muito ferido. Levava as mãos agarradas ao rosto.

Enquanto corria para fora do quarto, lançou um grito agudo e penetrante. Teria voltado aos seus estados de fuga? Estaria perdido numa das suas fantasias?

Eu caíra sobre um joelho e só queria ficar assim para sempre. O grito dele era como um rugido altíssimo dentro da minha cabeça. Consegui levantar-me. Tinha manchas de sangue por todo o lado: na camisa, nos calções, nas pernas nuas. O meu sangue e o dele.

As ondas de adrenalina empurravam-me para a frente. Agarrei numas peças de roupa e fui atrás dele. Dessa vez, não podia fugir. Eu não ia deixar.

Corri para o meu gabinete e peguei no revólver. Sabia que ele tinha um plano... para o caso de ser obrigado a fugir. Cada passo devia ter sido visto e revisto um cento de vezes. Ele vivia nas suas fantasias e não no mundo real.

Achei que, provavelmente, se escapuliria da nossa casa. Ia fugir para poder lutar mais.

Estaria a começar a pensar como ele? Parecia que sim, o que era aterrador.

A porta da frente encontrava-se escancarada. Eu tinha razão... até ao momento. Havia pingos de sangue no tapete. Uma pista para eu seguir?

Para onde iria o Gary Soneji Murphy se as coisas não corressem bem na nossa casa?

Como sempre, devia ter um plano. Onde seria o lugar perfeito? Qual seria a atitude completamente inesperada? Era-me difícil pensar, com o sangue a gotejar do ombro e do lado esquerdo.

Cambaleei para a escuridão da madrugada. Fazia um frio de rachar. A nossa rua estava tão silenciosa como nunca. Eram quatro horas da manhã. Julguei saber para onde ele podia ter ido.

Saberia que eu tentaria segui-lo? Já estaria à minha espera? O Soneji Murphy continuaria a antecipar-se a mim? Até ao momento, antecipara-se sempre. Agora, tinha de ser eu... só desta vez.

O metropolitano ficava a um quarteirão da nossa casa, na 5th Street. O túnel ainda estava a ser construído, mas alguns pequenos do bairro desciam até lá e percorriam os quatro quarteirões que os separavam do Capitol Hill... debaixo da terra.

Mancando, dei uma corrida para a entrada do metropolitano. O ombro doía-me, mas não me importei. Ele entrara na minha casa. Quisera fazer mal aos meus filhos.

Desci as escadas que iam dar ao túnel e tirei o revólver do coldre que pendurara ao ombro, por cima da camisa.

Havia qualquer coisa que se me rasgava de lado a cada passo que dava. Comecei a percorrer penosamente o túnel, agachado como um atirador.

Ele podia estar a observar-me. Esperaria que eu fosse ali? Penetrei mais no túnel.

Podia ser uma armadilha. Havia muitos sítios para ele se esconder. Fui mesmo até ao fim.

Não havia sinais de sangue em lado nenhum. O Soneji Murphy não se encontrava no metropolitano. Fugira para outro lado. Escapulira-se outra vez.

Quando o nível de adrenalina baixou, sentime fraco, cansado e desorientado. Subi os degraus de pedra do metropolitano.

Noctívagos entravam e saíam do quiosque do metropolitano e do restaurante Fox, aberto toda a noite. o meu estado devia ser lindo, com sangue por todo o lado. No entanto, ninguém parou. Ninguém. já toda a gente vira demasiadas cenas daquelas na capital. Por fim, parei à frente de um camionista que pousava um monte de Washíngton Posts e disse-lhe que era polícia. A perda de sangue pusera-me um tanto no ar. Sentia-me ligeiramente estonteado.

— Não fiz nada de mal — afirmou ele.

— Não disparaste contra mim, filho da mãe?

— Não. Está maluco? É mesmo da Polícia?

Obriguei-o a levar-me a casa no seu camião de entregas. O homem levou os seis quarteirões a jurar que ia processar a Câmara.

— Processa o Monroe, o presidente da Câmara — sugeri-lhe. Mas processa-o bem.

— É mesmo da Polícia? — perguntou-me outra vez. — Não acredito.

— Sou, sou da Polícia.

Na minha casa, já se encontravam carros-patrolha e ambulâncias. O meu pesadelo constante: aquela mesma cena. A polícia e o pessoal de intervenção médica nunca tinham ido à minha casa.

O Sampson também lá estava, com um casaco de couro preto por cima de uma sweatshirt Baltimore Ort”Oles muito velha e um boné dos passeios turísticos Hoodoo Gurus.

Fitou-me como se eu estivesse maluco. As luzes vermelhas e azuis dos carros e das ambulâncias giravam atrás dele.

— O que é que aconteceu? Não pareces lá muito bem. Sentes-te bem, pá?

— Fui atingido duas vezes por uma faca de caça... foi bem pior quando apanhamos aqueles tiros em Garfield.

— Há, há. Não deve ser tão mau como parece, mas deita-te aqui na relva. Deita-te, Alex.

Assenti com a cabeça e afastei-me dele. Aquilo tinha de acabar. Tinha mesmo, de qualquer maneira.

O pessoal médico tentava conseguir que eu me deitasse na relva... ou no nosso minúsculo jardim ou na maca.

Tive outra ideia. A porta da frente fora deixada escancarada. Ele deixara a porta aberta.

Por que o fizera?

— Eu já venho — disse aos técnicos de saúde, quando passei por eles. — Mas fiquem com a maca a postos.

Começaram a protestar, mas empurrei-os e avancei.

Movendo-me silenciosamente, atravessei a sala de estar em direcção à cozinha, abri a porta que fica encostada a nossa porta das traseiras e desci as escadas a correr.

Mas não vi nada na cave. Nenhum movimento. Nada desarrumado. A adega era a minha última boa ideia.

Aproximei-me de uma bacia pousada perto da caldeira de aquecimento, onde a Nana costuma pôr a roupa suja. É o canto da cave que fica mais afastado das escadas. Mas nada de Soneji Murphy na cave escura.

O Sampson desceu os degraus a correr: -Não está aqui! Viram-no na Baixa, para os lados de Dupont Circle.

— Quer dar mais espectáculo — resmunguei. — Filho da mãe. Filho de Línbergh.

O Sampson não tentou impedir-me de ir com ele, pois viu nos meus olhos que, de qualquer forma, não o conseguiria. Corremos os dois para o carro dele. Eu achava que devia estar bem. Se não estivesse, cairia para o lado.

Um jovem punk ali do bairro, vendo o sangue pegajoso que me manchava a parte da frente da camisa, observou: — Estás a morrer, Cross? Nada mau. — Um bom elogio fúnebre.

Levamos cerca de dez minutos a chegar a Dupont Circle. Havia carros-patrulha estacionados por todo o lado, iluminando fantasmagoricamente o primeiro alvor da madrugada com as suas luzes vermelhas e azuis intermitentes.

O turno da noite da maioria daqueles rapazes já praticamente acabara. O que mais lhes faltava agora era um louco à solta na baixa de Washington.

Mais um grande espectáculo. «Quero Ser Alguém. »

Na hora seguinte, não aconteceu nada... só nasceu o dia. Começaram a aparecer transeuntes. O trânsito foi aumentando à medida que Washington despertava para o trabalho.

Curiosos, os madrugadores paravam a fazer perguntas à polícia. Nenhum de nós lhes dizia nada a não ser: — Por favor, prossiga o seu caminho. Continue a andar, por favor. Não há nada para ver. — Graças a Deus!

O médico de uma ambulância tratou-me dos ferimentos. Era mais o sangue do que as lesões graves. Claro que queria que eu fosse logo ao hospital, mas isso podia esperar. Mais um grande espectáculo. Em Dupont Circle? Na Baixa de Washington, DC? o Gary Soneji Murphy adorava representar na capital.

Mandei o médico recuar e ele obedeceu. Depois, pedi-lhe uns comprimidos. Deu-mos, sem levantar problemas... De momento, remediariam a situação.

O Sampson veio para o pé de mim, a fumar um cigarro: — Vais cair para o lado, podes ter a certeza. Vai ser como um daqueles elefantes africanos muito grandes a ter um ataque de coração. Eu chupava o meu comprimido: — Não foi um ataque de coração — retorqui. — o elefante africano foi esfaqueado duas vezes. E não foi um elefante. Foi um antílope africano. Um bicho gracioso, bonito e cheio de força.

Pus-me a andar em direcção ao carro do Sampson.

— Tens alguma ideia? — gritou-me. — Alex?

— Tenho. Vamos andar de carro. Não nos serve de nada ficarmos aqui parados em Dupont Circle. Ele não se vai pôr aos tiros na hora de ponta.

— Tens a certeza, Alex?

— Tenho.

Andamos de carro pela Baixa de Washington até um pouco antes das oito. Começava a ser-me impossível continuar. O sono tomava conta de mim. O grande antílope africano estava prestes a cair para o lado. Pingos de suor deslizavam-me pelas sobrancelhas e gotejavam-me do nariz. Entretanto, tentava pensar como o Gary Soneji Murphy. Estaria na Baixa? Ou já teria fugido de Washington?

Às sete horas e cinquenta e oito minutos, chegou-nos um comunicado via rádio:

— O suspeito foi localizado na Pensylvânia Avenue, perto do Lafayette Park. O suspeito tem uma arma automática. O suspeito aproxima-se da Casa Branca. Alerta a todos os carros!

Mais um grande espectáculo. Finalmente, conseguira percebê-lo. Tinham-no encontrado a menos de dois quarteirões do número 1600 da Pensylvânia Avenue, ou seja, a dois quarteirões da Casa Branca.

«Quero Ser Alguém. »

Haviam-no encurralado entre uma oficina de reparação de calçado e um prédio de pedra castanha, cheio de escritórios de advogados. Estava escondido atrás de um jipe Cherokee ali estacionado.

Mas havia outra complicação: tinha como reféns dois pequenos que iam a caminho da escola. As crianças deviam ter onze ou doze anos; ou seja, mais ou menos a mesma idade que o Gary tinha quando a madrastra começara a pô-lo de castigo. Um rapaz e uma rapariga... sombras da Maggie Rose e do Michael Goldberg de há quase dois anos atrás.

— Sou o chefe de divisão Cross — anunciei, atravessando as barricadas que a Polícia erguera na Pensylvânia Avenue.

Via-se claramente a Casa Branca ao fundo da rua. O presidente estaria a ver-nos na televisão? Já andava por ali pelo menos uma carrinha da CNN.

Lá em cima, pairavam dois helicópteros da imprensa. Como junto da Casa Branca o espaço aéreo era reservado, não podiam aproximar-se muito. Alguém disse que o presidente da Câmara, Monroe, estava a caminho. Mas o Gary tinha uma presa maior em mente. Exigira falar com o presidente. De contrário, mataria as duas crianças.

O trânsito da Pensylvânia Avenue e das respectivas transversais já fora interrompido.

Várias pessoas abandonavam os carros, deixando-os na rua. Mas havia muita gente que ficava a assistir ao espectáculo, transmitido também pela televisão para um público de milhões.

— Achas que ele vai para a Casa Branca? — perguntou o Sampson.

— Acho. E sei de muito boa gente que não se importaria de ir com ele — respondi.

Falando com o chefe da brigada que se encontrava por trás da barricada, disse-lhe que achava que o Gary Soneji Murphy estava

disposto a ir pelos ares. Como resposta, ofereceu-se para acender o rastilho.

O chefe da brigada já dera início às negociações, que de muito boa vontade me concedeu a honra de continuar. Por fim, ia negociar um acordo com o Soneji Murphy.

— Se tivermos oportunidade... — começou o Sampson, agarrando-me e falando-me de olhos nos olhos -... damos cabo dele. Nada de truques, Alex.

— Diz-lhe isso a ele — retorqui. — Mas, se puderes, dispara. Dá cabo dele.

Limpei o rosto várias vezes com a manga. Suava que me fartava e sentia-me enjoado e tonto. Mas liguei o altifalante eléctrico.

Tinha o poder nas mãos. Também quero ser alguém. Seria verdade? Seria a esse ponto que as coisas haviam chegado?

— Sou o Alex Cross — anunciei. Ouviram-se os aplausos de alguns engraçadinhos. De resto, quase toda aquela rua da Baixa de DC ficou em silêncio.

De repente, veio do outro lado da rua uma rajada de tiros que estilhaçaram os vidros de muitos carros estacionados na Pensylvânia Avenue. O barulho foi ensurdecedor. Houve imensos estragos numa questão de segundos. Que eu visse, ninguém ficou ferido. As duas crianças estavam ilesas. Olá, outra vez, Gary!

Então, ouviu-se uma voz vinda do outro lado da rua. A do Gary. Gritava na minha direcção. Éramos só nós dois. Seria isso que ele queria? O seu Duelo de Gigantes no meio da capital, com cobertura nacional ao vivo pela televisão?

— Deixa-me ver-te, doutor Cross. Anda cá para fora, Alex. Mostra a tua cara bonita a toda a gente.

— Por quê? — perguntei-lhe pelo altifalante.

— Que isso nem te passe pela cabeça — murmurou o Sampson atrás de mim. — Se fores, sou eu que te mato.

Houve outra explosão de tiros do outro lado da avenida. Desta vez, durante ainda mais tempo do que a primeira. A cidade de Washington começava a ficar parecida com o centro de Beirute. Por todo o lado roncavam câmaras e disparavam máquinas fotográficas.

De repente, levantei-me e saí de trás de um carro da Polícia. Não me afastei muito... só o suficiente para poder ser morto. Houve

mais uns idiotas que me aplaudiram.

— As estações de televisão estão aqui, Gary — gritei. — Estão a filmar. Estão a filmar-me a mim, que estou aqui. Vou acabar por ser eu a grande estrela. Comecei devagar, mas vou acabar em beleza.

O Soneji Murphy desatou às gargalhadas, durante algum tempo. Estaria louco? Depressivo?

— Já conseguiste entender-me? — gritou. — já? Sabes quem sou agora? Sabes o que quero?

— Duvido. Sei que estás ferido. Sei que pensas que estás a morrer. De contrário... — calei-me, para dar às minhas palavras o maior dramatismo possível —... de contrário, não nos terias deixado apanhar-te outra vez.

Do outro lado da Pensylvânia Avenue, o Soneji Murphy surgiu atrás do jipe vermelho-vivo. Os pequenos encontravam-se deitados no passeio atrás dele. Até ao momento, nenhum deles parecia estar ferido.

O Gary fez uma vénia teatral na minha direcção. Parecia um Americano igual aos outros, tal como no tribunal.

Encaminhei-me para ele. Aproximava-me cada vez mais.

— Bonita frase — aprovou. — Bem dito. Mas a estrela sou eu. De repente, apontou-me a arma.

Ecoou um tiro atrás de mim.

O Gary Soneji Murphy voou na direcção da oficina de reparação de calçado, aterrou no passeio e rolou. Os jovens reféns começaram a gritar, conseguiram pôr-se de pé e desataram a correr.

Atravessei a Pensylvânia Avenue o mais depressa que pude.

— Não disparem! — gritei. — Esperem.

Virei-me e vi o Sampson de pé. Ainda tinha o revólver apontado para o Gary Murphy, mas voltou-o para cima, sem despregar os olhos de mim. Acabara ele com o problema pelos dois.

O Gary jazia no passeio, todo enrolado. Dois fiozinhos de sangue muito vermelho escorriam-lhe da cabeça e da boca. Não se mexia, mas ainda apertava na mão a automática.

Inclinei-me e, primeiro que tudo, tirei-lhe a arma. Ouvi máquinas fotográficas dispararem atrás de nós. Toquei-lho no ombro: Gary?

Com muito cuidado, virei o corpo. Não fez qualquer movimento, não havia sinal de vida.

Parecia outra vez um Americano como os outros. Viera à festa encarnando-se a si próprio...

Gary Murphy.

Enquanto o contemplava, o Gary abriu de repente os olhos, rodou-os para trás e olhou para cima, bem na minha direcção. Os seus lábios abriram-se devagar: — Ajude-me — sussurrou docemente, num soluço. — Ajude-me, doutor Cross. Ajude-me, por favor.

Ajoelhei-me ao seu lado.

— Quem és tu? — perguntei-lhe.

— Sou Gary. Gary Murphy. Xeque-mate.

Epílogo

AS FRONTEIRAS DA JUSTIÇA (1994)

Quando chegou o dia fatídico, não consegui dormir nada e não me apeteceu tocar piano no alpendre nem falar com ninguém sobre o que ia acontecer dali a umas horas. Por isso, esgueirei-me, dei um beijo ao Damon e à Janelle, que dormiam, e saí de casa por volta das duas da manhã.

Cheguei à Prisão Federal de Lorton às três. Os manifestantes tinham voltado com os seus cartazes feitos em casa, que agitavam ao luar. Alguns entoavam canções de protesto dos anos 60. Muitos rezavam. Entre eles viam-se várias freiras, padres e pastores. Reparei que a maioria eram mulheres.

A câmara de execução de Lorton era uma divisão pequena e vulgar, com três janelas.

Uma era para a imprensa, outra para observadores oficiais e a terceira para os amigos e familiares do preso.

Cada uma das três janelas estava tapada por cortinas azul-escuras. Às três e meia da manhã, um guarda prisional abriu-as uma a uma, revelando finalmente uma pessoa amarrada a uma cama de hospital, com um painel extensível para o braço esquerdo.

A Jezzie fitava o tecto, mas pareceu despertar e ficar tensa quando dois técnicos se aproximaram da casa. Um deles transportava a agulha numa bandeja de hospital, de aço. Se a execução por injeção fosse feita correctamente, a inserção da agulha era a única dor física sentida pelo condenado.

Havia vários meses que eu ia a Lorton visitar tanto a Jezzie como o Gary Murphy.

Metera uma licença na Polícia de DC e, embora estivesse a escrever este livro, tinha muito tempo para visitas.

O Gary parecia ter entrado num processo de completa desintegração. O seu estado encontrava-se descrito nos relatórios da cadeia. Passava o tempo quase todo perdido no seu mundo fantástico e complexo. Era cada vez mais difícil fazê-lo voltar à realidade. Pelo menos, assim parecia. E isso salvou-o de outro

juízo e da possibilidade de ir parar ao corredor da morte. Por mim, tinha a certeza de que ele continuava a jogar connosco, de que congemitava outro plano, mas ninguém me dava ouvidos.

Jezzie concordara em falar comigo, Sempre conseguíramos conversar. Não ficara admirada por ter sido condenada à morte, juntamente com Charles Chakely. Afinal de contas, eram responsáveis pela morte do filho do ministro da Fazenda, haviam raptado a Maggie Rose Dune e eram também culpados da morte de Vivian Kim. Ainda por cima, a Jezzie e o Devine tinham assassinado o piloto da Florida, Joseph Denyeau.

Jezzie dissera que sentira remorso desde o princípio: — Mas não que chegassem para me deter. Não sei quando, deve ter-se quebrado alguma coisa dentro de mim. Provavelmente, voltaria a fazer o mesmo. Acho que por dez milhões de dólares voltaria a arriscar-me. Assim como muita gente, Alex. Vivemos tempos de avidez. Mas tu não.

— Como sabes? — perguntara-lhe eu.

— Não sei como, mas sei. Afinal, és o Cavaleiro Negro.

E também me dissera para não me sentir mal quando tudo acabasse. Os protestos dos manifestantes encolerizavam-na.

— Se tivesse sido um filho deles a morrer, quase todos agiriam de maneira muito diferente.

Por mim, sentia-me muito mal. Não sabia até que ponto acreditava nela, mas sentia-me muito mal. A última coisa que me apetecia era estar ali em Lorton, mas a Jezzie pedira-me que fosse.

Não havia mais ninguém na janela. Mais ninguém. A mãe da Jezzie morrera pouco depois da sua prisão. Seis semanas antes, Charles Chakely, antigo agente dos Serviços Secretos, fora executado em frente da família. O destino da Jezzie ficara, assim, selado.

Compridos tubos de plástico ligavam a agulha espetada no braço esquerdo da Jezzie a vários conta-gotas. O primeiro, cuja administração já começara, era composto por uma solução salina inofensiva.

A um sinal do director da cadeia, acrescentar-se-ia pentotal à administração intravenosa. Tratava-se de um barbitúrico usado como anestésico, que punha as pessoas a dormir com toda a

suavidade. Nessa altura, juntar-se-ia uma dose maciça de Pavulon, que induziria a morte num período de cerca de dez minutos. Para acelerar o processo, administrar-se-ia uma dose igual de cloreto de potássio que, ao provocar uma paragem cardíaca, causaria a morte em, mais ou menos, dez segundos.

Quando deu com o meu rosto na janela dos «amigos», Jezzie acenou-me com as pontas dos dedos e até tentou sorrir. Quisera pentear o cabelo, agora curto, mas ainda bonito.

Pensei na Maria e no facto de não termos podido despedir-nos antes de ela morrer. Achei que aqui talvez fosse ainda pior. Apeteceu-me tanto ir-me embora! Mas fiquei. Prometera à Jezzie que ficaria e cumpria sempre as minhas promessas.

Na realidade, não foi nada de espectacular. Ao fim de algum tempo, ela fechou os olhos. Já lhe teriam administrado alguma das substâncias letais? Não tinha maneira de o saber.

Depois de uma inspiração profunda, deixou a língua cair para trás. Acabara a moderna execução de um ser humano. Era o fim da vida de Jezzie Flanagan.

Saí da cadeia e fui depressa para o carro, repetindo para comigo que era psicólogo e inspector e que aguentava bem aquilo, tão bem como qualquer outra coisa, porque sempre fora um duro.

Tinha as mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo. Apertava na mão direita, com tanta força que até doía, o pente prateado que a Jezzie me dera uma vez... há muito tempo.

Quando cheguei ao carro, vi um envelope branco, normal, preso no limpador de para-brisas do lado do condutor. Pegando nele, enfiiei-o na algibeira e só me dei ao trabalho de o ler quando já ia a caminho de Washington. Achava que sabia do que se tratava, e tinha razão. A Coisa mandara-me um recado pessoal. Nas minhas barbas.

Alex, ela soluçou, chorou e pediu perdão antes de a espetarem? Derramaste alguma lágrima por ela? Lembranças à família. Quero ser lembrado. Sempre Filho de P.

Continua com os seus terríveis jogos mentais. Seria sempre assim. Dissera-o a quem me quisera ouvir e escrevera o seu perfil nos relatórios. Gary Soneji Murphy era responsável pelos seus actos e, na minha opinião, devia ser julgado pelos homicídios que levava a

cabo na zona sudeste. A justiça era devida às famílias das suas vítimas negras, que também deviam ser recompensadas. Se alguém merecia estar no corredor da morte, esse alguém era Soneji Murphy.

A sua carta mostrava-me que conseguira a colaboração de um dos guardas, que lograra chegar a alguém dentro de Lorton. Tinha outro plano. Mais um plano de dez ou de vinte anos? Mais fantasias e jogos mentais.

Enquanto seguia de carro para DC, ia pensando em quem seria mais hábil: o Gary ou a Jezzie? Sabia que eram os dois psicopatas. Este país está a produzir mais doentes mentais do que qualquer outro lugar do planeta. São de todas as formas e feitios, raças, religiões e sexos. Isso é que é o mais assustador.

Nessa manhã, depois de chegar a casa, fui para o alpendre tocar um bocadinho de «Rhapsody in Blue» e «Let's Give Them Something to Talk About», de Bonnie Raitt. A Janelle e o Damon vieram ouvir o seu pianista preferido... isto é, depois de Ray Charles... e sentaram-se comigo no banco do piano. Ficamos ali os três, só a ouvir a música e deixando que os nossos corpos se tocassem várias vezes.

Mais tarde, fui para o almoço do costume em Santo António. O Manteiga de Amendoim está vivo.

FIM